OS ESTADOS UNIDOS

OS ESTADOS UNIDOS

ESBOÇO HISTORICO

DESDE

A DESCOBERTA DA AMERICA ATÉ Á PRESIDENCIA DE JOHNSON

(1492-1865)

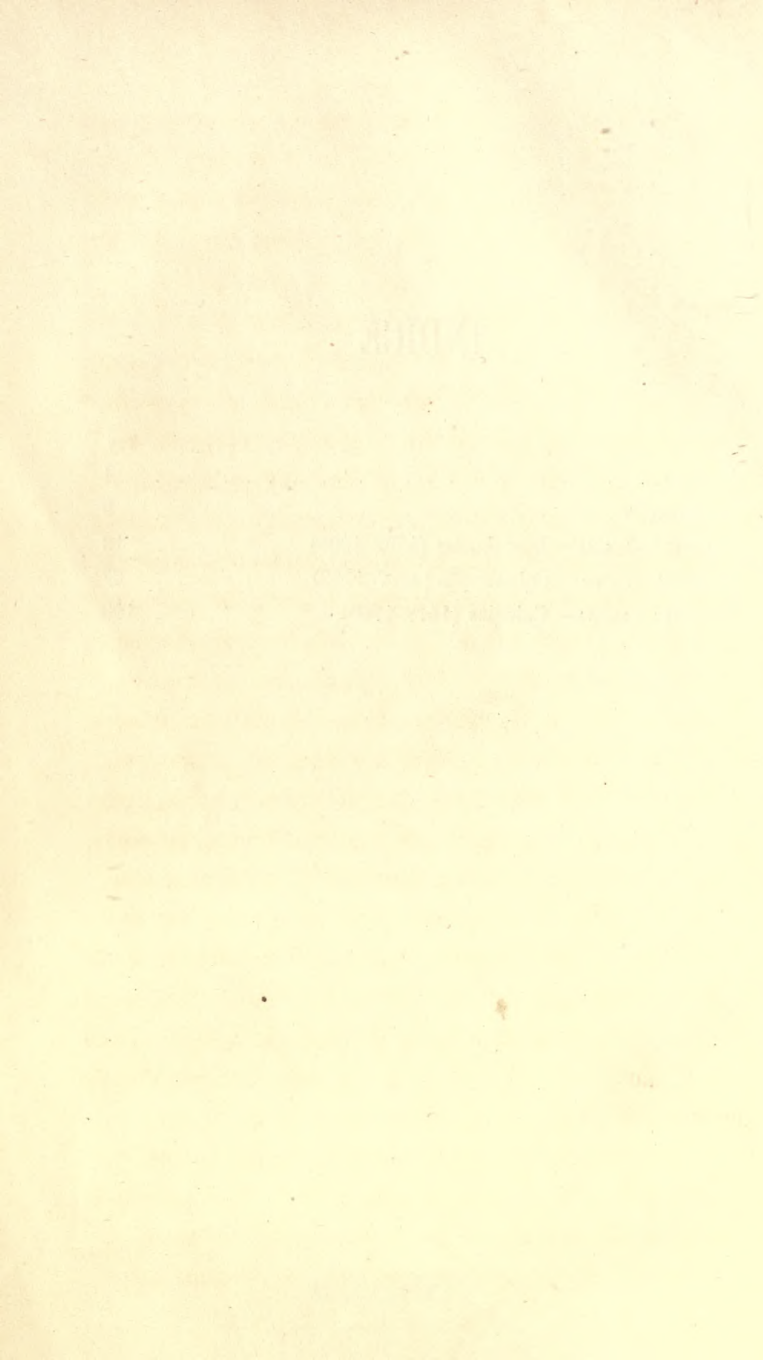
POR

ANTONIO DA CUNHA PEREIRA DE SOTTO MAIOR

Membro correspondente da sociedade historica
de New York, etc.

VOLUME I

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1877

INDICE

PROLOGO

Para que o leitor me não attribua a immodesta pretensão de historiador dos Estados Unidos, preciso expor-lhe as rasões que me levaram a emprehender este trabalho que entrego á sua esclarecida apreciação.

Forçado, por motivos politicos, a abandonar a carreira administrativa que havia encetado, na qualidade de administrador do concelho de Cintra, achei-me um dia nomeado consul geral nos Estados Unidos da America.

Devo relatar as circumstancias que se deram para este despacho, não por que isso importe á minha humilde entidade, mas por que a gratidão me impõe o dever de, n'esta occasião, dar publico testemunho do meu sincero reconhecimento ao estadista que referendou o decreto da minha nomeação.

Já esse mesmo cavalheiro, em epocha anterior, havia inaugurado a pratica dos seus principios de uma louvavel tolerancia, confiando-me um cargo de exactor de fazenda, não obstante os clamores e os improperios que então se levantaram contra elle e contra mim.

Passava-se isto, como é facil de prever, antes de 1851, quando os animos estavam ainda exaltados com os acontecimentos da junta do Porto. O distincto estadista a que alludo é o ex.mo sr. marquez d'Avila e de Bolama, cujo

nome não posso deixar de citar, porque foi do mesmo modo s. ex.ª quem, em 1861, cinco annos depois da minha demissão de administrador do concelho de Cintra, me nomeou consul geral nos Estados Unidos da America.

Por esta fórma devo ao ex.mo sr. marquez d'Avila e de Bolama, primeiro ter-me dado entrada na vida publica, sem curar do campo d'onde eu procedia, antes satisfeito com a sua consciencia por estabelecer uma politica benevola que os rancores partidarios tinham até então tornado inadmissivel; depois, em 1861, o ter reparado o esquecimento dos anteriores governos restituindo espontaneamente á carreira dos officios publicos um empregado demittido sem motivo e victima de pequenas intrigas politicas, que felizmente se desvanecem no conceito dos homens de animo generoso e imparcial.

As linhas que ficam escriptas são, ao mesmo tempo, homenagem á verdade dos factos e explicação dos motivos por que fui nomeado consul geral nos Estados Unidos. Da minha residencia n'aquelle paiz nasceu naturalmente o desejo de escrever a obra a que o presente capitulo serve de prologo.

Conhecia o que a historia nos ensina do novo continente americano, mas estava tão longe de fazer uma justa idéa dos usos, costumes e progressos dos antigos colonos da Gran-Bretanha, que desde logo me resolvi a escrever as minhas impressões de viagem ácerca de um paiz que os portuguezes, meus compatriotas, ordinariamente desconhecem.

Lancei os primeiros traços da obra, accumulei o material que julguei indispensavel, e principiei os alicerces

do meu humilde edificio na firme intenção de o dividir em duas partes, sendo a primeira uma apreciação critico-descriptiva das instituições, costumes e progressos da republica anglo-americana e a ultima um resumo da sua historia até á actualidade.

Conheci bem depressa que, para escrever a primeira parte, necessitava de conhecimentos praticos que só podia obter gradualmente pela residencia e observação quotidiana; ao passo que a outra parte dependia sómente da leitura reflectida de alguns livros, onde podesse seguir apreciando e coordenando devidamente os principaes acontecimentos que constituem a historia dos Estados Unidos nas differentes transformações por que passou aquelle paiz até se converter em nação independente.

Convencido do que fica exposto, puz de lado os meus primeiros trabalhos e encetei a tarefa que julgava mais promptamente realisavel, escrevendo o presente *Esboço historico;* rapido no que pertence ás epochas primitivas; mais demorado no periodo importante e curiosissimo da transição da colonia britannica para o rol dos paizes autonomos e sempre ligeiro em harmonia com a indole do meu ensaio litterario; não sacrificando o tempo reclamado pelo cumprimento dos meus deveres officiaes, nem emprehendendo um trabalho superior aos recursos da minha intelligencia.

Abandonei pois o meu primeiro plano, reservando os elementos que possuia para mais tarde (se o tempo me sobrar) continuar e concluir a obra critico-descriptiva, e dediquei-me a escrever o *Esboço historico* durante a mi-

nha residencia nos Estados Unidos, tendo opportunidade para traçar o delineamento geral antes de saír d'aquelle paiz no anno de 1866.

Explica isto tambem o motivo por que esta obra não passa alem do anno de 1865.

Permaneci em Portugal desde 1866 até 1869, sem sobras de tempo para me occupar de outros trabalhos estranhos aos da minha collocação official.

Em setembro do ultimo anno referido deixei de servir em commissão na secretaria d'estado dos negocios estrangeiros e voltei de novo aos Estados Unidos, para, na qualidade de encarregado de negocios, tomar conta da legação de Portugal em Washington, onde era ministro o meu particular amigo e distincto funccionario o ex.^{mo} sr. Miguel Martins d'Antas, que no goso de uma licença devia partir para a Europa.

Geria então a pasta dos negocios estrangeiros o distincto academico o ex.^{mo} sr. conselheiro José da Silva Mendes Leal.

O cargo que eu ía desempenhar era de alta responsabilidade n'aquella occasião, porque ao presidente da republica americana estava commettida a arbitragem na importante questão de Bolama, de que eu me devia occupar na qualidade de chefe interino da nossa missão em Washington.

De 1869 a 1872, em que servi o logar de encarregado de negocios, não me sobrou o tempo para sequer acrescentar uma linha ao meu interrompido trabalho. A minha nova partida para Portugal fez-me porém antever a possibilidade de outra vez d'elle me occupar, como apra-

zivel distracção em horas roubadas a negocios mais enfadonhos.

Tem decorrido mais tempo do que eu suppunha necessario para concluir alguns capitulos encetados e rever muitas paginas traçadas ao ligeiro correr da penna: assim os erros serão menos.

Hoje, se não satisfeito, pelo menos resignado com o resultado das minhas lucubrações e animado com os conselhos de uma das mais altas e robustas intelligencias do nosso paiz, o meu antigo e verdadeiro amigo o ex.^{mo} sr. conde do Casal Ribeiro, decidi-me a dar finalmente á luz da imprensa o presente livro.

No titulo d'elle creio ter revelado as minhas intenções. Não é um estudo historico, desenvolvido e philosophico; é simplesmente um esboço, um resumo, feito em presença dos livros que tratam minuciosamente dos factos de que eu pretendi apenas dar succinta, aindaque verdadeira idéa. Foi o desejo de não perder na ociosidade algumas horas que me sobraram das minhas occupações officiaes, que influiu no meu animo para levar ao termo este trabalho de alguns annos.

Á bem conhecida historia dos Estados Unidos, escripta pelo seu primeiro historiador George Bancroft, fui buscar a confirmação dos principaes acontecimentos compendiados em outras obras que me serviram de guia para a minha narração. D'estas ultimas soccorri-me principalmente do bem coordenado trabalho de Benson J. Lossing, denominado *Historia illustrada dos Estados Unidos,* onde frequentes vezes só me occupei em traduzir a descripção feita por aquelle auctor; que illustrou o texto de sua pro-

pria mão, addicionando-lhe grande somma de gravuras de tudo quanto póde interessar o leitor.

Ao escrever pois o presente *Esboço historico* não tive nem podia ter em mira glorias a que não me é dado aspirar, e que só o estudo aturado e as producções profundamente meditadas podem conquistar.

Na escolha d'estes e de outros livros que me serviram de auxiliares e na coordenação dos subsidios que d'elles obtive empreguei o maior escrupulo. Confesso novamente que não duvidei traduzir onde a natureza dos factos demandava ser prolixo, e nunca levei a concisão da phrase ao sacrificio da narração, nem aventei juizo ou critica que não estivesse justificada na opinião de escriptores auctorisados.

Sei que a minha obra ha de peccar por falta de merecimentos proprios: imploro para ella a indulgencia dos que a lerem. Tenho, porém, a consciencia de que não merecerei com justiça a censura de ter sido infiel ou parcial na resenha e exposição dos factos mais importantes que constituem a historia dos Estados Unidos.

Peço pois a benevolencia, não só dos meus compatriotas, mas dos nossos irmãos d'alem-mar, a quem poderá interessar a leitura d'estas paginas. Para a primeira nação da America do Sul não deve ser superfluo uma synopse chronologica e descriptiva dos principaes acontecimentos da grande republica americana.

Se o meu livro, supprindo a falta de outros sobre o mesmo assumpto, que se dá em Portugal, tiver a fortuna de receber bom acolhimento e se a indulgencia dos leitores o acompanhar em terra estranha, obterei a unica

recompensa a que póde ter direito o meu modesto e simples trabalho.

Antes de finalisar este pequeno prologo convem que o leitor saiba o modo como distribui e classifiquei a materia.

Na introducção dou apenas uma ligeira idéa das tradições, mais ou menos auctorisadas, que se referem á prioridade da descoberta da America.

O *Esboço historico* em si divide-se naturalmente em seis epochas: a primeira trata das descobertas; a segunda da colonisação, isto é, das audaciosas e primitivas emigrações para o solo americano; a terceira das colonias, quando a America era, por assim dizer, possessão de algumas nações da Europa; a quarta epocha, da revolução dos colonos contra a Gran-Bretanha; a quinta, da independencia que esses mesmos colonos conquistaram depois de alguns annos de luta, e do modo como d'ella usaram; e a sexta finalmente da rebellião que tão seriamente ameaçou a integridade da grande nação americana.

Desde que terminou a rebellião até ao presente têem decorrido cerca de doze annos, abrangendo o periodo presidencial de Andrew Johnson e os oito annos em que o general Grant occupou a suprema magistratura do paiz. É uma lacuna, que completarei quando o tempo m'o permittir, mas antes d'isso desejaria igualmente levar a cabo a obra destinada a tornar conhecidos entre nós os costumes e viver de um povo que, pelo seu genio inventivo, energico e audacioso levou tão longe as conquistas da civilisação moderna e é hoje o assombro da velha Europa.

Do acolhimento que encontrar o presente *Esboço historico* dependerá a sorte dos apontamentos ineditos, a que me referi, e que colligi durante a minha residencia nos Estados Unidos da America.

INTRODUCÇÃO

Antes de entrarmos no verdadeiro assumpto da presente obra, convem dar uma idéa das tradições que existem com relação ás epochas anteriores á conhecida descoberta da America por Christovão Colombo.

A mais recente e tambem a que mais carece de provas para se acreditar, é a que se refere ao anno de 1170.

Dizem muitos historiadores, que no paiz de Galles (Gran-Bretanha) existe tradição, de que um de seus chefes, chamado Madoc, emprehendèra differentes viagens de longo curso com o rumo do occidente, e que em uma d'essas expedições fizera a descoberta de um magnifico e immenso paiz.

Acrescenta a chronica de Galles, que o referido Madoc voltára á terra natal, que convocára os seus parentes e amigos, com os quaes partira novamente para regiões só por elle conhecidas, a fim de fundar uma colonia; mas que depois nunca mais houvera noticia d'aquelles aventureiros, cuja memoria se perdeu com o decorrer dos tempos.

Suppõe-se que o magnifico e immenso paiz, de que reza a tradição, não era outro senão a America; entretanto de tão vagas reminiscencias não póde a historia occupar-se como de factos a que deva ligar o menor cre-

dito, e apenas faz d'ellas menção pelo escrupulo de fielmente registar tudo quanto respeita ás tradições que em geral abrem o prologo á historia de todos os paizes.

Parece, comtudo, fóra de duvida que os povos do norte foram os primeiros que descobriram o continente americano.

Os scandinavos, que na idade media habitavam os paizes actualmente conhecidos por Noruega, Suecia, Dinamarca, etc., eram os maritimos mais audaciosos d'aquellas epochas. Foram elles que em 861 ou 862 descobriram a Islandia, grande ilha no oceano arctico entre a Europa e a America.

Alguns historiadores affirmam que, tanto dos archivos de antigas epochas, como de recentes investigações, se prova que a costa da Nova Inglaterra, isto é, a dos Estados da União federal ao oriente de New York, foi visitada por navegadores saídos da Islandia quasi cinco seculos antes da descoberta de Christovão Colombo. É certo que em varios pontos d'aquelles estados se encontram vestigios de antigos estabelecimentos, dos quaes a historia da colonia não conhece a origem.

Se dermos credito a uma chronica da Islandia, um navio pertencente á Noruega, commandado pelo capitão Lief, saiu no anno de 1002 da Islandia para Greenland, mas surprehendido por grandes temporaes foi parar ás costas do Labrador. D'ali os audaciosos maritimos exploraram as praias ao sul, onde encontraram mais ameno clima, que se suppõe corresponderem hoje aos suburbios de Boston.

Não ha a menor duvida, dizem ainda historiadores, que Greenland tivesse sido descoberta em 982 por um habitante da Islandia chamado Eric Randa, pretendendo tambem que o Labrador fosse descoberto em 1496 por Sebastião Cabot, de quem adiante nos occuparemos.

Por outro lado os vestigios de uma civilisação, que não

podia então, nem mesmo hoje, ser attribuida aos indigenas, manifesta aos olhos do observador menos perspicaz o rasto de uma colonia intelligente e industriosa.

No estado do Rhode Island ha uma aprazivel cidade, bem conhecida de todos os europeus que têem visitado os Estados Unidos. É Newport, a Cintra d'aquelle paiz. Existe ali uma torre circular construida de certa especie de cimento e levantada sobre oito columnas. Quando os primeiros colonos visitaram aquelle ponto, já ali encontraram a mysteriosa torre, da qual os proprios indios não conhecem a historia.

Parece, portanto, que similhante construcção prova evidentemente a passagem de um povo civilisado, e que esse povo não podia ser outro senão aquelle de quem se occupa a tradição, isto é, os scandinavos, que tentavam fundar no novo continente os primeiros estabelecimentos de uma colonia civilisada.

Depois de 1120 não se encontra nos annaes da Noruega ou dos povos do norte da Europa, relação alguma das descobertas a que nos referimos, aindaque, pelas tradições dos «Reis do mar» (nome que foi dado aos aventureiros da Noruega, Suecia e Dinamarca), se confirma a antiga existencia de um grande paiz que elles tinham encontrado nas suas temerarias e aventureiras excursões de pirataria.

O descobrimento a que nos temos referido, feito pelos scandinavos, se é que existiu, não ficou registado nas paginas da historia. Apenas vagas e quasi apagadas tradições parecem ter indicado aos cosmographos contemporaneos de Colombo a existencia sobre o globo de terras ao rumo do occidente. Elle proprio, quando na côrte de D. João II apresentou os seus projectos e pediu para elles o auxilio do poderoso monarcha, os não apoiou com os fundamentos que lhe teriam talvez assegurado um melhor acolhimento, ou porque não possuisse esses fun-

damentos, ou porque, receioso de que elles aproveitassem á gloria de outros, preferisse occultal-os[1].

Como quer que seja, não soffre quebra a gloria do illustre genovez, que elle conquistou, não nos campos de batalha, sacrificando milhares de vidas, mas no vasto oceano, guiado pela energia da vontade, pelos clarões da intelligencia, e auxiliado por Deus, á sombra protectora da cruz, symbolo da religião que ia implantar no novo mundo.

[1] Estava já escripta esta parte do nosso livro quando se publicou a erudita memoria *De la découverte de l'Amérique,* pelo sr. Luciano Cordeiro. O profundo e consciencioso trabalho do escriptor portuguez tão justamente acreditado entre nacionaes e estrangeiros, apresentou novas e curiosas investigações ácerca dos projectos de Christovão Colombo e do mau acolhimento que elles tiveram por parte do monarcha portuguez. Um dever de consciencia impede-nos de aproveitar para o nosso livro o resultado dos esforços e detidos estudos do illustre escriptor. Preferimos indicar a sua notabilissima memoria aos nossos leitores que a não conhecerem — poucos serão já — e que desejarem obter sobre facto tão importante da historia mais completas e minuciosas informações.

PRIMEIRA EPOCHA

DESCOBERTAS

1492-1606

Christovão Colombo nasceu em Genova no anno de 1445. Seu pae era cardador de lã, e no mesmo mister se empregou o filho até á idade de quatorze annos. A natural attracção para a leitura dos livros de viagens bem cedo mostrou as tendencias do seu genio aventureiro e as aspirações da sua alma para os grandes emprehendimentos.

As suas primeiras viagens não passaram do Mediterraneo. A historia, occupando-se pouco d'aquella epocha da vida de Colombo, apenas nos diz que elle tomou parte na guerra entre Veneza e os turcos, e que escapára a nado quando se incendiou o navio em que estava embarcado.

O futuro descobridor da America era dotado de um genio demasiado activo e aventureiro, para que a sua ambição se contentasse com os estreitos limites do Mediterraneo; percorreu pois quasi todas as regiões n'aquella epocha conhecidas, e a pratica adquirida nas viagens, junta aos conhecimentos nauticos que já possuia, amadureceram o seu espirito elevado para cogitar na existencia de uma região que contrabalançasse na esphera terrestre os continentes conhecidos.

Colombo era pobre, e seus amigos, tambem desprote-

gidos de fortuna, não podiam auxilial-o nas arriscadas emprezas a que se propunha.

Foi ao senado da sua terra natal, que elle primeiro se dirigiu solicitando inutilmente o soccorro de que carecia.

Portugal era então um paiz florescente, rico de descobertas e de gloria, caminhando na vanguarda do progresso e da grandeza naval, e invejado pela maior parte das nações que mais tarde se tornaram poderosas.

Christovão Colombo não havia obtido auxilio de qualidade alguma do senado de Genova; as suas vistas naturalmente deviam voltar-se para Portugal, cuja fama convidava o grande navegador. Lisboa era um foco de attracção para onde o mundo olhava com invejosa admiração. O infante D. Henrique havia já assombrado a velha Europa com temerarias descobertas; e Colombo, nas suas grandes aspirações, não podia dirigir-se a outro monarcha que não fosse D. João II, rei de Portugal.

Os historiadores que temos consultado quasi todos affirmam que Colombo, chegando a Lisboa, ficára enamorado de D. Filippa Moniz, filha do fallecido navegador Pedro Moniz Perestello, com a qual casára, podendo assim tornar-se possuidor de papeis de grande valor que tinham pertencido a seu sogro.

Parece que estes documentos esclareceram ainda mais a elevada intelligencia d'aquelle grande homem, convencendo-o, não só da existencia de um outro continente alem do oceano atlantico, mas de que se podia chegar á Asia sem passar pelo Cabo da Boa Esperança.

Christovão Colombo implorou perante o rei e o seu conselho o apoio de que necessitava para emprehender a sua primeira viagem. Dizem que o monarcha lhe não era desaffecto, mas que dos homens que o cercavam partiu a idéa de que elle — o grande genio — era um simples visionario.

Esperou por longo praso ver attendidos os seus rogos, mas baldados foram sempre os esforços que empregou.

Quebrou-se por fim o ultimo vinculo que o prendia a Portugal: sua mulher deixava de existir, e levando para o tumulo os affectos que tinham prendido seu esposo, tambem lhe arrebatára a ultima esperança na patria de Affonso Henriques.

Não desanimou, porém, Christovão Colombo, e as suas vistas volveram-se para os reis de Castella e Aragão, que estavam em guerra contra os mouros.

A pobreza do futuro descobridor do novo mundo era tal, que teve de caminhar a pé e de mendigar o sustento de cada dia ás portas dos conventos. Foi por intervenção de um frade bom e compassivo, ao qual as desventuras de Colombo inspiraram dó, que elle obteve o ser introduzido na côrte de Castella.

Por muito tempo esperou a concessão da audiencia que havia solicitado: a guerra contra os mouros occupava inteiramente os animos do monarcha e de todos os altos personagens da côrte, para que o desprotegido navegador alcançasse lograr a realisação de seus mais ardentes desejos.

Reuniu-se a final um conselho de sabios em Salamanca, para tomar em consideração os planos de Colombo. Foi renhida a discussão. Colombo lutava desattendido pelos seus compatriotas, tido por visionario na côrte de Lisboa, perseguido pela adversidade com as tristezas da viuvez, pobre de recursos monetarios, desamparado de quaesquer protecções, elle só confiava na verdade que a sciencia lhe revelára nas horas de profunda meditação durante as suas anteriores viagens, nas quaes, interrogando os horisontes longiquos, lhes devassára os segredos.

O conselho reunido em Salamanca não ousou classificar como visionario Christovão Colombo, mas declarou

o seu plano impraticavel e indigno de merecer o apoio do governo de Castella.

Depois de longas demoras, provenientes, não só da pouca confiança que Colombo inspirava aos que podiam auxilial-o, mas tambem das causas já referidas, o grande genovez, por intermedio do confessor da rainha Izabel, obteve d'ella uma audiencia, na qual lhe apresentou o attrahente e grandioso plano da descoberta de novas regiões, onde elle iria firmar o dominio da Hespanha e derramar a luz do Evangelho.

O piedoso zêlo da virtuosa rainha não foi insensivel a esta ultima esperança, e Colombo obteve a promessa solemne de que seria protegido nos seus altos emprehendimentos.

D. Izabel de Castella cumpriu o que tinha promettido; mas para isso viu-se na necessidade de vender as suas joias, e ainda assim, o producto d'ellas apenas chegou para o equipamento de dois navios; o terceiro foi equipado a expensas de outras pessoas, das quaes a rainha se soccorreu para não faltar ao cumprimento da sua palavra.

Os tres navios, entregues ao futuro descobridor do novo mundo, denominaram-se *Santa Maria*, *Pinta* e *Niña*. O primeiro, no qual Colombo se embarcou, era muito superior aos ultimos em força e dimensões. Foi distribuida por todos uma tripulação de noventa homens com mais trinta aventureiros, que solicitaram tomar parte nos riscos e gloria de tamanha empreza.

Christovão Colombo havia previamente recebido a promessa de ser nomeado almirante de todos os mares que promettêra devassar e vice-rei dos paizes que descobrisse. Tambem lhe devia pertencer uma decima parte de todos os beneficios que podesse dar a primeira viagem, e a oitava parte das futuras, contribuindo na mesma proporção para as despezas que ellas podessem occasio-

nar. Entretanto a liberalidade da rainha Izabel não consentiu que assim acontecesse, quando mais tarde tal condição se devia realisar.

Colombo entrava então no quadragesimo oitavo anno da sua vida; pelo espaço de trinta não tinha deixado de navegar nos mares conhecidos; e em quasi todo esse tempo meditára o vasto plano das suas viagens occidentaes.

Foi do porto de Palos no rio Tinto, na provincia da antiga Andaluzia em Hespanha, que o futuro almirante saíu em o dia 3 de agosto de 1492 para emprehender o maior commettimento do seculo XV. A viagem era de grandes riscos e incertezas; até então ainda ninguem havia emprehendido tão audaciosa tentativa.

Depois da expedição haver deixado as ilhas Canarias, a equipagem, já desanimada, sublevou-se por muitas vezes, querendo impor a sua vontade para que o grande navegador desistisse de proseguir e voltasse para Hespanha.

Foi com risco da propria vida e pelos esforços inauditos de vontade e de energia que Colombo conseguiu conter a rebellião da marinhagem e submettel-a obediente á sua auctoridade suprema. Não bastava a luta da natureza no alto oceano, até então desconhecido, nem os perigos da derrota aventurosa em tão frageis embarcações! A estas difficuldades acresciam outras não menores, produzidas pela falta de fé e de coragem nas tripulações revoltadas.

O genio do heroico navegador dominava, porém, a revolta, impunha confiança aos companheiros, infundia valor aos descrentes e desanimados. O respeito reapparecia á sua voz potente, e os perigos vencia-os, porque a luz do seu espirito alumiava o caminho que conduzia ao novo mundo.

A propria bussola tornou-se infiel na approximação do

polo; as suas variações e inclinações não estavam, como hoje, reguladas; mas Colombo, desprezando esse obstaculo que aterraria qualquer outro, navegou sempre conforme as indicações dos seus calculos.

Por vezes foram as tripulações illudidas julgando a approximação da terra: aves maritimas, pedaços de madeira e outros indicios que os anciosos navegantes interpretavam do modo mais agradavel aos seus desejos, enganavam as suas mais caras espectativas.

Depois de haverem contado o numero das decepções pelo das esperanças, a final, na noite de 11 de outubro do anno já referido de 1492, as brisas perfumadas das florestas da America levaram mais uma esperança á flotilha de Colombo, e de facto, na manhã seguinte o novo mundo surgia do seio das ondas á vista deslumbrada do seu descobridor.

O aspecto de verdes bosques, o murmurio das aves e o som de vozes humanas enchiam de enthusiasmo religioso os audaciosos navegantes da flotilha hespanhola.

Christovão Colombo foi o primeiro que desembarcou nas terras da America, implantando-lhe a bandeira dos reis de Castella, em cujo nome elle tomou posse da ilha que os indigenas denominavam Guanihani e que desde então se ficou chamando S. Salvador.

Colombo, acompanhado das tripulações, ajoelhou nas praias que a sua fé havia descoberto, e em uma prece ardente e do mais profundo reconhecimento elevou um hymno ao Omnipotente.

Os indigenas acercaram-se dos recemchegados; eram da mesma raça que hoje existe nas paragens mais reconditas do paiz.

Os indios da America do norte são delgados, musculosos, de estatura regular, côr de cobre, pouca barba, cabellos pretos corredios; usam tangas ou saias curtas, turbantes de pennas, as faces pintadas de differentes

côres, etc. Os que viviam na ilha de S. Salvador quando Colombo ali desembarcou, diz a historia que não usavam vestuario de qualidade alguma.

O contacto com a civilisação tem concorrido para diminuir os indigenas da America septentrional; alguns deixam a vida nomada e fazem parte commum da grande familia social, mas são poucos. O maior numero morre nas guerras entre as differentes tribus, e sobretudo ao exterminio dos invasores do seu solo natal.

Abrimos já um parenthesis a proposito dos habitantes que Christovão Colombo encontrou na sua primeira descoberta, e não convem fechal-o sem ter dito mais alguma cousa a respeito dos primeiros habitantes da patria de Washington.

Foi o grande descobridor quem, pela primeira vez, os designou pelo nome de «indios» na hypothese de haver encontrado a India que o destino tinha reservado para Vasco da Gama.

A denominação conservou-se por tal modo que o nome de americano é applicado exclusivamente ao descendente de europeu, e por ventura com a restricção, na maior parte das vezes, de só significar o habitante dos Estados Unidos. Ha tribus que, até certo ponto, comprehendem os deveres da civilisação. Não hostilisam os brancos, se estes cumprem os contratos estipulados; commerceiam, entram afoutamente nas povoações fronteiras, e admittem nos seus campos as caras pallidas conforme elles denominam a raça da Europa. Entretanto não é possivel chamal-os ao gremio da sociedade: não se separam uns dos outros, encontram-se alguns vivendo com os brancos, outros que já são descendentes das duas raças misturadas; porém estes factos isolados só confirmam a regra, isto é, que os indigenas dos Estados Unidos são renitentes á civilisação.

Isto pelo que respeita ás tribus pacificas. Ha outras

completamente selvagens, traiçoeiras e inimigas da raça branca.

Não admittem o menor contacto com a civilisação; hostilisam os europeus em tudo que podem. Fazem sortidas para se apoderarem dos animaes de uso domestico que são apascentados ou passam nos campos limitrophes; e ás vezes mesmos distantes de suas fronteiras, invadem as povoações dos colonos que quasi sempre massacram sem dó nem piedade, ponpando todavia, mas nem sempre, as mulheres novas e bonitas que raptam com criminosos intuitos; faltam ás condições estipuladas nos tratados que foram consequencia de uma paz imposta pelos brancos; e até assassinam cobardemente os parlamentarios que solicitam para obter certas concessões ou terrenos a que se julgavam com direito.

Todos estes factos têem occorrido nos Estados Unidos, e muitas vezes hão elles sido o motivo ou o pretexto de uma guerra de exterminio por parte dos brancos contra os indigenas.

Acontece, por exemplo, que uma colonia de emigrantes, ao abrigo da lei federal, protegida por um pequeno forte, sem motivo algum é assaltada alta noite por uma tribu selvagem. Roubam todos os gados, matam os brancos que encontram, arrebatam as mulheres, e, na outr'ora nascente e pacifica povoação deixam a miseria, o desalento, e peor do que tudo. a desolação e angustia a um pae, marido ou irmão.

Este facto é immediatamente communicado ao general commandante do exercito de protecção, que se apressa em enviar uma columna para perseguir os indios, retomar-lhe as presas roubadas, e salvar as pobres desgraçadas que elles têem raptado nas ancas dos seus cavallos.

O acaso protegeu os brancos: depois de uma marcha forçada de alguns dias pelas florestas virgens descobrem as choupanas e o acampamento dos indigenas.

Entre uns e outros apenas existe o espaço que uma bala póde percorrer: os selvagens são intelligentes, e conhecem que toda a resistencia é inutil: mandam dois dos seus ao encontro das tropas federaes; declaram que entregam todos os objectos roubados, que restituem as mulheres que só haviam conservado como refens, para não serem aggredidos, e que estão promptos a indemnisar os brancos pela morte dos que, dizem elles, resistiram quando se deu o ataque á povoação. Para combinar nas condições pedem que se lhes enviem dois parlamentarios na manhã immediata, ou d'ahi a algumas horas conforme as circumstancias.

Os brancos acceitam as propostas; e emquanto descansam da fadiga da marcha e nomeiam os parlamentarias, os indigenas preparam os seus cavallos nos quaes carregam tudo quanto possuem. Durante a noite fogem, e os soldados de republica vêem-se ludibriados por um punhado de selvagens.

Outras vezes o caso é differente: os indigenas não podem fugir, porque a noite os não protegeu. Recebem os parlamentarios com todas as demonstrações de quem quer discutir; combinam nas condições impostas para ganhar tempo, e faltam depois ao cumprimento de tudo quanto haviam promettido.

Acontece tambem, e os exemplos não são raros, assassinarem os parlamentarios que levianamente confiaram as suas vidas á palavra «honra» que os indigenas muitas vezes não conhecem. Com frequencia os brancos que caem nas mãos dos selvagens são *scalped*, isto é, pellados por um processo horrivel que consiste em extrahir a epiderme da cabeça juntamente com os cabellos, formando por assim dizer uma cabelleira humana que conservam como tropheu de suas victorias.

A estes actos corresponde, na maior parte das vezes, uma guerra de exterminio por parte das tropas regula-

res. O pae que perdeu seu filho: o marido a quem ultrajaram e martyrisaram sua mulher; o soldado que chora a perda de um camarada, que era seu patricio e amigo; o general que nomeára os parlamentarios que foram encontrar a morte quando se julgavam ao abrigo do codigo que rege os deveres da guerra; todos elles se deixam arrastar pela sêde de vingança, quando após os factos de traição que ficam narrados, caem sobre um acampamento indio habitado por homens, mulheres e creanças. É triste dizel-o; e seria melhor que a prudencia e generosidade fossem normas no procedimento dos que devem ser mensageiros da ordem e da civilisação; mas em momentos de tamanha angustia o soldado, o cidadão e o official não respeitam nos selvagens nem a fraqueza do sexo nem a da idade; velhos, creanças e mulheres são igualmente immolados.

Os amigos da humanidade, a imprensa americana e até a da velha Europa, clamam contra a barbarie civilisada: dizem que os brancos são os invasores; que os indios defendem o solo natal; e todas estas declamações se repetem depois dos crimes dos indigenas, que são a consequencia fatal do seu estado selvagem.

Assim como d'este estado procede a traição, a tortura e o assassinato, tambem no homem educado falla mais alto a paixão do que o dever e o respeito á humanidade. Ninguem póde approvar os excessos do homem civilisado; porque os selvagens deviam inspirar mais piedade e menos vinganças; mas é difficil, se não impossivel, regular a paixão dos que pranteiam a falta de entes que estremeciam.

A civilisação avança, e a barbarie recua. O europeu povoa as florestas virgens do novo mundo, e o selvagem desapparece ao silvo da locomotiva. Seria para desejar que a roda do progresso caminhasse sem esmagar os que.

faltos da luz da civilisação, pretendem inutilmente travar-lhe o andamento.

É tempo de fecharmos o parenthesis consagrado aos habitantes indigenas da America e de proseguirmos a narração que emprehendemos.

Colombo tinha desembarcado na ilha de S. Salvador, e os indigenas haviam-se acercado d'elle e das tripulações de que ía acompanhado.

Na completa ignorancia em que viviam, interpretaram a presença dos europeus pelo lado que lhes era mais agradavel e comprehensivel ao limitado circulo de suas imaginações. Receberam-n'os com vivas demonstrações de respeito, julgando-os filhos do sol que era o seu deus.

Diz um historiador que o que produziu tal impressão nos indigenas foi a surpreza que lhes causou os navios da flotilha de Colombo, que elles julgaram ser grandes monstros, com olhos de fogo e voz de trovão, porque de outro modo não podiam explicar as salvas de artilheria que os atemorisava.

Christovão Colombo depois de percorrer uma parte da ilha de S. Salvador, fez-se de véla para outros pontos, em uma viagem de exploração; e tendo descoberto algumas ilhas de pequena importancia, encontrou a final a famosa ilha de Cuba e pouco tempo depois S. Domingos.

Colombo, n'esta sua primeira viagem não fez outras descobertas, e decidiu regressar ao velho mundo, tanto para confundir os que haviam desprezado a sua sciencia e audacia, como para encher de nobre orgulho os reis de Castella que tinham coadjuvado o maior commettimento do seculo XV.

Largou pois a America em janeiro de 1493, e chegou a Hespanha em março seguinte.

Durante a viagem, que durou approximadamente setenta dias, os audaciosos maritimos julgaram-se por va-

rias vezes perdidos com as tempestades que encontraram no grande oceano Atlantico. Colombo nunca perdeu o animo; antes, entre a esperança de chegar a salvamento e a resignação de não poder concluir a sua empreza, teve a placidez de escrever em pergaminho a narração da sua descoberta, que elle confiou ao acaso das ondas, depois de o envolver de cera e de o ter mettido em um barril completamente fechado.

Deus guiava a temeraria flotilha; e Colombo, como já se disse, chegou a Hespanha em março de 1493, assombrando a velha Europa com a surprehendente noticia de haver descoberto um novo mundo.

Foi o descobridor recebido com grandes honras: os indigenas que elle trazia, assim como uma grande variedade de passaros e plantas, produziram a maior admiração entre os hespanhoes. A sua viagem de Palos para Barcelona foi um completo triumpho. N'aquella ultima cidade o rei cercado da sua côrte e dos grandes de Hespanha recebeu, com verdadeiras pompas reaes, o famoso descobridor, a quem conferiu um brazão com o seguinte moto: «A Castella e a Leão Colombo deu um novo mundo».

Entretanto a politica hespanhola era já então o que é hoje em todas as nações: egoista e desconfiada.

Á descoberta de Colombo não se deu a devida publicidade: pelo contrario occultou-se, a importancia que lhe conheceram com o fim de não despertar rivalidades nos outros paizes.

Os hespanhoes, collocados nas mais altas regiões da côrte sabiam a verdade, e sentiam a inveja de verem um obscuro estrangeiro elevado aos primeiros logares da monarchia e cercado de uma immensa auréola de gloria a que elles jamais poderiam aspirar.

D'isto resultou não se ficar chamando *Colombia* o que é, e de certo será sempre *America*.

Americo Vespucio, ou Amerigo Vespucci, conforme o exige a etymologia italiana, florentino de origem, era habil piloto e ao mesmo tempo fornecedor dos navios que a Hespanha destinava ás suas descobertas. Testemunha das emprezas de Christovão Colombo e ambicioso de partilhar, se não de ultrapassar, o renome do grande navegador, embarcou-se no anno de 1499 em uma pequena esquadra hespanhola destinada ao novo mundo, e debaixo do commando de Ojeda que havia acompanhado Colombo na sua viagem da descoberta.

N'esta expedição Americo Vespucio contribuiu bastante para a exploração da costa septentrional da America do sul; e depois, achando-se ao serviço de Portugal, percorreu em 1501 todas as costas do Brazil, que acabava de ser descoberto por Pedro Alvares Cabral. Voltando a Hespanha posteriormente á morte de Colombo, empregou-se em outras viagens.

Amerigo Vespucci havia publicado em italiano um jornal das suas primeiras derrotas, e a traducção em latim e francez d'este documento deu-lhe tal celebridade em todo o mundo, que o seu nome em vez do de Colombo, ficou designando o novo mundo. Pretendeu Amerigo Vespucci contestar a Christovão Colombo a prioridade da descoberta, mas baldadas foram as suas tentativas, porque todos os historiadores são unanimes em asseverar a verdade.

Vespucci falleceu em Sevilha no anno de 1512, ainda que alguns affirmam que foi na ilha Terceira em 1516.

Colombo fez uma segunda viagem no outomno de 1493, na qual descobriu Jamaica e algumas outras ilhas; mas foram taes as difficuldades com que teve de luctar, tão fortes os obstaculos oppostos por seus inimigos, que só em 1498 pôde elle emprehender a sua terceira viagem, na qual devassou o grande continente, cuja existencia elle havia annunciado á velha Europa.

Era de mais tamanha gloria para um só homem. As intrigas redobraram; seguiram-se infames e falsas denuncias, vieram accusações contra a sua auctoridade, e por fim Colombo foi preso e conduzido debaixo de ferros para Hespanha!

O rei D. Fernando conheceu bem depressa a falsidade de tudo quanto se imputava ao grande genio, e auxiliado pela rainha D. Izabel, cuja protecção nunca tinha abandonado Colombo, foi a este concedida novamente a liberdade para emprehender a quarta e ultima viagem, na companhia de seu irmão Bartholomeu e de seu filho Fernando.

Quando regressou, a sua melhor protectora, Izabel a Catholica, tinha deixado de existir, e os seus inimigos haviam alcançado o poder. O grande descobridor foi por todos abandonado, e no paiz a que tinha dado um novo hemispherio, e no qual não existiam sufficientes recompensas para os seus incomparaveis serviços, encontrou a obscuridade e a miseria nos ultimos annos da sua existencia. Esquecido pelo rei D. Fernando, desprezado dos poderosos, que não podiam supportar a fama de seu renome, e pobre dos bens da fortuna, morreu ao abandono de seus contemporaneos em Valhadolid aos 20 de maio de 1506. O seu corpo foi então enterrado em um convento; mais tarde transportado para a ilha de S. Domingos, e por ultimo conduzido para a cidade de Havana, na magnifica ilha de Cuba, com que elle engrandeceu a corôa de Hespanha.

Assim devia acontecer: o primeiro navegador do mundo, para não fazer excepção aos grandes homens, não podia exalar o ultimo suspiro entre os seus contemporaneos reconhecidos; é a posteridade que se encarrega de os fazer subir ao capitolio, quando já os governos não podem recompensar serviços, para os quaes as maiores honras e riquezas seriam um vil opprobrio.

equiparando o verdadeiro genio aos communs ambiciosos.

Colombo descobriu o novo mundo, e Americo Vespucci deu-lhe o nome; mas a nenhum d'elles cabe a gloria de ter sido o primeiro a pizar o grande continente desde o estreito de Bering até o cabo Horn. João Cabot ou Cabotto, navegador veneziano, tinha-se estabelecido em Bristol durante o reinado de Henrique VII, rei de Inglaterra. A elle e seu filho Sebastião deu aquelle monarcha, em março de 1496, a mesma commissão e poderes que Colombo havia recebido dos reis de Hespanha alguns annos antes. A viagem de expedição teve logar em maio de 1497 e destinava-se a descobrir uma passagem para as Indias orientaes pelo NO. da America. Apesar dos gelos polares que encontrou, obrigando os navegadores a voltarem o rumo para o SO. e a desistirem do seu fim primitivo, nem por isso aquella expedição deixou de ser coroada de um feliz resultado, porque a 3 de julho de 1497 eram descobertas as praias da Terra Nova, e as costas do Labrador e do Canadá na terra firme.

João Cabotto voltou á Europa para annunciar tão auspiciosa noticia e declarar que havia tomado posse de todos aquelles paizes em nome do rei de Inglaterra.

Por esta fórma, foi elle o primeiro navegador que pisou o grande continente: um anno antes de Colombo e dois antes de Americo Vespucci.

Não obstante as precauções com que a Hespanha pretendia occultar o verdadeiro alcance da descoberta do novo mundo, era tal a importancia d'aquelle acontecimento, que por toda a parte despertava a ambição dos homens e o ciume das monarchias.

Foi assim que Henrique VII de Inglaterra, arrependido de não ter attendido Christovão Colombo, anteriormente á sua primeira viagem, não perdeu tempo em fazer se-

guir por João Cabotto e Sebastião, seu filho, a derrota do grande descobridor.

Nós os portuguezes tambem não ficámos tranquillos. Gaspar Côrte Real no anno de 1500 explorou a costa NE. da America e visitou o Labrador e o Canadá penetrando no golpho de S. Lourenço. Emprehendeu segunda viagem no anno seguinte com o fim de procurar uma passagem ao norte da America, mas nunca mais houve d'elle conhecimento, nem de seu irmão Miguel Côrte Real, que em 1502 fôra em sua procura.

Os francezes imitaram as demais nações. Denys, de Harfleur, francez de origem, assim como o veneziano Verazzani, que esteve ao serviço de Francisco I, visitaram o golpho de S. Lourenço em 1506 e 1523. Mais tarde, em 1534, Jacques Cartier, subiu o rio S. Lourenço e tomou posse do Canadá em nome do monarcha referido, que ainda regia a França. Aindaque aquella parte da America pertença hoje á corôa britannica, os vestigios da occupação franceza são por tal fórma visiveis, que o viajante julga achar-se em uma cidade franceza de segunda ordem. Os nomes das ruas de Montreal, e até o proprio idioma que se falla na cidade e se usa no pulpito das igrejas, é o francez.

Se as nações, despertadas pela inveja que lhes produzia o thesouro que a Hespanha acabava de encontrar, corriam para a America com o fim de tambem estabelecer colonias e procurar riquezas que se dizia ali existirem, os individuos isolados ou organisados em pequenas colonias de emigração atravessavam o oceano, e pressurosos caíam sobre o novo mundo para explorarem o seu solo de vasta extensão e riqueza.

Todos os aventureiros em disponibilidade, e mesmo os que estavam na effectividade de um serviço menos recompensado, correram para a America e foram ali empregar os recursos da sua industria e actividade.

As principaes ilhas das Indias occidentaes foram-se colonisando em geral pelos hespanhoes; e, é triste dizel-o, uma grande parte dos indigenas ficaram reduzidos á escravidão. Da união dos invasores com a parte feminina dos povos primitivos saíu a grande familia dos creoulos, que hoje forma a raça dominante em Cuba e outros pontos de verdadeira importancia e riqueza.

Entretanto a primeira colonia foi estabelecida por Vasco Nunez de Balboa, no anno de 1510, sobre o isthmo de Darien. Balboa descobriu o oceano pacifico em 1513, e primeiro do que qualquer outro navegador teve elle conhecimento do Peru.

João Ponce de Leon descobriu a Florida em 1512 por um modo curioso e digno de mencionar-se pela sua originalidade.

Tendo sido governador de Porto Rico, imaginou que em certas paragens devia existir uma fonte com a virtude de restaurar a existencia, tornando novos os velhos.

Arrastado por tão absurda espectativa, o acaso levou-o ás praias de um viçoso paiz, onde desembarcou exactamente no dia de paschoa. Em hespanhol aquelle grandioso acontecimento da religião christã é conhecido por «paschoa de flores ou florida», e d'ahi procede o nome de um dos mais formosos estados da união americana.

A Florida era habitada por tribus de indios, taes como os natchezes, criks, seminolos, tchikasahs, yazoux e os chactas ou cabeças chatas, que por alguns annos disputaram aos hespanhoes a occupação do paiz, até que em 1539 os invasores venceram os indigenas.

Em 1763 a Florida foi cedida á Gran-Bretanha, e em 1781 os hespanhoes retomaram-n'a, ficando garantida a sua posse pelo tratado de Paris de 1783.

Em 1820 os Estados Unidos compraram-a á Hespanha e formaram um territorio que se organisou em estado no anno de 1845.

Voltando ás epochas anteriores, não podemos deixar de mencionar um facto que póde ser concorresse bastante para a animosidade dos indigenas contra os europeus.

Em 1520 dois navios que se destinavam ao transporte de colonos, ou escravos, das ilhas Bermudas para a de S. Domingos, foram obrigados a procurar asylo nas costas da Carolina do sul, lançando ferro no rio Combahee.

Os indios eram doceis e amigos dos brancos; não hesitaram em ir a bordo das embarcações, antes, em grande numero, foram ali admirar o que lhes era inteiramente desconhecido.

Quando menos deviam suspeitar da honra dos homens civilisados, os navios fizeram-se de véla e os livres filhos das florestas foram reduzidos á escravidão.

Um d'aquelles navios foi destruido por um temporal; muitos des indigenas morreram afogados, e dos outros conduzidos na segunda embarcação, bastantes succumbiram por não quererem tomar alimento de qualidade alguma.

Este facto não ficou naturalmente registado nos annaes d'aquelles povos, mas, peior do que isso, passou em tradição de páes para filhos; e acontecimentos immediatamente posteriores como outros que actualmente se passam, provam que os indigenas aprenderam a traição dos filhos da civilisação, e hoje não fazem mais do que vingar ultrage por ultrage.

Continuando a narração dos factos que se succederam á descoberta da America, é necessario descrever o que mais importa á primeira occupação do paiz que hoje se chama Estados Unidos.

Ponce de Leon, tendo sido nomeado governador da Florida, tratou de ali formar varios estabelecimentos de colonos, mas os indigenas que tinham presente a traição que vimos de referir, atacaram em força os hespanhoes,

fazendo perecer a maior parte, em cujo numero entrou o proprio governador.

O commandante da expedição que havia trahido e arrebatado os indigenas, chamava-se Ayllon, e foi de quem a Hespanha se lembrou para substituir Ponce de Leon no governo d'aquella importante região. Ayllon não foi muito mais feliz.

As suas forças, attrahidas pelos indigenas a uma emboscada, foram todas destruidas, e o governador deveu a vida a não os ter acompanhado,

De passagem devemos tambem referir um acontecimento que, até certo ponto, tem igualmente alguma ligação com a historia dos Estados Unidos.

No anno de 1518 saíu da ilha de Cuba uma expedição commandada por Fernando Cortez, com o fim de emprehender a descoberta de novos territorios. No anno seguinte, 1519, Cortez desembarcou perto de Tabasco, no golpho do Mexico, e não encontrando resistencia alguma da parte dos naturaes do paiz, marchou sobre a capital, aonde o imperador Montezuma o recebeu como seu amigo e mestre.

Velasquez, o governador da ilha de Cuba, que havia ordenado a expedição de Cortez, não pôde soffrer a inveja e o ciume que lhe causava a empreza e gloria do descobridor do Mexico, e enviou uma numerosa esquadra contra elle. Mas Cortez teve a felicidade de a bater, continuando na conquista de todo o Mexico, que em pouco tempo completou, não sem lutar com tremendas insurreições, que supplantou, á custa de muitas crueldades que a historia refere e censura com rasão.

Carlos V, que então dominava em Hespanha, recompensou Cortez nomeando-o governador do Mexico, mas a retribuição d'aquelle poderoso monarcha não se tornou duradoura, e o grande capitão hespanhol foi chamado e demittido do seu posto. Cortez, antes da saír da America.

tambem descobriu em 1535 a California e o seu golpho ou mar vermelho. Morreu em 1547, pobre e abandonado.

O Mexico, que desde então tem passado por tantas vicissitudes e revoluções, era, na epocha da descoberta, um paiz civilisado, e onde as artes tinham adquirido grande desenvolvimento. São poucos os vestigios que hoje se encontram, dos quaes alguns se remontam a epochas mui antigas.

Em 1528, a Hespanha tinha nomeado governador para a Florida, o qual saíu de Cuba á frente de uma expedição, na idéa de conquistar aquella parte da America, julgando encontrar um outro imperio igual ao do Mexico. Era Narvaes quem commandava a expedição.

Depois de ter penetrado no paiz, convenceu-se que, em logar de riquezas e thesouros, só encontrava miseraveis choupanas e selvagens que o não recebiam com demasiada benevolencia, attentas as traições dos invasores que já ficam narradas.

Narvaes viu-se obrigado a seguir differente direcção para o lado do paiz aonde hoje são as fronteiras do estado da Georgia, e voltando depois para o litoral, construiu toscas embarcações para se transportar a Cuba: mas elle proprio e uma grande parte de seus companheiros pereceram na empreza.

O genio aventureiro dos hespanhoes não se deu por vencido, e a Florida, que então quasi dava o nome a toda a America do norte, era olhada com interesse, suppondo-se-lhe minas e riquezas que ella não possuia.

Fernando de Soto, que tinha adquirido honras e fama, por haver seguido Pizarro na conquista do Peru, foi nomeado governador de Cuba e da Florida com permissão de emprehender a conquista do ultimo paiz referido.

Diz a historia que Fernando de Soto saíra do velho

para o novo mundo com dez navios, conduzindo seiscentos homens bem armados. É facto, que aquelle habil e valente militar deixára sua mulher governando a ilha de Cuba e partíra em direcção ao continente, desembarcando nas praias da bahia Tampa em 10 de junho de 1539.

Ordenou que a maior parte dos navios voltasse para Cuba, e elle, com os seus companheiros, marchou para o interior, atravessando as hostes adversas dos selvagens e seguindo para as montanhas Appalachian ou Allegany, que se estendem parallelamente ao Atlantico, desde os confins do Alabama e da Georgia até á embocadura do rio S. Lourenço, penetrou por ultimo no formoso paiz dos *Cherokees*, que era a tribu mais civilisada da America do norte.

Durante alguns mezes, Fernando de Soto e os seus fieis companheiros, percorreram as montanhas e os valles do Alabama, buscando em vão as riquezas que tinham julgado ali encontrar.

Por muitas vezes, obrigados a combater os indigenas, a pouco e pouco o numero dos exploradores foi diminuindo, em consequencia das molestias e dos combates.

Na primavera de 1541, Fernando de Soto descobriu e atravessou o famoso rio Mississipi; e ali, em presença de muitos milhares de indios, assignalou aquelle grande acontecimento com uma immensa cruz, que fez cravar no solo que acabava de descobrir.

Os mezes que se seguiram aos factos referidos, foram passados na exploração dos desertos regados pelo rio Arkansas e seus tributarios; e na primavera de 1542, Fernando de Soto voltou ao Mississipi, onde adoeceu e succumbiu, depois de haver nomeado o seu successor e ter percorrido cerca de mil leguas.

Os companheiros de Soto, reduzidos a um limitado numero, no fim de bastantes trabalhos, conseguiram che-

gar ao golpho do Mexico e d'ali passaram a um estabelecimento hespanhol ao norte de Tampico, no Mexico.

Com as descobertas de Fernando de Soto, finalisam as explorações hespanholas dos contemporaneos de Christovão Colombo, no territorio que hoje forma a grande republica dos Estados Unidos.

Seguem-se pois as explorações dos inglezes e dos francezes, que todavia principiaram alguns annos antes dos ultimos acontecimentos narrados.

Cabot ou Cabotto, de quem já fallámos anteriormente, a proposito de ter elle sido o primeiro europeu que pizára o grande continente americano, havia comprehendido e espalhado a noticia da verdadeira importancia commercial da pesca do bacalhau que se encontrava nas aguas da Terra Nova.

A França apenas se tinha occupado do commercio das pescarias, quando Francisco I enviou o grande navegador florentino, João Verazzani, á exploração do novo mundo.

Depois de alguns mezes de navegação, Verazzani, em março de 1524, chegava ao grande continente americano, ancorando nas margens da Carolina do norte, onde se demorou o tempo necessario para percorrer uma parte da costa, saíndo novamente em direcção ao norte. Fundeando nas bahias de Delaware e de New York, seguiu para a Terra Nova, tendo baptisado todas aquellas regiões com o nome de Nova França.

Francisco I não pôde prestar grande attenção ás descobertas de Verazzani, porque se achava então todo entregue aos cuidados que lhe dava a guerra com a Hespanha.

Assim se passaram dez annos, quando em 1534, o rei de França, aconselhado pelos homens technicos d'aquella epocha, enviou uma segunda expedição debaixo das ordens de Diogo Cartier, conhecido na historia pela denominação de «navegador de Saint-Malo.»

Em junho do anno referido, a pequena flotilha franceza chegou á Terra Nova. Depois de haver explorado as costas d'aquellas paragens, Cartier passou o estreito de Belle-Isle, e tomou posse de todo o paiz em nome do monarcha que regia a França. Descobriu ainda mais, n'esta primeira viagem, a entrada do grande rio do Canadá, e fez-se depois de véla para a Europa.

Em maio do anno seguinte, 1535, Diogo Cartier saíu novamente para a Terra Nova acompanhado de alguns mancebos da aristocracia franceza. Tendo passado o estreito de Belle-Isle, entraram no golpho no dia dedicado a S. Lourenço, que, por esse motivo, ficou com o nome d'aquelle martyr da christandade, e subiram o rio que, mais tarde, recebeu o mesmo nome.

Os navios d'esta expedição ficaram ancorados em Quebec, d'onde os exploradores francezes partiram em pequenas embarcações para o paiz dos *Hurons*, nas margens do lago que hoje tem aquella denominação.

Os indigenas não hostilisaram os europeus, antes os receberam como amigos. A tribu dos *Cherokees* bateu e dispersou, tempo depois, a dos *Hurons*, da qual só restam hoje alguns descendentes a uns dez kilometros ao norte de Quebec. O seu idioma perdeu-se completamente.

No paiz dos *Hurons* havia uma grande montanha, da qual se avistava um bello e magnifico panorama. Cartier e os seus companheiros subiram á parte mais elevada e, foi tal o espectaculo que se lhes apresentou, que deram o nome (que ainda hoje conserva) de «Montréal» á cidade que ali se edificou.

Voltaram depois os exploradores para Quebec, onde passaram o inverno a bordo de seus navios, e na seguinte primavera partiram para França.

Um acto, digno da maior censura, assignalou esta viagem de Diogo Cartier. O chefe da tribu dos *Hurons* foi attrahido a bordo de um dos navios francezes e traiçoei-

ramente conduzido para França, em cujo solo morreu algum tempo depois.

Este acontecimento, como era de esperar, produziu grande impressão entre os indios, e Cartier quando, em 1541, voltou outra vez á Nova França (conforme se denominou então aquella parte da America), foi recebido com poucas demonstrações de amisade, e por ultimo teve que edificar um forte em Quebec para evitar as aggressões dos indigenas.

Na impossibilidade de se estabelecer, como eram os seus desejos e instrucções, Cartier, em junho de 1542, voltou a França exactamente na occasião em que Roberval chegava á Terra nova.

É preciso explicar que lord Roberval ou Francisco de la Roque, cujos nomes designam um só individuo, tinha obtido permissão do rei de França para fazer novas descobertas e colonisar as terras onde tremulava a bandeira de S. Luiz. A sua viagem devia verificar-se algum tempo antes da saída de Diogo Cartier; mas este tinha-se antecipado para não ser obrigado a servir debaixo das ordens de um chefe, que elle não desejava reconhecer como seu superior.

Roberval passou tambem o golpho de S. Lourenço, edificou mais dois fortes proximo de Quebec, e depois de soffrer todas as intemperies de um rigoroso inverno, foi forçado a abandonar a idéa da colonisação, regressando a França na primavera de 1543.

Ainda voltou á America seis annos mais tarde, mas nunca mais se soube do seu destino.

Tinha despontado em França a guerra de religião, famosa na historia dos massacres, que alguns annos depois produziu o S. Bartholomeu contra os huguenotes, quando Gaspar Coligny, que se havia convertido á nova seita (o que mais tarde lhe custou a vida) concebeu a nobre idéa de preparar um local de refugio para os seus

correligionarios, ameaçados e perseguidos no velho mundo.

Carlos IX, accedendo aos rogos de Gaspar Coligny, então almirante das esquadras de França, permittiu que, a 28 de fevereiro de 1562, saisse para a America uma flotilha debaixo do commando de João Ribault.

A guerra da religião, entre catholicos e protestantes, tinha por tal modo absorvido os animos em França, que no decurso de todo este tempo o espirito aventureiro dos francezes, preoccupado com a luta religiosa, havia esquecido as suas primitivas descobertas e abandonado as idéas de colonisação, que depois tornaram a reapparecer. A iniciativa governamental era nulla, e apenas a expedição de João Ribault, posto fosse uma empreza particular, manifestava o direito da França ás terras descobertas pelos seus intrepidos navegadores.

A pequena esquadra dos huguenotes aportou, primeiramente ás costas da Florida, e seguiu depois para o norte, avistando o rio S. João e descobrindo Porto Real (Port Royal). Ali fundaram um forte, ao qual deram o nome de Carolina, na intenção de terem um abrigo, emquanto o commandante da expedição voltava a França para trazer novas provisões e reforços.

De facto, Ribault fez-se de véla para a Europa, mas o seu paiz ardia em guerra civil; Coligny tinha perdido a pouca importancia que lhe restava, e era impossivel obter a protecção que fazia o objecto principal da sua viagem.

Os pobres colonos, que tinham ficado a defender o forte e a lançar no novo mundo o primeiro germen da liberdade de consciencia, foram obrigados a construir uma fragil embarcação para se transportarem a França. Assaltados por grandes tempestades, teriam todos morrido victimas das ondas ou da fome, se a Providencia não lhes tivesse deparado um navio inglez que os salvou,

Gaspar Coligny, que nunca tinha perdido a esperança de fundar no novo mundo um abrigo para os huguenotes, aproveitou-se, pouco tempo depois, de uma epocha em que os partidos religiosos pareciam repousar da crua guerra que se faziam, para obter que uma outra expedição fosse enviada debaixo do commando de Laudonnière, que tinha acompanhado Ribault na sua primeira viagem. Esta nova expedição, que chegou ao seu destino em julho de 1564, ainda construiu um novo forte, tambem do nome de «Carolina»; mas continha ella taes elementos de discordia e desunião que, com o pretexto de voltar para França a fim de escapar á fome proveniente do rapido consumo das provisões, uma grande parte dos emigrantes aproveitou-se de um dos navios, que foi, armado em pirata, assolar os mares, e sobre tudo saquear as propriedades hespanholas nas Indias occidentaes.

João Ribault chegou depois, conduzindo mais emigrantes, e tomou o commando da colonia, á qual se encorporou a parte que não tinha querido acompanhar os que se haviam dedicado á pirataria.

A este tempo já a Hespanha havia despertado com as noticias das invasões francezas na America do Norte, e do estabelecimento dos protestantes dentro dos dominios de Castella; os ataques dos piratas sobre a propriedade nas Indias occidentaes foram tambem accordar de todo as attenções do monarcha, que não cedia a outro o direito de prioridade ao novo mundo.

Pedro Melendez, cuja fama de valente igualava a de cruel, foi nomeado governador da Florida, e recebeu rigorosas instrucções para, ao mesmo tempo expulsar os francezes, conquistar ou submetter os indigenas, e lançar as bases de solidos e estaveis estabelecimentos.

Melendez, á frente de uma força numerosa e bem armada, desembarcou em o melhor sitio da costa da Florida, lançou os primeiros fundamentos do porto de Santo Agos-

tinho, em setembro de 1565, e proclamou o rei de Hespanha senhor de toda a America septentrional.

Os francezes não se deixaram surprehender, e foram por mar atacar os hespanhoes; uma imprevista tempestade dispersou, porém, toda a esquadra.

A maior parte dos combatentes e tripulantes, que escapou do naufragio, caiu em poder do inimigo, que já tinha o systema de não poupar em demasia os prisioneiros. Foram todos condemnados á morte.

Melendez pôde marchar desaffrontadamente através das florestas, e são concordes os historiadores em que atacára os estabelecimentos francezes, trucidando novecentos homens, mulheres e creanças, em cujos corpos collocára a seguinte inscripção=mortos, não por serem francezes, mas lutheranos=.

Sobre o campo da carnificina, o commandante hespanhol, teve a piedosa idéa de arvorar uma cruz e de lançar os alicerces de um templo sagrado para commemorar aquelle acontecimento.

Os francezes quizeram vingar a affronta, mas Carlos IX era demasiado fraco para ordenar uma expedição que o podesse comprometter em uma guerra estrangeira.

Entretanto havia na Gasconha um militar, rico de bravura e dos bens da fortuna, a quem o animo não pôde soffrer a inercia do monarcha, e dos seus proprios rendimentos fez armar tres navios conduzindo cento e cincoenta homens decididos, com os quaes se transportou á Florida e inopinadamente atacou os estabelecimentos hespanhoes, fazendo-lhes uns duzentos prisioneiros, que mandou enforcar quasi no mesmo local onde fôra commettido o morticinio dos seus compatriotas.

Para imitar o chefe hespanhol, tambem elle mandou prender aos corpos dos suppliciados a seguinte inscripção=não fiz isto aos hespanhoes ou marinheiros, mas aos traidores, ladrões e assassinos=.

Gourges, que assim se chamava aquelle militar, não podendo, com a pequenez de suas forças esperar Melendez em rasa campanha, tornou a embarcar e fez-se de véla para França.

Os hespanhoes ficaram de posse da colonia de Santo Agostinho, e é de suppor que os indigenas se regosijassem, vendo que não era preciso a sua cooperação para o exterminio de seus inimigos, que estavam animados da philanthropica idéa de se destruirem reciprocamente.

Por todo este tempo os inglezes tinham permanecido, mais ou menos tranquillos, aindaque nunca haviam desistido de possuirem e colonisarem uma parte do novo mundo.

A Terra Nova era visitada constantemente pelos navios que se dedicavam á pesca, e as bandeiras da Inglaterra e da França fluctuavam, quasi sempre, n'aquellas paragens.

Ao grande continente americano, muitas vezes, se dirigia um ou outro navio das referidas nacionalidades, mas a Gran-Bretanha não cuidava muito do estabelecimento de colonias no novo mundo.

A sir Martin Frobisher, de Doncaster, no condado de York; e por consequencia inglez de origem, estava reservado o continuar a serie das arcticas viagens dos filhos da Albion para o mundo de Christovão Colombo.

Frobisher emprehendeu tres expedições para encontrar, ao NO. da Europa, uma passagem que o conduzisse á China. Percorreu pois as costas do Labrador e de Greenland, penetrando na bahia de Hudson e em um estreito, ao qual deu o seu nome; mas todos os seus esforços foram para isso inuteis, e só serviram de consolidar o direito da Inglaterra áquellas distantes regiões que, por alguns annos, tinham permanecido em apparente esquecimento.

Um outro acontecimento devia induzir a Gran-Breta-

nha a occupar-se do solo que verdadeiramente lhe podia produzir resultados de seria importancia.

Os huguenotes francezes, protegidos por Gaspar Coligny, e embarcados debaixo do commando de João Ribault, como já fica referido, tinham sido salvos no alto mar por um navio inglez. Conduzidos a Inglaterra divulgaram as suas impressões relativas ao clima e fertilidade do solo do paiz que havia sido denominado Carolina.

Os inglezes conheciam mais a America do Norte, pelas frias regiões do Labrador e de Greenland, do que pelos viçosos campos e magnificas florestas da Carolina, Florida e outros pontos do sul, cuja riqueza está hoje bem demonstrada.

Não foi difficil despertar na Inglaterra serios desejos de colonisação.

Quando Gourges voltou a França, depois de ter vingado os seus compatriotas, sir Walter Raleigh estava em companhia de Gaspar Coligny aperfeiçoando-se na arte da guerra. Impressionado pela magnifica aventura de Gourges, communicou-a para Inglaterra, onde ella não podia deixar de produzir a maior sensação no espirito protestante, dispondo os animos para a colonisação de um paiz ameno no clima e fertil no solo.

De facto, sir Humphrey Gilbert, em junho de 1578, obteve da rainha de Inglaterra a permissão de explorar as regiões da America. Walter Raleigh deu-lhe a sua protecção, e nos principios de 1579, saíram ambos para o novo mundo. O mau tempo e o encontro com os navios de guerra hespanhoes, foram um obstaculo invencivel para a pequena flotilha dos dois exploradores, que se viu na necessidade de retroceder e voltar de novo para Inglaterra.

Quatro annos depois, em 1583, Gilbert emprehendeu de novo a sua expedição, mas sem se fazer acompanhar de Raleigh, conseguiu alcançar a bahia de S. João na

Terra Nova, onde erigiu um marco com as armas de Inglaterra, proclamando a soberania d'aquella nação; e seguindo na exploração das costas da Nova Scotia e do Maine, encontrou horriveis temporaes, que lhe fizeram perder a maior de suas embarcações.

N'estas circumstancias fez-se de véla para Inglaterra; mas durante um grande temporal, o seu proprio navio afundou-se, e de toda a expedição só um unico vaso voltou á Europa para contar os desastres occorridos.

No anno seguinte, 1584, Walter Raleigh obteve o diploma de lord de todas as terras que podesse descobrir na America do Norte entre os rios Santee e Delaware, para o que fez expedir Filippe Amidas e Arthur Barlow commandando dois navios, perfeitamente providos de tudo quanto era necessario para a exploração a que se destinavam.

Alcançando as praias da Carolina no mez de julho do referido anno, fundearam junto das ilhas de Wacohen e Roanoke, no golpho de Pamlico e Albemarle, e tomaram posse do paiz em nome da rainha Elizabeth de Inglaterra.

Algumas semanas depois, tendo commerciado com os indigenas, voltaram á Europa conduzindo dois indios, cujos nomes a historia conservou: eram Manteo e Wanchese, que se presume pretenciam á tribu *Hatteras*.

A rainha Elizabeth, em commemoração do seu estado de solteira, deu o nome de Virginia áquellas formosas regiões, que, por occasião da ultima guerra civil foram divididas em dois estados—Virginia Oriental e Occidental. A Virginia, se por um lado foi o foco da immensa luta que por alguns annos separou o norte do sul, tambem se vangloria de ser a patria de homens notaveis, taes como Washington, Jefferson, Madison e Monroe.

Raleigh, enthusiasmado com o feliz exito de suas tentativas, preparou e fez expedir, em abril de 1585, uma

frota de sete navios debaixo do commando de sir Richard Grenville.

Não foi sem grandes riscos que a expedição chegou á ilha de Roanoke, no golpho de Albemarle, tendo quasi sossobrado na costa da Carolina, cuja extremidade desde então se ficou denominando *Cape Fear*—cabo do Medo.

Entretanto os exploradores, que deviam ir possuidos de verdadeiras idéas de colonisação, dedicaram-se primeiramente á procura de minas de oiro no proximo continente, tratando os indigenas por tal modo, que os fizeram bem depressa seus inimigos. Não tardou que o errado proceder dos exploradores não tivesse as suas naturaes consequencias, porque assim que sir Richard Grenville saíu para Inglaterra com os vasos de seu commando, os indios induziram perfidamente os colonos a viagens de exploração, disseminando-os e enfraquecendo-os por tal fórma, que em pouco tempo se acharam na miseria.

Apesar dos soccorros que, com bastante opportunidade, lhes levou n'aquella occasião sir Francis Drake, que chegava com a sua frota das Indias occidentaes, os colonos que restavam não quizeram correr novos perigos, e, em junho de 1586, foram conduzidos para Inglaterra pelo referido sir Francis Drake. Pouco tempo depois chegavam novos soccorros enviados por Raleigh; e o proprio Grenville conduzia outros, que distribuiu a quinze homens das suas tripulações que elle deixou ficar em Roanoke.

Os erros de uns deviam, como sempre, aproveitar a outros, e um systema mais calculado presidiu á seguinte expedição, que se effectuou em abril de 1587. Foi ainda Raleigh quem escolheu varios operarios e agricultores, os quaes com suas familias foram enviados para a Virginia para ali fundarem uma colonia.

Acompanhados de João White chegaram em julho ao

ponto do seu destino, Roanoke, onde só encontraram ruinas e os ossos dos quinze infelizes que Grenville lá havia deixado. Os indios tinham devastado todas as plantações e assassinado os europeus.

Voltando a 1585, convem referir que Manteo, o indigena que um anno antes tinha sido conduzido para Inglaterra nos navios de Filippe Amidas e Arthur Barlow, regressava á America, e, apesar do pouco tempo que havia permanecido entre os povos civilisados, tinha recebido as aguas do baptismo e declarára-se alliado dos brancos.

Como recompensa aos seus bons sentimentos, foi nomeado lord de Roanoke, primeiro e ultimo pariato estabelecido na America.

Não obstante a boa vontade, Manteo não pôde dominar o odio dos indigenas, e o governador João White julgou prudente voltar á Europa para solicitar novos reforços e provisões.

No anno de 1588, quando João White chegava ao novo mundo, a Inglaterra não podia attender a outro assumpto que não fosse a guerra contra a Hespanha. N'aquellas epochas a patria de Cervantes dispunha de cento e cincoenta navios, dois mil seiscentos e cincoenta canhões e trinta mil soldados e marinheiros, com os quaes se propunha invadir a Gran-Bretanha.

Antes que o almirante Francisco Drake, nas aguas de Cadix em julho do anno referido, batesse a famosa armada hespanhola, fazendo ir a pique vinte e tres navios, todos os homens importantes em Inglaterra, taes como Raleigh e Grenville, tinham os animos occupados com os negocios publicos do estado, e não podiam prestar séria attenção ás solicitações de João White. Foi por isso, que só em maio do anno seguinte, 1589, pôde elle volver de novo á America, dirigindo-se, como era então costume adoptado por todos os navegantes, pelas Indias occiden-

taes na rota que o devia conduzir aos campos da Virginia.

Não querendo perder a opportunidade de causar todo o mal possivel aos hespanhoes que navegavam n'aquellas regiões, foi batido em um pequeno combate, no qual perdeu um dos dois navios de que se compunha a sua limitada flotilha, sendo, por esse motivo, obrigado a retroceder para Inglaterra.

Não desanimou, porém, e um anno depois, 1589, fez-se de véla para o novo mundo em busca da colonia que havia deixado em Roanoke, na qual estava tambem sua filha casada com um official do nome de Dare.

Roanoke era um deserto: a colonia e a filha de João White tinham desapparecido, assim como uma tenra creança neta de White, e á qual os paes, em honra da rainha Elizabeth, haviam dado o nome de Virginia.

Apesar dos esforços de Raleigh, que já então havia desanimado das suas perseverantes idéas de colonisação, em enviar, por differentes vezes, marinheiros dedicados e fieis á procura da colonia e da filha de João White, elles nunca mais appareceram, e só oitenta annos depois os colonisadores inglezes juntos do rio Cape Fear (cabo do Medo) ouviram uma tradição de que a colonia perdida havia sido adoptada por uma poderosa tribu denominada «Hatteras», ficando assim diffundida por entre os filhos selvagens da floresta.

Os inglezes abandonaram então todas as suas tentativas sobre a colonisação na America, e um seculo depois da descoberta de Christovão Colombo, não havia ainda estabelecimento algum europeu no grande continente americano.

O proprio porto de Santo Agostinho, havia sido queimado pelo almirante Francisco Drake, no anno de 1586.

Na ordem chronologica dos factos, vem a proposito narrar uma tentativa do marquez de la Roche, francez,

e possuidor de grande fortuna, que no anno de 1598 saíu para a America com uma colonia, composta, pela maior parte, de condemnados das prisões de Paris.

Desembarcando em uma insignificante ilha proxima da còsta da Nova Scotia, deixou ali ficar os desgraçados, dos quaes sete annos depois só restavam uns doze, que voltaram para França e foram perdoados pelo rei.

O marquez de la Roche havia morrido pouco tempo depois da sua viagem á America, e os emigrantes, abandonados ao acaso, tinham perecido quasi á mingua sobre um isolado torrão de areia no grande oceano atlantico.

Sumíra-se na historia o seculo XVI, sem que ainda no grande continente da America do norte se podessem ter implantado os primeiros germens de uma nascente colonisação.

Raleigh havia sido o mais strenuo apostolo e audacioso emprehendedor, para da Gran-Bretanha levar ao novo mundo os primitivos elementos de uma prospera e futura civilisação; mas as suas tentativas tinham encontrado serios obstaculos, e os seus esforços não haviam correspondido á força da sua vontade e perseverança.

Não era porém da indole dos filhos da activa e emprehendedora Albion, o desistir e desanimar em uma empreza de tal ordem.

Raleigh tinha um amigo que devia secundal-o: era Bartholomeu Gosnold.

No mez de março de 1602 saíu elle para o grande oceano atlantico, e em maio seguinte encontrava o continente perto de Nahant. Dirigindo-se depois para o sul, desembarcou na extremidade de uma ponta de areia, a que denominou Cape Cod (Cabo do bacalhau), em consequencia da grande abundancia de peixe d'aquella qualidade que ali encontrou. Continuando sempre para o sul, descobriu mais Nantucket e o grupo de ilhas conhecidas pelo nome de «Elizabeth islands», com que foram baptisadas em homenagem á que então era rainha de Inglaterra.

Preparava-se Gosnold para lançar ali os primeiros

fundamentos de uma colonia quando, intimidado pelas ameaças dos indios, e receiando a falta de provisões, resolveu voltar para Inglaterra em junho do mesmo anno de 1602.

Gosnold não podia deixar de engrandecer a fertilidade do solo e a riqueza das florestas, como outros o haviam já feito, e as suas narrativas despertaram o interesse de alguns negociantes de Bristol, os quaes em 1603 enviaram dois navios com o fim de explorar aquellas paragens e de commerciar com os indigenas.

Pring, que era o commandante da expedição, descobriu as praias do Maine e explorou os rios n'aquelle ponto do paiz, que hoje forma um dos estados da União. O capitão Pring negociou tambem com os indios; e depois de uma ausencia de seis mezes, voltou a Inglaterra para tornar a saír em 1606, que foi quando ainda melhor visitou a America.

No anno antecedente, o capitão Weymouth, que havia emprehendido uma viagem ao Labrador com o fim de descobrir a passagem para a India, tinha igualmente percorrido uma parte do Maine, tomando posse d'elle em nome do rei James de Inglaterra, para onde regressou com cinco indigenas que pôde attrahir a bordo, e que causaram, como era de suppor, a maior admiração na Gran-Bretanha.

Voltando ainda a 1603, é necessario occuparmo'-nos novamente das explorações francezas.

Um rico huguenote francez, do nome de Monts, tendo obtido a nomeação de vice-rei sobre uma determinada extensão de territorio na parte do continente americano conhecida então pela denominação de «Nova França», preparou uma expedição de dois navios com a qual chegou á Nova Scotia em maio de 1604. Demorando-se ali todo o estio para negociar com os indios, no outomno seguinte passou para os limites do Maine, onde edificou um

forte. Deixou porém alguns colonos em Port Royal, na Nova Scotia (hoje Annapolis), e foi juntar-se a elles na seguinte primavera de 1605, organisando então uma colonia permanente.

Tanto Port Royal como os territorios de que se compõem a Nova Scotia, o Novo Bruswick e mais ilhas adjacentes haviam recebido o nome de Acadie, em 1524, quando foram visitados pelo florentino Verazzani.

A colonia franceza foi depois destruida em 1613 por Samuel Argall, debaixo das ordens do governador da Virginia, e o povo dispersou, após de haver sido roubado de tudo quanto possuia.

Em 1608 o mesmo huguenote francez, Monts, obteve o monopolio do negocio das pelles pelo espaço de um anno, e a permissão de estabelecer uma colonia em qualquer parte da Nova França.

No mez de junho do referido anno, outra expedição composta de dois navios e commandada por Samuel Champlain, chegava ao rio S. Lourenço. Os exploradores subiram o rio até Quebec, junto do ponto onde Cartier, setenta annos atrás, havia edificado o primeiro estabelecimento francez na America do norte.

No verão seguinte Champlain descobriu o magnifico lago que tem o seu nome, e que se acha ao nordeste do estado de New York.

Samuel Champlain fundou tambem a cidade de Quebec, que bem depressa adquiriu algum desenvolvimento commercial, e d'ella foi nomeado governador em 1620; atacado, porém, pelos inglezes em 1627, viu-se obrigado a capitular.

Dois annos mais tarde, sendo restituido o Canadá aos francezes, Champlain retomou o seu posto, que conservou até morrer em 1635. Tinha nascido em Brouage pelo anno de 1570.

Se os francezes trabalhavam por se estabelecer no

novo mundo, os inglezes tambem não permaneciam ociosos, não obstante os revezes experimentados.

Henrique Hudson tinha sido enviado á America por uma companhia de negociantes de Londres para, assim como outros, tentar a descoberta de uma passagem para a India.

Duas vezes, em 1607 e 1608, Hudson se dirigiu aos mares do polo, tendo sempre que abandonar similhante empreza.

Acreditando, comtudo, que seria possivel vencer tamanhas difficuldades, e ambicionando a gloria de tão grande descoberta, Hudson appellou para a companhia hollandeza das Indias orientaes, pedindo ajuda e protecção. Os directores em Amsterdam accederam á supplica do audacioso navegador, e em abril de 1609 Hudson saíu d'aquella cidade commandando um *yacht* apenas de oitenta toneladas.

Avistou de facto o ponto por onde a sua theoria lhe marcava a passagem em procura da qual ía, mas as montanhas de gêlo não lhe permittiram continuar no rumo que desejava.

Voltando para o oceano atlantico avistou os cabos da Virginia em agosto de 1609, e seguindo depois ao norte, passou por differentes rios, entrando finalmente na bahia de New York, onde ancorou.

Navegou umas sessenta leguas pelo rio que hoje conserva o seu nome conjunctamente com o de «North river» (rio do norte), e tomou posse de todo o paiz que descobríra em nome dos estados geraes da Hollanda.

Hudson regressou á Europa em novembro de 1609, levando a famosa noticia de suas explorações, e abrindo um vasto futuro á industria e actividade do povo hollandez, que depois fundou a magnifica cidade de New York.

Henrique Hudson fez ainda uma outra viagem ás re-

giões polares no mesmo intuito de encontrar caminho que conduzisse ao NO. da America, e descobriu então a grande bahia á qual deu o seu nome, e finalmente a bahia de S. Miguel.

No inverno de 1611, quando Hudson se dispunha a regressar á Europa, a tripulação revoltou-se em consequencia da falta de provisões, e o intrepido navegador foi manietado, assim como alguns marinheiros doentes, e todos lançados em um pequeno barco e entregues ao acaso das vagas. Nunca mais houve noticia d'aquelles infelizes, mas o nome de Hudson ficou ligado á historia do novo mundo, onde conservará sempre um dos logares de maior distincção.

Differentes opiniões e grandes controversias tem havido com relação ao verdadeiro descobridor do continente septentrional da America.

João, e Sebastião Cabot ou Cabotto, seu filho, foram, sem duvida, os primeiros europeus que pizaram o continente do novo mundo.

A historia diz que fôra João Cabot, mas não o affirma por um modo positivo, e deixa mesmo perceber que poderia ter sido o pae e o filho. Uma memoria publicada em Londres no anno de 1832, pretende provar que fôra Sebastião Cabot quem descobrira o grande continente.

Como este facto teve logar em 1497, quando o ultimo navegador referido apenas contava uns vinte annos de idade, é provavel que elle se tivesse embarcado com seu pae, e que ambos descobrissem o continente. N'este caso, que é o mais verosimil, a gloria pertence a João Cabot, conforme a opinião mais seguida.

Americo Vespuce (ou Amerigo Vespucci) teve tambem a mesma pretensão de que elle, primeiro que outro, havia descoberto o continente; mas, sem contestar o seu merito, e sobretudo a habilidade em ter dado o seu nome

a uma das cinco partes do mundo, é certo que Americo só visitou o continente no anno de 1499, quando as viagens de João Cabot datam de dois annos antes.

O nosso eminente escriptor, o visconde de Santarem, em uma das suas obras põe até em duvida que Americo fosse o verdadeiro commandante da viagem que elle assevera ter feito ao novo mundo em companhia de Ojeda, inclinando-se a que Americo se apossára dos papeis d'aquelle navegador, que tinha servido e acompanhado Christovão Colombo na expedição da descoberta, publicando derrotas e narrativas d'elle como se fossem suas proprias.

Um nome que tambem está ligado aos tempos primitivos da historia dos Estados Unidos, é o de John Smith, que entre os annos de 1606 a 1614 fez tres viagens á Virginia.

Recorda o nome de John Smith uma das paginas mais romanticas das chronicas da colonisação, que ha de constituir a segunda epocha do presente *Esboço.*

É para não alterarmos a ordem que nos pareceu conveniente adoptar, que deixâmos para o periodo dos primeiros estabelecimentos coloniaes, as linhas a que John Smith tem incontestavel direito n'esta synopse da historia da grande republica.

Fechando o periodo das descobertas, e encerrando por isso a «primeira epocha» d'este *Esboço*, não queremos afiançar que finalisasse completamente o periodo das explorações, e que não haja um ou outro facto que não podesse ainda ter cabimento n'este capitulo; mas é certo que os primeiros alicerces para a colonisação dos Estados Unidos foram lançados tão sómente do anno de 1607 em diante, por alguns aventureiros que invadiram a America.

D'esses acontecimentos, que precederam a colonia britannica no novo mundo, e que formam um periodo

distincto entre os annos de 1607 a 1733, é que vamos tratar na «segunda epocha» d'este volume.

Não é um dos capitulos mais interessantes da historia da nação, que depois nasceu com a independencia dos antigos colonos; mas nem por isso póde elle ser olvidado na resenha geral dos factos que foram o berço da grande republica anglo-americana.

SEGUNDA EPOCHA

COLONISAÇÃO

1607-1733

Se o descobrimento de um paiz póde ser o resultado da iniciativa de qualquer governo, da previsão scientifica de um navegador de alto engenho, ou do simples acaso, do viajante que por circumstancias fortuitas se afastou do rumo marcado; a colonia organisada, como filha legitima, pela descoberta, ou adoptiva, pela conquista da metropole, só resulta da creação de muitos estabelecimentos fundados por aquelles que, procurando fortuna em terra estranha, abandonaram a patria em busca de interesses que não podiam encontrar no solo que os víra nascer.

As nações independentes e as colonias da America, da Africa e da Oceania, sem o concurso de todos quantos se aventuraram aos riscos da primitiva emigração, teriam continuado em parte desertas, e em parte insignificantes tribus de povos, mais ou menos selvagens, sem a verdadeira civilisação, que a Europa lhes levou, não tanto no interesse da humanidade, — forçoso é confessal-o, — como principalmente pela ambição de alargar os seus dominios.

A colonia não é o deserto conquistado, nem o privilegio exclusivo de commerciar com os indigenas de uma região, á qual os nossos navios aproaram antes de outros

menos audaciosos: a colonia não se descobre, nem se conquista; nasce do arrojo individual; faz-se com a iniciativa dos governos; desenvolve-se á sombra de leis sensatamente protectoras; e prospéra com a gradual autonomia que a metropole deve ter o bom senso de successivamente lhe ir concedendo antes da independencia que ella, quasi sempre, consegue obter pela revolução armada, quando a não tem conquistado pela evolução pacifica dos seus progressos.

O Canadá, a Nova Bretanha, e outras possessões que a Inglaterra conserva na America do Norte, como as Indias orientaes e a Australia, são documento do tacto colonial de seus governos.

Portugal, a Hespanha e a França não podem infelizmente dizer outro tanto.

A Gran-Bretanha perdeu, é verdade, os Estados Unidos, talvez por um erro que mais tarde se absteve de repetir com relação a outras colonias; mas possue ainda quasi metade da America septentrional: á Hespanha só lhe resta Cuba e Porto Rico; Portugal e França perderam tudo quanto ali tinham.

Grandes seriam as divagações a que esta materia nos poderia conduzir; não é, porém, esse o nosso proposito, mas tão sómente o de fazer a synopse dos principaes acontecimentos que se referem, não á vida colonial das provincias que mais tarde formaram os Estados Unidos da America, mas á colonisação que foi a base das colonias.

Quando os Estados Unidos proclamaram a sua independencia, a 4 de julho de 1776, do que adiante trataremos, a Inglaterra, alem dos territorios que até hoje tem podido conservar, possuia as treze provincias que formaram os treze primitivos estados da federação.

É pois da colonisação d'essas provincias que nos vamos occupar na «segunda epocha» d'este livro, compre-

hendendo o periodo que decorreu entre 1607 e 1733, embora tenhamos de voltar a uma epocha anterior quando tratarmos da historia das colonias.

Alguns estabelecimentos de pescarias, como guarda avançada da futura colonisação, tinham-se organisado ao longo da costa da America do Norte, bastante tempo antes do ánno de 1607. Os hespanhoes não haviam abandonado tambem o seu posto militar em Santo Agostinho. Entretanto o primeiro estabelecimento inglez data de 1607, ou 1608 segundo outros, e foi edificado em Jamestown, na Virginia.

Os aventureiros inglezes empregaram doze annos antes de conseguirem estabelecer-se permanentemente em 1619 na Virginia; e os hollandezes só, em 1623, poderam lançar o primeiro fundamento de sua colonisação no solo, onde hoje existe a magnifica cidade de New York. Os suecos apenas em 1682 desembarcaram nos estados de Delaware, New Jersey e Pennsylvania.

A colonisação no Massachusetts, New Hampshire, Maryland, Connecticut, Rhode Island, Carolina do Sul, Carolina do Norte e na Georgia, que é o mais novo de todos os estados, data de 1607 a 1733, isto é, principiou em differentes epochas dentro das duas eras referidas, e por consequencia só poderemos considerar organisada a colonia britannica no ultimo anno mencionado.

Os golpes mortaes que o feudalismo recebêra de Luiz XI e do cardeal de Richelieu, deviam necessariamente concorrer para a liberdade do pensamento e maior tolerancia em materia de religião, cuja reforma havia com Luthero despontado na Allemanha no seculo XVI.

Da luta das idéas nasceu a guerra desapiedada e sem tréguas; e o exclusivismo intolerante dos vencedores, foi a causa motriz da emigração para o novo mundo.

Para isso concorreram, tanto os catholicos, que fugiam da reforma dos protestantes, como estes que não admit-

tiam a doutrina orthodoxa nem queriam assistir á luta, embora a dynastia dos Tudores tivesse adoptado o protestantismo como religião do estado.

As revoluções em Inglaterra, e a republica de Cromwell vieram juntar o seu poderoso influxo ao desejo de emigrar, que as discordias promovidas pelas doutrinas reformistas tinham feito desenvolver no espirito dos inglezes, já de si aventureiro, para se transportarem alem do atlantico.

Os proprios protestantes, estavam na Gran-Bretanha, divididos em dois campos—o dos defensores da Igreja e o dos puritanos. Os primeiros sustentavam o throno, as instituições e a religião do estado; os ultimos eram republicanos e, por todos os meios, tratavam de guerrear o poder monarchico.

D'estas dissensões religiosas, nasceram partidos politicos, e por via de regra o descontentamento, o desejo de abandonar o paiz, e de colonisar remotas e nascentes regiões.

A este estado de cousas ajuntava-se tambem a inactividade dos soldados inglezes, cujos serviços se tornavam pouco necessarios na epocha de que tratâmos.

A classe dos homens sem riquezas ou dos que, pela prodigalidade, as haviam perdido, era então numerosa na Gran-Bretanha.

James VI da Escocia, subindo ao throno de Inglaterra com a denominação de James I, tinha unido as duas corôas; mas de similhante advento não lhe resultára a força e a energia de que o seu caracter tanto necessitava.

Pelo contrario, áquelle monarcha, não havia cessado de mostrar a maior fraqueza, querendo a todo o transe manter a paz com os demais paizes, e evitar no interior todo o motivo de discordia.

O ensejo não podia ser melhor para afastar do reino unido todos os aventureiros e descontentes.

Facil foi conceder um diploma de colonisação á primeira empreza que o solicitou em 1606, tres annos depois da ascensão de James I ao throno de Inglaterra. Chamava-se ella «companhia de Plymouth» e era composta dos seguintes principaes membros: Thomas Hanham, sir John e Raleigh Gilbert (filhos de sir Humphrey Gilbert), William Parker, George Popham, sir John Popham e sir Fernand Gorges.

O territorio a que os inglezes se julgavam com direito na America do Norte, comprehendia toda a extensão desde Cape-Fear (Cabo do medo) na Carolina do norte, até Halifax na Nova Scotia, sem limites estabelecidos para o interior do paiz.

Dividia-se em dois districtos: chamava-se o primeiro Virginia do Norte e estendia-se desde as proximidades de New York, correndo para o norte até ás actuaes fronteiras do Canadá, incluindo toda a região que mais tarde se ficou denominando Nova Inglaterra.

Á companhia de Plymouth cedeu a Gran-Bretanha o districto mencionado.

O outro compunha-se dos terrenos desde a entrada do rio Potomac ao sul do paiz, até Cape Fear, e ficou denominando-se Virginia do Sul. Foi cedido á «companhia de Londres», organisada entre os habitantes d'aquella capital, cujos principaes nomes a historia registrou, e são os seguintes: Sir Thomas Gates, sir George Somers, Richard Hakluyt (historiador) e Edward Maria Wingfield, que mais tarde foi o primeiro governador da Virginia.

A carta patente, ou constituição que o rei de Inglaterra outorgou ás duas referidas companhias, deixava todos os privilegios á metropole, e impunha serios deveres aos colonos, os quaes, se por um lado deviam pagar a quinta parte do producto liquido das minas que explorassem. por outro não tinham o direito de nomeação

para os empregos publicos, nem podiam exercer funcção alguma executiva ou legislativa.

Estes poderes residiam em um conselho de sete membros nomeado pelo rei, sujeito a outro conselho supremo existente em Inglaterra, que exercia uma geral superintendencia sobre o governo das colonias, debaixo da jurisdicção do monarcha.

A companhia de Plymouth não foi bem succedida e todos os seus esforços falharam. A de Londres enviou, em dezembro de 1606, tres navios com uns cem emigrantes commandados pelo capitão Christovão Newport, para o fim de colonisar a ilha de Roanoke nas *sounds* de Pamlico e Albemarle.

A expedição, anteriormente referida de Bartholomeu Gosnold, não tinha os elementos proprios para realisar o fim a que se destinava. Levava poucos agricultores e operarios, e superabundava em ociosos e dissolutos.

O capitão Newport só chegou ás costas da America em abril do anno seguinte, 1607; mas em vez de se dirigir ao porto do seu destino, foi forçado, por um temporal, a entrar na bahia de Chesapeake, onde encontrou seguro ancoradouro. Em honra dos filhos de James I, os dois cabos, na entrada da referida bahia, foram denominados Carlos e Henrique.

O rio ficou chamando-se James em homenagem ao monarcha de Inglaterra, e o local que escolheram para capital, umas cincoenta milhas no interior, teve o nome de Jamestown.

John Smith, o mais habil de todos quantos compunham a expedição, e de quem já fallámos, havia sido preso pelos seus companheiros na falsa suposição, produzida por mesquinhas invejas, de que pretendia assassinar o conselho, usurpar o governo, e fazer-se proclamar rei.

Todavia, na carta de prego que encerrava a nomeação do conselho, encontrou-se o nome de Smith, e a accusa-

ção ficou de nenhum effeito, porque infundada era a base em que assentava.

John Smith tomou pois assento no conselho; e Edward Maria Wingfield foi escolhido para presidente.

Christovão Newport e John Smith, acompanhados de alguns emigrantes, subiram o rio, que, como já fica dito, tinha recebido o nome de James, até ao local onde hoje existem as cascatas de Richmond, e visitaram o imperador Powhatan, chefe de umas vinte tribus confederadas, incluindo os Accohannocks e Accomacs nas praias occidentaes da bahia Chesapeake.

Powhatan, ou chefe *sachem*, era considerado amigo dos inglezes, e, emquanto existiu, os europeus não foram hostilisados; mas em 1622 e 1644, depois da sua morte, as tribus confederadas tentaram exterminar os inglezes. Foram subjugadas no ultimo dos annos referidos, e desde aquella epocha começaram a diminuir por tal modo em numero de indigenas que não se acredita que hoje exista um só representante d'ellas: o seu dialecto perdeu-se totalmente com o decorrer dos tempos.

Powhatan era um homem de habilidade e impunha o maior respeito ás tribus que o reconheciam como chefe.

Os inglezes voltaram a Jamestown completamente satisfeitos do bom acolhimento; e tornando-se necessario obter mais provisões como animar a emigração, Newport partiu com esse fim para Inglaterra em junho de 1607.

Mas se Powhatan se sentia inclinado a estimar os europeus, nem todos os indigenas assim pensavam, e os colonos presentiam as hostilidades que os estavam esperando. Alem d'isso as provisões iam escasseando e as febres dos pantanos haviam reduzido a metade o numero dos emigrantes.

Gosnold tinha sido uma das victimas: e o presidente do conselho, Wingfield, não tendo bastante coragem para esperar a morte, dispunha-se a fugir para as Indias

Orientaes quando a colonia o depoz do logar e se voltou para Smith, a quem conferiu todos os poderes.

Ratchiffe, que havia sido por pouco tempo o successor de Wingfield, não se mostrou á altura do encargo, e fez com que Smith fosse escolhido definitivamente.

A ordem foi restabelecida, os indios foram compellidos a fornecer provisões, e já não faltava a caça nem os cereaes, quando, com a approximação do inverno, Smith se decidiu a fazer uma viagem de exploração nos territorios circumvizinhos.

Desde aquelle momento, começaram para elle os episodios romanticos, que se entrelaçam na historia dos Estados Unidos.

Smith tinha, em companhia de dois colonos, subido o rio Chickahomminy para se entranhar nas vastas florestas: ali os seus companheiros foram assassinados, e elle capturado pelos indigenas.

Depois d'estes o haverem mostrado em algumas das suas aldeias, levaram-n'o á presença de Opechancanough, irmão mais velho do chefe Powhatan, que, julgando Smith um ente superior, não attentou contra a sua vida, e fel-o conduzir a Weroworomoco, no rio de York, hoje no condado de Gloucester, Virginia, onde se achava o imperador seu irmão.

Ahi, tendo sido convocado um conselho dos chefes mais elevados, foi Smith condemnado á morte.

Já as maças dos indios se achavam suspensas sobre a cabeça do infeliz, quando Pocahontas, uma creança de doze annos de idade, filha favorita do imperador, correu junto de seu pae, e lançando-se sobre o captivo, solicitou que lhe poupassem a vida.

Powhatan annuiu, e Smith foi conduzido para Jamestown por uma guarda de indigenas, e ali posto em liberdade.

Tinha estado ausente cerca de trinta e cinco dias e o

seu captiveiro serviu-lhe de muito, porque durante elle adquiriu bastante conhecimento do caracter dos indios, dos recursos do paiz, e obteve a benevolencia de alguns chefes com os quaes contrahiu boa amizade.

Infelizmente, pela capacidade moral de John Smith, não se podia medir a dos seus subordinados.

Quando elle voltou a Jamestown tudo ali era desordem : dos colonos só restavam vivos uns quarenta, e grande parte d'estes mesmos, preparava-se para fugir em pequenos barcos, com destino ás Indias orientaes.

Nos principios de 1608 chegou Christovão Newport com cento e vinte colonos e provisões.

Os novos emigrantes não eram melhores do que os anteriores: na maior parte ociosos e aventureiros, não sabiam nem queriam dedicar-se ao cultivo das terras. Uma unica ambição os dominava — a sêde do oiro. Como alguns ourives faziam parte da nova expedição, Newport empregou-os em explorar varios terrenos onde suppunha haver minas de oiro, e, carregando o seu navio de productos de nenhum valor, fez-se de véla para Inglaterra na convicção de que possuia consideraveis riquezas.

John Smith, porém, melhor avisado, não abandonava a empreza da exploração. Com prudentes conselhos tentou convencer os aventureiros que estavam sob as suas ordens, da necessidade de se dedicarem á agricultura, unico meio de colonisar e engrandecer o solo; mas as sabias advertencias de que usou foram infructiferas, collocando-o na dura situação de deixar os emigrantes entregues aos seus proprios erros, e de continuar na exploração do paiz para não perder a sua natural actividade.

Cheio de desgostos, saiu de Jamestown e subiu o rio Potomac até ás cascatas onde mais tarde se edificou a cidade de Washington.

Percorrendo os territorios, que foram depois a origem da cidade de Baltimore, subiu o rio Susquehannah até o formoso valle de Wyoming, penetrando nos dominios da tribu conhecida pela denominação de «Cinco nações», e estabeleceu relações de amisade com os indigenas.

No decurso de tres mezes percorreu alguns centos de leguas e levantou um mappa, que ainda hoje é admirado nos archivos da Gran-Bretanha, porque d'elle se extrahiram importantes elementos para a historia primitiva do novo mundo.

Em remuneração de seus serviços, John Smith, quando voltou da excursão, foi feito presidente da colonia.

Por esta epocha, setembro de 1608, Christovão Newport chegava da Europa, conduzindo mais setenta emigrantes, dos quaes o novo presidente pôde (aindaque em mui pequena escala) tirar algum proveito para a agricultura. Comtudo, no fim de dois annos, e quando a colonia já contava uns duzentos homens, apenas quarenta *acres* [1] de terreno se achavam cultivados.

Os productos do solo não eram sufficientes para alimentar todos os europeus, que se viam obrigados a soccorrer-se da industria dos indigenas. Por isso, a companhia de Londres, vendo quão pequenos resultados alcançava no fim de tanto tempo, solicitou e obteve uma nova provisão, de 2 de junho de 1609, conferindo-lhe mais privilegios, por fórma que o districto da Virginia do sul foi augmentado e o supremo conselho investido no direito de preencher, por nomeações da sua escolha, as vacaturas que occorressem no seu gremio, podendo tambem nomear governadores com poderes quasi descricionarios.

A vida e a propriedade dos colonos ficaram, por aquella provisão, á disposição do supremo conselho, do mesmo modo que uma parte dos seus lucros e interesses.

Pela referida provisão foi dada a nomeação de governador da Virginia, por toda a vida, a lord de la Warr, do qual mais tarde, em reconhecimento dos seus servi-

[1] Medida agraria ingleza que contém 400^{m},470 quadrados, ou 40 ares e 47 centiares.

ços, tomaram o nome o rio e o estado da União «Delaware».

Christovão Newport, acompanhado de Sir George Somers, Sir Thomas Gates, e do vice-governador, tornou a saír em junho de 1609, de Inglaterra para a America, commandando nove navios com mais de quinhentos emigrantes e uma grande quantidade de animaes domesticos, taes como cavallos, porcos, carneiros, cabras, gallinhas, etc.

Os commissarios, que acompanhavam Newport deviam governar interinamente a colonia até á chegada de Delaware, mas um forte temporal dispersou a pequena frota, por modo que o navio que conduzia aquelles funccionarios naufragou nas ilhas Bermudas. Sete embarcações conseguiram entrar o rio James a salvamento.

Uma grande parte dos novos emigrantes compunha-se de criminosos, que julgavam assim escapar á punição que os esperava no paiz natal.

Começaram, pois, commettendo toda a qualidade de malvadez, julgando que, na ausencia do governador e do seu immediato ou secretario, a colonia estaria á mercê dos seus caprichos e maus instinctos.

Ainda mais uma vez Smith, na qualidade de presidente, pôde conter as demasias dos colonos, até que no outomno seguinte, um accidente que o ia matando, compelliu-o a saír para Inglaterra, deixando a sua auctoridade entregue a George Percy, irmão do duque de Northumberland.

Assim que os colonos se sentiram livres do jugo do homem que mais respeitavam, o freio que os continha quebrou-se, e entregaram-se a toda a qualidade de excesso, consumindo em pouco tempo os depositos de provisões, que os indios não quizeram mais renovar depois da partida de Smith, de quem eram verdadeiros affeiçoados.

O resultado não se fez esperar. Veiu brevemente a fome assignalar uma terrivel epocha no inverno de 1610. Os emigrantes que, em busca de alimento, entravam nas fronteiras dos indigenas, eram assassinados. E por ultimo, teriam todos sido victimas de uma carnificina geral, se Pocahontas (a creança que já havia salvado Smith), em uma noite tempestuosa, não tivesse ido a Jamestown denunciar a conspiração, pondo, com o seu aviso, a colonia ao abrigo de uma surpreza.

As consequencias da vida dissoluta, á qual os colonos se haviam entregado, manifestavam-se por uma maneira horrivel. A morte, por golpes repetidos, fulminava a colonia que, composta de quinhentas pessoas tinha sido reduzida a sessenta seis mezes depois da partida de Smith.

No entretanto os commissarios do governo, naufragados nas ilhas Bermudas, não podendo ali permanecer pela absoluta carencia de provisões, tinham construido um tosco e simples barco, em que se embarcaram e partiram para o continente americano, chegando á Virginia em junho de 1610.

Sir Thomas Gates, em presença dos horrores que encontrou, decidiu partir immediatamente para a Terranova e distribuir os emigrantes pelos navios inglezes que ali estavam occupando-se da pesca do bacalhau.

Foi pois abandonada a nascente povoação de Jamestown, e os emigrantes que ainda restavam partiram para Hampton-Roads. Inesperadamente, porém, na manhã seguinte chegava lord Delaware com provisões e mais colonos, e Jamestown, que na vespera havia sido entregue aos indios, voltava de novo á posse dos europeus.

Por algum tempo lord Delaware, que era honrado e prudente, administrou a colonia por modo que a fez prosperar; mas, sentindo-se doente, e faltando-lhe os recursos medicos resolveu partir para Inglaterra em mar-

ço de 1611, deixando o governo entregue a Percy, que já tinha administrado a colonia como successor de John Smith.

Veiu depois sir Thomas Dale com provisões e tomou conta do governo, impondo o regimen da lei marcial.

Lord Delaware, tendo-se restabelecido, saiu mais tarde de Inglaterra para a Virginia, a fim de retomar o seu posto, mas, accommettendo-o a morte durante a viagem, não chegou ao seu destino.

No outomno do mesmo anno voltou sir Thomas Gates com seis navios e trezentos colonos, mais morigerados do que era costume enviar para a America.

Sir Thomas Gates entrou nas funcções de governador, e sir Thomas Dale emprehendeu uma viagem de exploração, pelo rio James, com o fim de edificar novos estabelecimentos coloniaes nos sitios proximo dos terrenos onde hoje se acham edificadas as cidades de Richmond e de City-point.

A agricultura era exercida em commum por todos os colonos: os productos entravam em celleiros communs; e por esta fórma os ociosos e indolentes eram os que mais aproveitavam dos esforços e das canseiras dos companheiros activos e trabalhadores.

Bem depressa se conheceu que era preciso estabelecer differente systema, e foi deliberado que a cada homem se concedesse um certo espaço de terreno para o cultivar em seu proprio interesse; esta medida produziu magnificos resultados para corrigir os defeitos da exploração em commum.

Ao progresso da colonisação vieram juntar-se novos privilegios para a companhia de Londres, que em 22 de março de 1612 obtinha uma terceira provisão, pela qual era abolida a supremacia do monarcha nos actos administrativos da colonia, e extincto o conselho supremo, dando-se á companhia auctoridade para, na qualidade de

assembléa democratica, promulgar as leis e eleger os empregados respectivos.

Apesar da Virginia em 1613 contar já uns mil residentes inglezes, a metropole julgou prudente não conferir aos colonos os direitos politicos, de sorte que não tinham elles voto de qualidade alguma, nem eram ouvidos na escolha dos homens que compunham o seu governo.

Em abril de 1613, deu-se um acontecimento, que muito influiu na paz e amisade entre indigenas e colonos.

Desde a partida de John Smith que Powhatan não tinha deixado de estar em mais ou menos hostilidades com os europeus. Sua filha, Pocahontas, ía frequentes vezes a Jamestown para offerecer varios presentes aos inglezes, de quem a joven indiana se havia tornado muito affeiçoada. O capitão Argall, pirata e commandante de outros de igual profissão, com o pretexto de obter certas concessões do chefe indio, raptou-lhe Pocahontas, conduzindo-a a bordo do seu navio para a colonia, onde havia um joven inglez do nome de John Rolfe, procedente de uma familia respeitavel. Pocahontas inspirou-lhe a principio todo o interesse, a ponto que elle a foi instruindo na civilisação e nos preceitos da religião christã.

A indigena, que, por um d'estes phenomenos do coração humano, havia sido sempre protectora dos colonos, aprendeu com intelligencia as maximas salutares do seu preceptor, e entregou-lhe o coração, que Rolfe já ambicionava.

Powhatan não tinha querido acceder ás exigencias do capitão Argall, quando lhe pedira o valor do resgate de sua filha, mas gostoso consentiu em dal-a como esposa ao joven inglez.

Pocahontas recebeu as aguas do baptismo e, na pobre e pequena igreja da colonia, foi ligada aos destinos de Rolfe.

O chefe indio, cujos ardentes desejos eram os de ex-

terminar todos os colonos, ficou desde então seu fiel alliado.

Pocahontas foi esposa virtuosa e mãe dedicada.

Pretendem que algumas das principaes familias da Virginia, descendem da alliança do joven colono e da princeza indiana.

Depois dos acontecimentos que acabâmos de narrar, os estabelecimentos coloniaes começaram a desenvolver-se regularmente, aindaque lhes faltava o permanente bem estar da familia, porque os emigrantes viviam na esperança de adquirir riqueza e de voltar ao paiz natal, onde os esperava a sociedade de seus parentes e amigos.

Sir Thomas Gates voltou a Inglaterra em março de 1614, deixando o governo entregue a sir Thomas Dale, que por espaço de dois annos administrou a colonia com intelligencia, entregando-a, na occasião da sua partida, a George Yeadley, vice-governador.

A cultura do tabaco tomou então grande desenvolvimento, tornando-se o principal artigo de industria, e servindo mesmo aquelle producto de moeda corrente nas transacções da colonia.

É sabido que esta planta, oriunda da America, onde os indios faziam uso d'ella no tempo da descoberta, foi introduzida na Europa em 1518 por Cortez, que enviou algumas sementes de tabaco ao imperador Carlos V. Diz-se que foi na ilha de Tabago, no golfo do Mexico, onde, pela primeira vez, os hespanhoes tiveram conhecimento da planta, cujo uso mais tarde se tornou universal.

Nem os editos de James I, em 1604, prohibindo o uso do tabaco em Inglaterra; nem a excommunhão do papa Urbano VIII, no anno de 1624, contra os padres que tomavam rapé durante os officios divinos; nem mesmo a prohibição de Amurat IV, impondo no imperio ottomano a pena de mutilação do nariz e dos beiços aos que fizessem uso do tabaco, pôde influir no geral desenvolvi-

mento do consumo d'esta planta. A America faz d'ella um dos seus primeiros commercios, e os Estados Unidos cultivam-n'a desde a epocha a que nos referimos no presente capitulo.

Hoje os Estados do Sul, e com especialidade a Virginia, Maryland, e o Kentucky, fornecem e dão nome a varias qualidades de tabaco quė se consomem quasi universalmente.

Em 1617, o capitão Argall—o mesmo que enlevára Pocahontas—havia sido eleito vice-governador; mas o seu mau caracter tornou-o aborrecido do povo.

Coube depois a vez a George Yeardley de ser nomeado governador em 1619, e desde esse anno data, por assim dizer, a autonomia da Virginia.

A lei marcial, e o serviço feudal a que os residentes eram obrigados á entidade colonia, foram abolidos.

O estabelecimento colonial ficou dividido em onze circulos eleitoraes, devendo cada um d'elles eleger dois cidadãos (burgesses), representantes, que tinham o direito de discutir todas as leis concernentes á colonia. Entretanto taes leis não podiam ser executadas sem a previa sancção da companhia residente em Inglaterra.

Esta medida, ainda distante do *self-government*, foi devida a George Yeardley que, presentindo no povo, confiado á sua auctoridade, evidentes desejos de liberdade, julgou que era chegada a occasião de crear uma especie de parlamento ou assembléa popular, onde os negocios da colonia podessem ser apresentados e discutidos, embora a execução das leis ficasse dependente da suprema jurisdicção da companhia, cujo direito de veto estava inherente á sua constituição.

Foi em Jamestown, e no dia 28 de junho de 1619, que pela primeira vez se convocou uma assembléa popular no hemispherio descoberto por Christovão Colombo.

A Virginia, berço da futura nação, organisava-se, e os

seus habitantes já não eram os levianos aventureiros prestes a voltar á metropole com os bolsos cheios de oiro. A pouco e pouco vieram chegando jovens inglezas destinadas a partilharem o destino dos colonos, tornando-se suas esposas.

No espaço de dois annos cento e cincoenta d'aquellas jovens, que reuniam á formosura a honestidade, tinham chegado á Virginia.

Sentiu-se então a necessidade do bem-estar que só póde provir da familia

Como consequencia, augmentaram as edificações urbanas e tomou maior desenvolvimento a agricultura.

Chegados á epocha em que uma parte do sul do paiz entrou definitivamente na vida colonial, depois de vencer os obstaculos e contrariedades que temos narrado, é forçoso agora retrocedermos alguns annos, e voltar a uma epocha anterior, para descrever o que se passava em outros pontos da futura nação.

Seguindo a ordem chronologica, do que se póde chamar nascimento dos estados, vamos tratar da importante parte que coube á Hollanda na colonisação de New York.

As descobertas de Henry Hudson tinham despertado o genio aventureiro dos hollandezes, não obstante todas as precauções tomadas pela Inglaterra, que não via sem ciume a concorrencia de outras nações ao commercio e colonisação do continente septemtrional da America.

Á companhia hollandeza das Indias orientaes não escapou a opportunidade de traficar, nas regiões que Hudson havia descoberto em nome dos Estados geraes da Hollanda; e em 1610 alguns ricos negociantes de Amsterdam, ao mesmo tempo directores da referida companhia, fizeram expedir da ilha de Texel um navio carregado de differentes mercadorias com o fim de commerciar, principalmente em pelles, com os indigenas norte-americanos, nas margens do mesmo rio que Hudson acabava de descobrir, e que ainda hoje conserva o seu nome em substituição do de Mauritius, que lhe fôra dado em honra do principe Mauricio de Nassau.

Adrian Block, o maritimo que primeiro passou o estreito de «Hell-gate» (Portas do inferno) no «East-river», fazia parte da expedição hollandeza, e foi elle quem, no outomno de 1613, fundou as primeiras toscas choupanas no sitio de Bowling-green, na parte mais inferior da cidade de New York, lançando assim os primitivos fundamentos da grande metropole commercial do novo mundo.

Tendo-se queimado accidentalmente o navio de Adrian Block, quando este com seus companheiros edificavam as referidas habitações, foram obrigados a construir uma

nova embarcação da madeira que então se encontrava na ilha de Manhattan, conforme n'aquelles tempos se denominava o solo onde hoje existe New York.

N'este navio se embarcaram, e na primavera de 1614 seguiram pela costa de Nahant.

O commercio da Hollanda começou a desenvolver-se com a navegação do rio Hudson até umas sessenta leguas pelo interior do paiz.

Os indigenas comprehenderam a conveniencia da permutação de seus productos por outros que até então nunca haviam visto, e não foram por isso hostis á edificação de um forte e de um armazem nas proximidades de Albany, onde nove annos depois se construiu uma outra fortaleza, que foi denominada Orange.

O primeiro forte tinha recebido o nome de Nassau.

A uma companhia de negociantes de Amsterdam havia sido concedida uma provisão, em 1614, garantindo o monopolio do commercio no novo mundo, pelo espaço de tres annos, desde Cape May (Cabo de Maio) até Nova Scotia.

Os inglezes não perturbaram os seus concorrentes, e a região occupada pelos hollandezes tomou o nome de Nova Amsterdam.

Vendo a companhia, que o commercio progredia com feliz resultado, tratou de renovar a provisão que lhe concedia o monopolio: não o pôde conseguir, e em 1621 os estados geraes da Hollanda deram á companhia das Indias orientaes todos os poderes para colonisar a America, desde Cabo Horn até á Terra Nova, e em Africa a zona ao Cabo de Boa Esperança.

Foi só em 1623 que a companhia pôde começar, com actividade, as suas operações, dedicando-se com preferencia ás regiões do rio Hudson onde já havia fluctuado a bandeira hollandeza.

Como os inglezes já tinham construido algumas caba-

nas nas margens da bahia de Massachusetts, a companhia tratou de estabelecer uma colonia permanente para legalisar a occupação do territorio.

Na primavera de 1623 chegaram á America umas trinta familias, pela maior parte compostas de protestantes francezes que tinham fugido de França para Hollanda. Foram estabelecer-se oito em Albany, hoje capital do Estado de New York, e as outras atravessaram o rio que separa New York de Brooklyn (East river) e ficaram residindo nos terrenos em que actualmente existe a parte oriental da referida cidade de Brooklyn.

Assim se lançaram os primeiros fundamentos da colonia hollandeza, da qual surgiu a imponente e grandiosa cidade de New York, cuja riqueza rivalisa com as mais antigas cidades do velho mundo.

Mais tarde, aquelle territorio foi erigido em provincia e obteve a distincção de condado, como era uso praticar-se.

A Nova Amsterdam, nome com que então se denominou a grande séde commercial das duas Americas, caíu em poder dos inglezes no anno de 1664, tomando n'essa occasião o nome de York em homenagem ao duque d'este titulo, que depois foi James II de Inglaterra.

Em 1673 voltou á posse dos hollandezes; mas no anno seguinte os inglezes tornaram a apossar-se da cidade, que só abandonaram em 1783 depois de proclamada a independencia.

A colonisação dos terrenos onde hoje florece o grupo dos estados conhecidos pela denominação de Nova Inglaterra, foi a que se seguiu (se é que não a antecedeu, como alguns historiadores pretendem) á que no ultimo capitulo se refere ao estado de New York.

Se nos remontarmos ás tentativas feitas pela companhia Plymouth, já descriptas, veremos que em 1607 se havia tratado de colonisar a região da Nova Inglaterra; os primeiros estabelecimentos, porém, só mais tarde foram fundados, e a sua origem data da exploração do capitão John Smith no anno de 1614.

Pouco tempo depois da companhia de Plymouth ter obtido a sua provisão, o norte da Virginia devia ser explorado por um navio enviado pela mesma corporação, o qual não chegou ao porto do seu destino por haver sido capturado por um cruzador hespanhol. Não tardou muito que outro navio, commandado por Martin Pring, se lhe seguisse, e chegasse á America, verificando que as narrações da belleza e fertilidade do solo da Nova Inglaterra, que Gosnold e outros tanto tinham apregoado, eram perfeitamente exactas.

A tentativa de 1607 abortou completamente. Foi George Popham, que fazia parte da companhia de Plymouth, quem se dedicou áquella empreza, conduzindo para a America cerca de cem emigrantes.

Desembarcando-os na entrada do rio Sagadahoc ou Keunebeck (no Estado do Maine) edificaram algumas cabanas, das quaes só uns quarenta e cinco colonos se

utilisaram, porque o resto voltou no mesmo navio para Inglaterra.

Estes mesmos não foram muito felizes: o rigor do inverno, um incendio que consumiu os armazens, os gelos bloqueando-os de perto e o fallecimento do seu chefe, tudo concorreu para que os pobres aventureiros perdessem a força moral, e se vissem obrigados a voltar a Inglaterra no anno de 1608.

O commercio com as tribus indianas não afrouxou apesar d'isso, mas a idéa de colonisar foi abandonada por alguns annos.

Só em 1614, como fica dito, é que o capitão John Smith explorou as costas e o interior do paiz, ao qual deu o nome de Nova Inglaterra.

Apenas acompanhado de oito homens, Smith percorreu toda a região alem do Cabo Cod, levantou um mappa, tão exacto quanto o permittiam a sciencia da epocha e os poucos meios de que podia dispôr, e voltou á Europa perto de um anno depois de ausencia.

O nome de Nova Inglaterra, que o intelligente explorador havia dado ás regiões que visitára, foi confirmado e ainda hoje existe denominando um grupo dos estados da grande republica.

Vem a proposito narrar um facto, ou para melhor dizer um crime, occorrido durante a expedição de Smith, mas do qual a historia lhe não impoz a responsabilidade.

Hunt era o commandante de um dos navios da referida expedição, e sem o consentimento de seu superior, mas unicamente por impulso proprio, arrebatou vinte e sete selvagens com o seu chefe, do nome de Squanto, de quem mais tarde fallaremos.

Aquelles pobres filhos das florestas foram conduzidos para Hespanha, e vendidos, a maior parte, como escravos.

Alguns benevolos frades poderam evitar a venda de

Squanto, e de um limitado numero de seus infelizes companheiros, dando-lhes uma educação religiosa, para os tornar missionarios e proveitosos á propagação da fé nas regiões do novo mundo.

Em 1615 a companhia de Plymouth quiz empregar John Smith em maiores explorações para estabelecer uma colonia na America; mas o navio que conduzia a expedição foi tomado por um pirata francez e conduzido para França com toda a tripulação.

Smith pôde fugir para Inglaterra, onde, com o seu genio emprehendedor novamente despertou a pouca energia dos membros que constituiam a companhia de Plymouth, e de outros indivíduos, de cuja ambição nasceu a idéa de solicitarem do rei uma nova provisão que lhes desse maior poderío no continente americano.

Smith foi elevado á categoria de almirante, e o rei, depois de muitas hesitações, assignou, em 3 de novembro de 1620, a provisão que se lhe pedia, concedendo a exploração de todos os terrenos comprehendidos entre 40° e 48° latitude norte, isto é, cerca de um milhão de milhas quadradas.

Todas estas concessões foram feitas a quarenta dos mais poderosos e ricos habitantes do reino, que se encorporaram na companhia de Plymouth, debaixo da nova denominação de conselho de Plymouth.

É preciso confessar, que este vasto monopolio concedido a elementos heterogeneos, não podia produzir favoraveis resultados. Apesar da alta posição em que, pela maior parte, se achavam os membros do conselho de Plymouth, a expeculação era o seu principal motor, e difficil seria que taes individuos se podessem dedicar ao arduo trabalho de uma colonisação, que só mais tarde deveria dar proficuos interesses.

No mesmo anno a que nos referimos, 1620, uma colonia de morigerados habitantes, que, fugidos de Inglaterra

pela perseguição religiosa d'aquella epocha, haviam buscado refugio na Hollanda, foram para o novo mundo a fim de alí se dedicarem livremente ao culto da sua religião e aos suaves prazeres da familia.

De então data o estabelecimento dos puritanos na America do Norte.

O licencioso Henrique VIII de Inglaterra tinha rompido com a Igreja de Roma, porque o papa Julio III não consentirá em divorcial-o da rainha Catharina de Aragão, para elle poder desposar a formosa Anna Boleyn, que mais tarde fez decapitar por adultera.

A paixão criminosa do monarcha e a firmeza do papa, accenderam o facho da guerra religiosa.

Eduardo VI, seguindo a religião de seu pae, estabeleceu-a em principios mais liberaes, e fez com que se extremasse o campo entre lutheranos e calvinistas. Os primeiros, menos afastados do culto catholico romano, não admittiam a simplicidade da seita calvinista, cujos costumes, por irrisão, foram denominados puritanos.

Seguiu-se depois Maria I—Tudor—irmã de Eduardo VI, que restabeleceu a religião catholica e perseguiu por tal fórma os sectarios do protestantismo nos cadafalsos e nas fogueiras, que foi cognominada a «sanguinolenta».

Maria Tudor morreu em 1558 sem successão, cabendo o throno a sua irmã Elisabeth, filha de Henrique VIII e de Anna Boleyn. Bem depressa se restabeleceu de novo a religião protestante; mas todos os esforços para unir as magnificencias do culto com a simplicidade do evangelho, foram inuteis, e d'ahi resultou a luta contra os puritanos, que terminou pelo acto do parlamento em 1571, confirmando os trinta e nove artigos que fundaram a Igreja de Inglaterra.

Os puritanos soffreram ainda maior perseguição do que os proprios catholicos, e todas as suas esperanças

se voltaram para James I de Inglaterra e VI de Escossia; foram, porém, completamente illudidos.

O monarcha, reconhecido em 1603 rei da Gran-Bretanha, fez tudo quanto era possivel para conservar a união dos dois reinos; mas era completamente hostil a todos os que não fossem «conformistas».

Durante o primeiro anno do seu reinado, alguns centos de ministros do culto puritano foram presos ou exilados.

Por tres quartos de seculo durou a perseguição, terminando pela victoria da Igreja anglicana.

A emigração para Hollanda foi uma das consequencias naturaes de todos estes acontecimentos.

Ali, as narrativas dos viajantes e dos descobridores hollandezes na America do Norte, enthusiasmaram os sectarios da Igreja puritana, cuja vida austera atrahía o respeito e protecção geral.

Nunca se extinguíra o amor patrio nos corações dos pobres foragidos, e essa nobre qualidade mais os recommendava á estima de seus concidadãos.

Deliberaram pois enviar uma deputação a Inglaterra no anno de 1617, para que a companhia de Plymouth lhes désse a permissão de se poderem estabelecer ao norte da Virginia, e que o monarcha os deixasse ali, sem perseguição, exercer o livre culto da sua religião.

Por esse modo se tornaria de vantagem para a metropole a colonisação que elles promettiam emprehender, e mais longe da Europa, a heresia de sua seita não perturbaria a crença dos fieis, quer catholicos, quer anglicanos.

John Carver e Robert Cushman compunham a commissão enviada pelos puritanos, e sir Edward Sandys era o seu maior protector na Gran-Bretanha.

O capital para a expedição foi fornecido por alguns negociantes de Londres, que se associaram com os emi-

grantes debaixo de certas condições, em que os serviços de cada individuo representava o valor de dez libras esterlinas. No fim de sete annos todas as terras, edificações, ou quaesquer proventos da industria colonial, deveriam pertencer aos accionistas na proporção de seus respectivos capitaes. Por differentes circumstancias estas condições não foram levadas a effeito.

No verão de 1620 uma parte dos peregrinos (assim chamados os que então emigravam da Hollanda) embarcou-se de Delft-Haven para Inglaterra em dois pequenos navios, cujos nomes e tonelagem a historia conservou: eram o *May-flower*, de cento e oitenta toneladas, e o *Speedwell*, de sessenta.

A 5 de agosto do mesmo anno as duas referidas embarcações largaram de Southampton para a America; porém contrariados os navegantes pelo mau tempo, foram obrigados a arribar, e só a 6 de setembro é que a *Mayflower* pôde saír de Plymouth, conduzindo cento e uma pessoas das que tinham saído da Hollanda.

Os annaes d'aquella epocha conservam os nomes dos principaes peregrinos que se estabeleceram no estado de Massachusetts.

A veneração que inspirou aquelle laborioso e honrado povo, atravessou por tal modo as gerações, que na rotunda do capitolio em Washington se admira actualmente uma grandiosa e magnifica copia do quadro de Weir, representando o «embarque dos peregrinos».

Depois de sessenta e tres dias de uma tempestuosa passagem, a *May-flower* ancorou em Cabo Cod; e os colonos desembarcaram, tendo-se já previamente constituido em sociedade politica por meio de um commum accordo, ou acto constitucional, assignado pela parte viril da communidade. John Carver foi eleito governador.

Penosas e difficeis foram as explorações feitas pelos peregrinos nos desertos da Nova Inglaterra, antes que, em

dezembro do já referido anno de 1620, se estabelecessem perto da bahia de Massachusetts. O terreno estava completamente coberto de neve, mas nem por isso deixou de ser o berço da primeira povoação ingleza no novo mundo, á qual os seus fundadores deram o nome de Nova Plymouth.

Um dos mais ardentes collaboradores do estabelecimento colonial, foi Miles Standish, bravo militar que tinha servido no exercito neerlandez. Pertenceu-lhe o commando em chefe nas operações de guerra contra os indigenas, e pela sua actividade e bravura o cognominou a historia—heroe da Nova Inglaterra.—Seguiu depois a magistratura por bastantes annos, fallecendo em 1656, em Duxbury, no estado de Massachusetts.

As intemperies da estação e as privações que sobrevieram á nova colonia, produziram grande mortandade nas fileiras d'aquelles bravos emigrantes, e na primavera de 1621 quarenta e seis tinham fallecido.

Taes foram as doenças, que houve occasiões em que poucos eram os individuos válidos capazes de trabalhar ou de soccorrer os enfermos. Por um acaso da Providencia as tribus indigenas, molestadas por uma terrivel epidemia, não aggrediram os invasores, cuja exterminação lhes seria facil.

Chegou depois o verão e com elle tambem a saude e a coragem reanimou os restantes colonos. A caça e a pesca encheram os seus provisorios armazens; as choupanas tornaram-se mais commodas; e por fim novos emigrantes vieram partilhar os trabalhos e a gloria d'aquella colonia, cujo destino devia ser tão prospero e tão rico.

Os soffrimentos foram desapparecendo; a aridez do solo teve que ceder perante a força de vontade do futuro *yankee*; e das florestas virgens e dos desertos insalubres d'aquellas remotas regiões, brotaram as magnificas cidades que florescem no estado de Massachusetts.

Cabe agora tratar do modo por que se colonisou o New Hampshire, estado de pequena área comparativamente com a de outros, que na Europa podiam constituir extensos imperios.

Foi o capitão Smith, de quem já fallámos anteriormente, o primeiro europeu que em 1614 visitou as costas maritimas do New Hampshire, então habitado pelos indigenas *Abenaquis*.

Sir Ferdinand Gorges e John Mason (secretario do conselho de Plymouth) tinham obtido em 1622 uma concessão dos terrenos, comprehendidos entre os rios Merrimac e Kennebec e pelo interior das florestas até ao rio S. Lourenço, dando o nome de Laconia a toda esta região inculta e montanhosa na maior parte.

Uma colonia de pescadores estabeleceu-se ali no referido anno de 1622, e no seguinte, alguns outros procedentes de Londres, foram tambem procurar fortuna, firmando as suas residencias no local onde se fundou a cidade de Dover. Ainda assim, estas estações de simples pescadores não prosperaram nem serviram de base á povoação que mais tarde se desenvolveu.

Foi em 1629 que o reverendo Wheelwright comprou aos indios os desertos entre os rios Merrimac e Piscataqua, fundando a cidade de Exeter, que hoje floresce pelas suas fundições e estaleiros de construcção. N'este mesmo anno John Mason alcançou de sir Ferdinand Gorges, a propriedade exclusiva de uma parte dos terrenos

denominados Laconia, aos quaes deu o nome de New Hampshire, em consequencia de haver elle sido governador de Postsmouth, no condado de Hampshire, em Inglaterra. Edificando ali uma casa no anno de 1631, por igual motivo a sua residencia se ficou chamando Portsmouth, e d'ella surgiu a cidade que actualmente encerra uma laboriosa e crescente população.

Outros estabelecimentos coloniaes se pretenderam fundar junto do rio Pistacaqua e ao longo da costa que hoje pertence ao estado do Maine.

Onde, nos nossos dias, se admira a pittoresca cidade de Portland, organisou-se uma empreza agricola que se denominou Ligonia; mas os colonos que para ali foram não sympathisaram com o regimen adoptado, e, assumindo os seus livres direitos de constituição, declararam-se debaixo da jurisdicção da provincia de Massachusetts, no anno de 1652. Foi d'este territorio, que então se elevou á categoria de condado, com o nome de Yorkshire, que depois se formou o estado do Maine, do qual para diante nos occuparemos.

James VI, rei de Escossia, já em 1621 tinha concedido a sir William Alexander (mais tarde *earl of Stirling)*, todo o territorio ao occidente do estado do Maine, com a denominação de Nova Scotia ou New Scotland. A este mesmo territorio o florentino Verazzani, na viagem que ali fizera em 1524, havia dado o nome de Acadie, que parece ser o de que usavam os proprios indigenas.

Earl of Sterling nunca usou dos direitos que havia obtido, nem tão pouco os seus descendentes.

Em Pemaquid Point estabeleceu-se uma colonia, que por espaço de uns quarenta annos se conservou independente; e do mesmo modo algumas casas de commercio se fundaram até Machias, mas foram destruidas nas lutas com os francezes que disputavam o dominio do Canadá; regulando-se assim os limites da Acadie até o

local denominado Pemaquid Point, a meia distancia do rio Penobscot para o Kennebec.

Em 1641 os poucos e fracos estabelecimentos coloniaes de New Hampshire foram encorporados na florescente colonia de Massachusetts, e d'ella ficaram dependentes até 1680, quando por ordem de Charles II de Interra se tornou então em provincia real debaixo da jurisdição de um governador e de um conselho nomeados pelo monarcha, e de uma camara de representantes eleita pelo povo. É de então que data a autonomia do New Hampshire, que em 1792 se proclamou independente da metropole, aggregando-se ás demais provincias britannicas, que formaram a republica dos Estados Unidos da America.

A colonisação do Maryland data de 1634; foi devida á emigração dos catholicos romanos da Inglaterra e da Irlanda, fugidos á perseguição de James I, que se comprazia em aniquilar, se não podia converter pela força, todos os subditos que não pertenciam á sua religião. Charles I, continuando a obra de seu pae, quiz impor a nova liturgia estabelecida pelo arcebispo Land, e produziu tamanha irritação no povo, que foi essa a principal origem de todos os acontecimentos que em 1649 o levaram ao cadafalso.

Os puritanos, perseguidos, fugiam para a Hollanda, porém o seu numero não deixava de augmentar, nem a sua influencia afrouxava.

Os catholicos não tinham só que receiar a animosidade dos conformistas; os puritanos, fortes como se haviam tornado, ao passo que se defendiam dos anglicanos, atacavam tambem os papistas, que, por este modo duplamente aggredidos, volveram todas as suas aspirações para as livres e desertas regiões da America, onde as distancias e a occupação material de todas as communidades, eram uma salva-guarda á locubração dos espiritos ociosos e fanaticos.

George Calvert, membro do conselho privado, interessado na companhia de Londres, e ministro d'estado com James I, quando os peregrinos se prepararam a emigrar para a America, havia abraçado o catholicismo (1624), demittindo-se de todos os seus cargos. Tentou organisar um estabelecimento na Terra Nova, o que não

pòde levar a effeito por causa das invasões dos francezes.

O seu caracter leal e circumspecto nunca lhe alheou totalmente a estima e consideração do monarcha, permittindo-lhe conservar a protecção real com a liberdade de sua consciencia.

Os seus serviços e a nobreza de taes sentimentos, foram recompensados com um pariato em Irlanda, e com o titulo de lord Baltimore.

A provisão que obtivera de James I, em 1622, para fundar uma colonia de catholicos na Terra Nova, não tinha produzido resultado algum, pelas difficuldades já referidas, provenientes das invasões francezas. Alguns annos depois, em 1628, lançou as suas vistas para a Virginia, mas, encontrando ali a maior intolerancia entre os habitantes, dirigiu-as para as formosas regiões alem do rio Potomac.

Os terrenos estavam desoccupados, eram ferteis e relativamente amenos, e lord Baltimore, não duvidando de que ali acharia um abrigo para os seus correligionarios, solicitou uma concessão para fundar a sua colonia.

Pela dissolução da companhia de Londres, o territorio, n'aquella parte do paiz, havia devolvido á posse absoluta do monarcha, então Charles I, que foi prompto em acceder aos desejos de lord Baltimore.

Mas a morte veiu surprehender o nobre emprehendedor, e foi seu filho Cecil, segundo lord Baltimore, quem se utilisou do favor regio em 20 de junho de 1632.

Em homenagem á rainha Henriqueta Maria, irmã de Luiz XIII de França, que professava a religião catholica, a provincia ficou denominando-se Maryland (terra de Maria).

Passa como certo, que fôra o proprio primeiro lord Baltimore, quem escrevêra o acto de concessão dos terrenos no Maryland, que se estendiam ao longo de ambas

as margens da bahia de Chesapeake, desde 30º até 45º latitude norte.

A provisão de que tratâmos era a mais liberal que se havia concedido com respeito ao proprietario e colonos; concedia completa independencia entre a corôa e o governo da provincia, e ampla liberdade para todas as religiões christãs. O rei não tinha a faculdade de estabelecer impostos, nem as leis da metropole podiam ser executadas sem terem previamente obtido a sancção da maioria dos colonos livres ou de seus deputados.

Foi em dezembro de 1633, que os primeiros emigrantes, pela maior parte catholicos, saíram para a America, onde chegaram em março do anno seguinte.

Leonard Calvert, irmão de Cecil, segundo lord Baltimore, commandava esta partida e fôra investido do titulo de governador.

Subindo o rio Potomac até Mount Vernon, desceram a corrente até á foz, desembarcando n'um pequeno esteiro ou braço do rio Chesapeake: compraram aos indios a povoação Yoacomoro, á qual deram o nome de Saint Mary.

Para obter a benevolencia dos indigenas, Calvert fez-lhes varios presentes de vestuario, facas e instrumentos agricolas, e por tal modo os emigrantes captivaram a sua amisade, que as indianas lhes ensinaram a manipular o milho, até então desconhecido dos europeus, segundo alguns auctores, aindaque Bouillet no seu *Diccionario das sciencias, letras e artes* affirma que já d'elle havia conhecimento em França no tempo de Henrique II, cujo reinado começou em 1517.

Os colonos do Maryland pouco soffreram da intemperie das estações, em comparação com os outros colonisadores vizinhos.

Tiveram tambem a felicidade de chegar a tempo para cultivar o solo logo que desembarcaram, e o clima,

continuando então sem maior rigor, favoreceu-os nas seguintes estações.

Alem d'isso, os habitantes da Virginia forneciam aos recemchegados as carnes e outros productos de primeira necessidade, como igualmente os protegiam dos indigenas.

A 8 de março de 1635 foi convocada a primeira assembléa legislativa, sob a inspiração dos principios mais democraticos, porque todos os homens livres tinham o direito de votar.

Entretanto, conhecendo-se que o progressivo augmento dos colonos tornava aquelle systema impraticavel, em 1639 estabeleceu-se um governo representativo, tendo o povo o direito de nomear um numero indeterminado de delegados. A primeira assembléa tinha definido os direitos do povo e os dos proprietarios, tomando as necessarias providencias para assegurar aos colonos todas as liberdades de que gosavam os habitantes em Inglaterra.

Em 1631, tres annos antes do desembarque dos catholicos, um William Clayborne havia obtido do rei a permissão de commerciar com os indigenas. Deu isso logar a que se tivessem edificado, na região que depois se chamou Maryland, alguns estabelecimentos commerciaes, com certa antecipação á chegada dos colonos conduzidos por Calvert. De todos aquelles estabelecimentos a historia apenas nos dá noticia de dois; era um em Kent-Island, correspondendo do lado opposto a Annapolis, e o outro onde hoje existe a povoação de Havre de Grace, na foz do rio Susquehannah.

William Clayborne não quiz reconhecer a auctoridade de lord Baltimore, e, appellando para o povo, que elle dominava, reuniu uma força nas praias occidentaes do Maryland, seguindo-se em maio de 1635 um combate com os colonos catholicos. As forças de Clayborne foram feitas prisioneiras, e elle proprio teve que fugir para a

Virginia. Declarado criminoso de traição, e enviado para Inglaterra a fim de ser processado, os seus bens foram confiscadas pela auctoridade da colonia.

A metropole absolveu-o dos crimes que lhe eram imputados, e Clayborne, voltando á America, promoveu uma outra rebellião, destruindo então o governo constituido.

Felizmente este estado de cousas não durou muito; de novo o paiz passou á auctoridade legal, e a paz e prosperidade voltaram á pacifica e laboriosa colonia.

O Connecticut, de cuja colonisação vamos tratar, deriva a sua denominação da orthographia ingleza, na palavra indiana *Quon-eh-ta-cut*, que significa o *rio comprido*. Provém talvez este nome de haver sido explorado o mesmo rio em 1614, por Adrian Block, até o sitio onde mais tarde se edificou a cidade de Hartford. Deu-lhe elle o nome de *Fresh water river* (Rio de agua doce).

Pouco depois, alguns commerciantes hollandezes percorreram as suas margens para traficar com os indios, mas em vez de procederem com probidade, fizeram prisioneiro um chefe indigena para exigir o resgate de 140 braças de wampum[1], que foram satisfeitas.

Por este motivo os selvagens começaram logo a hostilisar os hollandezes, que se viram obrigados a edificar um forte perto de Hartford, que ainda hoje se denomina *Dutch point*. Os indios mais tarde reconciliaram-se com os europeus, e o forte foi a final abandonado.

Pelo anno de 1627 os hollandezes estabelecidos em Nova Amsterdam principiaram o commerciar com os colonos puritanos de Massachusetts. O fim real d'estas relações não era simplesmente o commercio, mas sim o firme proposito de lançar os primeiros fundamentos na colonisação do valle do Connecticut.

Peter Minuit, governador de Nova Amsterdam, preveniu os puritanos de que lhes convinha abandonar as ter-

[1] Especie de buzio que corre como moeda entre os indios.

ras incultas da bahia de Massachusetts e estabelecerem-se nos ferteis terrenos de *Fresh water river*.

Entretanto, em 1631, um chefe indio da tribu *Mohegan*, que vivia ao longo do rio Hudson, achando-se em guerra com um ramo da mesma tribu conhecido pelo nome de *Pequods*, e que habitava a parte oriental do Connecticut, entendeu que lhe convinha estabelecer uma poderosa barreira entre si e os seus inimigos. Por esse motivo aconselhou os colonos inglezes para que depressa se apoderassem do valle do Connecticut.

Os puritanos comprehenderam facilmente o que se pretendia fazer, e hesitaram em abandonar aquella região.

Por outro lado, no anno seguinte, 1632, Winslow, governador da colonia de Plymouth, visitando aquella parte do paiz, ficou enthusiasmado com a sua fertil apparencia e resolveu dirigir para ali toda a emigração que fosse possivel.

Mas já em 1630 o conselho de Plymouth tinha concedido o Connecticut a Earl de Warwich que, pela sua parte, um anno depois, havia transferido o seu direito a lord Say-and-Seal, lord Brooke, John Hampden e outros. Os limites d'este territorio eram, pelo occidente, o rio Narraganset, e ao oriente (como todas as provisões de então), o oceano Pacifico.

Os hollandezes aperceberam-se da idéa dos colonisadores inglezes, e, vendo que corriam o risco de tudo perder, compraram aos indios os terrenos nas proximidades de Hartford, e concluiram a fortaleza onde collocaram alguns canhões, na intenção de obstar a que os seus rivaes subissem o rio.

Passava-se isto em 1633; em outubro do mesmo anno chegava ao rio Connecticut uma partida de escolhidos colonos, debaixo do commando do capitão William Holmes, que havia recebido instrucções para organisar um

estabelecimento agricola. Os hollandezes tentaram aggredir os recemchegados na occasião em que navegavam pelo rio; elles porém avançaram sem receio e foram desembarcar no sitio de Windson, onde armaram uma casa que haviam trazido em peças separadas no mesmo navio que os conduzíra.

A colonia do capitão Holmes ía prosperando, e já tinha dois annos de existencia quando, no outomno de 1635 uns sessenta puritanos saidos do Massachusetts tentaram juntar-se-lhe. Viajavam elles com mulheres, crianças, e até com o gado que possuiam, caminhando vagarosamente, a ponto de serem surprehendidos pelo inverno na occasião em que chegavam ás margens do rio Connecticut, que já estava completamente gelado. Um pequeno navio, que os devia soccorrer de provisões, tinha naufragado, e o proprio gado que conduziam havia morrido, na maior parte; de sorte que se os indios fossem hostis, nenhum d'aquelles pobres aventureiros teria escapado. Muitos embarcaram para Boston, e os que — mais corajosos —, persistiram em ficar, foram soccorridos na seguinte primavera, e conseguiram edificar uma casa em Hartford.

N'esse anno, 1636, organisou-se, n'aquella nascente povoação, o primeiro governo e tribunal.

Um filho do governador Winthrop, chamado Hugh Peters, acompanhado de Henry Vane, e ambos na qualidade de commissarios enviados ao proprietario do Connecticut, tinham por aquella epocha chegado a Boston, vindos de Inglaterra, com instrucções de construir uma fortaleza na foz do rio, a fim de dar força aos colonos que ali se deviam estabelecer.

De facto o forte foi edificado, e ao estabelecimento colonial deram o nome de Saybrook, em homenagem aos dois lords a favor dos quaes a provisão se havia concedido.

Os hollandezes tentaram desalojar estes colonos, mas os seus esforços não obtiveram resultado algum.

Foi tambem em junho de 1636 que cerca de cem colonos, acompanhados do reverendo Thomas Hooker e de outros padres protestantes, saíram de Dorchester e de Watertown, nas vizinhanças de Boston, e se dirigiram para o valle do Connecticut.

Viajavam a pé e sustentavam-se do leite de seus rebanhos, que conduziam através das florestas, dos pantanas e dos desertos, tendo por guias uma bussola e a força de suas vontades.

Em junho chegaram ás margens do Connecticut, estabelecendo-se alguns em Hartford, outros em Wethersfield, e os restantes umas seis leguas mais longe, em Springfield.

Por este modo se achavam então fundados uns cinco estabelecimentos industriaes inglezes nas margens do rio Connecticut.

Não tardaram, porém, as hostilidades dos indios. A tribu *Pequod* não via com indifferença as relações dos brancos com as tribus suas inimigas dos *Mohegans* e dos *Narragansets*, e como preludio de ataques mais serios, foi roubando algumas creanças, matando os homens que eram encontrados sós nas florestas, e praticando outros actos criminosos. Os indios de Block-Island (ilha que está na extremidade oriental do Connecticut, e era então habitada por numerosos selvagens), alliaram-se á tribu *Pequod* e capturaram um navio mercante saído de Massachusetts, roubando e assassinando o capitão.

Primeiro a defeza, e mais tarde a aggressão dos colonos, não fez senão exesperar a tribu *Pequod*, que se alliou á dos *Narragansets* com o proposito de, ambas reunidas, exterminarem os europeus.

N'essa difficil conjunctura valeu de muito Roger Williams que, victima da intolerancia dos puritanos por ne-

gar o direito dos magistrados civis sobre as consciencias dos fieis, e por desconhecer a auctoridade do rei sobre os terrenos que pertenciam aos indigenas, tinha sido banido da colonia do Massachusetts, residindo no paiz da tribu dos *Narragansets.* Esqueceu-se das offensas que tinha recebido e tratou de impedir a alliança que se projectava.

Para isso desceu a bahia de Narraganset e foi visitar Miantonomoh, o Sachem (chefe) d'aquella tribu, que estava na sua residencia perto de Newport reunido em conselho com os embaixadores dos *Pequods.*

Williams foi ameaçado de morte, mas indifferente a todos os perigos, permaneceu ali por tres dias, conseguindo, não só evitar a alliança entre as duas tribus que desejavam congraçar-se para o exterminio dos colonos, como induzir os *Narragansets* a renovarem as hostilidades com os *Pequods.*

Comtudo, os ataques dos indios continuaram durante o seguinte inverno por tal fórma, que em maio de 1636 as auctoridades nos estabelecimentos coloniaes dos inglezes, julgaram dever declarar guerra á tribu dos *Pequods,* no que foram coadjuvadas pelas colonias do Massachusetts e de Plymouth.

O capitão Mason, commandante do forte de Saybrook, e o capitão John Underhill, não menos bravo do que o primeiro, saíram em pequenos barcos com uns oitenta europeus e setenta indios da tribu *Mohegan,* debaixo do commando de Uncas, que desde algum tempo estava revoltado contra o seu chefe Sassacus.

Seguiram para a bahia de Narraganset, onde o chefe Miantonomoh com duzentos combatentes se lhe juntou, marchando todos para o paiz habitado pelos *Pequods.*

O pequeno exercito confiado aos capitães Mason e Underhill compunha-se de uns quinhentos besteiros e lanceiros, ao passo que o inimigo era superior em numero,

e o seu chefe Sassacus inspirava o maior terror a todas as tribus da Nova Inglaterra, podendo contar com cerca de dois mil guerreiros.

No dia 5 de junho de 1637 a principal povoação e fortaleza situada no rio Mystic, perto de New London, foi surprehendida pelas forças alliadas dos indios e colonos. Mais de seiscentos homens, mulheres e creanças morreram victimas do fogo ou da espada.

A batalha tinha sido terrivel. O destino do Connecticut, e talvez de toda a Nova Inglaterra, dependia da coragem de um punhado de europeus.

Os indios *Pequods* tambem conheciam que do combate pendia a sua sorte.

Ao principio os colonos sentiram-se fatigados, e estava bem duvidosa a victoria, quando o capitão Mason se lançou no meio do forte, que era construido de materias combustiveis, e o incendiou, produzindo a maior confusão e terror nos indigenas.

Apenas sete escaparam do morticinio, e poderam levar a fatal noticia a outro forte guarnecido por indios da mesma tribu.

Ainda uns trezentos *Pequods* correram a defender os seus irmãos, mas foram repellidos valorosamente pelos alliados, que se retiraram para as suas embarcações, tanto mais que, tendo os *Narragansets* seguido para os seus dominios, os inglezes corriam bastante perigo.

O chefe Sassacus não estava ainda restabelecido da surpreza e da derrota que acabava de soffrer, quando uns cem colonos armados chegavam do Massachusetts sob o commando do capitão Stoughton. Os *Pequods* não fizeram resistencia; fugiram aterrados para as florestas, sempre perseguidos pelos inglezes, que os foram matando, e destruindo todas as plantações desde Saybrook até New Haven.

Acoçados nos pantanos de Sasco, perto de Fairfield,

onde se feriu uma batalha decisiva, todos se entregaram, menos Sassacus e alguns companheiros, que ainda poderam fugir para a tribu dos *Mohawks*. Ali o primeiro foi traiçoeiramente assassinado, e o resto do seu povo vendido e encorporado nas tribus dos *Mohegans* e dos *Narragansets*.

Aquella nação desappareceu no espaço de um dia, não ficando homem, mulher ou creança com o nome de *Pequod*.

Durante quarenta annos os colonos não foram incommodados pelos indigenas.

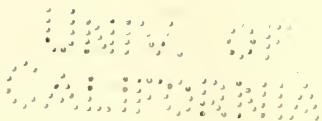
John Davenport, da religião não-conformista, Theophilus Eaton e Edward Hopkins, ambos ricos negociantes e representando uma poderosa companhia, chegaram a Boston no verão de 1637, sendo perfeitamente recebidos e solicitados para ali se estabelecerem. Receiando, porém, a discordia religiosa, que então tinha assumido um caracter mais serio, resolveram, por prudencia, ir fundar um estabelecimento colonial em paragens mais desertas.

Informados pelos puritanos da fertilidade do paiz ao longo da costa, desde o Connecticut até Fairfield, Theophilus Eaton com alguns companheiros foram explorar o litoral no outomno do mesmo anno, e levantaram uma cabana perto da angra de Quinipiac, onde hoje existe a cidade de New Haven, passando ali o inverno.

Sendo este ponto escolhido para o novo estabelecimento colonial, em abril de 1638 John Davenport, e outros que o queriam seguir, foram juntar-se aos primeiros. Compraram aos indios as terras de Quinipiac e fundaram um governo independente sob os estrictos preceitos da religião protestante, denominando a nascente povoação New Haven (novo céu).

A 24 de janeiro de 1639 os colonos de Windson, Hartford e Wethersfield reuniram-se no segundo dos sitios re-

feridos e adoptaram uma constituição fundada nos mais liberaes principios, dispondo que o governador e o corpo legislativo fossem annualmente eleitos pelo povo, a quem se prestaria juramento e não ao rei.

Só á assembléa representativa pertencia o direito de promulgar as leis, e no voto popular residia a soberania da colonia do Connecticut que, não obstante o que fica exposto, só se uniu á de New Haven em 1665, quando verdadeiramente se fundou a autonomia da provincia do Connecticut, que foi governada pela constituição de Hartford durante o espaço de mais de cento e cincoenta annos.

Devemos agora tratar da colonisação do Rhode-Island que, na ordem chronologica, é o setimo estado da União.

Pelos fins de 1635 Roger Williams, como fica dito no ultimo capitulo, havia sido expulso do Massachusetts. As suas idéas, talvez demasiado livres n'aquella epocha e para aquellas paragens, incommodavam os puritanos; temiam elles que a luz de tão viva intelligencia alumiasse o caminho da tolerancia religiosa, enfraquecendo a supremacia de uma seita que não tinha sabido tirar salutares exemplos da sua propria existencia tempestuosa na Inglaterra.

O retiro que Roger Williams havia buscado em Salem não lhes convinha; era muito proximo da igreja puritana, e elle, informado do risco que ali corria, retirou-se na maior força do inverno de 1636. Apesar da intensidade da neve e do frio, atravessou sósinho as florestas. Ao cabo de tres mezes e meio de soffrimento, encontrou hospitalidade na habitação de Massasoit, chefe da tribu dos *Wampanoags* em Mount Hope.

Permaneceu ali até á primavera, quando cinco companheiros chegados de Boston o determinaram a proseguir um pouco mais longe, para a plantação de Blackstone.

Assim mesmo Roger Williams estava ainda nos dominios da companhia de Plymouth, e foi por isso prevenido pelo governador Winslow, a fim de atravessar para o paiz dos *Narragansets*, onde não podia ser incommodado.

Acompanhado de seus amigos, embarcou-se em uma pequena canôa para a bahia de Narraganset, e na mar-

gem mais viçosa, junto de uma fonte, escolheram o sitio para o futuro estabelecimento colonial.

Póde ainda hoje admirar-se aquella mesma nascente debaixo de alguns sycomoros magnificos, na parte oeste de *Benefit street* na cidade de Providence.

Do *sachem* dos *Narragansets—Coconicus*—obteve Williams a concessão de alguns terrenos que denominou «Providence» em reconhecimento ao Todo-poderoso, de haver finalmente encontrado um abrigo a tantas perseguições que tinha soffrido.

O nome de «Providence» designa hoje uma pequena e linda cidade que floresce no pittoresco Estado de Rhode Island.

A liberdade de cultos que ali se gosava attrahiu muitos dos que a não podiam obter no Massachusetts.

O mesmo se observava com relação á politica; e a cada um era licito defender os seus principios, comtanto que se submettesse á vontade da maioria, no interesse commum.

Não havia privilegios nem para o proprio Roger Williams que, todavia, gosava da maior influencia para com o chefe da tribu dos *Narragansets*.

A colonisação prosperava, porque a tolerancia politica e religiosa eram um duplo attractivo para todos os homens que não queriam sacrificar as suas consciencias.

Não obstante o que fica exposto, o primeiro colonisador do Rhode Island foi William Blackstone, ministro do culto não reformado que residia na peninsula de Shawmut, onde hoje existe a cidade de Boston. Não lhe poderemos chamar o primeiro fundador da provincia, mas ninguem lhe póde disputar a prioridade da colonisação.

Retirando-se para os desertos do rio Pawtucket denominou aquelle logar Rehoboth, que no dialecto indigena significa espaço; demonstrando por esse modo que elle necessitava para a liberdade de sua consciencia maior

area do que lhe era concedida pela intolerancia dos puritanos.

Apesar d'isso, a verdadeira origem do nome do Estado, provém da ilha que está situada na bahia de Nagarranset, cujos solo e clima são magnificos; valendo-lhe ter por taes circumstancias a mesma denominação da ilha de «Rhodes» no Mediterraneo.

Voltando ainda a 1638 necessitâmos mencionar a emigração de William Coddington, John Clarke, Hutchinson e de mais dezeseis colonos que, fugindo á intolerancia dos puritanos e acceitando o convite de Roger Williams, foram estabelecer-se nos territorios que este ultimo havia escolhido para fundar um governo no qual fossem admittidos todos os credos politicos e religiosos.

N'esse tempo a ilha de Rhodes (Rhode Island) tinha o nome de Aquiday[1], e foi então que os colonos lh'o transformaram, depois de ali se estabelecerem pela cessão do chefe indio, Miantonomoh, mediante quarenta braças de *wampum*[2] branco, dez vestias e vinte calções.

No limite norte da ilha levantou-se o estabelecimento colonial de Portsmouth; um pacto assignado por todos os colonos, redigido conforme os preceitos do judaismo, ligou aquelle punhado de aventureiros em perfeita fraternidade. Coddington foi escolhido para juiz-director da colonia, tendo junto de si tres membros assistentes para o coadjuvarem.

De Boston continuou a emigração attrahida pela liberdade de Rhode Island; e em 1639, na parte mais baixa d'aquella região, fundou-se a amena cidade de Newport, que hoje é a residencia mais aprazivel dos Estados Unidos durante os ardentes calores do estio.

O moto *Amor vincit omnia,* com que os colonos en-

[1] Na tribu dos Narragansets significa ilha pacifica.

[2] Moeda dos indios, como já se disse.

tão adornaram o sêllo da provincia, symbolisa a primavera de suas collinas e o pittoresco das margens, onde a juventude americana, descuidosa dos negocios, se entrega ás inspirações do coração.

Por algum tempo as feitorias de Rhode Island e Providence possuiram independentes governos, postoque sempre estivessem unidas no que respeitava aos interesses e fins communs.

Os colonos, pouco desejosos de ficarem submettidos á direcção do Massachusetts, ou de Plymouth, ambicionavam a sua perfeita autonomia, e para isso Roger Williams foi a Inglaterra no anno de 1643: só depois de grandes difficuldades é que conseguiu do parlamento, a 24 de março de 1644, a permissão de poder encorporar os dois estabelecimentos coloniaes em uma unica provincia debaixo do titulo de «Plantações do Rhode Island e Providence».

A colonisação dos territorios onde hoje existe o estado do Delaware, foi quasi simultanea com a de New Jersey e Pennsylvania, de que nos occuparemos nos dois capitulos seguintes.

Desde 1623 que aquelle paiz havia sido explorado pelos hollandezes. Em 1627 os suecos fundaram ali um estabelecimento que denominaram Nova Suecia; mas os seus primeiros exploradores nunca cederam dos direitos que allegavam ter áquella pequena região. Por isso em abril de 1631 chegava ao Delaware um navio saído de Hollanda debaixo do commando de Peter Heyes, conduzindo trinta emigrantes com algum gado e instrumentos agricolas. Deixando-os perto do logar em que depois se fundou a povoação de Lewiston, Heyes voltou á Hollanda, a fim de informar do occorrido o navegador Martin Gerritson de Vries, que era interessado na colonisação que se projectava.

É preciso dizer que os hollandezes, prevalecendo-se dos limites assignalados ás suas colonias no novo mundo, haviam comprado aos indios os terrenos entre o cabo Henlopen e a foz do rio Delaware.

Por este modo firmavam elles assim, implicitamente, o seu titulo e encarregavam Vries de organisar a primeira expedição. a despeito da occupação sueca. O proprio navegador Vries transportou-se á America em 1632, mas apesar dos esforços que empregou, não pôde conseguir que a colonia prosperasse: as difficuldades com os indios tinham produzido horriveis vinganças do lado

dos ultimos, que a final conseguiram exterminar a melhor parte dos europeus.

Entretanto poderoso reforço moral devia favorecer os suecos.

Usselinex, um dos membros da companhia hollandeza das Indias occidentaes, tornando-se descontente dos seus consocios, transportou-se á Suecia e apresentou a Gustavo II, cognominado o grande, bem combinados planos para uma colonisação na America septentrional. O monarcha, cujo merito a historia registra em brilhantes paginas, dedicou a sua attenção para os projectos de Usselinex, na idéa de fundar uma colonia que servisse de refugio aos christãos perseguidos por motivo de religião.

N'aquella epocha, as guerras entre protestantes e catholicos, assolavam o norte da Europa; e a Allemanha era o theatro de grandes acontecimentos.

Ali, Gustavo II, ou Gustavo Adolpho, como tambem foi denominado, dava em 1632 uma importante batalha contra Wallenstein nos campos de Lutzen.

A victoria pertenceu aos suecos, que defendiam os principios da igreja reformada, mas o rei pagou-a bem cara, porque ali perdeu a vida.

Poucos dias antes de ser ferido mortalmente, o monarcha tinha recommendado a empreza colonial no novo mundo.

Succedeu-lhe no throno sua filha Christina, que apenas contava seis annos de idade.

Á frente da regencia de tres membros, que então se nomeou, estava Axel, conde de Oxenstierna que compartilhava as idéas do fallecido rei. Dois annos depois, em 1634, foi creada a companhia sueca das Indias occidentaes, e Peter Minuit que, por parte da Hollanda havia sido demittido do governo da Nova Amsterdam, apresentou-se em Stockholmo offerecendo os seus serviços á empreza que acabava de ser organisada.

Tendo sido acceite o offerecimento de Minuit, pelos fins de 1637 saiu elle com uns cincoenta emigrantes, desembarcando em abril seguinte no sitio de Newcastle em Delaware.

Os indios n'aquella região pertenciam á nação *Algonquin* ou *Lenni Lenapes* que frequentemente eram denominados Delawares, comprehendendo este nome duas poderosas tribus, a *Minsi* e a propria *Delaware*.

A primeira occupava o norte do New Jersey e uma parte da Pennsylvania, e a ultima habitava a parte baixa do New Jersey, as margens do rio Delaware abaixo de Trenton, e o valle de Schuylkill.

Foi aos indigenas do Delaware que Peter Minuit comprou o territorio entre o cabo Henlopen e as cascatas em Trenton.

A nova acquisição ficou denominando-se Nova Suecia; e á povoação que principiaram a fundar, edificando uma igreja e um forte, no sitio que é hoje Wilmington, deram-lhe o nome de Christina.

Os hollandezes não podiam ver com indifferença o estabelecimento dos suecos em terrenos a que elles se julgavam com direito. Protestaram a principio, depois ameaçaram de empregar a força; mas os vassallos da rainha Christina augmentavam em numero, e sobre a ilha de Tinicum, um pouco abaixo de Philadelphia, lançaram os primeiros alicerces da capital de uma provincia sueca.

A final, a companhia hollandeza das Indias occidentaes, resolveu expulsar os suecos, que a seu turno não se intimidaram, e aprestaram-se para sustentar os seus direitos e independencia.

No verão de 1655, quando já na Suecia reinava Carlos X, os suecos receberam na bahia de Delaware a desagradavel visita de uma esquadra de sete vasos commandada pelo governador Peter Stuyvesant.

A luta não se prolongou por muito tempo, porque em

setembro do mesmo anno a capital na ilha de Tinicum era destruida, e todos os fortes e estabelecimentos suecos ficavam submettidos aos hollandezes.

Comtudo os primeiros obtiveram uma honrosa e conveniente capitulação, e pelo espaço de vinte e cinco annos prosperaram debaixo da auctoridade da Hollanda e da Inglaterra.

Mais tarde, em 1664, os inglezes, expulsando do poder os hollandezes, ficaram unicos possuidores da provincia Delaware, que foi depois encorporada na Pennsylvania pela venda feita a William Penn em 1682.

Lord Delaware, governador da Virginia, tinha descoberto em 1610 a bahia que mais tarde, em testemunho de reconhecimento, recebeu o seu nome.

Hoje designa elle não só o rio como a provincia britannica que em 1776 entrou na categoria de estado para a grande federação americana.

O primeiro europeu que visitou as costas de New Jersey, de cuja colonisação nos vamos occupar n'este pequeno capitulo, foi Henry Hudson no começo do seculo XVII.

Os terrenos concedidos em 1614 a uma companhia de negociantes de Amsterdam, comprehendiam o New Jersey; mas só em 1622 se fundaram ali, por alguns dinamarquezes, os primeiros estabelecimentos coloniaes.

Em 1623 os hollandezes construiram um forte de madeira perto da foz da angra Timber, algumas milhas abaixo de Camden, ao qual deram o nome de Nassau.

Foi aquelle forte edificado pelo capitão Jacobus May com o fim de evitar que os francezes ali se estabelecessem; mas a guarnição que devia defendel-o, bem depressa se dispersou, e a pequena fortaleza ficou abandonada.

Em junho do anno referido, quatro familias chegadas de Amsterdam foram viver nas proximidades do mencionado forte; e ao sitio em que fundaram as suas provisorias habitações, se deu o nome de Gloucester, que é hoje o que designa todo o espaço que anteriormente abrangia a fortaleza e a povoação.

O nome de New Jersey não se remonta á primitiva. Em 1630 Michael Pauw tinha comprado aos indigenas os territorios que se comprehendem desde Hoboken até Raritan, assim como Staten Island[1]; e ao conjuncto de toda esta região deu elle o nome de Pavonia.

[1] Pittoresca ilha situada na bahia de New York, onde muitas familias passam hoje a estação do estio.

Nenhuma das colonias que ali tentou estabelecer-se conseguiu fixar-se com permanencia. As simples cabanas de alguns negociantes só foram edificadas mais tarde, isto é, depois de Peter Heyes ter fundado a colonia sueca em Lewiston no anno de 1631, e de haver atravessado o rio Delaware, comprando Cape May aos indios.

Foi entre este ultimo ponto e o sitio de Burlington que, pela maior parte, se estabeleceram os primitivos colonos.

Em 1664 os inglezes, tornando-se possuidores da Nova Amsterdam cederam-n'a ao duque de York, para cujo nome se mudou o titulo da provincia.

Foi n'aquella epocha que igual cedencia se fez, com o apoio do mesmo duque, a lord Berkeley e a sir George Carteret de toda a região comprehendida entre os rios norte e sul, isto é, entre os rios Hudson e Delaware, abrangendo para o norte até ao parallelo 41° 40′ sob geral denominação de New Cæsarea ou New Jersey. Prevaleceu, porém, o ultimo dos nomes referidos, porque elle, com mais clareza, significava homenagem prestada a sir George Carteret, que tinha defendido contra os parlamentarios a ilha da Mancha, denominada Jersey ou Cæsarea, mais conhecida todavia pela primeira das duas denominações.

Pouco depois de se haver concluido a referida cessão, algumas familias de Long Island, isto é, dos terrenos da ilha fronteira a New York, foram estabelecer-se em um ponto de New Jersey, a que deram o nome de Elisabethtown, para honrar assim o nome da mulher de sir George Carteret.

É de então que datam os primeiros fundamentos da colonia n'aquella parte do paiz.

No anno seguinte, 1665, Philip Carteret (irmão do proprietario), que tinha sido nomeado governador da nova

provincia, chegava com uma provisão formulada em disposições as mais justas e mais liberaes.

O governo devia compor-se de uma assembléa de representantes eleita pelo povo; e de um governador e um conselho para o coadjuvarem em todos os seus actos, que não podiam ultrapassar os que são inherentes ao poder executivo. A soberania nacional, e a faculdade de promulgar leis, residia unicamente nos membros da assembléa, isto é, nos eleitos do povo.

Por este modo se vê, que a autonomia de New Jersey data de 1665, e que a colonisação que a precedeu não foi das mais importantes, comparada com a de outras provincias onde se passaram serios acontecimentos, aos quaes a historia imparcial deu distincto logar.

A colonisação da Pennsylvania está ligada com a historia e introducção da seita dos «quakers» no continente americano.

Foi durante a guerra civil que assolou a Inglaterra, desde 1642 até 1651, que nasceu a seita dos «tremedores», nome que lhe deu o juiz Bennet, de Derby, quando fôra intimado por George Fox para «tremer á palavra do Senhor».

A George Fox, sapateiro de Leicester, é attribuida a fundação da seita em 1647; e são considerados seus principaes apostolos William Penn, Robert Barclay e Samuel Fisher.

Os «quakers» ou «tremedores» não admittem culto na religião, nem possuem hierarchia ecclesiastica. Todos podem ser inspirados pelo Espirito Santo, e para esse fim se reunem nos templos, que são grandes casas mobiladas com a maior simplicidade. A inspiração manifesta-se no fiel por um pequeno tremor, que vae augmentando gradualmente, até chamar a attenção dos demais confrades. Então o *inspirado* transmitte o que superiormente lhe é revelado, ao auditorio, que o attende em religioso silencio.

Os «quakers» não prestam juramento nem mesmo nos tribunaes; não reconhecem o dever de servir a patria como soldados, não admittem os espectaculos nem os jogos de sorte.

Vestem-se com a maior simplicidade e de cores cin-

zentas ou alvadias; tratam por tu toda a gente e não tiram o chapéu a pessoa alguma.

Distinguem-se comtudo os «quakers» pela philanthropia, probidade e pureza de seus costumes. Foram grandes adversarios do trafico da escravatura e concorreram para a sua extincção.

À parte as exterioridades dos «quakers», que os torna pelo menos excentricos, senão ridiculos, são um povo honrado, philanthropico e industrioso, cujos principios sociaes podiam regenerar uma sociedade.

Da simplicidade de seus habitos lhe veiu a guerra de todas as seitas, que o protestantismo havia levantado na Inglaterra.

Os que emigraram para a America foram perseguidos ali; na Nova Inglaterra pelos puritanos; na Nova Amsterdam pelos hollandezes; e na Virginia e no Maryland pelos defensores da Igreja anglicana. Apenas no Rhode Island podiam habitar, e assim mesmo, nem sempre estiveram em completa tranquillidade.

Se George Fox foi o fundador da seita, como parece fóra de toda a duvida, a William Penn pertence a gloria de a haver propagado nas florestas do novo mundo.

Em 1673 Fox transportou-se á America com o unico fim de visitar os seus correligionarios. Entre elles achava-se Penn, que motivos extraordinarios tinham obrigado a saír de Inglaterra.

Filho do almirante do mesmo nome, que havia feito importantes serviços aos Stuarts, incorreu na desgraça de seu pae por se ter tornado «quaker».

Expulso da casa paterna, preso, primeiramente na Irlanda, e mais tarde, duas vezes na torre de Londres, não renunciou nunca aos dictames da sua consciencia, mas, pelo contrario, tornou-se notavel escrevendo a favor da seita que havia abraçado.

Obtendo da corôa o pagamento de um avultado cre-

dito, recebeu em troca a soberania dos terrenos americanos situados ao oeste do rio Delaware.

Estava pois William Penn na America quando George Fox ali foi em 1673.

Os «quakers» eram um povo desprezado; não tinham poderosos protectores, e precisavam de um refugio onde podessem reunir todos os fieis e praticar livremente os actos da sua excentrica, mas singela e moral religião.

A influencia e poderío de Penn, facultou a compra a lord Berkeley, da parte occidental de New Jersey, onde no outomno de 1675 desembarcou a primeira partida de emigrantes no ponto a que deram o nome de Salem, que é hoje a capital do condado de igual nome.

Ali se estabeleceu um governo democratico, e em novembro de 1681 convocou-se e reuniu-se, tambem em Salem, a primeira assembléa legislativa dos «quakers».

Entretanto Penn, que tinha sido o principal pacificador nas discordias levantadas entre o povo e os differentes proprietarios, emprehendia a laboriosa tarefa de fundar uma nova colonia alem do rio Delaware, nos terrenos que a Inglaterra lhe havia cedido.

Recorreu pois a Charles II para que lhe concedesse uma provisão, á similhança de outros titulos que constituiam differentes provincias na America septentrional. O monarcha, querendo recompensar, na pessoa do filho, os serviços do pae que muito havia contribuido para a derrota dos hollandezes em 1664, annuiu á supplica de Penn, concedendo, em 14 de março de 1681, a referida provisão, que comprehendia os terrenos situados entre tres graus de latitude por cinco de longitude a oeste do rio Delaware, incluindo consequentemente os principaes estabelecimentos coloniaes dos suecos n'aquella parte do paiz. Em homenagem a Penn a nova provincia ficou denominando-se Pennsylvania; compondo-se assim de «Penn» fundador da colonia, e de «sylva» floresta.

Aos «colonos» o novo chefe dirigiu de Inglaterra, pouco tempo depois, uma proclamação concebida nos termos mais independentes e republicanos que era possivel escrever n'aquella epocha.

O portador da proclamação era William Markham, que foi nomeado vice-governador da provincia. Acompanhavam-o na sua viagem um grande numero de emigrantes, alguns empregados e outros membros da «companhia dos negociantes livres», que haviam comprado terrenos ao proprietario, á rasão, por cada *acre*, de 93 réis da nossa moeda; tal era o pouco valor da terra na infancia d'aquelle rico paiz.

Com os proprios compradores, Penn estabeleceu as necessarias negociações, para se lançarem os primeiros fundamentos de uma cidade; e na primavera de 1682 publicou elle, e submetteu á approvação dos colonos, uma lei organica para a provincia se administrar. As suas disposições eram as seguintes: uma assembléa geral presidida pelo governador e composta de setenta conselheiros escolhidos pelos homens livres da colonia, e de uma camara de delegados, em numero não inferior a duzentos nem superior a quinhentos, igualmente eleita pelo povo.

O proprietario ou o governador gosava da garantia de tres votos.

William Penn no mesmo anno de 1682 obteve, por compra e concessão, a posse do actual estado do Delaware que o duque de York reclamava.

Compunha-se então aquelle territorio dos tres condados de New Castle, Kent e Sussex. Ao primeiro chegava Penn em novembro de 1682, acompanhando uma centena de emigrantes; e ali encontrava, alem dos residentes, uns mil recemchegados, formando todos perto de tres mil europeus.

No dia immediato ao da sua chegada, Penn recebia do

duque de York uma cedencia completa dos territorios. Depois de alguns dias de residencia, o incansavel colonisador partiu para New Jersey e New York, a visitar os seus correligionarios e auctoridades n'aquellas duas povoações.

Voltando depois á colonia, proclamou em Chester a união do Delaware á Pennsylvania, por assim convir á organisação do governo local, que precedeu a independencia das duas provincias referidas.

«William Penn é citado como um modelo de sabedoria», diz Bouillet no seu diccionario de historia e de geographia, e ajunta: «Montesquieu chama-lhe o Lycurgo moderno».

Os factos o confirmam: durante todo o tempo da sua administração nunca houve a menor guerra com os indios, nem uma gotta de sangue manchou a sua paternal tutella sobre os povos onde elle exerceu, a contento de todos, e simultaneamente, o mister de governador, magistrado e prégador, sem olvidar o ensino publico, ao qual tambem se dedicou, e o cultivo das terras, mostrando com o exemplo, que o trabalho é a primeira base para o progresso e felicidade do genero humano.

Penn morreu em Inglaterra, segundo se julga, em 1716, tendo de idade setenta e quatro annos.

O seu nome designa um dos melhores estados da grande republica, para cuja prosperidade elle tanto contribuiu; e a sua memoria, ligada aos livros que deixou, conquistaram-lhe o direito de uma brilhante pagina na historia dos bemfeitores da humanidade.

Segue-se no nosso plano occuparmo-nos agora da colonisação das duas Carolinas: para maior clareza e melhor ordem chronologica, começaremos pela Carolina do norte, deixando para o seguinte e penultimo capitulo o que diz respeito á Carolina do sul: a prioridade dos acontecimentos assim o exige.

A Carolina do norte, ou como ella é denominada nos Estados Unidos, North Caroline, foi por muito tempo conhecida pelo nome de Albemarle.

Explorada em 1562, deriva o seu nome de Charles IX de França.

João de Ribault, em honra d'aquelle monarcha, deu-lhe o nome de Carolina, quando aportou ás margens meridionaes; deve, porém, notar-se que aquella vasta região, comprehendida debaixo de uma unica denominação, foi mais tarde dividida em dois estados.

As primeiras tentativas de colonisação datam de 1585, e foram emprehendidas por sir Walter Raleigh, de quem já nos occupámos na «primeira epocha» relativa ás descobertas.

Ficando os esforços de Raleigh sem resultado immediato, foram depois secundados, em 1609, por alguns individuos descontentes da povoação de Jamestown, que se estabeleceram em Nansemond.

Em 1622, Porey, então secretario na Virginia, acompanhado de alguns amigos penetrou no paiz, indo alem do rio Roanoke, que se lança no Atlantico pelo golpho

de Albermale, depois de percorrer quatrocentos e cincoenta kilometros.

Tambem em 1630 Charles I de Inglaterra concedeu a sir Robert Heath, procurador geral da corôa, a propriedade de um vasto territorio ao sul da Virginia, desde a *sound* Albemarle até o rio de Saint John. Esta provisão ficou de nenhum effeito, porque não foi possivel fundar ali estabelecimentos coloniaes.

É sabido que os não conformistas, ou *dissenters* como em Inglaterra qualificam os protestantes que não obedecem á Igreja anglicana, eram mais ou menos perseguidos em toda a parte onde a sua liturgia contrariava os principios que a Gran-Bretanha reconhece como orthodoxos na religião do estado. Os puritanos foram os que mais soffreram; tambem elles a isso se expunham, porque eram os mais intolerantes.

Na Virginia reproduzia-se o mesmo que na Europa, com referencia aos presbytarianos.

Em 1653, alguns d'elles, acompanhados de Roger Green, conseguiram estabelecer-se nas proximidades do rio Chowan, não longe do local em que depois se fundou a povoação de Edenton. Bem depressa foram seguidos por outros correligionarios, a ponto tal, que Barkeley, governador da Virginia, julgou prudente organisal-os em uma especial e politica communidade, quando, pelo anno de 1663, o seu numero havia já chamado a attenção d'aquelle magistrado.

William Drummond, escocez de origem e ministro da religião presbyteriana, mais tarde executado como revolucionario, recebeu a nomeação de governador da nova colonia, que ficou denominando-se «condado de Albermale», em homenagem ao duque de Albermale, que n'aquelle anno se tinha tornado proprietario do territorio.

Já em 1661 alguns habitantes da Nova Inglaterra se

haviam estabelecido nos suburbios de Wilmington, no rio Cape-fear; mas uma grande parte teve que abandonar o paiz pela absoluta falta de recursos.

No anno já referido, 1663, Charles II de Inglaterra concedeu todo o territorio mencionado no titulo de Robert Heath a oito dos seus principaes amigos, do mesmo modo que vendia a Luiz XIV de França a cidade de Dunkerque com o unico fim de obter dinheiro para os seus prazeres, mau grado a historia lhe dissesse que seu pae, Charles I, havia morrido no cadafalso.

Os oito individuos a quem o monarcha fazia aquella concessão eram: Lord Clarendon, seu primeiro ministro; general Monk, que havia sido feito duque de Albemarle; Lord Ashley Cooper, mais tarde *Earl* de Shaftesbury; Sir George Carteret, proprietario de New Jersey; Sir William Berkeley, governador da Virginia; Lord Berkeley; Lord Craven, e Sir John Colleton.

Charles II confirmou o titulo de «Carolina» com que o territorio havia sido baptisado, por isso que tambem era uma homenagem prestada ao seu nome.

Os limites dos terrenos comprehendidos na provisão de Charles II estendiam-se, para o lado do norte até á linha actual entre a Virginia e a Carolina do norte; e para a parte do sul de maneira a incluir toda a Florida, com excepção da sua peninsula.

O archipelago de Bahama «ou grupo das ilhas Lucayas» foi concedido aos mesmos proprietarios no anno de 1667.

Já em 1665 alguns emigrantes de Barbadoes tinham formado um estabelecimento colonial na foz do rio Cape-fear, e Sir James Yeomans havia sido nomeado governador. A esta colonia se deu a denominação de condado de Clarendon, para assim honrar o nome de um de seus proprietarios.

Apesar da actividade industrial de seus habitantes, que

se deram ao commercio da madeira e resinas florestaes, a população não teve grande desenvolvimento em consequencia da pouca fertilidade do solo.

Em 1668 reuniu-se em Edenton a primeira assembléa popular, datando de então a autonomia da Carolina do norte.

A colonisação da Carolina do sul, ou «South Caroline», como se denomina nos Estados Unidos, está tão ligada com a da Carolina do norte que pouco nos resta a dizer n'este capitulo.

Convem sobretudo referir a chegada em 1670 de tres navios a Port Royal: fundearam na ilha Beaufort, no proprio local onde os huguenotes em 1564 haviam construido o forte «Carolina».

Estes tres navios eram enviados pelos proprietarios dos territorios, conduziam emigrantes e navegavam debaixo do commando de William Sayle, que já conhecia as costas maritimas do paiz, e de Joseph West. Sayle falleceu nos principios de 1671.

Os emigrantes, porém, abandonaram Beaufort e seguiram para o rio Ashley. Estabeleceram-se nas suas margens occidentaes, no sitio actualmente conhecido por «Old town» (Povoação velha) não longe da cidade de Charleston.

D'estes estabelecimentos brotou a colonia da Carolina do sul.

Pelo fallecimento de William Sayle ficou Joseph West encarregado da jurisdicção da colonia até á chegada, em dezembro do mesmo anno, de Sir John Yeamans, que foi nomeado governador.

Trazia elle comsigo, alem de umas cincoenta familias, perto de duzentos escravos conduzidos de Barbadoes.

Parece que é de então que data a escravidão na Carolina do sul.

No anno seguinte, 1672, a colonia recebeu o titulo de

condado de Carteret. em homenagem a Sir George Carteret, que era um dos proprietarios, como se disse no ultimo capitulo.

Tambem foi instituido um governo representativo, aindaque, pelos documentos d'aquella epocha, se vê que só alguns annos depois elle pôde funccionar regularmente.

É certo que os emigrantes não poderam ou não lhes conveiu permanecer n'aquella localidade. porque dez annos depois retiraram-se para Oyster Point, na juncção dos rios Ashley e Cooper, proximo do mar, onde no anno de 1680, John Culpepper havia lançado os primeiros fundamentos da cidade de Charleston.

Não só os hollandezes, que em New York viviam descontentes debaixo do regimen da Inglaterra, começaram a procurar o abrigo da nova colonia que despontava ao sul do paiz, mas tambem os emigrantes da Europa correram attrahidos pelas vantagens que ali se lhes offereciam.

Concediam-se gratuitamente os vastos terrenos d'aquella região; e, se livre era o paiz todo, mais livre ainda se tornava. aos dissidentes, a remota colonia e virgens florestas da Carolina do sul.

Ao longo do Santee e do Edisto principiou o amanho d'aquelles terrenos. que desde o berço do paiz pareceram destinados á agricultura.

O governo que *Earl* de Shaftesbury e John Locke (eminente philosopho) tinham estabelecido para a nova colonia não foi adoptado pelos colonos: preferiram fazer elles proprios as leis e entrarem assim na vida politica, e independente das demais provincias até 1729, epocha em que, por uma cessão. reconheceram a Gran-Bretanha como metropole.

D'esses acontecimentos nos occuparemos na «terceira epocha» do *Esboço historico.*

Dos treze estados que se insurgiram contra a metropole e formaram a federação dos Estados Unidos da America em 1776, a Georgia é o mais novo; é este pois o ultimo capitulo com que termina a «segunda epocha» da presente obra, consagrada á colonisação, que precedeu a vida regular das colonias britannicas.

Cousa singular! a colonisação da provincia de que tratâmos, proveiu da emigração dos devedores insolventes da Gran-Bretanha.

Na occasião em que, no anno de 1729, os proprietarios das Carolinas reconheciam a soberania da Inglaterra, (como já fica dito no fim do ultimo capitulo) toda a região ao sul do rio de Savannah até ás proximidados de Santo Agostinho, era um quasi deserto, povoado apenas por algumas tribus selvagens. Os hespanhoes reclamavam todo este territorio, como fazendo parte da Florida.

Os inglezes disputavam o direito que diziam ter á mesma região, e para isso estabeleceram a demarcação que julgaram conveniente.

As cousas, porém, estavam longe de chegar a um termo pacifico, quando os indios, então mais ligados com os hespanhoes, começaram a atacar os estabelecimentos coloniaes dos inglezes que ficavam perto de suas fronteiras.

Pela mesma epocha, na Gran-Bretanha, achavam-se retidos nas differentes prisões cerca de quatro mil individuos, e se não todos, pelo menos, na quasi totalidade,

pobres e faltos de meios, pórque o crime d'aquelles infelizes era o de não poderem solver seus creditos.

Os lamentos de tanto desgraçados encontraram echo nas salas do parlamento, e d'entre os homens de coração surgiu um, cujo nome é com respeito registrado nos annaes historicos dos Estados Unidos.

Era James Edward Oglethorpe, que já por muitas vezes, no santuario das leis, se tinha pronunciado contra o principio penal da prisão por dividas.

Oglethorpe havia seguido a profissão das armas, e seja dito entre parenthesis, que mais tarde, em 1775, recusava o supremo commando das tropas que a Inglaterra destinava a combater a revolução, que um anno depois conquistava a completa independencia aos Estados Unidos.

Este facto deve ter contribuido muito para inspirar aos americanos, o respeito e veneração, que elles hoje consagram á memoria de James Edward Oglethorpe.

As lamentações de quatro mil infelizes tinham pois despertado as sympathias do general Oglethorpe; e o parlamento, nomeando-o presidente de uma commissão encarregada de syndicar dos fundamentos apresentados por aquellas victimas do infortunio, dava implicitamente um protector a tantos orphãos da felicidade.

O relatorio de Oglethorpe não se fez esperar, e as suas conclusões produziram o melhor effeito em todos os homens philanthropicos: o general propunha abrir as portas das prisões a todos os caracteres honestos que ali estavam captivos, e que acceitassem a condição de serem transportados ao novo mundo.

Aquelle bemfeitor da humanidade, propunha mais o juntar a estes individuos muitos outros proletarios ou opprimidos por differentes causas, e ir com todos habitar as florestas virgens da America, onde se deveria formar uma colonia de homens livres, e se abriria um

asylo para receber os protestantes perseguidos de todas as nações.

Não só o parlamento, mas tambem o monarcha que então reinava, George II, approvaram com enthusiasmo o plano de Oglethorpe, e em junho de 1732 foi publicada uma provisão real que concedia, por vinte e um annos, a uma corporação denominada «esperança dos pobres» a faculdade de estabelecer uma colonia nos limites dos territorios ao sul de Savannah, sobre os quaes existia a contestação com os hespanhoes.

A nova provincia colonial devia chamar-se Georgia, em homenagem ao nome do rei da Gran-Bretanha; e á corporação investida no direito de a administrar, foram concedidos os poderes legislativo e executivo. Entretanto ao povo não se garantia a liberdade politica.

Obtiveram-se grandes sommas para occorrer ás despezas inherentes a tão vasta empreza; e por tal modo a liberalidade publica correu em auxilio do plano de Oglethorpe, que o proprio parlamento, dois annos depois, consignava a verba de trinta e seis mil libras esterlinas para as necessidades dos emigrantes.

É preciso confessar que a Inglaterra não subscrevia com tanta philanthropia, como se póde julgar do que fica escripto: antevia as immensas riquezas provenientes da producção de um solo fertil, que deveriam com o decorrer dos tempos encher as grandes fabricas do reino-unido.

O commercio e a industria da Gran-Bretanha não eram, portanto, indifferentes á generosidade e protecção que se concediam aos pobres colonos.

Comtudo, os resultados seriam duplamente vantajosos—á riqueza da metropole e ao futuro e bem estar dos emigrantes.

Ninguem solicitou o general Oglethorpe para que acompanhasse e, por assim dizer, servisse de mentor

pratico aos que abandonavam a patria para se transportarem a inhospitas regiões, guiando-lhes os passos incertos em uma vida de aventuras e de riscos. Elle proprio, na sua qualidade de iniciador da humanitaria idéa, se offereceu para servir de governador da mesma provincia.

Em novembro de 1732, o general Oglethorpe largava a Inglaterra, acompanhado de cento e vinte colonos.

Tocaram em Charleston no seguinte mez de janeiro, mas sem se demorarem seguiram para Port Royal, onde ficou uma grande parte dos novos colonisadores. Com o resto, o futuro governador da provincia que estava prestes a fundar-se, costeou o rio de Savannah subindo-o até Yamacraw Bluff, em cujo local desembarcou para lançar os primeiros fundamentos da capital da Georgia.

Os emigrantes que haviam ficado em Port Royal, no mez de fevereiro do mesmo anno, 1733, foram juntar-se aos seus companheiros, e todos começaram, com aquella actividade proverbial da raça anglo-saxonia, a edificação da cidade que se chamou Savannah, por ser esse o nome indio d'aquelle rio.

Com a maior regularidade se traçaram as ruas, reservando-se apropriados espaços para as praças publicas, e dando-se um plano uniforme ás construcções das casas, para o que se concedeu a cada habitante dezeseis por vinte e quatro pés de terreno.

Por muitos mezes os recemchegados habitaram em toscas choupanas, e o proprio governador foi obrigado a residir em uma tenda de campanha, onde, por differentes vezes, conferenciou com os chefes das tribus indigenas.

Em maio de 1733, quando Oglethorpe já possuia um forte convenientemente artilhado, convocou uma reunião de cincoenta chefes de tribus, a cuja frente se apresentou *To-mo-chi-chi*, veneravel ancião, chefe *sachem* de toda a confederação da baixa costa.

Registra a historia que *To-mo-chi-chi* presenteára Oglethorpe com uma pelle de bufalo, tendo na parte interior a figura de uma aguia, e que, ao entregal-a, dissera as seguintes palavras:

«Eis-aqui um pequeno presente; dou-vos a pelle de «um bufalo, adornada na parte interior com a cabe«ça e pennas de uma aguia; desejo vós o acceiteis, «porque a aguia é o emblema da velocidade e o bu«falo significa a força. Os inglezes são velozes como «as aves e fortes como aquelle animal; por isso assime«lham-se ao primeiro, voando por cima dos mares até «aos mais remotos pontos da terra, e parecem-se com o «ultimo, porque são tão fortes que nada lhes resiste. As «pennas da aguia são macias, e significam amor; a pel«le de bufalo é quente e significa protecção; por conse«quencia espero que os inglezes amarão e protegerão «nossas pequenas familias.»

«Infelizmente—acrescenta o auctor d'onde extrahimos as precedentes linhas—os desejos do veneravel *To«mo-chi-chi* nunca foram realisados, porque os brancos «roubaram e destruiram os indios muito mais vezes do «que os protegeram.»

Na reunião convocada pelo general Oglethorpe, na qual o chefe supremo das tribus indigenas proferira o discurso que fica referido, tratou-se da compra de territorios; e os inglezes obtiveram a soberania sobre toda a região ao longo do Atlantico, desde Savannah até Saint Johns, e ao occidente até Flint e Chattahoochee.

Nas disposições da provisão que George II havia concedido, comprehendiam-se os principios constitucionaes que deviam reger a nova colonia, e no local onde hoje existe a cidade de Savannah fundou-se a autonomia da Georgia no verão de 1733.

Não obstante a corrente de emigração que ali ía procurar a liberdade de seus cultos, a colonia por muitos

annos não pôde prosperar, e lutou, como as outras, com os obstaculos inherentes ás primitivas feitorias que se estabeleceram por toda a America do norte.

A historia da colonisação está cheia de episodios de arriscadas aventuras, indomavel perseverança e suprema fé em uma estrella que muitas vezes deixou de brilhar para os que trilharam as primeiras veredas nas magnificas colonias anglo-americanas, de cuja emancipação nasceu a grande republica dos Estados Unidos.

Narrando os principaes acontecimentos, e citando os nomes que mais se distinguiram na immensa e ardua tarefa da colonisação, não nos foi possivel, no limitado espaço de um simples esboço, transcrever tudo quanto a historia registra de grande e sublime na vida de um punhado de aventureiros que formaram a guarda avançada da civilisação no novo mundo.

Quantas vidas se extinguiram para que brotassem as vigorosas gerações que successivamente têem povoado as soberbas cidades d'aquelle immenso paiz! Quantas tentativas mallogradas para se fundarem os ricos estabelecimentos industriaes qne hoje rivalisam com os da antiga e opulenta metropole, a Gran-Bretanha!

Se Christovão Colombo deu ao velho mundo um novo hemispherio, os primeiros colonisadores secundaram o grande genio pelas suas temerarias emprezas, dando á Europa magnificas colonias que o andar dos tempos converteu em paizes independentes.

Terminando a «segunda epocha», respectiva á colonisação, vamos ver, na «terceira», qual foi a vida d'essas colonias, que mais tarde o sôpro da revolução afastou da antiga mãe-patria, similhando o filho que sacode o jugo do lar domestico para proseguir na missão providencial de constituir uma nova familia, perpetuando assim a humanidade.

TERCEIRA EPOCHA

COLONIAS

1619-1760

A descoberta da America, e o estabelecimento das feitorias, ou primitiva colonisação, foram os assumptos das duas antecedentes «epochas» do presente volume; a historia das colonias será o objecto da terceira.

É difficil marcar o periodo que respeita á vida colonial: finalisa elle com a revolução que produziu a independencia; o seu começo, porém, não é tão facil de indicar com exactidão, e o arbitrio dos historiadores tem, n'esse ponto, substituido a certeza das datas.

É evidente, que o verdadeiro nome de colonia só se deve applicar ao conjuncto de muitos estabelecimentos, formando uma ou mais povoações, politicamente ligadas, ou regularmente representadas na metropole.

A historia das colonias britannicas na America do norte não offerece notaveis e interessantes acontecimentos ao leitor, excepto na epocha em que ellas coadjuvaram a mãe patria na guerra contra os indios e contra os francezes, do que trataremos em competente logar.

Adoptando, como na «epocha» precedente, a ordem chronologica dos factos, começaremos pela mais antiga das colonias — a Virginia.

Vimos já que a 28 de junho de 1619 se convocava, pela primeira vez em Jamestown, uma assembléa popu-

lar, e que no decurso de dois annos haviam chegado á Virginia cêrca de cento e cincoenta jovens inglezas, de bom comportamento, para fundarem outras tantas familias com os isolados colonos.

O tabaco havia-se tornado moeda corrente; de sorte que cada emigrante podia obter uma esposa, pagando o preço da sua passagem, que era calculado na media de cem dollars (92$000 réis), ou cento e trinta e cinco libras de tabaco. As mulheres, cujo procedimento anterior as inhibia da vida honesta, eram tomadas para o serviço domestico por um espaço de tempo determinado, durante o qual não tinham direito de dispor da sua individualidade.

Em agosto de 1620 entrava no rio James um navio hollandez carregado de pretos, sendo alguns vendidos como escravos.

É de então que verdadeiramente data a introducção de escravos nos Estados Unidos, cujo numero em 1860 chegou a attingir a enorme cifra de quatro milhões.

Os aventureiros que haviam saído da Inglaterra, na idéa de voltarem mais tarde para gosar da fortuna obtida nas regiões da America do Norte, começaram a dedicar-se ao solo da Virginia como ao seu paiz natal; e a vida social, o interesse pela industria e o amor da familia firmaram solidos vinculos entre a terra e o emigrante no beneficio commum da colonia que nascia.

A emigração da Inglaterra continuava a affluir para as margens do rio James, e o estabelecimento de novas feitorias estendia-se já até ás bordas do Potomac e suas cascatas, onde depois se edificou a cidade de Richmond.

No mez de agosto de 1621, a companhia concedeu aos colonos uma constituição, que confirmava a maior parte dos actos praticados pelo governador Yeardley, e providenciava sobre a nomeação da mesma auctoridade e de um conselho, e sobre a eleição de uma assembléa popular composta de dois representantes por cada districto, for-

mando as duas corporações a assembléa geral que devia reunir-se uma vez cada anno.

Entretanto, as leis approvadas por aquella assembléa, só podiam ser executadas depois de haver obtido a sancção da companhia, como tambem as ordens d'esta ultima, relativas aos colonos, não tinham validade sem a ratificação da assembléa.

Instituiram-se tribunaes, e foi adoptado o systema do jury, similhante ao que existia em Inglaterra.

O novo governador, sir Francis Wyatt, nomeado segundo a constituição, foi encontrar a colonia debaixo de um aspecto assás lisonjeiro; mas no centro das florestas o selvagem lançava ainda um grito de colera contra os europeus.

Powhatan, o amigo dos inglezes, tinha deixado de existir no anno de 1618, e o governo das tribus havia-se succedido na pessoa de seu irmão mais novo Opechancanough, que odiava os filhos da poderosa Albion e era de caracter falso e traiçoeiro.

Os *Powhatans* reuniram-se e conspiraram sem outro fundamento, que o de presentirem, nas frequentes chegadas de colonos, que cedo ou tarde as faces pallidas occupariam o solo onde havia nascido a raça vermelha.

Passava-se isto nos principios de 1622, quando na manhã do 1.º de abril, o terror e a morte se espalharam por todas as feitorias situadas a maior distancia de Jamestown.

Os colonos seriam já uns quatro mil, e em menos de uma hora eram assassinados cerca de quatrocentos homens, mulheres e crianças.

Entre os sacrificados comprehendiam-se seis membros do conselho e alguns dos mais ricos habitantes.

A salvação de Jamestown e dos habitantes das proximas plantações, foi devida ao indio Chanco que se havia convertido á religião catholica.

Apesar da bravura dos colonos, os selvagens eram

muito superiores em numero, e de oitenta plantações atacadas só oito ficaram existindo.

Bastantes haviam ainda escapado ao assalto dos selvagens, em consequencia de circumstancias topographicas, que mostraram aos inglezes a conveniencia de se concentrarem em Jamestown e de se prepararem para uma terrivel vingança.

De facto, os indios nas margens dos rios James e York, foram por seu turno perseguidos e rechaçados até ás florestas onde se refugiaram.

Entretanto, outra calamidade ía acommetter os colonos: a estas desgraças seguiu-se uma epidemia e a fome; de nove mil pessoas enviadas de Inglaterra para a Virginia, nos principios de 1624 apenas existiam umas mil e oitocentas.

Para isso tambem tinha concorrido um acontecimento politico, que não póde passar despercebido. A companhia de Londres havia assumido proporções colossaes: os seus membros constituiam o que hoje se chama — o estado no estado — e até entre elles existiam dois partidos; um pugnando pela completa liberdade da colonia, e o outro que defendia as prerogativas reaes. O rei, julgando, e com rasoavel fundamento, que a companhia tinha adquirido tal poder que até conseguia dispor das cadeiras do parlamento, como acontecêra em 1623, com a candidatura de Nicholas Ferrer, acerrimo partidario da liberdade da Virginia, tentou primeiramente dominar as eleições, mas não o podendo conseguir, dissolveu a companhia, prevalecendo-se de uma syndicancia sobre os seus actos.

Em julho do referido anno, 1624, eram retirados todos os privilegios concedidos, e a Virginia ficava reduzida a provincia colonial da corôa de Inglaterra. Os accionistas da companhia de Londres tinham perdido approximadamente cento e quarenta mil libras.

A estes acontecimentos seguiu-se outro, que foi a sua natural consequencia. O monarcha nomeou George Yeardley e mais doze conselheiros para administrarem a provincia, inhibindo-os porém de interferirem nas attribuições da camara dos representantes.

A 6 de abril de 1625 fallecia James I, succedendo-lhe no throno seu filho Charles I, que não era menos egoista do que seu pae. Não obstante, como no seu proprio interesse ia tambem o dos colonos, nas medidas que adoptou para colher proficuo resultado das exportações coloniaes, teve pela sua parte que fazer algumas concessões politicas, taes como o reconhecimento tacito dos principios republicanos em que se baseava a existencia da camara dos representantes: Charles I, em julho de 1628, escrevia pois ao conselho do governo da Virginia, pedindo a convocação da assembléa para tomar em consideração uma proposta sobre toda a colheita do tabaco.

N'este pedido continha-se, como acabâmos de dizer, um reconhecimento tacito dos privilegios da provincia.

Em novembro de 1627 fallecia o governador George Yeardley e succedia-lhe, dois annos depois, 1629, sir John Harvey, membro do conselho nomeado pelo rei James I.

Os colonos não sympathisavam com o novo governador, e a despeito dos seus proprios interesses recusavam conceder o monopolio do tabaco á corôa de Inglaterra. Ainda fizeram mais; depois de alguns annos de lutas com sir John Harvey, depozeram-n'o de governador em 1635, e levaram a sua accusação perante o rei. Este, porém, recusou-se a ouvir as queixas contra o accusado que tinha ido a Inglaterra, e deu-lhe todos os poderes para voltar á Virginia e administral-a novamente.

Esta segunda administração só durou até novembro de 1639, em que Harvey foi substituido por sir Francis Wyatt, que a seu turno tambem achou prompto successor,

porque em agosto de 1641, sir William Berkeley era nomeado governador da Virginia.

Dirigiu este ultimo a administração com acerto pelo espaço de alguns annos, mas mais tarde as commoções na Inglaterra não deixaram de affectar as feitorias na America, onde a população crescia progressivamente.

Na Virginia attingia já a vinte mil habitantes.

A colonia resentindo-se dos acontecimentos da metropole, deixou-se influenciar pela intolerancia religiosa, do que resultou o nascimento de partidos politicos.

A Igreja da Inglaterra era a unica mantida, sendo prohibidos os sermões dos ministros das outras seitas.

Muitos dos *não conformistas* foram banidos para fóra da colonia.

Os indios aproveitaram-se d'este estado de cousas para projectarem e levarem a effeito um segundo morticinio em abril de 1644, no qual pereceram perto de trezentas pessoas e foram devastadas muitas propriedades. Mas os colonos haviam augmentado em numero, e os selvagens tomados de subito terror viram-se obrigados a fugir sem completarem o seu nefasto plano.

Por dois annos durou a guerra, terminando pela captura do famoso Opechancanough, chefe dos *Powhatans*, que segundo uns morreu na prisão de Jamestown, e conforme outros acabou ferido por um soldado inglez, depois de lealmente se haver constituido prisioneiro.

A confederação das differentes tribus perdeu o nucleo que até então as havia ligado, e foi compellida, não só a prestar obediencia ás auctoridades da Virginia, mas a ceder as grandes extensões de territorios entre os rios York e James desde as cascatas do ultimo até ao oceano.

Aquelle acto marcou a decadencia da nação indigena, e foi o prenuncio da sua completa destruição.

Durante a guerra civil, que na Inglaterra terminou pela execução de Charles I e a ascensão ao poder de Oli-

ver Cromwell, os virginianos conservaram-se leaes á monarchia, e mesmo, depois de proclamada a republica, levaram a sua fidelidade a reconhecerem Charles II, filho do ultimo monarcha, não obstante achar-se no exilio em França, e ser ainda de tenra idade.

O parlamento em Inglaterra na adopção de extremas medidas para reduzir á obdiencia a colonia americana, enviou ao novo mundo uma poderosa esquadra debaixo do commando de sir George Ayscue, conduzindo commissarios do mesmo parlamento.

Ancorou toda a frota em Hampton Roads no mez de março de 1652, quasi na certeza de encontrar alguma resistencia, para o que concorriam certas disposições adoptadas pelos colonos; mas longe d'isso, os virginianos prestaram-se a uma prompta submissão e os delegados da metropole, pela sua parte fizeram as mais largas concessões, quasi tão liberaes como as que, muitos annos depois, serviram de base á constituição dos Estados Unidos.

A Virginia conservou-se quasi independente durante a administração de Cromwell em Inglaterra.

Richard Bennet havia sido eleito governador em 1652 para preencher a vacatura deixada por Berkeley; só em 1656 é que Cromwell nomeava Samuel Mathews para o mesmo cargo.

Os virginianos depois da morte de Cromwell, em 1658, não quizeram reconhecer a legitimidade de seu filho Richard nos poucos mezes que governou.

Samuel Mathews foi então eleito chefe supremo da pro, vincia como uma demonstração de independencia; estabeleceu-se o suffragio universal para todos os homens livres e os proprios criados, que eram por assim dizer escravos temporarios, conseguiram todos os direitos, até mesmo o de poderem ser eleitos membros da camara dos representantes.

Richard Cromwell era de caracter fraco, e apesar de reconhecido por legitimo successor de seu pae Oliver Cromwell, não se manteve mais do que alguns mezes no supremo poder, abdicando em 1659, quando a approximação de Charles II havia feito rebentar varios tumultos em Inglaterra.

A Virginia tornou-se notavel então por se realisar nos seus habitantes aquelle antigo proloquio de «ser mais realista do que o rei».

De facto, quando apenas se julgava possivel a restauração de Charles II, Berkeley, que tinha sido eleito governador em 1660, repudiou a soberania popular, e proclamou rei da Inglaterra, Escocia, Irlanda e Virginia o pretendente que ainda estava no exilio,

Ao parlamento inglez não agradou a demasiada realeza dos virginianos, e estava disposto a fazel-os entrar na rasão enviando uma esquadra para os submetter, quando elles dirigiram uma mensagem a Charles II, que se achava em Flandres, convidando-o a ser rei da Virginia.

As circumstancias complicavam-se para os colonos, ao mesmo tempo que os acontecimentos em Inglaterra se encarregavam de os simplificar, restaurando a dynastia dos Stuarts no anno de 1660. Charles II, por gratidão, ordenou que as armas da Virginia fossem esquarteladas com as de Inglaterra, Escocia e Irlanda, tornando-se aquella possessão provincia autonomica do reino unido debaixo do nome de=Velho dominio.=Até 1773 cu-

nhava-se a moeda da Virginia com as armas e legenda referidas.

É preciso dizer que já então havia um partido republicano na colonia de que nos occupâmos, ao qual não agradavam os sentimentos monarchicos da maioria.

Elegeu-se nova assembléa sob o influxo de grandes aspirações, que não chegaram a realisar-se, porque, os privilegios que tambem já existiam, foram substituidos por algumas restricções commerciaes que affectaram a industria da colonia.

Uma d'essas restrições foi levada a effeito no mesmo anno de 1660, fazendo reviver a lei da navegação de 1651, cujas disposições prohibiam a entrada e saída das mercadorias nas colonias inglezas, em navios que não tivessem sido construidos nos dominios da Gran-Bretanha, e tripulados por capitães e marinheiros nacionaes; permittindo-se apenas que a quarta parte das tripulações podesse ser composta de estrangeiros. O assucar, tabaco e outros productos coloniaes só podiam ser exportados para Inglaterra ou para as suas possessões. O proprio commercio, entre as differentes provincias coloniaes, foi sujeito a um imposto em beneficio da metropole.

Charles II ainda foi mais longe no seu injusto modo de proceder.

Em 1673 deu a posse, por trinta annos, a lord Culpepper e ao *Earl of* Arlington, seus favoritos, de quasi todo o dominio da Virginia, comprehendendo uma grande parte já cultivada.

O povo murmurava, e com isso só obtinha tornar o partido do rei cada vez mais despotico, a ponto da propria assembléa, que havia sido eleita sómente para o periodo de dois annos, se declarar permanente, convertendo em verdadeiro despotismo de muitos o systema representativo ali adoptado.

A intolerancia religiosa não podia deixar de manifestar-se em taes circumstancias; os sectarios denominados baptistas e *quakers* foram compellidos a pagar grandes multas.

Os empregados publicos declararam-se independentes do povo, pelo facto de receberem os seus salarios do producto dos direitos impostos sobre a exportação do tabaco. Á nomeação dos juizes presidiu a mais requintada parcialidade, por tal modo manifestada, que um seculo depois, por occasião do acto da independencia, ainda d'ella havia memoria. lançando-se o odioso sobre os oppressores enviados da metropole.

Organisaram-se então dois partidos—um formado da classe que gosava dos beneficios da corôa; compunha-se dos mais poderosos em riqueza e influencia—o outro, já denominado republicano, ao qual pertencia o povo descontente que, a custo pagava os impostos, e murmurava, sem força ainda para reconquistar os seus naturaes direitos.

Charles II, pela sua inepcia, preparava assim no seculo XVII a revolução que cem annos depois devia arrancar á Gran-Bretanha as suas mais caras colonias no novo mundo.

Acrescia ao descontentamento dos colonos a attitude ameaçadora dos indios da tribu *Susquehannah*, que vivia na parte inferior da Pennsylvania. Batidos pela tribu *Senecas* nas proximidades da bahia Chesapeake, foram retirando para o Potomac, e ali atacaram as feitorias do Maryland, continuando o roubo e o assassinio nos habitantes da Virginia.

Não era sem rasão que a tribu *Susquehannah* fazia a guerra aos brancos. A historia imparcial conta que alguns chefes enviados ao acampamento de John Washington (um dos antecessores do grande Washington) haviam sido traiçoeiramente assassinados, violando-se assim o

direito mais sagrado da guerra, que em toda a parte protege os parlamentarios.

Foi preciso adoptar serias medidas de defensa: o governador Berkeley, porém, não tinha a sufficiente energia, e desconfiava dos homens competentes que podiam coadjuval-o.

N'este numero se achava Nathaniel Bacon, membro do conselho da Virginia, mas muito estimado pela notoriedade dos seus principios republicanos.

Aos desejos por elle manifestados de armar o povo na sua propria defensa, o governador respondeu negativamente, receiando o perigo que podia resultar do armamento do partido descontente.

Entretanto os indigenas approximavam-se a tal ponto dàs plantações, que perto de Richmond foram assassinados alguns colonos.

Por aquella epocha tambem a provincia de Massachussetts estava a braços com a guerra do regulo Metacomet, ou rei Philip, como a historia o denomina. D'esses acontecimentos adiante nos occuparemos.

Nathaniel Bacon, obedecendo á sua consciencia e á vontade popular, collocou-se á frente de uns quinhentos homens para bater os indios. O governador, em maio de 1676, declarou-o traidor, e enviou algumas tropas para o prender.

Ainda conseguiu fazer dispersar um pequeno numero dos combatentes de Bacon, mas a maior parte seguiu o seu chefe na arriscada empreza a que se destinava.

O povo sympathisava com elle, e por toda a parte se lhe reunia; por tal fórma, que o governador viu-se obrigado a fazer retirar as tropas que perseguiam Bacon, ao mesmo tempo que este batia os indios e os fazia debandar para o lado do Rappahannock.

Mais tarde foi elle eleito membro á camara dos representantes: mas quando se approximava de Jamestown o

governador Berkeley mandou prendel-o, tendo de o pôr logo em liberdade e de o amnistiar, porque o povo começava já a manifestar-se hostilmente.

Annuiu-se pois ao desejo popular, dissolvendo a antiga assembléa, que tinha o typo de uma certa aristocracia, e concederam-se outros privilegios de que o povo havia sido privado pelas causas já expostas.

Estas concessões foram uma especie de marco miliario no systema democratico, que já despontava no novo mundo.

O governador, depois de haver cedido á attitude imponente da vontade popular, não se julgou em segurança na capital; foi para a plantação do centro *(Middle plantation)*, que assim se denominava então a povoação que hoje é conhecida pelo nome de Williamsburg.

A plantação do centro ficava apenas a quatro milhas de Jamestown, e a igual distancia entre os rios York e James.

Ali o governador, acompanhado de alguns centos de homens armados, fez-se proclamar commandante em chefe das tropas da Virginia, recusando-se todavia a assignar a nomeação de Bacon para ir novamente bater os indigenas.

Mas Bacon dirigiu-se a Jamestown, e pediu que a referida nomeação lhe fosse entregue sem demora.

Berkeley atemorisou-se, e assignou immediatamente o documento que lhe era exigido; foi ainda mais longe —recommendou ao rei os actos e os serviços do que havia sido qualificado de traidor.

Pela assembléa foi tambem Bacon investido no commando general de mil homens, marchando em seguida á frente d'esta força contra os indios *Pamunkey* que compunham uma pequena tribu no rio da mesma denominação.

O governador Berkeley atravessou então o rio York

e convocou em Gloucester uma reunião do partido que se dizia realista, apoiando-se na sua opinião para revogar todas as deliberações republicanas, proclamando de novo Bacon traidor nos fins de julho de 1676.

Com estes acontecimentos começou a guerra civil. Bacon retrogradou para Jamestown, confiscou as propriedades dos realistas e apoderou-se de suas esposas para lhe servirem de refens. Á fugida de Berkeley, o chefe republicano proclamou a sua abdicação, convocando uma assembléa com o fim de obter que todos os seus actos fossem sanccionados.

Não estava longe de sacudir a vassallagem ingleza, quando correu o falso boato da chegada de navios conduzindo tropas da metropole.

Esta falsa noticia animou o governador; fez-se acompanhar das forças que pôde reunir, inclusivè alguns marinheiros, e em setembro do mesmo anno marchou sobre Jamestown, onde Bacon já o esperava, para o fazer retirar até ao rio James.

Entretanto d'esta vez verificava-se a chegada de tropas inglezas, e os republicanos não podiam permanecer na povoação que tanto era disputada.

Antes, porém, de se retirarem lançaram-lhe fogo, e na manhã seguinte, 1.º de outubro, Jamestown, a primeira povoação edificada pelos inglezes no novo mundo, não era mais do que um montão de ruinas, que ainda hoje os viajantes conhecem pela torre de uma igreja que os annos e os homens têem respeitado.

Bacon marchou então na direcção do rio York, no firme proposito de atacar os realistas que occupavam a Virginia, mas acommettido pelas febres dos pantanos morreu a 11 de outubro de 1676, não deixando quem o podesse substituir no commando das suas forças.

Pouco tempo depois o governador Berkeley voltava em

triumpho para as plantações do centro, e marcava a sua restauração por alguns actos de crueldade.

Vinte e dois insurgentes considerados como os principaes instigadores da rebellião, foram enforcados. A historia registra os nomes de tres; coronel Hausford, Drummond e Lawrence, e denomina-os os primeiros martyres da liberdade na America.

A assembléa quiz interceder a favor dos condemnados, mas Berkeley continuou ainda por mais algum tempo a sua obra de vingança, impondo multas, prendendo e confiscando a propriedade dos revoltosos, até que o rei em abril do anno seguinte, 1677, o fez substituir, na convicção de que o procedimento de Berkeley era nocivo á conservação da colonia.

Apesar da deficiencia das chronicas o nome de Berkeley ficou odiado, e a historia consagra á sua memoria vehementes censuras.

A revolta de Bacon, como é natural, encontra a maior sympathia nos annaes americanos; aquelle que para os inglezes não passou de um rebelde traidor, para os cidadãos da patria de Washington foi um dos primeiros heroes da independencia, que mais tarde se realisou.

A Virginia, depois da ausencia de Berkeley manifestou alguns symptomas de nova agitação nos annos de 1679 e 1680 por causa dos impostos. Alem d'isso a conducta de Jeffrey, successor de Berkeley, produzia grande descontentamento.

Em tudo se presentia já o desejo da independencia, que crescia na rasão directa do progresso e da civilisação.

Os effeitos de todas estas commoções continuaram por muitos annos; e a Gran-Bretanha receiando novas revoluções exercia com rigor a auctoridade que lhe dava o direito da colonisação, não desconhecendo que os princi-

pios republicanos se desenvolviam com rapidez na população da Virginia.

A assembléa popular cada vez se tornava mais independente do elemento aristocratico; e por esse motivo, como tambem para conter as aspirações do povo e dos eleitores, a provincia estava quasi sempre occupada por tropas da metropole, confiadas ao commando de sir Henry Chicheley, que era um militar prudente e honrado. Entretanto os possuidores de plantações murmuravam porque eram obrigados a sustentar as forças militares, cuja presença lhes tolhia as suas mais livres aspirações.

O sequestro dos documentos da assembléa produziu grande indignação entre os seus membros, levando-os a proferirem altivas reclamações, em que se misturavam ameaças ao governador, com rigorosas censuras ao rei.

Lord Culpepper, que havia sido nomeado governador vitalicio no anno de 1677, só chegou á America em 1680, e a sua conducta, longe de attrahir as sympathias do povo, desenvolveu grande descontentamento por causa dos seus actos de concussão.

Rebentaram novos disturbios; os principaes influentes foram enforcados por ordem do rei, e o espirito publico estava debaixo do maior terror quando o proprio monarcha, conhecendo a conducta errada do governador, revogou a concessão que lhe havia feito e destituiu-o do cargo em 1684.

Effingham, seu successor, continuou o mesmo systema de lord Culpepper, e tendo o descontentamento do povo assumido serias proporções, achava-se imminente uma geral insurreição quando a morte de Charles II e a elevação ao throno de seu irmão James II, em fevereiro de 1685, apaziguou os animos exaltados, deixando-lhes antever alguma esperança no novo reinado que despontava.

James II, duque de York, havia recebido em 1664 a

dotação da provincia denominada Nova Amsterdam, que passára a chamar-se New York n'aquella mesma epocha, do que adiante nos occuparemos.

Ao contrario do que se poderia suppor, a situação da provincia não melhorou; os impostos augmentaram, e o descontentamento geral tornou a apresentar o mesmo estado de agitação que nos povos é o precursor das revoluções.

Felizmente um outro acontecimento na historia da Inglaterra attrahiu a attenção da colonia; a dynastia dos Stúarts era em 1688 desthronada pela segunda vez, e a inauguração da casa de Orange, nas pessoas de William III e Mary Ann (filha do ultimo monarcha James II), foi uma verdadeira aurora que raiou na remota possessão do novo mundo.

James II, pela sua intolerancia, superstição, tyrannia e espirito de oppressão, havia-se tornado impossivel aos seus proprios subditos.

As reformas foram então radicaes, e o espirito publico voltou ao seu estado normal.

A vontade popular, expressada pela voz do parlamento, converteu-se em uma realidade, e a sua benefica acção influiu directamente na administração das colonias. Definiram-se os poderes dos governadores das provincias, e estabeleceu-se bem claramente quaes eram os direitos do povo.

Apesar das restricções commerciaes, que a metropole não revogou, em virtude do systema protector que tinha adoptado, a parte politica adquiriu uma fórma mais liberal e contribuiu, para d'ahi em diante, consolidar no povo o direito ás livres instituições por que havia combatido.

Na epocha de que nos occupâmos, a população na Virginia já attingia cerca de cincoenta mil almas, das quaes metade se compunha de escravos.

O commercio do tabaco havia obtido grande desenvol-

vimento; as exportações para a Inglaterra e para a Irlanda faziam-se por muitos milhares de volumes em algumas dezenas de navios.

Organisaram-se differentes corpos de milicia, bastante numerosos e disciplinados, para imporem respeito aos indios das tribus mais proximas.

A provincia dividia-se então em vinte e dois condados com quarenta e oito parochias, tendo cada uma a sua competente igreja e ministro da religião.

Não obstante todo este progresso, a litteratura estava muito atrazada na colonia ingleza. Não havia uma loja de livros, e a primeira imprensa que ali se estabeleceu foi no anno de 1792.

A historia da Virginia, desde a revolução de 1688, que na metropole havia produzido tão serios acontecimentos, até á guerra com os indios e francezes, não offerece nada de notavel.

Aquella revolução tinha marcado uma nova era na marcha dos negocios publicos, e o povo dedicava-se com verdadeiro interesse á agricultura, á industria e ao commercio.

Mais tarde nos occuparemos ainda da Virginia; por agora devemos remontar-nos ao anno de 1621 para relatarmos o que se passava no Massachusetts.

Quando na «segunda epocha» da presente obra nos occupámos da colonisação do Massachusetts, vimos os rudes trabalhos por que passaram os primeiros colonos, e as horriveis phases que teve aquella nascente provincia, antes de ali se estabelecer o primitivo germen da sua civilisação.

Como o leitor estará lembrado, os puritanos saídos da Inglaterra, buscaram refugio na Hollanda á perseguição religiosa, e d'este ultimo paiz, na qualidade de peregrinos, foram tentar fortuna nas então inhospitas regiões da Nova Inglaterra.

É d'aquella epocha, 1620, que data a verdadeira colonisação do Massachusetts; e da mesma epocha partiremos para consignar n'este *Esboço* os principaes factos, que na nossa opinião, constituem a vida colonial de um dos mais florescentes estados da União americana.

Os indigenas, n'aquelle ponto do paiz, não hostilisavam os peregrinos; antes pelo contrario, um dos chefes indios, por nome Samoset, da tribu *Wampanoag,* foi o primeiro a dirigir-se ao acampamento dos colonos, offerecendo-lhes o terreno necessario para se estabelecerem.

Este facto reanimou os pobres aventureiros, que desde então se julgaram mais ao abrigo das aggressões dos indios. Voltou novamente Samoset a encontrar-se com os inglezes, mas d'esta vez acompanhado de Squanto, aquelle chefe que, tendo sido aprisionado pelos hespanhoes, havia recentemente voltado de seu captiveiro em Hespanha. Dotados estes dois indios de nobres senti-

mentos, não communs aos filhos das florestas, planearam uma entrevista do povo branco com Massasoit, o grande chefe dos *Wampanoags,* que então residia em Mount Hope.

O velho *sachem* (chefe supremo) apresentou-se com uma guarda de sessenta guerreiros e tomou posição em um proximo outeiro, onde recebeu, segundo os costumes selvagens, Edward Winslow, na qualidade de embaixador dos colonos. Ficou este entregue á guarda acima referida, para que a sua vida não perigasse, e o chefe Massasoit dirigiu-se para New Plymouth a tratar com o governador Carver. Em signal de reciproca amisade fumaram o *calumet* [1].

D'esta entrevista resultou um tratado preliminar de alliança e amisade, que foi mantido pelo espaço de cincoenta annos.

Dois dias depois d'este acontecimento, isto é, a 3 de abril de 1621, falleceu o governador Carver. William Bradford, que deixou alguns trabalhos sobre a historia da colonia, e que tambem havia emigrado da Hollanda com os demais peregrinos, foi eleito successor de Carver, logar que obteve em todas as seguintes eleições, até á epocha da sua morte, em 1657.

Por mais de trinta annos Bradford dirigiu os negocios da colonia com prudencia e habilidade.

No outono de 1621 os colonos correram o risco de morrer de fome, e deveram a sua salvação a uma limitada colheita de milho fornecida pelos indios. Ainda assim, durante os quatro annos que se seguiram, soffreram grandes calamidades, que só a muita perseverança d'aquelles corajosos aventureiros poderia supportar.

Em novembro do mesmo anno, 1621, trinta e cinco emigrantes, alguns procedentes d'aquelle navio *Speed-*

[1] *Calumet* significa cachimbo da paz.

well, de que já fallámos por occasião da partida dos peregrinos, foram juntar-se aos seus irmãos de trabalho e augmentar ainda mais as suas privações.

Alem do rigor do inverno, acrescia o temor em que os colonos estavam pelas ameaças do grande chefe dos *Narragansets*, que via os inglezes como intrusos e inimigos que, mais cedo ou mais tarde, convinha aniquilar.

Entretanto William Bradford, pela sua politica e boa administração, obteve que aquelle chefe solicitasse uma paz, aindaque não sincera, mas forçada, collocando-o nas circumctancias de se tornar amigo apparente dos inglezes.

Chamava-se aquelle indigena Canonicus, e vivia na ilha Connanicut, do lado opposto a Newport. Não deixa de ser original o modo como Bradford o humilhou e convenceu, para d'elle proprio saírem as propostas de paz. Foi o caso que Canonicus, em fevereiro de 1622, enviára a Bradford uma porção de settas embrulhadas na pelle de uma serpente de cascavel. No estylo indigena tal presente significava um desafio, e o governador assim o comprehendeu; mas a seu turno, devolveu a pelle cheia de polvora e de balas. Os selvagens, não conhecendo o uso de similhantes objectos, sentiram a maior superstição, e fizeram com que elles fossem expostos nas aldeias, para que se interpretasse a sua malefica influencia. Como era natural n'aquelle povo, tudo que não tinha facil explicação tornava-se maravilhoso, para o bem ou para o mal, conforme as circumstancias; e o presente de Bradford produziu o necessario effeito, espalhando o terror entre os indios. D'isto resultou que Canonicus vendo-se humilhado, foi o primeiro a solicitar a paz dos inglezes, predispondo outros chefes a imitarem o seu procedimento.

No verão do mesmo anno chegaram mais alguns emigrantes, enviados por um membro da companhia de Plymouth, mas eram elles, na maior parte, vadios e pregui-

çosos, que não podiam por muito tempo sobrecarregar a colonia.

Depois de ali permanecerem algum tempo, foram para Wissagusset (actualmente Weymouth), a fim de estabelecerem uma feitoria.

Da indolencia d'estes colonos resultou uma fome, seguindo-se o roubo nos acampamentos indigenas.

Foi então que Massasoit, querendo recompensar os serviços que havia recebido dos inglezes, quando fôra soccorrido em uma grave enfermidade, denunciou a conspiração que os indigenas haviam tramado no proposito de assassinarem os colonos de Wissagusset.

Massasoit denunciou o plano a Edward Winslow, que ficára conhecendo da entrevista já referida no presente capitulo. Para soccorrer os emigrantes ameaçados, foi enviado o capitão Miles Standish com alguns homens, e ainda a tempo de evitar o ataque. Entretanto houve um pequeno encontro do qual resultou a morte de alguns indigenas e de um chefe, cuja cabeça Miles Standish, imitando os salvagens, trouxe em triumpho para Plymouth.

Este acontecimento incutiu certo respeito nas tribus vizinhas, e alguns de seus chefes apresentaram-se aos inglezes solicitando paz e amisade.

A feitoria de Wissagusset foi abandonada, e a maior parte d'aquelles colonos voltou para Inglaterra.

A colonisação, por parte dos seus maiores influentes, era uma pura especulação, que infelizmente para os que n'ella haviam confiado, não dava prosperos resultados.

D'isto resultou alguma desconfiança e bastantes recriminações; o capital lutava com o trabalho, e a dissolução dos contratos entre o senhor e o colono tornou-se uma necessidade.

Em 1627 os colonos compraram aos negociantes de

Londres o direito que elles tinham á colonia, e ficaram sendo por legitima consequencia os unicos proprietarios do solo, que se dividiu por todos, na proporção de vinte *acres* a cada um.

A cultura do tabaco não era ainda bem conhecida dos emigrantes; e posto cultivassem os cereaes que podiam consumir, necessitavam, comtudo, do commercio das pelles com os indigenas, a fim de as exportarem e com o seu lucro pagarem os artigos que recebiam de Inglaterra.

Com a compra do solo, em 1627, outra vantagem obtiveram os côlonos—foi o dedicarem-se á pesca do bacalhau e poderem entrar n'aquelle commercio, que desde então caminhou em progressivo augmento.

O systema de governo ía-se já democratisando.

O governador, que a principio só tinha um assistente, em 1624 já lhe competia ter cinco, e seis annos depois elegiam-se sete colonos para o mesmo cargo.

Com a morte de James I e ascensão ao throno de Charles I, em 1625, os não-conformistas continuaram a ser perseguidos na Inglaterra. Muitos dos ministros d'aquella religião foram obrigados a emigrar para a America, onde se estabeleceram em Cape Ann.

A livre discussão religiosa tinha produzido os seus naturaes resultados.

Do scisma haviam nascido serias divergencias, por fórma tal, que até os mais exaltados pretendiam inaugurar uma nova seita, a da chamada—propria rasão—que já contava alguns adeptos.

Em março de 1628, e no verão do mesmo anno, uma outra companhia comprou as margens do rio Merrimac, e John Endicot, com uma centena de emigrantes, estabeleceu-se em Naumkeay (actualmente Salem), onde elle e os seus companheiros lançaram os fundamentos da colonia da bahia de Massachusetts.

No anno seguinte foram todos encorporados debaixo do nome de «Governo e companhia da bahia de Massachussets na Nova Inglaterra».

Esta compra havia sido feita ao conselho de Plymouth por homens de uma certa respeitabilidade, que mais tarde attrahiram para a mesma empreza as notabilidades da Nova Inglaterra.

Em julho do mesmo anno, 1629, chegaram uns duzentos emigrantes, dedicando-se alguns a edificar Charlestown em Mishawam.

A nova colonia augmentava rapidamente.

Em Inglaterra decidia-se no mez de setembro d'aquelle anno, que o titulo pelo qual a companhia havia obtido os territorios, assim como o respectivo governo, deveriam passar para os colonos.

Esta decisão, por parte dos individuos que compunham a mesma companhia, produziu salutar effeito, influindo nos animos de homens intelligentes e de fortuna para os predispor a emigrar.

Em julho de 1630 chegava a Salem John Winthrop e outros, acompanhados de perto de trezentas familias. O primeiro nomeado havia sido previamente escolhido para governador, com um conselho composto de dezoito membros, ficando assim organisada a nova administração do «governo e companhia da bahia de Massachussets na Nova Inglaterra».

Os emigrantes foram estabelecer-se nos locaes que então denominaram, e hoje se conhecem pelos nomes de Dorchester, Roxbury, Watertown e Cambridge.

Estes sitios ficam nos suburbios de Boston, que foi fundada no verão do mesmo anno, 1630, começando primeiramente pela edificação de alguns *cottages*.

John Winthrop era um dos homens mais activos e emprehendedores dos que lançaram os primeiros fundamentos da grande republica que a Europa admira. Ha-

via nascido em Inglaterra no anno de 1558 e morreu na America em 1649.

Costumados a todas as commodidades e bem estar, das trezentas familias que haviam chegado em julho de 1630, muitos individuos tinham perecido até o fim do mesmo anno, entre os quaes se contavam Higginson e Isaac Johnson, dois dos principaes influentes n'aquella empreza, e o ultimo, por certo, o mais rico de todos os que fundaram a cidade de Boston.

Sua mulher lady Arabella, filha do *Earl of* Lincoln, fallecêra em Salem, e o marido pouco tempo lhe sobreviveu.

Entretanto, os que escaparam á intemperie do clima, dedicaram-se corajosamente ao arduo trabalho de fundar a provincia de Massachusetts.

Pelo povo reunido em assembléa geral foi deliberado, no mez de maio de 1631, que todos os empregados publicos, d'aquella epocha em diante fossem escolhidos pelos homens livres, isto é, por aquelles que pertencessem a alguma das igrejas estabelecidas, porque assim estava organisada esta qualificação n'aquelle ponto do paiz.

A maior affinidade existiu sempre entre o estado e a Igreja, na provincia de Massachusetts até 1665, em que se revogou similhante disposição.

No anno de 1634 estabeleceu-se um governo representativo, como já se tinha praticado para com a Virginia em 1619.

É d'essa epocha que data o progresso da colonia. A paz com os indios tornou-se uma realidade; e os hollandezes na Nova Amsterdam reconheciam, pelas mais cordeaes demonstrações, os direitos da Inglaterra á provincia de Massachusetts.

Um incidente devia temporariamente perturbar a tranquillidade publica; e esse incidente tinha a peior das origens, a intolerancia religiosa.

Os puritanos, victimas na Inglaterra do falso principio que não lhes permittia a livre manifestação da consciencia, tinham-se tornado na America obcecados defensores de suas doutrinas, dando-lhes uma demasiada latitude de interpretação e intolerancia.

Eram honestos e verdadeiros em todos os actos da vida; mas olhavam os anglicanos e catholicos como seus principaes inimigos, empregando todos os meios para os conservar fóra do poder e alheios a toda a auctoridade.

O espirito do seculo concorria para alimentar a superstição n'aquelles animos, aliás puros, mas offuscados pelas falsas idéas de um exclusivismo que, a seu turno, tambem fazia victimas.

Exerciam pois vinganças que estavam bem longe de exemplificar a doutrina do evangelho, em que elles fundaram a sua religião, despida de todas as exterioridades do catholicismo.

Os puritanos, na extrema simplicidade a que desejavam conduzir os deveres entre a Igreja e o estado, prégavam utopias de que elles proprios eram as victimas.

Roger Williams, o fundador de Rhode Island, conforme fica referido na «segunda epocha» d'esta obra, foi um dos primeiros que soffreu a intolerancia de seus correligionarios.

Havendo sido escolhido para ministro do culto puritano em Salem, no anno de 1634, provocou a resistencia das auctoridades civis por contestar o direito dos magistrados intervirem nos assumptos religiosos, impedindo assim que elles protegessem quaesquer outras seitas.

Roger Williams negava tambem o dever dos colonos prestarem juramento ao rei; e pretendia, dizem alguns historiadores, que as concessões feitas pela Inglaterra, dos terrenos na America do norte, não deviam ser respeitadas, porque o solo pertencia aos indigenas.

Estas theorias, e os principios de uma grande intolerancia religiosa, foram a causa de grandes disturbios na colonia: as auctoridades viram-se por fim na necessidade de banir Roger Williams em novembro de 1636. Já, porém, elle se havia retirado em janeiro do anno antecedente, na intenção de fundar o estado de Rhode Island, e talvez para fugir ás consequencias da geral excitação que havia produzido a propagação de suas doutrinas.

No decurso do anno de 1635 chegou um grande numero de emigrantes, e entre elles alguns individuos influentes e possuidores de grandes riquezas.

Hugh Peters, eloquente prégador, acompanhava os novos colonos, assim como Henry Vane, mancebo de talento, que no anno seguinte obteve ser eleito governador.

Entretanto a palavra de Roger Williams havia surdamente minado as consciencias e abalado a fé dos colonos, dispondo-os para receber todas as innovações em materia religiosa. D'este estado incerto, e do desejo de cada um fazer prevalecer o que lhe parecia mais justo, resultaram *meetings* e calorosas discussões nas colonias de Plymouth e da bahia de Massachusetts.

Ao sexo feminino não era permittido tomar parte em taes discussões; e isso foi talvez bastante para despertar o desejo contrario, por parte dos espiritos exaltados e ao mesmo tempo intelligentes de algumas mulheres, que já então, como mais tarde, appareceram na America pretendendo conquistar direitos que de longa data foram sempre inherentes ao sexo forte.

Appareceu então Anne Hutchinson, mulher dotada de muita intelligencia e energia, que estabeleceu *meetings* na sua propria casa, onde só eram admittidas as pessoas do seu sexo.

N'estas reuniões manifestaram-se doutrinas de tal ordem, que as auctoridades civis e ecclesiasticas as denominaram hereticas e sediciosas.

Anne Hutchinson proclamava que o Espirito Santo habitava em todos os crentes, e que as suas revelações eram superiores á doutrina dos homens; que, por consequencia, todos tinham direito de julgar da capacidade dos ministros da religião, e que os santos deviam ser eleitos, e por essa fórma canonisados, embora a isso se oppozessem os precedentes de sua vida.

Taes principios iam de encontro ao clero, e lançavam os espiritos em uma completa anarchia religiosa; mas nem por isso o governador Vane, alguns magistrados, e uma grande parte dos homens mais proeminentes em Boston, deixaram de seguir a nova doutrina.

Hutchinson tinha um irmão, o venerando John Wheelwright, que foi eloquente propagador das idéas de sua irmã.

A controversia theologica assumia serias proporções, e desviava-se para o campo politico, influindo nos negocios publicos da colonia.

John Winthrop estava á frente dos que combatiam as novas doutrinas.

Elegeu-se um synodo, e Anne Hutchinson, depois de

presa, foi banida da colonia, e as suas idéas condemnadas.

Algum tempo depois Mrs. Hutchinson e todos os individuos de sua familia eram assassinados pelos indios nos dominios hollandezes onde se tinham refugiado.

O governador Vane ficou sem popularidade; não foi mais eleito, e voltou para Inglaterra; ali perdeu a vida no cadafalso em 1662, por causa de seus principios republicanos.

Uma grande parte dos adeptos de Mrs. Hutchinson estabeleceu-se em Rhode Island; e assim se dispersaram os crentes da nova seita, que não pôde organisar-se como outras mais felizes, e ainda mais absurdas, que depois appareceram e se enraizaram no novo mundo.

A guerra contra os indios *Pequods* (cujos resultados foram descriptos quando, na «segunda epocha», nos occupámos da colonisação do Connecticut) tinha produzido uma relativa segurança para os colonos da Nova Inglaterra.

Por outro lado, a perseguição religiosa na metropole, fazia augmentar por centenas a emigração para as colonias. O governo inglez e a Igreja anglicana viam com receio o progresso de uma sociedade composta de individuos de sentimentos politicos e religiosos, que eram oppostos ao systema monarchico e á religião do Estado.

Com o fim de calmar a febre da emigração, no anno de 1633, o governo da Inglaterra empregou varias medidas, e entre ellas publicou uma proclamação, que não pôde ser levada a effeito pelas grandes difficuldades que encontrou.

Por ordem do conselho privado foram embargados no Tamisa, em 1634, oito navios que conduziam, diz a historia, alguns dos mais puros partidarios da realeza.

Em junho de 1635 o conselho de Plymouth devolvia á

corôa a provisão com que havia obtido a Nova Inglaterra.

Praticava-se isto sem o povo ser ouvido nem consultado, e a despeito de muitos interesses adquiridos. Nomeou-se então uma commissão, composta do arcebispo de Canterbury e de outros individuos, com plenos poderes para estabelecer um governo em todas as feitorias na America do norte, regular tudo quanto respeitava a materia religiosa, condemnar os actos contrarios á corôa britannica, punir os rebeldes, e até mesmo annullar as provisões concedidas pelo governo da metropole.

Quando esta noticia chegou aos colonos de Massachusetts, foi tal a impressão que produziu, que o povo, apesar dos poucos meios de que podia dispor, contribuiu para uma subscripção promovida pelos mais enthusiastas, com o fim de oppor a taes actos completa resistencia.

Nem os tribunaes, usando do direito que a lei lhes conferia, nem as ameaças intimidando os animos menos firmes, poderam influir na opinião publica. Passiva era a resistencia, mas nem por isso se tornava menos seria. Facil foi comprehender então que se a epocha da emancipação estava ainda bem distante, o caminho mais curto para lá chegar era o da educação do povo.

Em 1636 o tribunal geral de Boston applicava dois mil *dollars*[1] para se estabelecer um collegio. Dois annos depois, o reverendo John Harvard, deixava em testamento mais de tres mil *dollars* para a instituição de um seminario, que ainda hoje conserva o nome de Collegio de Harvard. Em 1647 promulgou-se uma lei, dispondo que toda a povoação de cincoenta fogos tivesse uma escola com o seu competente professor, e que áquellas onde o numero dos

[1] O *dollar* vale entre 920 e 950 réis.

proprietarios fosse de mil, lhes competisse uma cadeira de grammatica.

As dissidencias dos principios politicos e religiosos, concorriam para desviar os animos da perseguição a que se expunham os colonos pela resistencia á metropole, e tambem os unia em commum interesse; tanto mais, que as depredações dos hollandezes e francezes se faziam sentir e obrigavam os habitantes da Nova Inglaterra (que já formavam uma colonia de cincoenta aldeias com vinte mil almas), a conhecerem o valor do axioma «a união faz a força».

A guerra civil na Inglaterra difficultava igualmente a acção que ella podia exercer sobre a remota possessão.

A confederação intentada em 1637, quando se concluiu a guerra contra os indios *Pequods*, verificou-se no anno de 1643, compondo-se das colonias de Plymouth, Massachusetts, Connecticut e New-Haven.

O Rhode Island não foi admittido por se recusar a reconhecer a auctoridade de Plymouth.

Esta confederação era baseada em condições muito similhantes ás que formam hoje a constituição dos Estados Unidos.

As provincias conservavam uma perfeita independencia na sua administração interna, e os interesses communs eram superintendidos por uma commissão composta de dois membros por cada uma das colonias. Deviam reunir-se annualmente, ou mais vezes, se assim fosse necessario, para attender ao bem publico e recommendar as medidas de interesse geral.

Não assumia a commissão o poder executivo, porque as suas deliberações deviam ser consideradas, e, quando convenientes, postas em execução pelas colonias, que conservavam para todos os effeitos a sua soberana independencia.

Por muitos annos funccionou este pacto até á ascensão

ao throno de James II, em que as provisões de todas as colonias foram revogadas ou suspensas. Quando depois da revolução de 1688, que aboliu a dynastia dos Stuarts em Inglaterra, se restabeleceu o governo local, já não existia a necessidade da confederação, que então se dissolveu.

A colonia do Massachusetts foi a que tomou a iniciativa na união das provincias da Nova Inglaterra, manifestando sempre todas as tendencias republicanas, e tanto assim que a casa dos representantes ou corpo democratico, que actualmente existe no congresso e nas assembléas legislativas dos estados, foi ali estabelecida no anno de 1644.

É evidente que os habitantes d'aquella colonia britannica sympathisavam com os principios republicanos, que Cromwell havia proclamado em Inglaterra; por isso não é de admirar que n'elle encontrassem um grande elemento para as suas aspirações.

Mais despreoccupados os colonos dos assumptos politicos, o commercio tomou maior desenvolvimento, sobretudo com as Indias occidentaes.

No exercicio da sua quasi soberana independencia, que Cromwell não tinha tempo de contestar, as auctoridades estabeleceram uma casa de moeda, onde se cunhou o metal que havia sido importado das Indias acima referidas.

Foram estas moedas de prata, do valor de tres e seis *pence* e de um *shilling sterling*, as primeiras que se cunharam no territorio dos Estados Unidos. São hoje raras, mas existem algumas que têem a data de 1652 e o emblema de um pinheiro.

As feitorias nos territorios onde hoje existe o estado do Maine, submetteram-se á jurisdicção do Massachusetts no mesmo anno de 1652.

Alguns annos depois, isto é, em 1656, a colonia foi

inquietada com a presença de duas mulheres que desembarcavam em Boston. Eram «quakers» e por isso disputavam aos puritanos a simplicidade de costumes e rigidez de principios.

Estas creaturas, e outras que lhes succederam, foram presas, accusadas de feiticeiras, e por fim enviadas para Inglaterra, depois de açoutadas. Os livros da sua religião tiveram a honra de ser queimados pela mão do carrasco!

Como viessem chegando mais individuos da mesma seita, no anno de 1657 poz-se em execução a lei contra os «quakers»; mas, é preciso confessal-o, sem grande resultado.

Entretanto a intolerancia augmentava na rasão directa dos sectarios que entravam na colonia; e, em virtude de uma recommendação dos commissarios federaes, pela maioria de um voto, a provincia do Massachusetts bania o povo «quaker» do seu territorio, sob pena de morte.

Passava-se isto no anno de 1658. O pretexto com que se decretou similhante medida, foi o de que os pobres «quakers» proclamavam doutrinas contrarias á ordem publica e á estabilidade do governo.

Como sempre acontece, a demasiada intolerancia contra esta seita, só fez augmentar o numero dos que aspiravam á palma do martyrio. A pena de morte foi, por assim dizer, uma luva lançada aos crentes que desejavam entregar a materia ao supplicio e enviar o espirito a Deus, conforme a fé inabalavel de suas almas.

Eram poucos os «quakers» que saíam da colonia; crescia porém o numero dos que de novo entravam. As prisões estavam cheias; muitos foram publicamente açoutados e alguns enforcados.

A reacção devia apparecer. O espirito publico indignou-se contra similhantes barbaridades; os «quakers» alcançaram o respeito devido aos martyres, e as

auctoridades tiveram de ceder perante a opinião. Em 1661 aboliu-se a pena de morte contra aquelles inoffensivos fanaticos, e a tolerancia christã, como seria para desejar que sempre tivesse existido, transigiu e tolerou a nova seita.

Poderia ter havido algum fundamento para coagir os «quakers» a não influirem na marcha dos negocios publicos, como elles pretendiam fazer com o absurdo de suas doutrinas; mas os rigores com que foram tratados na America, e mesmo em Inglaterra, não se podem justificar por modo algum.

Os «quakers» não admittiam a auctoridade dos homens, e classificavam por consequencia os magistrados da colonia, como delegados de uma tyrannia incompativel com os principios da sua religião.

Nas suas predicas proclamavam a pureza da vida, e o dever de cada um exercer a caridade no mais elevado grau. Para elles ninguem tinha o direito de analysar as opiniões alheias. Só a voz da consciencia devia ser o motor das acções do individuo; e os que assim não procediam, obedecendo á auctoridade da metropole, eram simples mercenarios pagos para perseguir o genero humano.

Estes principios, aliás subversivos da ordem, não podiam ser tolerados em uma sociedade nascente, que necessitava da obediencia de todos no interesse commum, para avançar no caminho do progresso; estavam, porém, longe de constituir crimes que devessem ser punidos com a maior penalidade até hoje conhecida.

Assim que os «quakers», livres da oppressão da auctoridade, poderam dar largas ás suas doutrinas, voltaram as vistas para as tribus indigenas, dedicando-se á propagação do evangelho entre os filhos das florestas, secundando por essa fórma a obra encetada por John Eliot, denominado o «Apostolo dos indios», que já havia conver-

tido muitos á religião de Christo, fundando a primeira igreja nos dominios dos selvagens.

Em 1660 era restaurada em Inglaterra a dynastia dos Stuarts, e os juizes que haviam condemnado á morte, um anno antes, o rei Charles I, fugiam á prisão e ao supplicio. Dois buscaram refugio na America; eram William Goffe e Edward Whalley, e foram os primeiros a annunciar em Boston a ascensão de Charles II ao throno da Gran-Bretanha.

Os colonos da Nova Inglaterra sympathisavam com os principios republicanos, e, em logar de acceder ás ordens da metropole, entregando á justiça os magistrados perseguidos, pelo contrario, deram-lhes seguro e secreto asylo, incorrendo no desagrado da monarchia.

As restricções commerciaes abolidas durante a administração de Cromwell, tornaram a ser postas em execução. Debalde o povo peticionou, pedindo a continuação dos privilegios que estava gosando. A metropole não attendeu por algum tempo os clamores dos colonos, até que, em agosto de 1644, lhe enviou uma commissão com o fim de consolidar a paz e estabelecer a boa harmonia, que se tornava necessaria entre os dois paizes.

Mas os colonos viram estas medidas de um modo differente, e ficaram indignados e receiosos de que pretendiam usurpar-lhes os privilegios adquiridos, e restringir a acção de suas liberdades. A provincia de Massachusetts, sem deixar de asseverar fidelidade á metropole, protestou energicamente contra a auctoridade dos commissarios; e, se exceptuarmos o Rhode Island, todas as demais provincias da Nova Inglaterra secundaram o procedimento dos colonos do Massachusetts, que, a final, viram realisados os seus desejos, por isso que os actos da commissão enviada pela metropole, foram revogados em 1666.

Os erros de Charles II tiveram a sua natural influen-

cia em todos os negocios publicos da Inglaterra. As distantes colonias não podiam ser lembradas, nem receber da metropole o sufficiente estimulo para executar as ordens cuja força se perdia nas voluptuosidades da côrte e nos excessos dos cortezãos.

O Massachusetts tomou a vanguarda no caminho da liberdade, e, emquanto a Inglaterra soffria os resultados da sua má administração, as colonias floresciam e gosavam de uma perfeita tranquillidade.

Mais tarde rebentou a guerra dos indios, que a historia denominou=guerra do rei Philip=da qual nos occuparemos no seguinte capitulo.

Massasoit, o grande chefe dos *Wampanoags*, tinha dois filhos aos quaes o governador Prince havia dado os nomes de Alexander e Philip, em homenagem á sua bravura. O primeiro morreu logo depois do fallecimento de seu pae, tornando-se por isso o ultimo, o chefe supremo dos *Wampanoags*.

Emquanto Massasoit existiu, o tratado de paz, que elle havia feito com os europeus, foi completamente mantido.

Tambem Philip ou Metacomet (como igualmente era conhecido), por espaço de doze annos conservou as melhores relações com os colonos. Mas á proporção que estes alargavam as suas feitorias, invadindo o dominio dos indigenas, e privando-os de todas as vantagens da vida selvagem, Metacomet ou Philip via augmentar do mesmo modo a necessidade de exterminar os invasores, banindo-os para sempre do solo americano.

Foi no monte Pokanoket, segundo a denominação indiana, ou Mount Hope, como hoje é conhecido, a duas milhas de distancia de Bristol, no Rhode Island, que teve logar o plano da guerra e alliança com as demais tribus da Nova Inglaterra, e outras que depois se envolveram no conflicto.

John Sassamon, indio de origem, havia sido educado em Cambridge na provincia de Massachusetts e enviado depois, como missionario, para o centro do paiz, a fim de converter os seus compatriotas.

Ardente defensor dos brancos e grato á civilisação que d'elles havia recebido, não lhe permittiam os seus senti-

mentos occultar o plano de destruição tramado na sombra das florestas.

John Sassamon gosava da intimidade de Philip e sabia tudo quanto se devia passar.

Foi pois avisar as auctoridades em Plymouth, dando assim aos brancos o signal de prevenção.

Este facto tornou-se conhecido dos indios, e Sassamon caiu assassinado por tres da tribu dos *Wampanoags,* os quaes, depois de julgados em Plymouth, expiaram o crime morrendo enforcados.

Foi talvez a justa punição dos tres assassinos a faúlha que produziu a explosão. As antigas offensas recebidas dos brancos, e o facto de, em 1671, o proprio Philip e os de sua tribu, serem obrigados a entregar as armas de fogo obtidas dos inglezes, em consequencia da descoberta de uma conspiração, eram causas bem serias para que a vingança despertasse em corações selvagens alheios á diplomacia, que formulou uma tabella de preços para todas as affrontas.

O chefe indiano começou por enviar todas as mulheres e crianças para os *Narragansets,* a fim de ficarem protegidas dos perigos da luta.

Depois accendeu o facho da guerra.

A primeira hostilidade de Philip effectuou-se em Swanzey, umas onze leguas ao sudoeste de Plymouth: era o dia 4 de julho de 1675, e o ataque realisou-se em quanto o povo saía dos templos, onde, pelo receio das aggressões dos indios, tinha ido orar.

Foram assassinados alguns colonos, outros capturados, e os que poderam fugir buscaram refugio nas proximas feitorias, levando o terror a toda a colonia.

Os habitantes de Plymouth fizeram juncção com os de Boston e demais suburbios; marcharam todos em direcção a Mount Hope, e ali cercaram o chefe indio que se defendia corajosamente, protegido pelos pantanos, no

sitio que escolhêra como ponto estrategico contra os europeus.

No fim de muitos dias de sitio, Philip pôde escapar-se com a melhor parte dos seus guerreiros, e fugiu para a tribu dos *Nipmucs* no interior do Massachusetts, com a qual fez causa commum contra os colonos, tomando novamente a offensiva.

Com uns mil e quinhentos combatentes dirigiu-se para as feitorias ao longo do valle do Connecticut, ao passo que os poucos brancos aguerridos penetraram no paiz dos *Narragansets,* e á força obtiveram um tratado de amizade do chefe supremo d'aquella poderosa tribu, por nome Canouchet filho de Miantonomoh, que habitava no monte perto da formosa cidade de Newport, no Rhode Island, que ainda hoje por abreviatura de Miantonomoh conserva o nome de *Tonomyhill.*

Philip empregava todos os meios que a astucia selvagem lhe suggeria, e augmentava o exercito com outras tribus que seguiam, por medo ou sympathia, o seu grito de guerra, e, sem descansar na obra de destruição, queimou as casas que encontrou, não dando quartel nem aos entes mais inoffensivos.

O terror era tal, que por alguns mezes os colonos da Nova Inglaterra suppozeram que estava chegada a hora do seu completo exterminio.

E comtudo aquellas colonias contavam já uns cincoenta e cinco mil habitantes, conforme os calculos dos melhores historiadores.

Desde Springfield até á actual fronteira do estado de Vermont, todo o valle do Connecticut, onde existiam feitorias dos europeus, foi o theatro de mortes e de uma completa destruição. Os proprios parlamentarios eram traiçoeiramente assassinados, depois de attrahidos ás emboscadas preparadas pelos indios.

Perto do sitio de Quaboag, hoje conhecido pelo nome

de Brookfield, teriam sido queimados vivos alguns dos colonos fugidos á traição dos indigenas, se a Providencia lhes não tivesse acudido com uma chuva torrencial, dando assim occasião a que fossem soccorridos.

Muitas casas haviam já sido o pasto da chammas; algumas foram salvas e outras abandonadas pelos seus habitantes.

Passavam-se estes acontecimentos em agosto de 1675, e pouco tempo depois, isto é, em principios de setembro, dava-se uma batalha entre cento e oitenta colonos e cerca de setecentos indios, perto do sitio chamado Deerfield, que ficou reduzido a cinzas.

Na mesma occasião era atacada Hadley quando todos os seus habitantes se achavam orando na casa de Deus.

Appareceu então, como por encanto, um homem alto e de presença veneranda, com os cabellos e barba dispersos ao capricho dos ventos, brandindo uma resplandecente espada. Collocando-se á frente dos opprimidos conduziu-os ao ataque, e com tal arte o fez, que os indios foram derrotados.

O valente guerreiro tornou a desapparecer, deixando entre todos a crença de que era um anjo enviado por Deus para soccorrer o seu povo afflicto.

Diz porém a historia, que aquelle valente soldado, era William Goffe que fugíra de Inglaterra para escapar ao cadafalso, por ter sido um dos juizes, que condemnára á morte o infeliz Charles I.

A guerra estava porém longe do seu termo. No dia 23 de setembro os caminhos de Northfield appareceram tintos do sangue de muitos mancebos pertencentes ao grupo commandado pelo capitão Beers; e cinco dias depois a companhia do capitão Lathrop era exterminada por um milheiro de indigenas nas margens de um ribeiro proximo de Deerfield, que ainda hoje conserva o nome de «Bloody Brook» (Ribeiro ensanguentado).

Os indios de Springfield, apesar de se dizerem amigos dos inglezes, fizeram juncção com Philip, que tinha resolvido atacar a principal feitoria situada em Hatfield.

O plano era o da completa destruição da colonia de Springfield, para onde o chefe, acompanhado de mil indigenas, se dirigiu em 29 de outubro de 1675.

Foi porém repellido com tamanha perda, que só pôde reunir o resto das suas forças na margem oriental do Connecticut, marchando immediatamente sobre o Rhode Island.

Os brancos haviam-se defendido heroicamente de dentro de suas habitações, palissadas com grossos troncos de arvores, cujas extremidades eram aguçadas para difficultar as surprezas dos selvagens.

No Rhode Island Philip obteve que a tribu dos *Narragansets* se lhe unisse, violando o tratado de amisade que tinha feito com os europeus.

Para castigar os selvagens, marcharam mil e quinhentos inglezes da Nova Inglaterra, em direcção ao forte onde tres mil indigenas haviam buscado abrigo ao inverno, que já com rigor se tinha manifestado. O forte estava construido em terrenos pantanosos, conforme o uso, a pequena distancia ao sudoeste da aldeia denominada hoje Kingston, no condado de Washington em Rhode Island.

Foi a 29 de dezembro, que os inglezes chegaram em frente das palissadas que protegiam os indigenas.

A luta não se tornou longa, porque os sitiados offereceram pequena resistencia, e no espaço de algumas horas, forte e provisões estavam entregues ao furor das chammas.

Centos de homens, mulheres e creanças pereceram no immenso brazeiro accendido pelos inglezes: cerca de mil combatentes foram mortos, e o resto feito prisioneiro.

N'este numero se achava Canonchet, chefe da tribu dos *Narragansets*, que foi morto pouco tempo depois.

Philip conseguiu fugir com alguns guerreiros, indo refugiar-se na tribu *Nipmucs.*

Em todo o combate os brancos tinham perdido uns duzentos e cincoenta homens entre mortos e feridos.

Durante o inverno, o terrivel Philip não descansou em reorganisar o seu exercito, sendo secundado pelas tribus ao oriente de Massachusetts, que tambem haviam soffrido dos inglezes.

Na primavera de 1676 recomeçou a obra da destruição por parte dos indios, e com tamanho furor, que no curto espaço de algumas semanas, a guerra occupava uma area de cerca de cem leguas.

Na provincia de Massachusetts as povoações de Weymouth, Groton, Medfield, Lancaster e Malborough foram reduzidas a cinzas, assim como as de Warwick e Providence no Rhode Island.

O mesmo fim tiveram todas as feitorias isoladas, das quaes os selvagens se podiam approximar sem risco de encontrarem forças inglezas.

Foi porém entre os proprios indigenas que se levantou a discordia, paralysando ella a torrente de seus maleficios. Philip era tido na conta de muito ambicioso, e os seus alliados não quizeram por mais tempo servil-o, preferindo algumas tribus entregarem-se e outras reunirem-se ás do Canadá.

Os indigenas dispersos foram batidos pelo capitão Church, cuja bravura é registrada nas differentes historias dos Estados Unidos.

Os indios tinham perdido mais de dois mil combatentes em menos de um anno, e Philip fugia de um para outro lado, a fim de evitar a perseguição dos inglezes.

No mez de agosto de 1676, a mulher e o filho d'esse chefe, que por tanto tempo tinha sido o terror da Nova

Inglaterra, foram feitos prisioneiros. A este acontecimento Philip desanimou de todo e julgou-se perdido.

De facto, poucos dias depois, era elle morto por um indio obscuro, que sempre se havia conservado fiel ao inglezes.

O famoso capitão Church separou-lhe a cabeça do corpo com uma tosca espada, que ainda hoje póde ser vista na Sociedade Historica do Massachusetts.

Do mesmo modo que os selvagens praticavam para com os seus inimigos, os inglezes gostavam de imital-os n'esta parte, a fim de aterrar os timidos com os pavorosos trophéus symbolisados por uma cabeça humana na extremidade de um poste levantado no sitio mais publico da colonia.

Quizeram matar o filho de Philip, mas a final foi vendido como escravo para as ilhas Bermudas. Era uma creança, que deveria ter merecido a compaixão dos brancos para receber uma boa educação e ser mais tarde, para os seus compatriotas, um exemplo de emulação que concorresse para civilisar os ignorantes povos das florestas.

Com estes acontecimentos finalisou a guerra chamada do «rei Philip».

O poder dos indios na Nova Inglaterra terminou completamente. Os colonos entregaram-se ao desenvolvimento de suas feitorias, cujo progresso se achava paralysado pela terrivel luta que acabâmos de descrever. É de então que data o começo da prosperidade *yankee* no novo mundo, admirada hoje pela crescente industria de um povo laborioso, emprehendedor e incansavel nos aperfeiçoamentos de todas as manufacturas.

A guerra do rei Philip foi bastante sensivel para as provincias da Nova Inglaterra, e ficou assignalada com a perda de seiscentos homens, a destruição de doze aldeias, comprehendendo, com as feitorias queimadas, cerca de

seiscentas casas de habitação. Tudo foi reduzido a um montão de ruinas.

Sem contar o prejuizo causado ao commercio e á industria de um povo que acabava de nascer, calculou-se que a luta não teria custado menos de meio milhão de dollars, o que era uma somma muito avultada para aquella epocha.

Como se todos estes acontecimentos não fossem sufficientes para opprimir a colonia do Massachusetts, que todavia ainda estava combatendo os ultimos baluartes da revolução, appareceram novas difficuldades concernentes á posse de varios territorios. Desde alguns annos que existia um litigio entre os herdeiros de sir Ferdinand Gorges e John Mason com a colonia do Massachusetts, em relação a terrenos situados onde hoje florescem os Estados do Maine e do New Hampshire, terrenos que se achavam debaixo da jurisdicção das auctoridades em Boston.

A decisão dos tribunaes, tendo sido a favor dos alludidos herdeiros, a colonia julgou que lhe era conveniente comprar os seus direitos em maio de 1677, pela somma de seis mil dollars.

O New Hampshire, em 1680, ficou sendo provincia independente, mas o Maine, encorporado na provincia do Massachusetts no anno de 1692, só obteve a sua autonomia em 1820.

Na metropole as cousas não corriam debaixo de melhor aspecto para a remotas colonias. Charles II não sympathisava com o systema de governo adoptado nas suas possessões, especialmente no que servia de norma para as provincias de leste, cuja independencia se assimilhava com o *self government* já então hasteado pelas raças anglo-saxonias, em completa antinomia com o chamado «direito divino».

A opportunidade para esse golpe de estado, que de

uma vez revogasse as immunidades dos colonos e concentrasse o governo da colonia debaixo da acção directa do executivo da Gran-Bretanha, nasceu do simples facto que vamos referir.

Para resolver algumas difficuldades, a provincia da Massachusetts tinha enviado alguns delegados á metropole: era o seu fim estabelecer a melhor harmonia no interesse commum dos dois paizes.

As negociações ficaram porém sem resultado, e no mesmo navio em que tinham ido os delegados, foi enviado á colonia Edward Randolph, empregado de grande fidelidade, e que por isso mesmo não inspirava a maior confiança aos habitantes da Nova Inglaterra.

Edward Randolph havia sido nomeado para receber em Boston os impostos arrecadados na alfandega, e tambem ía investido de bastante auctoridade para revogar a provisão concedida á provincia de Massachusetts.

Em junho de 1684, o supremo tribunal declarava de nenhum effeito a provisão do Massachusetts; mas o rei, antes de pôr em execução o que elle chamava «seus direitos» falleceu a 26 de fevereiro de 1685.

Ao monarcha que lhe succedeu, James II, o povo da Nova Inglaterra não deixou de peticionar, demonstrando as injustiças com que havia sido tratado.

O resultado foi o mesmo, e a provisão do Massachusetts não deixou de ficar revogada, collocando-se a administração da colonia desde Rhode Island até Nova Scotia, debaixo da acção directa da metropole, para o que Joseph Dudley foi nomeado presidente.

Em dezembro de 1686 chegava a Boston sir Edmundo Andros, investido da suprema auctoridade para governar toda a Nova Inglaterra.

Infelizmente este funccionario procedeu de modo a augmentar ainda mais as reclamações dos colonos.

Ao passo que a imprensa soffria perseguição, os emo-

lumentos dos empregados eram elevados, contra os interesses da colonia, e a liberdade de cultos via-se tambem ameaçada de voltar aos tempos da fanatica intolerancia.

Preparava-se o povo para uma resistencia armada, quando em abril de 1689 chegou a Boston a noticia da revolução de 1688 em Inglaterra.

James II era expulso do throno, e em seu logar proclamavam-se monarchas da Gran-Bretanha William e Mary de Orange.

Sir Edmund Andros foi preso, assim como uns cincoenta dos seus adherentes, e todos enviados para a metropole.

O governo constitucional, ou, para melhor dizer, o principio democratico, foi de novo restabelecido no Massachusetts.

James II, que era catholico, fugiu para a côrte de Louis XIV, de França, de quem recebeu decidida protecção.

D'isto resultaram serias divergencias entre a Gran-Bretanha e a França; e por tal fórma ellas se apresentaram, que na America as suas respectivas colonias tambem romperam as hostilidades.

O conflicto, que durou mais de sete annos, é conhecido na historia pela denominação de «guerra do rei William», e d'esse conflicto nos occuparemos no seguinte capitulo.

O Canadá conquistado aos francezes nos annos de 1759 e 1760, e cedido á Inglaterra pelo tratado de París de 1763, tinha pertencido á França (como já anteriormente fica demonstrado) desde a viagem de Jacques Cartier ao rio S. Lourenço em 1534.

O Canadá denominava-se então «Nova França», e estava entregue ás doutrinas dos jesuitas que, com o duplo fim de dominarem o paiz e engrandecerem a ordem, tinham convertido muitos selvagens, tornando-os alliados da metropole.

A 7 de julho de 1689 romperam-se as hostilidades entre os colonos dos dois paizes, sendo atacada a povoação de Dover, situada na fronteira, pelos francezes e indios seus alliados. A guarnição, composta de vinte homens commandados pelo major Waldron, foi morta, e o resto dos habitantes, cerca de trinta pessoas, passou á condição de servos para o Canadá.

Em agosto seguinte, alguns indios atacaram uma fortificação ingleza em Pemaquid, capturando toda a guarnição.

No inverno do mesmo anno Frontenac, governador do Canadá, enviou uma força composta de trezentos francezes e indigenas para invadirem as colonias inglezas pelo lado de Albany.

Em uma fria noite de fevereiro de 1690, a maior parte dos habitantes de Schenectada era assassinada, e a povoação reduzida a cinzas.

Estas violencias continuaram na primavera, e muitas

das aldeias, a leste do paiz, foram atacadas pelas forças combinadas dos francezes e indigenas.

Em homenagem aos colonos francezes, devemos declarar que estes excessos, sem uma apparente justificação, foram promovidos pelos jesuitas.

Tanto no velho como no novo mundo, os discipulos de Ignacio de Loyola eram os mesmos no emprego dos meios com que pretendiam augmentar o christianismo e fortalecer a unidade da Igreja catholica romana.

Todos estes acontecimentos produziram a maior excitação nos colonos inglezes, e a Nova Inglaterra preparou-se para uma vingança, que punisse e intimidasse os seus turbulentos e nocivos vizinhos do Canadá.

No seguinte mez de maio, o Massachusetts apparelhou uma expedição de oito pequenos navios, debaixo do commando de sir William Phipps, conduzindo cerca de oitocentos homens.

Port Royal em Acadie (Nova Scotia) foi tomado, e aos seus habitantes se extorquiram os meios necessarios para occorrer ás despezas da expedição. Poucas semanas depois os corsarios inglezes saquearam o mesmo porto.

A Nova Inglaterra creou animo, e fez juncção com New York para conquistarem o Canadá.

Foi combinado enviar uma outra expedição de desembarque, por via do lago Champlain, para atacar Montreal, e uma força naval encarregada de se apossar de Quebec. A primeira expedição era commandada pelo filho de Winthrop, governador do Connecticut, e as despezas que ella occasionava deviam ser satisfeitas por aquella colonia e por New York.

A ultima expedição referida foi organisada pelo Massachusetts e entregue ao commando de sir William Phipps.

Todas estas forças sommavam dois mil homens, repartidos por trinta e quatro navios.

As tropas de Winthrop e os indios da tribu das «Cinco nações», commandados pelo coronel Schuyler, foram impellidos para o lado de S. Lourenço e batidos em agosto de 1690 por Frontenac, governador do Canadá.

O resto das forças não passou de Wood-creek (hoje White-hall); e do mesmo modo que as do commando de Winthrop, todas se refugiaram em Albany.

Sir William Phipps chegou a Quebec pelos meiados de outubro, e desembarcou algumas tropas; mas a cidade estava por tal fórma fortificada, que foi obrigado a voltar para Boston sem perda de tempo, no receio de ser surprehendido pelos gelos do inverno.

Á rivalidade do povo de New York com o do Connecticut, á pouca harmonia entre indios e europeus, e á falta de cartas maritimas para guiar a expedição, se attribuiu o seu infeliz resultado, para o que tambem concorreu o apoio que os francezes receberam dos indigenas com os quaes viviam na melhor intelligencia.

Foi grande o sacrificio da colonia na mallograda tentativa: Boston teve que recorrer ao credito, para o que fez uma emissão de cento trinta e tres mil dollars em papel-moeda.

A falta de recursos era manifesta; e as colonias sem o auxilio da metropole não podiam aggredir os francezes e indios do Canadá. Foi enviado sir William Phipps a Inglaterra com a missão de solicitar apoio para a guerra, e a restituição da carta ou provisão do Massachusetts, supprimida por James II.

William III de Orange não annuiu em conceder soccorro algum para combater o Canadá; e em vez de restabelecer a provisão antiga, concedeu outra, unindo em uma só provincia o Plymouth, Massachusetts, Maine e Nova Scotia.

Phipps foi nomeado governador, e voltou com a nova

constituição para Boston em maio de 1692. Não era ella porém baseada nos principios mais liberaes.

O povo tinha, é verdade, o direito de escolher os seus representantes; mas ao rei ficava a faculdade de revogar as leis dentro do praso de tres annos depois da sua promulgação. O que, sobretudo, confrangia mais o animo dos colonos era não poderem eleger as altas auctoridades, como governador, secretario, etc., cuja faculdade ficava tambem pertencendo ao monarcha.

O elemento religioso soffreu uma alteração que não podia deixar de agradar aos protestantes, a despeito dos catholicos. Todos os cultos do christianismo ficaram garantidos pela nova constituição, menos o dos catholicos romanos.

As represalias produzïam os seus naturaes effeitos; seja dito como lição para os intolerantes de todas as epochas e de todas as religiões.

Assim como a Europa, em epochas de menos progresso, teve a inquisição, de triste e nefanda memoria, tambem o novo mundo, pelo anno de 1692, soffreu as terriveis consequencias de crenças supersticiosas que provam hoje ao que póde conduzir a ignorancia dos povos, ainda mesmo dos mais dedicados á industria e ao amor do trabalho.

O Massachusetts foi o theatro de scenas de feiticeria, que perturbaram por algum tempo a paz das colonias da Nova Inglaterra.

Os codigos penaes da velha Europa eram unanimes em estabelecer a punição dos que, em detrimento de outrem, usavam de maleficios e invocavam o espirito das trevas: as leis inglezas contra as feiticeirias foram adoptadas nas suas colonias da America, e, conforme as mesmas leis, muitos innocentes perderam a vida, pagando com o seu sangue a ignorancia do seculo em que tiveram a infelicidade de nascer.

Foi em março de 1692, na povoação de Danvers, que então fazia parte da de Salem, onde, pela primeira vez, a sobrinha e a filha de um ministro do culto protestante manifestaram os symptomas d'essa terrivel superstição, accusando de feiticeira uma velha indigena, sua propria criada.

Como em toda a parte, o jejum e a oração foram adoptados pelo povo com o fim de attrahir a misericordia divina, aniquilando o poder dos espiritos malignos.

Facil foi disseminar-se o fanatismo, estabelecendo-se em todos a firme crença de que a colonia estava debaixo de terriveis e maleficas influencias.

Primeiramente os individuos pobres do sexo feminino, e cujo remoto nascimento lhes dava o unico diploma de feiticeiras, viram-se accusados perante o tremendo e terrivel tribunal de uma opinião ignorante e desvairada. Depois nem o sexo, nem a condição, nem a idade foram respeitados: a propria lady Phipps, mulher do governador, não escapou á suspeita geral.

Condemnaram-se magistrados; e muitas pessoas, de cuja honestidade ninguem podia duvidar, foram presas.

Mr. Burroughs, um circumspecto ministro, foi executado.

Por mais de seis mezes durou aquella febre de fanatismo que conduziu ás prisões, á tortura e ao cadafalso perto de trezentas pessoas.

Uma legislatura convocada em outubro de 1692 produziu repentina e esclarecida reacção, abrindo as prisões ás infelizes victimas da ignorancia do seculo.

Entretanto a guerra continuava. As feitorias estavam fatigadas de uma luta que parecia não terminar.

Em julho de 1694, no sitio denominado «Oyster river» (Rio das ostras) actualmente Durham, no New Hampshire, foram mortas ou capturadas cem pessoas. Ainda dois annos mais tarde, em julho de 1696, uma força de francezes e indios aprisionou a guarnição em Pema-

quid, sendo depois trocada pelos prisioneiros francezes. O forte de Saint John na Terra-nova e outros postos militares adjacentes, foram igualmente tomados.

Em março de 1697, Haverhill, a dez leguas de Boston, foi atacada e quarenta pessoas mortas ou feitas captivas.

Durante o verão, as feitorias mais distantes, soffreram continuamente as perseguições dos incommodos e turbulentos vizinhos do Canadá.

Finalmente o tratado de paz, assignado em Ryswick, na Hollanda meridional, aos 20 de setembro de 1697, entre a França de uma parte, o imperador da Allemanha, a Hespanha, a Inglaterra e a Hollanda da outra, poz fim ás hostilidades que tinham devastado as colonias americanas.

Antes porém de se haver celebrado o tratado de Ryswick, havia sido creada pelo governo inglez uma commissão de commercio e plantações *(Board of trade and plantations),* cujo fim era o de superintender nas colonias americanas. Esta corporação compunha-se de um presidente e sete membros, tendo permanentes deveres a cumprir; e diz a historia que foi um instrumento de oppressão que conduziu mais tarde á rebellião em 1775.

James II morreu em setembro de 1701, e Louis XIV, que lhe havia dado asylo, reconheceu seu filho James Francis (vulgarmente conhecido pelo nome de pretendente) como legitimo herdeiro ao throno de Inglaterra. Collocando assim a corôa sobre a cabeça da rainha Anne, filha segunda de James II, que era protestante, a Gran-Bretanha declarou guerra á França, começando as hostilidades em 1702 para terminarem com o tratado de Utrecht de 11 de abril de 1713.

O echo d'essa guerra, assim como anteriormente já tinha acontecido, foi repercutir-se na America entre inglezes, francezes e indios, soffrendo bastante os primeiros, como se verá do seguinte capitulo, dedicado a similhantes acontecimentos.

O periodo em que vamos entrar, ficou denominado na historia dos Estados Unidos «guerra da rainha Anne» de certo por corresponder á luta que estava travada na Europa.

Os francezes romperam as hostilidades no verão de 1703, aggredindo as feitorias da fronteira, desde Casco até Wells.

Por felicidade do povo de New York, a tribu das «Cinco nações» havia concluido um tratado de neutralidade com o Canadá, e, pelo lado do rio de S. Lourenço, os francezes não podiam aggredir os colonos da Gran-Bretanha.

Tambem outras tribus tinham feito um tratado de paz com a Nova Inglaterra, mas os francezes conseguiram que elle fosse violado.

Na primavera de 1704 já o sangue tinha corrido em abundancia; e, por uma grande partida combinada de francezes e indios, era destruida a povoação de Deerfiel no rio do Connecticut. Por essa occasião foram mortas umas quarenta pessoas, e mais de cem feitas prisioneiras, e conduzidas através das florestas, onde algumas pereceram.

Estas scenas repetiam-se frequentemente, e não era de estranhar ver os campos cultivados por grupos armados, com receio de serem surprehendidos pelos colonos canadianos, e sobre tudo pelos indios, nos quaes a falta de civilisação se manifestava por barbaridades que os povos cultos não costumam praticar.

As feitorias mais remotas estavam quasi todas abandonadas, e os seus habitantes reunidos em casas fortificadas para resistirem, ou pagarem caras as vidas aos seus inimigos.

Este estado de cousas não podia permanecer por muito tempo, sem grave transtorno para a tranquillidade, commercio e industria das colonias inglezas. Por isso, na primavera de 1707, as provincias de Massachusetts, Rhode Island e New Hampshire determinaram tomar a offensiva contra os francezes.

O Connecticut não quiz fazer juncção com as outras colonias.

No mez de junho, cerca de mil homens commandados pelo coronel Marsh, saíram de Nantucket para Port-royal, em Acadie.

A expedição era acompanhada de um navio de guerra inglez; mas não obstante toda a audacia dos marinheiros e soldados britannicos, o resultado de seus esforços não passou alem da destruição das propriedades situadas do lado de fóra da fortaleza.

Só tres annos mais tarde, em setembro de 1710, é que uma outra expedição saida de Boston, e de accordo com a esquadra ingleza commandada pelo coronel Nicholson, pediu e obteve a entrega do forte e da sua guarnição em Port-royal.

Louis XIV de França, em 1713 fez cedencia legal á corôa britannica da possessão denominada Acadie, que, desde então, passou a denominar-se Nova Scotia ou New Scotland.

O nome Port-royal foi tambem mudado para «Annapolis» em honra da rainha Anne de Inglaterra, que havia subido ao throno na falta de successão de William III de Orange.

Apesar da entrega de Port-royal em 1710, a guerra não deixou de continuar.

Em julho de 1711, chegava a Boston uma esquadra ingleza, conduzindo um corpo de exercito debaixo do commando de sir Hovenden Walker, com a missão de conquistar o Canadá. A Nova Inglaterra, pela sua parte, levantou as forças que pôde, e a 10 de agosto seguinte, quinze navios de guerra acompanhados de quarenta transportes, conduzindo ao todo sete mil homens, partiram em direcção ao rio S. Lourenço para atacarem Quebec.

Na noite de 2 de setembro, a esquadra perdeu oito de seus navios e perto de mil homens em consequencia dos cachopos na entrada do rio, que Walker poderia talvez ter evitado se houvesse prestado attenção ás advertencias dos homens praticos. A expedição mallogrou-se, e o commandante inglez voltou para a metropole com o resto da esquadra; as tropas coloniaes recolheram a Boston.

Á noticia d'este revez as provincias de New York e do Connecticut enviaram o general Nicholson com quatro mil soldados, reunidos em Albany, para atacarem Montreal.

Entretanto a diplomacia obtinha uma suspensão de hostilidades, e o tratado de Utrecht, concluido a 1 de abril de 1713, punha termo á luta na America.

Os indios solicitaram tambem a paz, e pelo espaço de trinta annos as colonias gosaram de uma relativa tranquillidade.

Diremos, relativa, porque sempre, durante aquelle periodo, existiu maior ou menor agitação na provincia de Massachusetts.

Os ordenados dos governadores que o governo local queria estipular em cada anno, regulando-os conforme o serviço do magistrado, levantou as principaes difficuldades entre a metropole e as colonias.

No fundo não era por certo o valor de mais alguns

dollars que dava origem a taes desintelligencias. O povo d'aquella provincia foi sempre muito cioso dos seus direitos, e entendia que só elle, por intermedio de seus representantes, tinha o poder de dispor dos impostos que todos pagavam.

Estas tendencias para o *self government* procediam da indole democratica e da laboriosa educação dos habitantes do Massachusetts, elementos estes que mais tarde os tornou dispostos a entrar pacificamente no systema republicano.

As agitações na Europa não deixavam tambem de se reproduzir na America, promovendo conflictos, sobretudo nas fronteiras do norte, onde colonos de outra raça dispertavam certa rivalidade facil de comprehender.

Todas estas discordias foram a pouco e pouco calando no espirito publico por fórma tal, que quando em 1744, a França rompeu a hostilidades contra a Inglaterra, os colonos britannicos prepararam-se tambem para aggredir os francezes.

D'esses acontecimentos nos vamos occupar no seguinte capitulo, que a historia dos Estados Unidos registrou com a denominação de «guerra do rei George», por corresponder ao reinado de George II na Gran-Bretanha.

A Gibraltar da America, como era chamado o Cabo Breton, em virtude da sua magnifica e defensavel posição, foi a mira a que visaram os colonos inglezes para não ficarem ociosos emquanto na Europa proseguia a contenda entre a França e a Inglaterra.

A morte da rainha Anne, occorrida em 1714, tinha chamado ao throno da Bran-Bretanha a casa do Hanover na pessoa do eleitor George. Em 1727 succedeu-lhe seu filho George II.

Levantou-se então um conflicto entre Maria Thereza, imperatriz da Hungria, e o eleitor da Baviera: ambos disputavam o throno de Austria.

O rei de Inglaterra esposou a causa de Maria Thereza e o de França a da parte contraria.

Esta differença de opiniões conduziu a uma declaração de guerra da França contra a Gran-Bretanha, e ás hostilidades na America entre inglezes e francezes, como sempre acontecia todas as vezes que as respectivas metropoles deixavam de estar em paz.

A fortaleza de Louisburg, na ilha de Cabo Breton, havia sido construida pelos francezes logo depois do tratado de Utrecht, e parece que custára cerca de dois milhões e meio de francos: era considerada n'aquella epocha uma das primeiras fortificações da novo mundo.

William Shirley, governador da provincia de Massachusetts, passava por ser homem intelligente, e de alcance politico superior áquelles que o cercavam. Conheceu logo a vantagem de se apossar de um ponto tão importante: a assembléa legislativa hesitou porém em annuir aos seus

planos, que afinal fôram adoptados pela maioria de um voto.

Rhode Island, New Hampshire e Connecticut forneceram as tropas que proporcionalmente lhes pertenceu, New York enviou artilheria, e a Pennsylvania as necessarias provisões. Louisburg era o refugio de todos os corsarios francezes que constantemente capturavam os navios de pesca dos colonos da Nova Inglaterra.

Destruir ou tomar aquella fortaleza era uma importante questão para as nascentes colonias. A Gran-Bretanha tinha dado o seu pleno consentimento, mas o *commodore* Warren, que então se achava nas Indias occidentaes, não quiz, a principio, tomar parte na expedição, e as tropas coloniaes, compondo-se de tres mil e duzentos homens, debaixo do commando de William Pepperell, sahiram para Louisburg em 4 de abril de 1745.

Mais tarde, a 9 de maio, com geral surpreza, o *commodore* Warren fez juncção com a sua esquadra, e todas as forças, que então se compunham de quatro mil homens, desembarcaram na bahia de Gabarus, a uma pequena distancia do ponto a que se destinavam.

Os francezes não estavam prevenidos, nem podiam suppor que tamanho exercito os fosse surprehender.

A povoação e a fortaleza ficaram logo debaixo de um panico immenso, que muito concorreu para augmentar a força moral dos aggressores.

Não era facil alcançar immediatamente a povoação em consequencia dos terrenos pantanosos. Decidiu-se pois um ataque combinado por mar e por terra.

As forças destinadas ao sitio acamparam na rectaguarda da povoação, formando, pela disposição em que foram collocadas, uma especie de curva da qual saiam os piquetes necessarios para conter em respeito os postos avançados da guarnição franceza. A artilheria commandada por Richard Gridley, foi arrastada por cima dos pantanos; le-

vantaram-se trincheiras, erigiram-se baterias, e no ultimo dia de maio tinha-se dado principio a um sitio regular.

Durante que isto se passava em terra, chegavam mais navios de guerra, e combinava-se um ataque geral para o dia 29 de junho. Entretanto os francezes, conhecendo que era inutil qualquer resistencia, na vespera tinham entregado ao exercito inglez a fortaleza, a cidade e toda a ilha do Cabo Breton, no valor de vinte e cinco milhões de francos.

A bateria *royal*, que era o baluarte mais importante dos francezes, foi tomada por quatrocentos homens. As peças haviam sido encravadas, na idéa de as tornar inoffensivas.

Á França, porém, não podia ser indifferente tamanha perda, e sobretudo, o seu natural orgulho militar soffria com aquella derrota que lhe fazia perder a preponderancia no novo mundo.

No anno seguinte, 1746, o duque d'Anville, á frente de uma numerosa esquadra franceza, foi enviado com a missão de recuperar a ilha do Cabo Breton e de inquietar, inflingindo-lhes severa punição, todas as feitorias na costa maritima até onde podesse alcançar a artilheria de seus vasos.

A esquadra compunha-se de quarenta navios de guerra, cincoenta e seis transportes, tres mil e quinhentos homens e quarenta mil espingardas para armar os francezes e indios do Canadá.

O destino porém decidiu que a França devia perder as suas possessões na America do Norte.

Os temporaes d'aquellas frias regiões dispersaram e fizeram naufragar muitos navios francezes, as enfermidades dizimaram as suas magnificas guarnições, e o duque de Anville, opprimido por tantos desastres, teve que abandonar a empreza sem poder desembarcar um só homem ou disparar um unico tiro. Foi com tres navios an-

corar no porto de Chebucto (actualmente Halifax, na Nova Scotia), onde depois morreu.

O segundo no commando da esquadra suicidou-se, em consequencia dos desgostos referidos.

Dois annos depois de todos estes acontecimentos, isto é em 1748, assignava-se em Aix-la-Chapelle, o tratado de paz que terminava a guerra da successão de Austria.

Por este tratado eram postos em liberdade os prisioneiros e restituidas todas as propriedades e territorios conquistados.

O parlamento em Inglaterra, tempo depois reembolsou as colonias das despezas feitas com os preparativos de guerra contra o Canadá; elevando-se similhante indemnisação á quantia de mais de duzentas mil libras esterlinas.

Não obstante o tratado de paz acima referido, as rivalidades, controversias religiosas e outras causas de discordia entre a França e a Inglaterra não ficaram extinctas. O estado latente d'esse odio em parte subjugado pela habilidade da diplomacia, conservou-se sempre na indole dos povos d'aquellas duas nações.

E emquanto as metropoles gosavam de uma paz adquirida pela força dos tratados, as suas respectivas colonias, seguindo a custo a politica que da Europa lhes era dictada, preparavam-se para uma luta tremenda que poucos annos depois devia rebentar.

Cedo começaram os preparativos para essa contenda que se chamou — guerra franco-indiana.

A causa proveiu de serias desintelligencias sobre as demarcações das fronteiras: o resultado assignalou-se pela supremacia dos inglezes na America do Norte.

Para diante nos occuparemos d'esses acontecimentos que formaram, por assim dizer, a introducção á grande obra da revolução d'onde brotou a independencia dos Estados Unidos.

A fim de não nos afastarmos em demasia da historia das colonias, precisâmos voltar ainda muito atraz para instruirmos o leitor do que se passava nas demais provincias anglo-americanas.

Daremos preferencia a New York, por nos parecer que assim convem mais á ordem dos factos que formam o presente *Esboço historico*.

Na «segunda epocha» d'esta obra, destinada á colonisação, vimos como os hollandezes foram os primeiros em lançar as bases de uma futura civilisação na provincia de New York. Os emigrantes que ali chegavam da Hollanda, no anno de 1623, encetaram a ardua tarefa da colonisação que mais tarde, progredindo com rapidez incrivel, trouxe a riqueza publica áquella importante parte do paiz. Para continuarmos a narração dos factos, na ordem em que se succederam, devemos agora mencionar o que occorria por aquella epocha na propria cidade de New York.

Em maio de 1626 Peter Minuit (de quem já fallámos quando nos occupámos da colonisação da provincia de Delaware) chegava a Nova Amsterdam na qualidade de governador de New Netherland (Nova Hollanda) e comprava aos indios a ilha de Manhattan pela quantia approximada de uns vinte e quatro dollars. É n'essa ilha onde hoje floresce a magnifica e imponente cidade de New York.

O systema de conciliação que Peter Minuit adoptou, deu-lhe a confiança dos indigenas e a boa harmonia com os puritanos estabelecidos em Plymouth.

Os inglezes tambem não viram com maus olhos o estabelecimento dos hollandezes, e accederam a não invadir o paiz na parte onde o commercio das pelles devia pertencer aos dominios de Hollanda, cujos subditos se tinham limitado a traficar em taes artigos.

A companhia hollandeza das Indias occidentaes, que

havia tomado a colonisação da Nova Hollanda e que, em 1629 offerecia grandes tractos de terreno e certos privilegios a todos os que enviassem para ali um certo numero de emigrantes, auferia os lucros provenientes do commercio das pelles, o qual, começando por lhe produzir apenas onze mil dollars, já em 1640 subia a sessenta mil.

Os proprios directores da referida companhia aproveitaram-se d'aquelles privilegios, e enviaram Wouter Van Twiller para examinar o paiz e escolher as terras que lhes poderia convir.

Os terrenos eram livremente comprados aos indios, e o titulo da compra confirmado pelo governo hollandez.

Os compradores tornavam-se então, até um certo grau, senhores feudaes, e alem d'isso gosavam da immunidade de não pagar impostos.

Os emigrantes foram convergindo para ilha de Manhattan, e a pouco e pouco fundaram as melhores propriedades que hoje guarnecem a cidade e estado de New York.

No local que actualmente se denomina Battery, na parte mais inferior da cidade, edificou-se então o forte Amsterdam.

Nos condados de Albany e de Rensselaer, ainda hoje existem muitos terrenos na posse dos descendentes da primitiva familia Van Rensselaer.

Os proprietarios, que, como fica dito, eram até certo ponto senhores feudaes, têem sido, depois de 1840, incommodados pelos rendeiros no intuito de se libertarem de seus patrões (patroons).

As discussões politico-sociaes impugnando o direito do senhorio contra o do usufructuario, foram a origem de scenas de violencia e de muito sangue derramado.

Em 1633 Wouter Van Twiller foi nomeado governador, e tornando-se pelo casamento alliado com a familia

Van Rensselaer. pôde, por esta e outras circumstancias concorrer para a prosperidade da colonia, servindo muito a contento da companhia, cujos interesses elle fielmente administrou.

Em maio de 1638 Van Twiller era succedido por sir William Kieft na occasião em que os suecos tratavam de estabelecer-se nas margens do rio Delaware, como já se disse quando na «segunda epocha» d'esta obra nos referiamos á companhia sueca das Indias occidentaes.

O novo governador era dotado de qualidades pouco apropriadas para administrar uma colonia, aindaque nascente mas já disposta a gosar das liberdades compativeis com as instituições da metropole. Sir William Kieft, ambicioso, e de poucos escrupulos, não hesitou em promover a discordia, concentrando o poder executivo á sua plena disposição para o exercer com a maior tyrannia e parcialidade.

Levantou pois desintelligencias com os suecos na provincia de Delaware, com os inglezes na do Connecticut, e com todos os colonos e indigenas das fronteiras de seu districto. Com os ultimos, especialmente, as difficuldades foram de tal ordem, que d'ellas nasceu a origem da sua propria quéda.

Os hollandezes tinham estabelecido uma feitoria e edificado um forte em Albany, conseguindo obter a conclusão de um tratado de amisade com os indios da tribu *Mohawks*. Os indigenas nos suburbios da Nova Amsterdam não sympathisavam com o modo de proceder dos hollandezes, porque consideravam os *Mohawks* seus oppressores.

Antes da chegada do ultimo governador o commercio, entre europeus e selvagens, fazia-se debaixo da melhor harmonia; mas a propria animosidade das differentes tribus, augmentada com o ciume que o tratado havia produzido e com a concessão de aguardente que mais

tarde lhes era fornecida, levantou grandes discordias a ponto de se desenvolverem graves questões seguidas de assassinatos.

O novo governador, em logar de intervir pacificamente n'estas desintelligencias, tornou os indigenas ainda mais irreconciliaveis, exigindo dos que se denominavam «indios do rio» por ficarem nas margens da ilha, tributos e pelles que elles mal podiam pagar. A amisade e a confiança dos indigenas foi enfraquecendo como era bem natural que acontecesse.

A tribu dos *Lenni-Lenapes,* composta de indios que pretendiam proceder dos mais primitivos do continente norte-americano, e que tambem se denominavam *Delawares,* habitavam a parte do paiz que fica fronteiro á Nova Amsterdam isto é, á actual cidade de New York. Estes indigenas foram accusados de roubos, e sir William Kieft, em julho de 1640, enviou uma força para os castigar.

Alguns foram mortos e as colheitas destruidas.

Não tardou muito que os aggredidos se não vingassem assassinando quatro fazendeiros em Staten Island, e destruindo muitas propriedades pertencentes a De Vries que, por uma notavel coincidencia, era bem visto dos indios.

Logo depois um selvagem, cujo tio havia sido morto por um hollandez, exactamente onde em New York foi edificado o palacio da justiça, vingou-se d'aquelle attentado, segundo o costume da sua tribu, pelo assassinato de um inoffensivo hollandez.

O governador pediu a entrega do criminoso, e sobre a resposta negativa que recebeu, determinou fazer guerra a todos os selvagens que se tinham mostrado pouco amigos dos brancos.

Esta deliberação não agradou aos colonos, que lançavam as culpas de tudo á inconveniente administração de sir William Kieft.

A responsabilidade da guerra era talvez superior á coragem moral de quem a havia declarado, porque o proprio governador, em agosto de 1641, convocou uma reunião dos chefes das principaes familias residentes em Nova Amsterdam, os quaes escolheram doze pessoas, incluindo De Vries, para representarem os interesses da colonia.

Foi esta a primeira assembléa eleita na ilha de Manhattan; e aindaque nascida da iniciativa do governador, tornou-se completamente opposta á declaração de guerra que elle havia feito; e, indo mesmo mais longe, pretendeu tomar conhecimento das differentes reclamações que se apresentavam contra o primeiro magistrado da colonia. Em fevereiro do anno seguinte, 1642, a assembléa era dissolvida.

Continuavam as queixas por causa dos assassinatos praticados pelos indios; e o governador, aproveitando a opportunidade da chegada de alguns indigenas da tribu *Mohawk*, decidiu castigar os selvagens, obrigando-os a fugir e a procurar refugio na tribu dos *Hackensacks*, proximo do sitio que hoje se denomina Hoboken, defronte de New York.

Ali chegados os indigenas, solicitaram paz e amisade dos hollandezes; mas sir William Kieft perdeu tão bom ensejo de captar os bons sentimentos d'aquelles filhos das florestas, e em uma das noites de fevereiro de 1643, o rio Hudson (North river) era atravessado por uma força composta de europeus e indios *Mohawks*, a qual caíndo inopinadamente sobre os fugitivos, matou uns cem homens, mulheres e creanças.

Este morticinio dispertou a idéa de uma vingança da parte de todas as tribus circumvizinhas, e o facho da guerra despovoou as aldeias e as feitorias dos brancos, ensanguentando os campos com muitos assassinatos.

As tribus de Long Island, («Ilha comprida» separada de New York pelo East river), até então affeiçoadas aos colonos, fizeram juncção com os insurgentes, ameaçando a existencia da colonia hollandeza, que esteve prestes a desapparecer.

Por dois annos durou esta luta, apenas interrompida pelas negociações de Roger Williams quando em 1643 embarcava para Inglaterra. Foi o capitão John Underhill quem conseguiu bater os indios, fazendo cessar as hostilidades. Á tribu dos *Mohawks* concedeu-se a soberania das outras circumvizinhas da ilha de Manhattan, e um tratado de paz, entre aquella tribu e os colonos hollandezes, assegurou a tranquillidade que todos desejavam.

O governador sir William Kieft havia-se tornado tão impopular, que foi retirado da colonia no anno de 1647, perecendo no naufragio do navio em que se embarcou, quando já chegava ás costas de Inglaterra.

Peter Stuyvesant, governador de uma das Antilhas pertencentes á Hollanda (Curaçáo), succedeu a Kieft no governo da Nova Amsterdam, em maio do referido anno de 1647; e, tanto pela sua respeitabilidade como pelo bom tratamento para com os indigenas, tornou-se credor da estima de muitos e da inveja de alguns. Accusaram-n'o de pretender usar da muita confiança que n'elle depositavam os hollandezes para empregar estes no exterminio dos inglezes da Nova Inglaterra.

A honestidade de Peter Stuyvesant não é contestada pelos historiadores, antes são unisonos em asseverar a sua rectidão e habilidade na administração da provincia, sabendo defendel-a de seus inimigos até á occupação ingleza em 1664.

Soube mesmo evitar conflictos que a ambição das metropoles tornava de grande gravidade, por isso que se referiam ás demarcações de suas respectivas colonias.

O forte Casimer, edificado por ordem de Stuyvesant, no anno de 1651, onde actualmente existe a povoação de New Castle no estado de Delaware, havia sido tomado pelos suecos e a guarnição feita prisioneira.

Os Estados geraes da Hollanda, dando plena liberdade de acção ao seu representante em Nova Amsterdam, ordenaram-lhe que subjugasse os suecos: com este fim Stuyvesant fez-se de véla em agosto de 1655, na direcção de Delaware; e pelos meados de outubro seguinte tomou a fortaleza sueca, fazendo prisioneiros o governador e os individuos mais influentes, que foram enviados para a Europa.

Alguns dos colonos suecos retiraram-se então para as provincias do Maryland e da Virginia, mas a maior parte d'elles rendeu preito de homenagem aos Estados geraes da Hollanda, e continuou ali vivendo em perfeita tranquillidade.

No decurso de poucos annos a Nova Suecia desappareceu absorvida pela provincia da Nova Hollanda.

Os indios, aproveitando-se da ausencia do governador em Delaware, tentaram, mas sem resultado, rehaver a provincia; Stuyvesant depressa regressou a restabelecer a tranquillidade, por um instante alterada. Por alguns annos os indigenas foram contidos em respeito, até que em junho de 1663 surprehenderam a povoação de Wiltwyck, que hoje se denomina Kingston, matando e capturando bastantes colonos. Em maio do anno seguinte eram porém forçados a assignar um tratado de paz e amisade.

Havia já alguns annos que as idéas democraticas dos puritanos tinham invadido os dominios da Hollanda, e, durante que o seu governador tratava de remover todas as desintelligencias entre colonos e indigenas, um outro poder preparava serios acontecimentos para o futuro.

A assembléa eleita por ordem de sir William Kieft não era estranha a tudo isto, antes, pelo contrario, repre-

sentando a primeira soberania popular na Nova Hollanda, correspondia perfeitamente á origem d'onde emanava.

Peter Stuyvesant era aristocrata por nascimento e por educação; e não podia sympathisar com as idéas dos puritanos residentes na provincia confiada á sua administração. Oppoz-se pois, emquanto pôde, a todas as demonstrações de seus administrados, mas a final foi convocada, pelos habitantes da Nova Hollanda, uma assembléa de dois deputados eleitos por cada aldeia.

Esta assembléa reunindo-se em Nova Amsterdam, em dezembro de 1653, não obstante a opposição do governador, lutou a principio com a força que se lhe oppunha, mas conseguiu por ultimo resistir ao pagamento dos impostos e impor a sua vontade para ser a provincia administrada pela Inglaterra, a fim de gosar das prerogativas e liberdades d'aquella nação.

A restauração dos Stuarts levou Charles II, em 1660, ao throno da Gran-Bretanha. Este monarcha, sem o menor titulo nem direito, a 22 de março de 1664, fazia cessão de toda a provincia de New Netherland (Nova Hollanda) a seu irmão James, duque de York.

Uma esquadra ingleza, commandada pelo coronel Richard Nicolls, apoiava o acto illegal da Gran-Bretanha; e no dia 3 de setembro do mesmo anno a Nova Amsterdam passava ao dominio inglez debaixo do nome de New York.

A conquista foi facil: o espirito publico estava disposto a receber a supremacia britannica; e as fortificações achavam-se na impossibilidade de oppor uma prompta resistencia.

Peter Stuyvesant indirectamente havia concorrido para inocular na população uma certa tendencia a receber a conquista da Inglaterra; e alem d'isso a luta sustentada entre o governador e governados não terminou a

tempo, porque as concessões foram, como quasi sempre, inconvenientes e extemporaneas.

Stuyvesant hesitou bastante tempo antes de assignar a capitulação, mas a final não pôde deixar de o fazer, apesar de conservar-se sempre fiel á companhia hollandeza das Indias occidentaes.

Com a cidade já denominada New York, o resto da provincia passou ao dominio da Gran-Bretanha, e logo em outubro seguinte, a Nova Hollanda ficou reconhecida como fazendo parte da corôa britannica.

Richard Nicolls foi nomeado governador e a feitoria do forte Orange passou a chamar-se Albany, que era um dos titulos do duque de York.

Albany é hoje a capital do estado de New York.

A Hollanda sentiu que lhe arrancavam uma das mais bellas joias da sua corôa colonial; e os colonos conheceram que mudar de senhor, não significa conquistar a liberdade. Não obtiveram a faculdade de eleger um governo representativo; pelo contrario, sem o consentimento publico, os impostos foram augmentados.

A Richard Nicolls havia succedido, como governador, Lovelace, em 1667. Era um despota improprio para consolidar os interesses divergentes da povoação, que acabava de passar por uma radical transformação na sua nacionalidade.

O pedido que, em nome de muitos, uma commissão lhe entregára, supplicando mais equidade no systema tributario, foi não só altivamente indeferido, mas queimado pelo carrasco, como então se usava para imprimir desprezo e infamia.

Em 1672 rompiam-se as hostilidades entre a Gran-Bretanha e a Hollanda; e em julho do anno immediato, a ultima d'estas nações apresentava uma esquadra na bahia de New York, tomando posse da fortaleza e da povoação a 9 de agosto seguinte, sem ter disparado um tiro. O governador achava-se então ausente.

O capitão John Manning commandava a fortaleza que tão facilmente se entregou aos hollandezes. Aindaque o seu procedimento não ficasse bem averiguado, a historia escreve este nome no rol dos traidores.

Os territorios de New Jersey e de Delaware entregaram-se tambem, e pelo espaço de dezeseis mezes, isto é,

até novembro de 1674, aquella região tornou a chamar-se Nova Hollanda.

A conclusão da guerra trouxe um tratado de paz com a Hollanda, e a restituição das colonias á Gran-Bretanha.

O nome de New York ficou desde então adoptado definitivamente, e até á epocha da independencia em 1776, a Inglaterra não tornou a ser privada d'aquellas possessões, que de direito pertenciam aos hollandezes.

O titulo do duque de York foi validado em julho de 1674 em consequencia de certas duvidas apresentadas sobre a sua legalidade; e sir Edmond Andros recebeu a nomeação de governador.

N'essa qualidade, no verão de 1676, tentou proteger a reclamação do duque, apresentando-se em Saybrook com uma força armada, para se apossar do territorio comprehendido entre o rio Connecticut e o cabo Henlopen. Mas o povo da Nova Inglaterra resistiu por tal fórma, que o governador não pôde realisar o seu plano, nem o duque de York augmentar os seus dominios.

Sir Edmond Andròs governou arbitrariamente até fins de 1683, em que voltou para a Europa, tendo por successor Thomas Dongan.

Pelos conselhos de William Penn, o duque tinha instruido o novo governador para que convocasse uma assembléa de representantes, o que se effectuou em outubro d'aquelle anno, estabelecendo-se então as bases de um governo representativo.

Compunha-se a assembléa, alem do governador, de dez conselheiros e dezesete deputados eleitos pelos senhorios directos das propriedades. Adoptou-se uma «declaração dos direitos do povo», e assentou-se no principio de que a faculdade de estabelecer impostos só pertencia aos representantes eleitos pelos cidadãos.

A colonia foi dividida em doze condados.

Estavam as cousas n'este pé, e os colonos começavam apenas a gosar do beneficio de taes concessões, quando em fevereiro de 1685, Charles II deixou de existir, e o throno da Gran-Bretanha passou ao duque de York, debaixo do nome de James II.

Menos liberal como rei do que o havia sido como duque, o novo monarcha não quiz confirmar os privilegios já concedidos, e ordenou que a religião da colonia fosse a catholica romana.

Estabeleceram-se novos impostos; foi prohibida a liberdade de imprensa; e os empregos distribuidos apenas áquelles que professavam a religião do estado.

O governador Thomas Dongan, não executou todas estas ordens, sem conhecer que eram impopulares e nocivas á preponderancia britannica no novo mundo. Quando o monarcha lhe ordenou que empregasse padres francezes para converter os indios da tribu «Cinco nações», elle abertamente se recusou fazel-o, declarando que similhante medida era contra os interesses da metropole, porque deveria augmentar a influencia dos francezes do Canadá sobre aquelles indigenas, que até então se haviam conservado fieis aos inglezes, oppondo, por vezes, uma barreira aos seus ataques contra as feitorias britannicas.

Começava já a lavrar a discordia, e não vinha longe o dia da rebellião, quando chegou á America a noticia da revolução de 1688, da fugida de James II, e subida ao throno de William III (d'Orange) e de Mary, filha do monarcha desthronado.

Não foi difficil mudar o estado de cousas na cidade de New York: os animos estavam bem dispostos para isso. Nomeou-se pois uma commissão de salvação publica, para attender aos negocios e confirmar os actos de Jacob Leisler, commandante da milicia, que, em nome do povo, se tinha apossado da fortaleza.

Por este tempo já Thomas Dongan havia sido substituido por Nicholson, o qual, receiando a attitude dos colonos, julgou que o mais seguro era fugir para bordo de um navio e fazer-se ao largo.

Jacob Leisler foi nomeado governador interino.

A aristocracia e a magistratura não approvaram esta nomeação, e accusaram Leisler, mais tarde, de usurpador, apesar d'elle se haver conduzido com prudencia e com energia.

Os magistrados não querendo, com a sua presença, sanccionar os actos do que elles chamavam intruso, retiraram para Albany, onde occuparam o forte Orange até á invasão franceza, em fevereiro de 1690. Não poderam então dispensar-se da protecção de New York; cederam de suas pretensões, conservando-se relativamente tranquillos, na esperança de receberem novo governador, o que aconteceu nos principios de 1691, com a chegada de Richard Ingolsby, na qualidade de logar-tenente do governador Henry Sloughter, que só desembarcou em maio seguinte.

O primeiro acto de Richard Ingoldsby, sem ainda mesmo ter mostrado documento authentico da sua nomeação, foi o de pedir a immediata entrega da fortaleza de que Leisler estava de posse. Recusou este ceder a auctoridade que do povo havia recebido, a menos que não fosse perante o governador nomeado pela metropole.

Quando Henry Sloughter chegou a 29 de maio, foi o proprio Leisler que lhe enviou um mensageiro, significando o desejo de n'elle depositar todos os poderes de que fôra investido.

Entretanto os inimigos de Leisler tinham protestado vingar-se, e quando elle e mais seu cunhado Milborne iam entregar a fortaleza, foram presos, processados pelo crime de traição, e condemnados á morte. O governador recusou executar a sentença; mas tendo sido convidado

a um jantar, de antemão preparado para o embriagarem, completamente fóra do uso da rasão, assignou o fatal decreto, e Leisler e Milborne foram executados antes do governador adquirir o estado normal das suas faculdades.

Henry Sloughter era um homem honesto, mas dado á embriaguez, do que lhe resultou a horrivel doença do *delirium tremens*, que, poucos mezes depois d'estes acontecimentos, o levou á sepultura.

Succedeu no governo da provincia Benjamin Fletcher, caracter arrebatado, dissoluto e fraco. Serviu as paixões dos que, na colonia, se diziam pertencer á aristocracia, tornando-se por isso odiado do resto dos colonos.

O espirito publico havia-se conservado um tanto agitado depois das duas execuções que ficam referidas. Alem d'isso os francezes do Canadá, incitando os indios contra as provincias fronteiras, aproveitaram-se das circumstancias para invadir o paiz e causar grande perturbação nos animos.

Peter Schuyler, major inglez e commandante do posto militar em Albany, possuia a confiança da tribu «Cinco nações»; era soldado intelligente e cheio de auctoridade. Aconselhou o governador sobre o systema que convinha adoptar para bater o inimigo, e com tal felicidade executou o plano, que poz em debandada os francezes para lá do rio S. Lourenço, causando graves damnos ás feitorias proximas do lago Champlain.

Frontenac, governador do Canadá, foi obrigado a permanecer tranquillo, depois de haver perdido trezentos homens.

Em 1698, ao governador Benjamin Fletcher succedeu *earl* of Bellomont, par irlandez, que gosava da reputação de honesto e de energico. Por isso as provincias do Massachusetts e do New Hampshire foram declaradas debaixo da sua jurisdicção no seguinte anno de 1699.

De facto, Bellomont tratou logo de extirpar todos os abusos, e de empregar os meios competentes para supprimir a pirataria, que paralysava o commercio dos colonos.

A origem d'este flagello que devastava o oceano, provinha da Hespanha reclamar a supremacia nos mares das Indias occidentaes.

A França, a Inglaterra e a propria Hollanda, haviam concedido cartas de corso, mas, na impossibilidade de evitar que os aventureiros as tomassem por sua propria conta, aconteceu o que se póde suppor em uma epocha que não brilhava pela demasiada policia maritima. Em pouco tempo o mar estava infestado de piratas, que aggrediam e roubavam indistinctamente os navios hespanhoes e britannicos.

Bellomont, soccorrendo-se do auxilio de Robert Livingston, emigrante escocez, de quem ainda hoje existem aristocraticas recordações, preparou uma expedição debaixo do commando do capitão Kidd, para exterminar os piratas das Indias occidentaes.

A empreza não foi coroada com o successo que se esperava. O commandante da expedição tornou-se tambem pirata e até, com rasão ou sem ella, comprometteu o proprio governador, não deixando livre de toda a macula o nome de William III.

Kidd, arrostando com a opinião que o condemnava, apresentou-se publicamente em Boston, onde foi preso e enviado para Inglaterra. Instaurou-se-lhe processo, e depois de julgado e convencido do crime de pirataria, soffreu a pena capital em 1701.

N'este mesmo anno falleceu *earl* of Bellomont, sem ter visto o resultado da sua intelligente administração.

Foi então nomeado governador Edward Hyde, que estava longe de gosar da boa reputação de seu antecessor. Era dissoluto, concussionario e intolerante para os

cultos religiosos dissidentes da igreja anglicana. Inimigo declarado das immunidades populares, os colonos moveram-lhe crua guerra, conseguindo a final que elle fosse demittido em 1708, depois de ter governado com o descontentamento de todos pelo espaço de sete annos.

Edward Hyde não pôde embarcar-se para a Europa, porque os seus crédores tinham-o feito capturar na falta do pagamento de dividas. Só foi posto em liberdade quando herdou, por morte de seu pae, uma cadeira na camara dos *Lords*. Como é sabido, a lei ingleza não permittia a prisão por dividas quando o devedor pertencia á camara alta.

Nada occorreu de saliente na administração da provincia desde a demissão de Edward Hyde em 1708, até á chegada de William Cosby, em 1732. Os governadores, que ao primeiro se seguiram, foram lord Lovelace, Ingoldsby, Hunter, Schuyler, Burnet e Montgomerie, que, a despeito de moderados, não conseguiram, com os seus continuos esforços, suster a corrente democratica que ia progressivamente ligando os animos dos colonos.

Necessario foi aos governadores transigir com a opinião popular manifestada pelos eleitos do povo, e ceder das prerogativas reaes perante as liberdades publicas.

As finanças não gosavam de uma grande prosperidade, porque se resentiam das despezas occasionadas pela guerra da rainha Anne, de que já nos occupámos em outro capitulo.

Quando William Cosby chegou á colonia, em 1732, Rip Van Dam, que pertencia á classe do povo, exercia o logar de governador interino. A natural rivalidade dos dois funccionarios, que representavam differentes principios, produziu serias desintelligencias e fez nascer dois distinctos partidos: o da aristocracia, que apoiava as medidas do governador que chegava, e o da democracia, que sustentava as idéas do que largava o poder.

Já n'aquella epocha existiam dois jornaes que, por via de regra, defendiam oppostos interesses. Eram elles: «The New York Gazette», o primeiro da provincia, pois havia sido fundado em 1696; e «The New York Weekly» (semanal), estabelecido mais tarde. O primeiro pertencia ao partido da aristocracia, e era propriedade de William Bradford; o ultimo aos democratas, e era sustentado por John Peter Zenger.

A violencia da aggressão e o acrimonioso da linguagem haviam attingido um grau, que não era compativel com a independencia da auctoridade. Resultou pois, que o governador, desprendendo-se de certos preconceitos, até então respeitados, ordenasse a captura de John Peter Zenger pelo crime de diffamação contra os poderes constituidos. Depois de uma reclusão de nove mezes, o jury absolveu o accusado.

Passava-se isto em julho de 1735, sendo advogado do réu Andrew Hamilton, de Philadelphia, que foi presenteado com uma caixa de oiro por parte dos magistrados populares de New York, em testemunho do interesse que havia tomado na defeza dos direitos do povo.

Este facto estabeleceu uma barreira entre os dois partidos, e tornou bem visivel a linha que os separava no campo de seus principios.

Realistas e republicanos acceitaram as inevitaveis consequencias da politica que seguiam: os primeiros, colonos obedientes, pretendiam conservar os direitos da corôa britannica; os ultimos, rebeldes convictos, aspiravam á emancipação da colonia pelo governo saído de seus proprios habitantes.

De taes elementos brotou, mais tarde, a independencia, quando os americanos, sem tradições monarchicas, adoptaram o unico systema compativel com as suas idéas.

Depois dos acontecimentos referidos, nada interrom-

peu a marcha regular dos negocios publicos, senão a conspiração dos negros em 1741, se é que tal conspiração, na verdadeira accepção da palavra, de facto existiu, o que para muitos não é ponto assentado.

Houve n'aquelle anno frequentes incendios produzidos, é verdade, pela malvadez dos negros, e uma casa foi roubada por alguns escravos. D'isto resultou panico geral; e a idéa de que uma tremenda conspiração se havia urdido assaltou os animos de todos, a tal ponto, que se dava como certo, que o plano consistia em queimar e roubar a cidade, matando os brancos para entregar o governo a um negro que devia ser proclamado governador.

Alguns innocentes foram mortos. Reza a historia, que soffreram a pena capital na forca quatro brancos e dezoito pretos; e que mais onze d'estes ultimos morreram queimados.

Até á guerra franco-indiana, que começou pelo anno de 1755, a historia de New York não apresenta acontecimento notavel, que mereça a particular attenção do leitor.

Continuou a discordia dos partidos em que a colonia se tinha dividido. O respeito á auctoridade continha os descontentes; mas a luta, mais ou menos ostensiva, não deixava de existir, e a mão invisivel do futuro ia escrevendo o prologo á guerra da independencia.

Já vimos, quando, na «segunda epocha» d'este livro, nos occupámos da colonisação do Maryland, como a 8 de março de 1635 havia sido convocada a primeira assembléa legislativa n'aquella provincia da Gran-Bretanha.

Tambem dissemos que o progressivo augmento dos colonos, tornando necessario modificar o systema adoptado, concorrêra para se estabelecer em 1639 um governo representativo, cabendo ao povo o direito de nomear um numero illimitado de delegados.

D'aquella epocha data o periodo da autonomia colonial do Maryland, de que vamos tratar no presente capitulo.

Confusas e mal definidas eram ainda as aspirações de liberdade dos colonos; mas já possuiam todas as tendencias para o *self-government*, que era, por assim dizer, o primeiro passo no caminho, que seculo e meio depois, devia conduzir á republica.

A assembléa legislativa, na sua primeira sessão, tinha adoptado uma declaração ou manifesto dos direitos do povo: os poderes do governador foram definidos, e os privilegios de que os inglezes gosavam na metropole, ficaram garantidos a todos os habitantes do Maryland.

Entretanto os indigenas não viam com indifferença o constante augmento dos europeus, e repetidas se tornavam as violencias e aggressões; até que em 1642 rebentou a guerra no ponto que fica entre os rios Potomac e Chesapeake.

Tres annos depois terminava este conflicto, que não affectou a existencia da colonia, postoque desse logar a outro facto, cujos effeitos foram muito para lastimar.

Clayborne tinha voltado de Inglaterra no firme proposito de incitar o povo á rebellião, para assim se vingar do procedimento que havia soffrido por parte das auctoridades da colonia. Em pouco tempo a sua força impunha tal respeito, que o governador Calvert era obrigado a fugir para a Virginia.

Por espaço de dezoito mezes os insurgentes estiveram senhores do governo, e a colonia exposta a todos os horrores da guerra civil.

Só em agosto do seguinte anno, 1646, é que a insurreição pôde ser dominada.

A assembléa do Maryland assignalou-se por uma lei que adoptou, para proteger e tolerar todas as religiões que tivessem como base o Christianismo. Essa lei foi approvada em 1649, e ficou denominando-se a da «tolerancia». Verdade é que a constituição da provincia permittia completa liberdade de cultos, mas ainda assim a animosidade entre catholicos e protestantes era tal, que tornou-se necessario sanccionar, por uma lei local, o liberal principio estabelecido pela lei organica.

Da Nova Inglaterra e da Virginia vieram alguns dissidentes procurar asylo no Maryland, que se ufanou de haver inaugurado a liberdade religiosa, quando ainda em outras colonias a intolerancia predominava com toda a força.

Não está bem averiguado, mas sustentam alguns, que a maioria da assembléa de 1649 era protestante. É porém certo que ella se inspirou de uma resolução adoptada pelo Rhode Island em 1647, que tinha por fim permittir que cada um fosse livre de seguir e professar a religião que lhe aconselhasse a sua consciencia.

A execução de Charles I e a proclamação da republica

na Inglaterra, do mesmo modo que havia produzido os seus naturaes resultados em outras colonias, não podia deixar de influir nos habitantes da provincia do Maryland.

Os principios democraticos progrediam, e para isso não concorria menos o republicanismo de lord Baltimore, que era o proprietario da colonia.

Entretanto, como elle não inspirava completa confiança ao parlamento, porque a sua conversão como republicano não datava de longa data, os commissarios enviados pela metropole para administrarem o governo, julgaram prudente demittir Stone, que, na qualidade de logar-tenente de lord Baltimore, governava a colonia em seu nome.

Esta destituição tinha logar em 16 de abril de 1651, mas a 8 de julho seguinte, era elle restituido ao seu cargo.

Pela execução capital do rei, o parlamento em Inglaterra assumira supremos poderes, e tinha-se declarado em sessão permanente.

Cromwell, em 1653, dissolvia a representação nacional, absorvendo todos os poderes debaixo da sua unica e absoluta auctoridade, com o titulo de lord protector. Um dos seus actos foi o de restaurar no governo do Maryland o proprietario, lord Baltimore, e por consequencia a delegação de Stone no cargo de logar-tenente.

Os commissarios do parlamento, que se haviam retirado para a Virginia, voltaram novamente, obrigando Stone a entregar-lhes o governo da provincia.

N'este intervallo de tempo, o poder legislativo da colonia havia-se reorganisado, ficando composto de duas camaras: alta e baixa. Á primeira pertencia o governador e o conselho do governo, nomeados pelo proprietario da colonia; á ultima os representantes escolhidos pelo povo.

Uma das mais importantes medidas, que passou logo na primeira sessão, foi a da lei que prohibia a creação de impostos sem o consentimento do povo livre.

A liberdade que se gosava então no Maryland, havia ali attrahido por tal fórma os protestantes, que em 1654 excediam elles o numero dos catholicos.

Influiu isso para o reconhecimento de Cromwell, que pertencia á religião reformada; mas tambem, por outro lado, o elemento protestante lançou a discordia n'aquella região, porque, contestando os direitos hereditarios que haviam sido concedidos aos herdeiros de lord Baltimore, fez com que os catholicos tomassem o partido do proprietario.

Depois de serias contestações, os protestantes conseguiram excluir da assembléa os seus antagonistas, e fazer passar uma lei, declarando que elles não tinham direito á protecção das auctoridades do Maryland.

A consequencia d'isto foi seguir-se uma guerra civil. Stone, logar-tenente de lord Baltimore, voltou a Saint Mary, povoação fundada pelos catholicos em 1634, e ali organisou um exercito, pela maior parte composto de catholicos; apossou-se dos archivos da colonia, e assumiu o logar de governador.

Depois de alguns pequenos combates com as forças protestantes, a 4 de abril de 1655 deu-se decisiva batalha no sitio perto de Annapolis, sendo derrotados os catholicos, e Stone, o seu chefe, feito prisioneiro. Pouparam-lhe a vida, mas executaram outros individuos, em numero de quatro, que eram decididos partidarios de lord Baltimore.

A anarchia dominou então toda a provincia pelo espaço de alguns mezes, até que a nomeação de Josiah Fendall para governador, em julho de 1656, acalmou temporariamente os inquietos.

Esta tranquillidade era apenas apparente: Fendall,

suspeito de favorecer os catholicos, foi preso por ordem da assembléa, que pertencia toda ao partido protestante, e por dois annos continuaram ainda as aggressões entre o povo e os agentes do proprietario.

Foi este obrigado a fazer certas concessões para tranquillisar os animos; Fendall tornou de novo a ser reconhecido como governador em abril de 1658, e teria com a sua prudencia pacificado a provincia, se a morte de Cromwell, em setembro do mesmo anno, não despertasse o receio de novas difficuldades pela mudança radical que similhante acontecimento devia produzir na politica da metropole.

Finalmente a assembléa, julgando que era conveniente estabelecer as cousas no pé de evitar todos os motivos de futuras desintelligencias entre os oppostos interesses do povo e do proprietario, deliberou, em março de 1660, dissolver a camara alta e assumir a si todos os poderes, confirmando a nomeação de Josiah Fendall, como governador escolhido pelos eleitos do povo.

Mas em junho seguinte a restauração dos Stuarts na Gran-Bretanha proclamava a monarchia com a elevação de Charles II ao throno, e a antiga ordem de cousas no Maryland foi igualmente restabelecida. Lord Baltimore explicou os seus principios republicanos como um simples expediente necessario ás circumstancias, e com isso obteve a restituição de todos os seus direitos.

Fendall foi julgado traidor por haver acceitado o cargo de governador de uma assembléa, então qualificada de rebelde; e muitas teriam sido as vinganças, se lord Baltimore, a quem não faltavam os dotes de homem prudente e humano, não tivesse, mui judiciosamente, proclamado uma amnistia geral para todos os crimes politicos do Maryland.

A tudo isto seguiu-se uma paz não interrompida pelo espaço de cerca de trinta annos.

Os descendentes de Calvert (lord Baltimore) conservaram o governo do Maryland por largo espaço de tempo, mantendo a provincia em perfeito estado de tranquillidade até á revolução da Gran-Bretanha, no anno de 1688, que produziu um geral abalo nas possessões da America do norte.

N'essa epocha o vice-governador hesitou em reconhecer os novos monarchas, William III d'Orange e Mary, filha de James II, e d'isto resultou, que o confederado e inquieto Coode, se aproveitasse das circumstancias para introduzir no espirito publico o absurdo de que os magistrados catholicos, de accordo com os indigenas, preparavam a destruição de todos os protestantes. Esta calumnia era apoiada com um facto recente que apparentemente serviu de pretexto para justificar similhante boato.

Acabava de ter logar a renovação de um tratado com os indios, e, segundo o costume admittido, recebiam elles alguns presentes de valor.

Os protestantes acreditaram facilmente na intriga que Coode havia inventado, e em setembro de 1689 constituiram-se em uma ostensiva associação, á frente da qual se achava Coode, apoderando-se do governo e convocando uma convenção para assumir todos os poderes legislativos. O primeiro acto da insurreição foi depôr Charles Calvert, terceiro lord Baltimore, dos direitos que tinha sobre a provincia, e usurpar assim a suprema soberania do povo.

Até 1691 os negocios publicos foram dirigidos pela convenção. Em junho do mesmo anno William III derrogava todos os direitos pertencentes a lord Baltimore, e fazia do Maryland uma provincia real. O rei praticando este acto commettia uma arbitrariedade, mas estava em perfeito accordo com os principios que havia inaugurado.

A idéa que o monarcha formava das suas prorogati-

vas, e o desejo de supprimir as tendencias democraticas da America do norte, haviam feito com que repetidas vezes oppozesse o veto ás leis liberaes promulgadas pelas assembléas populares, recusando mesmo o seu assentimento para a execução de leis locaes: a propria liberdade de imprensa soffreu as restricções impostas por alguns governadores, que só cumpriam as ordens recebidas da metropole.

O primeiro governador nomeado pelo rei, foi Lionel Copley no anno de 1692. Promulgaram-se outras leis, em harmonia com o novo regimen, e foi decretada religião official, a anglicana, devendo não só ser observada por todos, mas subsidiada pelos impostos para esse fim levantados.

A tolerancia religiosa deixou pois de existir; e, o que é triste dizel-o, a colonia fundada pelos catholicos, não permittia que estes observassem os preceitos da sua religião, sendo aliás privados dos direitos que todos deveriam respeitar.

Por vinte e quatro annos as cousas permaneceram n'este estado até á extincção da dynastia dos Oranges e Stuarts, na pessoa da rainha Anne, em 1714.

George I, da dynastia do Hanovre, restituiu em 1716 todos os direitos de lord Baltimore no seu herdeiro ainda menor.

Com esta restauração, como era natural, foi restabelecida a primitiva fórma de governo, a qual continuou até á grande revolução de 1776, que deu a independencia dos americanos, e aboliu os privilegios reaes.

Em homenagem ao nome «Baltimore» fundou-se em 1729 a magnifica cidade da mesma denominação, que hoje é uma das primeiras dos Estados Unidos.

O Maryland conta actualmente cerca de setecentos mil habitantes, e é um dos estados mais prosperos da União, comparativamente com a limitada extensão de seu territorio.

A ordem chronologica obriga-nos a tratar n'este capitulo da autonomia colonial do Connecticut que, posto só se fundasse em 1665, como foi exposto na «segunda epocha» da presente obra, não deixa por isso de ter uma historia que remonta ao anno de 1639.

Os colonos de Windson, Harford e Wethersfield haviam formado uma constituição baseada nos principios mais liberaes.

O governador e a assembléa legislativa eram annualmente eleitos; e o juramento de homenagem ao rei, ficava substituido por um outro prestado á soberania popular.

É evidente que as leis só podiam ser promulgadas pela assembléa legislativa.

O exemplo d'estas provincias foi seguido pelas feitorias do New Haven em junho do anno referido (1639). Mas na nova organisação, o elemento religioso serviu de base á constituição, imitando-se assim o que já havia sido praticado pelos colonos de Plymouth, onde só se consideravam cidadãos os individuos filiados na Igreja reconhecida.

Nomeada uma commissão de doze cidadãos, escolheu ella sete dos seus membros para serem os fundadores da nova colonia, com a faculdade concedida aos ultimos, de admittir no seu gremio todos os colonos que quizessem tomar parte na discussão das leis. Para governador escolheram Theophilus Eaton, que foi reconduzido na eleição de todos os annos seguintes, e só deixou vago o logar quando falleceu em 1657.

Os habitantes de New Haven eram negociantes; a sua primitiva idéa foi a de fundarem uma colonia commercial. Oppoz-se porém a isso as grandes perdas que elles soffreram com o naufragio de alguns navios, sendo obrigados a volver as suas aspirações para a agricultura.

Não faltou prudencia e honestidade aos magistrados d'aquella região; os colonos avançavam no caminho de solida prosperidade, quando algumas difficuldades com os hollandezes e indios da fronteira, os obrigou a juntarem-se á confederação da Nova Inglaterra no anno de 1643.

Em 1644 a pequena colonia de Saybrook, foi, em virtude de uma compra, annexada a Hartford. O tratado que n'este ultimo local se concluiu com o governador Stuyvesant, em 1650, offerecia todas as garantias para uma completa tranquillidade.

Infelizmente não aconteceu assim, porque dois annos depois declarava-se a guerra entre a Gran-Bretanha e a Hollanda.

Uncas, chefe da tribu dos *Mohegans,* cuja reputação de malvadez era assás conhecida, odiava os indios *Narragansets*. Para se vingar do seu chefe Ninigret fez correr o absurdo boato de que este havia passado algumas semanas em Nova Amsterdam, no inverno de 1652; com isso fazia acreditar na Nova Inglaterra que Stuyvesant tramava contra os inglezes, havendo-se para esse effeito ligado aos indios *Narragansets*.

Esta noticia, que nada tinha de verdadeira, foi acreditada, e após uma grande excitação, os commissarios decidiram em 1653, que era necessario declarar a guerra aos hollandezes.

A colonia do Massachusetts recusou-se fornecer as provisões que lhe foram exigidas. O Connecticut, cujas feitorias se achavam mais proximas dos hollandezes, sol-

licitou a protecção da metropole. Estes incidentes e os meios empregados por Roger Williams, então ausente em Inglaterra, impediram o prompto rompimento das hostilidades: e, antes que chegassem quatro navios de guerra enviados por Cromwell, um tratado concluido entre as duas metropoles, levava de novo a paz ás suas respectivas colonias.

A assembléa em Hartford tomou posse de todos os terrenos reclamados pelos hollandezes, e estes, algum tempo depois, cediam dos seus direitos ao valle do Connecticut.

John Winthrop, filho do governador do Massachusetts, foi escolhido em 1657 para governador do Connecticut, cargo que exerceu durante alguns annos.

Em 1660, quando na Gran-Bretanha se fazia a restauração dos Stuarts, o Connecticut enviava Winthrop á metropole para prestar homenagem a Charles II e solicitar uma constituição.

O monarcha não estava disposto a acceder ao pedido, porque tinha os colonos d'aquella provincia na conta de exaltados republicanos; mas quando John Winthrop lhe apresentou um annel que Charles I havia dado a seu pae, foi tal a sua impressão que, deferindo a pretensão do Connecticut, confirmou a constituição popular da colonia, ampliando-a com principios liberaes que até áquella epocha nunca se tinham concedido.

Fazia-se esta concessão em maio de 1662, por um documento que ainda hoje existe nos archivos do Connecticut, e do qual a historia se tornou curiosa pelo facto de que adiante nos occuparemos.

As fronteiras da provincia eram ampliadas por fórma, que se comprehendia uma parte do Rhode Island e toda a colonia do New Haven; isto para o fim de ficarem unidas as differentes feitorias debaixo do commum nome de «Connecticut».

Em 1665 a ultima colonia referida (New Haven) dava o seu assentimento; mas o Rhode Island recusou completamente annuir ao desmembramento de que o queriam fazer victima.

O Connecticut pouco soffreu com a guerra do rei Philip; e, se exceptuarmos algumas feitorias distantes, que foram atacadas, e o tributo em homens e provisões que lhe coube dar para aquella guerra, quasi nullos se tornaram os effeitos da terrivel campanha, já narrada, para os colonos do Connecticut.

O que na mesma occasião mais os incommodou, foi a defensa das suas liberdades contra sir Edmond Andros, então governador de New York, que reclamava a posse dos territorios até á foz do rio Connecticut.

Em julho de 1675 tinha o dito governador chegado a Saybrook, á frente de uma pequena flotilha, para estabelecer a sua auctoridade. Foi-lhe permittido desembarcar; mas quando ordenou á guarnição do forte que se entregasse, em vista dos poderes de que se achava investido, o capitão Bull, commandante da força ali estacionada, ordenou-lhe que se retirasse immediatamente. Sir Edmond Andros, conhecendo que nada tinha a fazer com similhante adversario, julgou mais prudente voltar para New York.

Annos depois, em 1686, era elle nomeado governador da Nova Inglaterra, e com esse titulo exigiu de todas as colonias a entrega de suas respectivas constituições.

O Connecticut, que durante todo o tempo decorrido entre as ultimas datas referidas, 1675-1686, havia gosado de paz e prosperidade, recusou devolver ao representante da corôa o documento precioso de seus direitos, fazendo assim excepção ás demais colonias que tinham obedecido ao governador,

Entendeu este que para se fazer respeitar, convinha

empregar a força armada, e acompanhado de seiscentos homens dirigiu-se a Hartford, onde chegou a 10 de novembro de 1687. Sendo recebido com apparentes provas de consideração, apresentou-se ao governo local pedindo a entrega da constituição, e declarando dissolvida a assembléa popular.

De antemão, porém, um plano havia sido combinado para evitar a entrega da constituição, conservando-se ao mesmo tempo uma apparencia de lealdade. De proposito se prorogou a sessão da assembléa até se entrar pela noite e tornar necessario o uso de luzes. Foi então que se collocou a constituição sobre a mesa para d'ella se apossar o governador. Mas quando este dava o primeiro passo, e antes de tocar no documento, as luzes foram repentinamente apagadas, e o capitão Wadsworth, da milicia da colonia, subtrahiu a constituição, indo, favorecido pela obscuridade da noite, escondel-a na cavidade de um grande carvalho proximo da casa da assembléa.

Quando appareceram novas luzes, todos foram encontrados nos seus respectivos logares: o documento é que havia desapparecido.

A arvore tornou-se historica por haver servido a um acto que caracterisava a indole dos habitantes do Connecticut, no vehemente desejo de pugnarem pelos seus direitos: foi visitada por nacionaes e estrangeiros até agosto de 1856, em que um temporal a lançou por terra. Sir Edmond Andros nem por isso deixou de se apossar do governo, trancando o livro das actas da assembléa.

Até 1689 administrou a colonia debaixo da sua propria auctoridade; mas n'aquella epocha novos acontecimentos o expulsaram de Boston, e os habitantes do Connecticut, dirigindo-se ao antigo carvalho d'ali tiraram a sua constituição.

Convocou-se nova assembléa, Robert Treat foi escolhido para governador, e o Connecticut tornou a recuperar todos os seus direitos de colonia independente.

Apenas quatro annos haviam decorrido, e já a constituição era submettida a novas provas. Governava então New York o coronel Fletcher, que ao mesmo tempo assumia o commando das milicias do Connecticut, para o fim de, na qualidade de militar, usar d'aquellas forças contra a projectada invasão dos francezes e dos indios.

A assembléa legislativa, invocando os principios da sua constituição, não quiz reconhecer a auctoridade de Fletcher, obrigando-o, apesar de achar-se no exercicio de seus deveres, a apresentar-se em Hartford no mez de novembro de 1693, e ordenar a formatura de todas as milicias.

Fletcher quiz ler o diploma da sua nomeação, mas os tambores abafaram-lhe a voz. Por um instante se julgou obedecido; o silencio porém que se fez, durou apenas o tempo necessario para lhe dirigirem algumas expressões nas quaes o ridiculo excedia a lisonja. Fletcher viu-se pois obrigado a voltar a New York, desgostoso de si e irritado com todos.

A final o rei, por meio de um accordo acalmou os animos de todos; nem o governador de New York foi investido no commando que de direito não lhe pertencia, nem os colonos do Connecticut tiveram de soffrer a auctoridade que elles, com rasão, só podiam julgar intrusa.

No principio do seculo XVIII o Connecticut tinha uma população de trinta mil almas. Cincoenta annos depois já ella se elevava a cem mil.

Em todos os acontecimentos que se seguiram áquelles que mereceram especial menção para serem narrados no presente capitulo, o Connecticut marchou unido

com as demais colonias, e a sua chronica confunde-se com a historia de outras provincias.

Por isso, e porque a natureza d'este trabalho nos não permitte profundas e minuciosas investigações, somos obrigados a voltar ao anno de 1644 para nos occuparmos da autonomia colonial do Rhode Island.

Como o leitor talvez se recorde, Roger William tinha obtido do parlamento britannico, a 24 de março de 1644, a permissão de poder encorporar os dois estabelecimentos coloniaes em uma unica provincia debaixo do titulo de «Plantações do Rhode Island e Providencia».

A 29 de maio de 1647, uma assembléa geral de delegados de algumas povoações, reunia-se em Portsmouth, organisando o governo por meio de eleição.

Pela mesma occasião se accordou no principio organico em que se devia fundar o novo governo, sendo este declarado democratico, com sufficiente garantia para que as opiniões de cada um fossem respeitadas, dentro dos limites que as leis prescreviam.

A constituição obtida por Roger Williams, foi confirmada em outubro de 1652, pelo celebre parlamento contemporaneo da execução de Charles I, conhecido na historia pela denominação de *Long parliament.*

Esta confirmação tinha, por assim dizer, cortado todas as esperanças á colonia do Massachusetts de absorver as plantações de Williams e Narraganset, o que de ha muito os puritanos ambicionavam.

Para isso não deixava de concorrer a tolerancia que ali se mantinha, e cuja reacção os puritanos não podiam deixar de temer, por isso que Roger Williams havia sido expulso do seu gremio.

Entretanto algumas commoções perturbaram o Rhode Island: as discussões religiosas e a ambição de alguns de seus habitantes, foram causa de serias desintelligen-

cias n'aquella região pittoresca e cheia de frondosa vegetação. Só em 1655, quando Roger Williams foi investido no cargo de presidente, é que a provincia gosou de maior tranquillidade, attentas as boas qualidades do seu chefe.

Em maio do anno acima referido, Cromwell confirmou a constituição da colonia, que em julho de 1663, era substituida por uma outra ainda mais democratica. Já então Charles II occupava o throno da Inglaterra. Esta nova constituição era similhante á que fôra concedida ao Connecticut, e continha os principios de completa tolerancia em materia de religião.

Não é verdadeira a asserção de alguns historiadores, no que respeita á exclusão dos catholicos do gremio politico da colonia, nem ao rigor a que estavam expostos os *quakers*.

O primeiro governador eleito, segundo a nova lei, foi Benedict Arnold. Reconduzido durante alguns annos, ainda era o chefe supremo da provincia quando falleceu em 1678.

Uma lei, promulgada no primeiro periodo da sua administração, dava o privilegio de cidadão, apenas, aos proprietarios e seus primogenitos.

É forçoso confessar que esta lei não se harmonisava muito com as livres aspirações do povo.

Em 1687 o Rhode Island tinha que ceder á auctoridade de Edmond Andros, sacrificando a sua autonomia. Não se fez esperar muito tempo sem que as cousas voltassem ao seu estado anterior.

No primeiro ensejo que se offereceu, e este chegou com a revolução de 1689 em Inglaterra, o povo reuniu-se em Newport e ali proclamou de novo a constituição de que havia sido privado, unicamente, pelo direito do mais forte.

A prisão de Edmond Andros em Boston, por occasião de haver chegado ali a noticia da revolução que bania

James II e elevava ao throno William e Mary de Orange, não tinha concorrido pouco para todos estes acontecimentos, porque os colonos do Rhode Island julgaram para sempre extincta a auctoridade d'aquelle que os havia opprimido.

Foi por essa epocha que o povo escolheu o sêllo de suas armas, adoptando uma ancora por emblema e a palavra *hope* (esperança) para moto.

A constituição outorgada por James II em 1663, aquella de que acabâmos de tratar, só se substituiu em novembro de 1842, quando John Tyler era presidente dos Estados Unidos. Este acontecimento foi precedido de graves desintelligencias.

Durante todo o tempo decorrido entre as duas datas referidas, o Rhode Island tinha-se governado pelas disposições da antiga constituição.

Em 1732 a povoação de Newport havia adquirido uma certa importancia commercial, e a provincia possuia já uns dezoito mil habitantes, dos quaes dois mil e quinhentos eram indios ou pretos.

O Rhode Island em 1643 solicitou a admissão na confederação da Nova Inglaterra, mas, recusando-se reconhecer a auctoridade de Plymouth, não foi admittido.

Desde a guerra do rei William, em 1689, que anteriormente fica narrada, a historia d'esta provincia está em geral identificada com a das colonias da Nova Inglaterra, e dispensa-nos por isso de tornarmos mais longo este capitulo.

No seguinte nos occuparemos da provincia de New Jersey.

Como já tivemos occasião de referir, a autonomia colonial do New Jersey data de 1665. A sua colonisação envolve-se com a da Pennsylvania, e sobre tudo com a da Delaware, que só se constituiu em estado depois da independencia no anno de 1776.

Como talvez o leitor não esteja bem ao facto do que se acha narrado relativamente á colonisação do New Jersey, convem repetir alguns dos acontecimentos mais importantes, que foram berço á creação da colonia.

O duque de York, em 1664, vendeu aquelle territorio a lord Berkeley e a sir George Carteret. Sendo este governador da ilha de Jersey, no canal da Mancha, a nova provincia foi assim chamada em homenagem a um dos seus proprietarios.

Para o fim de se constituir um governo colonial, do mesmo modo que já se havia feito com relação a outras provincias, publicou-se uma especie de concordata que ficou conhecida pela denominação de «Concessões», aindaque mais parecia a constituição de qualquer estado, porque se estabelecia que o governo ficasse composto de um governador e de um conselho, nomeados pelo proprietario, e de uma assembléa escolhida por todos os habitantes que fossem senhores de alguma propriedade dentro dos limites da provincia. O poder legislativo residia na assembléa, e o executivo no governador. O conselho e a assembléa compunha-se, cada uma d'estas corporações, de doze membros.

Aos emigrantes que fossem ali estabelecer-se concedia-se a isenção, pelo espaço de cinco annos, do pagamento de fóros, e de contribuições sobre a propriedade.

A este convite acudiram muitas familias de Long Island [1], que logo no anno de 1664 se estabeleceram no local, que mais tarde se denominou Elizabethtown, em honra de Elizabeth, mulher de sir George Carteret.

Em agosto do anno seguinte, 1665, Philip Carteret, irmão do proprietario acima referido, foi nomeado governador, fixando-se, com um avultado numero de colonos, na mencionada povoação de Elizabethtown.

Emquanto durou a epocha da isenção dos impostos, nada perturbou a auctoridade dos chefes e a obediencia dos colonos; mas apenas, no anno de 1670, se exigiu a contribuição de meio *penny* [2] por cada *acre* de terreno, o povo começou a murmurar por tal fórma, que bem depressa os clamores se tornaram geraes. Os que haviam comprado terras aos indigenas, negavam, e até certo ponto com justiça, o direito dos proprietarios perceberem pensões de propriedades que elles não tinham vendido.

D'isto resultou uma rebellião contra as deliberações da assembléa, e como effeito natural, completa resistencia ao pagamento dos fóros.

Por dois annos se prolongou a luta entre os senhorios directos e os emphyteutas, isto é, entre proprietarios e colonos, até que, no verão de 1672, a revolução triumphante elegia uma nova assembléa, depunha Philip Carteret do cargo de governador, e nomeava para o

[1] Ilha, que do lado opposto a New Jersey, corre ao longo da cidade de New York.

[2] Equivalente a um *centavo* da actual moeda americana, que corresponde a 9 $^1/_2$ réis portuguezes.

substituir seu sobrinho (filho natural de sir George Carteret), cuja reputação deixava muito a desejar.

Quando a auctoridade legitima, algum tempo depois, se julgava com força para pacificar a colonia, caía esta, com outros territorios reclamados pelo duque de York, em poder dos hollandezes, como já se referiu no capitulo que diz respeito á provincia de New York.

Passava-se isto em agosto de 1673. Em novembro do seguinte anno, a Inglaterra tornava a recuperar da Hollanda, as colonias que conservou até á independencia dos Estados Unidos.

O duque de York solicitou e obteve uma nova constituição; não teve, porém, em conta alguma os direitos de lord Berkeley e de sir George Carteret, nomeando em julho de 1674, governador do seu dominio a Edmond Andros, que já era conhecido pela sua tyrannia e arbitrariedade.

Carteret foi indemnisado, em parte, dos prejuizos que soffreu; mas Berkeley vendeu os seus direitos a Edward Byllinge, que, pelo seu lado os transferiu em 1675 a William Penn e a mais dois outros compradores, todos pertencentes á seita dos *quakers*.

Em julho de 1676 a provincia era dividida em East (leste) e West (oeste) Jersey, para o que havia concorrido o desejo dos compradores de não se constituirem em sociedade politica.

Sir George Carteret ficou então possuindo o East Jersey, e William Penn e mais os seus dois associados, a parte occidental.

Por estes ultimos foi outorgada aos colonos que já ali havia, e a uns quatrocentos que chegaram no seguinte anno, 1677, uma fórma de governo das mais liberaes até então concedidas.

Os novos colonos chegados pertenciam á seita dos *quakers*, e foram estabelecer-se abaixo do sitio conhecido

pelo nome de Raritan. Sir Edmund Andros pretendeu que a nova colonia reconhecesse a auctoridade do duque de York, mas ella recusou fazel-o, e o pleito foi devolvido aos competentes magistrados, que decidiram contra os direitos invocados pelo duque. Deu-se este por vencido, e, desligando os habitantes de ambas as provincias (East e West Jersey) da obediencia que se lhes queria impôr, a colonia ficou livre e independente da auctoridade ducal.

A primeira assembléa popular de West Jersey reuniu-se em Salem, no mez de novembro de 1681, adoptando um notavel codigo de leis, pelo qual todos os crimes, com excepção de roubo, assassinato e traição, podiam ser perdoados pela parte offendida.

William Penn e mais onze *quakers*, em fevereiro de 1682, compraram a provincia de East Jersey (Jersey oriental); e, tendo obtido uma nova constituição, nomearam, no mez de julho do anno seguinte, a Robert Barclay governador vitalicio d'aquella provincia.

Robert Barclay era um notavel prégador da seita *quaker*, natural de Aberdeen, auctor da *Apologia dos quakers*, obra tão altamente apreciada pelos seus correligionarios, que havendo sido escripta em latim merecêra a honra de ser traduzida em francez e em outros idiomas. Bouillet, no seu diccionario universal de historia e geographia, dedica-lhe algumas linhas de insuspeito louvor.

A nova constituição chamou á provincia de Penn um grande numero de *quakers*; emigrantes da Inglaterra e da Escocia, como da Nova Inglaterra e Long Island, na America, que foram para aquella região na idéa de ali encontrarem a prosperidade e bem estar, que, segundo a sua excentrica religião, lhes faltava nos paizes onde tinham vivido.

Esta illusão foi em breve dissipada, porque James II

elevado a rei, não manteve os contractos que havia feito como duque de York, servindo-se para isso da habilidade e arrojo de sir Edmund Andros, conforme já se referiu com relação a outras provincias. Algumas constituições foram annulladas; e, do mesmo modo que havia acontecido a outros colonos, os habitantes do New Jersey viram-se obrigados a ceder á força das circumstancias, mais forte do que a do direito, ficando privados das garantias e privilegios que tinham obtido.

Depois, quando se livraram da oppressão da auctoridade, pela expulsão de Boston, em 1689, do referido sir Edmund Andros, acharam-se sem governo constituido, e entregues a uma completa anarchia.

Este estado de cousas durou pelo espaço de doze annos, até abril de 1702, quando os proprietarios de New Jersey entregaram a colonia á corôa, conservando todavia os seus direitos ao solo e aos fóros que recebiam.

Em julho do mesmo anno as duas regiões eram unidas, formando uma provincia real, em cujo governo a Inglaterra collocou sir Edward Hyle, de quem já tivemos occasião de fallar a proposito da colonia britannica de New York.

A provincia do New Jersey, apesar de ter uma distincta assembléa legislativa, ficou dependente de New York até o anno de 1638, em que se separou completamente. A sua independencia foi devida a Lewis Morris, filho de um militar contemporaneo de Cromwell, que se havia tornado proprietario de um terreno ainda hoje na posse de seus descendentes e conhecido pelo nome de «Morrisana».

Lewis Morris, foi o primeiro governador do New Jersey, depois da sua separação de New York, e conduziu sempre os negocios publicos com habilidade e apoiado pela opinião de seus administrados. Falleceu em 1746.

Trinta annos depois rebentava a revolução e nascia a republica dos Estados Unidos.

A provincia do New Jersey, nos ultimos tempos que precederam aquelle famoso acontecimento, teve uma existencia tranquilla, sem grande interesse para o leitor estrangeiro.

Já na «segunda epocha» d'esta obra, quando tratámos da colonisação da Pennsylvania, dissemos quem era William Penn, e como ao seu nome e esforços se achava ligada a existencia d'aquella magnifica colonia, que hoje forma um dos mais florescentes estados da grande republica americana.

Tambem já referimos que, no outomno de 1682, William Penn chegava ao condado de Newcastle acompanhado de muitos emigrantes, e que depois de haver obtido do duque de York uma cessão completa dos terrenos que elle duque reclamava, em seguida partíra para New York e New Jersey a visitar os seus correligionarios e as auctoridades n'aquellas duas provincias. É pois d'aquella data, 1682, que se póde dizer que começou a autonomia colonial da Pennsylvania.

O leitor deve lembrar-se que os territorios da referida provincia, estavam então unidos aos que hoje formam o estado de Delaware.

William Penn havia proclamado, não só aos colonos, mas tambem aos proprios indios, que o seu governo seria todo de amor pela humanidade, guiando-se pelos principios da verdade e da justiça.

A 4 de novembro do anno referido, 1682, Penn encontrou-se com os chefes da tribu de Delaware, que estavam reunidos em conselho, debaixo de um frondoso olmo, onde muitos annos depois a sociedade de Penn

em Philadelphia erigiu um monumento. N'aquelle local, hoje conhecido pelo nome de Kensington, proximo de Hanover e Beach *streets*, o fundador da Pennsylvania fez um pacto de paz e amisade com os indigenas, pagando-lhes o preço estipulado pelo territorio que adquiriu.

Os indios ficaram perfeitamente edificados com o procedimento franco e leal de William Penn, tanto mais que as suas acções estavam em completo accordo com as promessas que fazia, e offereciam notavel contraste aos enganos que elles tinham soffrido dos homens que se diziam civilisados.

A guerra do rei Philip, que por essa occasião devastava a Nova Inglaterra, era um exemplo frisante para fazer acreditar as palavras do pacifico *quaker*, que hasteava o pendão do amor do proximo, sem excepção de raça ou de côr.

Póde causar admiração como aquelles corações selvagens se abriram aos sentimentos de bondade de William Penn, mas a historia registra as palavras dos indios, e ella deve ser insuspeita, porque não foram elles que a escreveram «nós viveremos em paz com William Penn, — disseram elles — e com os seus descendentes, por tanto tempo emquanto durar o sol e a lua».

O futuro justificou a promessa dos indigenas, porque nunca derramaram uma gota de sangue *quaker*.

William Penn chegou, pois, a Newcastle, em Delaware, no dia 6 de novembro de 1682, e após o que já fica exposto, fundou a grandiosa cidade de Philadelphia sobre os terrenos comprados aos suecos, entre os rios Delaware e Schuylkill.

Nos troncos de muitas arvores d'aquellas florestas se marcaram os alinhamentos das futuras arterias de communicação, e d'ahi resultou que hoje as principaes ruas da segunda cidade dos Estados Unidos, conservam os no-

mes de *Chestnut* e *Walnut,* o que indica a abundancia de castanheiros e de nogueiras que deveria ter existido n'aquelle logar.

No decurso de um anno tinham-se edificado cem casas de habitação, e entre ellas uma para William Penn, que era quotidianamente visitado pelos indigenas, portadores de caça da floresta, offerecida ao chefe *quaker,* que elles adoravam com o seu natural instincto, que lhes dizia estar ali um homem austero na simplicidade e fanatico na honra, symbolisando a fraternidade entre a raça privilegiada da natureza, sem distincção de paiz, de côr ou de jerarchia.

No mez de março de 1683, William Penn convocou uma segunda assembléa, e deu aos habitantes da Pennsylvania a mais liberal e ampla constituição concedida até áquella epocha.

Como meio preventivo contra as causas civeis, Penn estabelecia a nomeação de tres arbitros, denominados «pacificadores» para decidirem questões de secundaria importancia, em que as partes obtinham mais com uma ruim composição, do que ganhariam pela melhor das demandas.

Aos paes de familia impunha-se-lhes o dever de ensinar a seus filhos uma profissão honesta e proveitosa; e aos patrões que, sem fundamento justificado, maltratassem os seus empregados, a constituição impunha o dever de lhes dar plena satisfação, e de lhes pagar uma terça parte mais sobre as quantias estipuladas. Estabelecia-se completa repressão para todos os actos offensivos da moral ou dos cultos religiosos, cuja liberdade era garantida. Ao povo dava-se a faculdade de nomear os empregados da colonia e todos os demais direitos que formam a base do systema democratico.

Em agosto do seguinte anno, 1684, William Penn voltou a Inglaterra, deixando Thomas Lloyd presidente de

um conselho composto de cinco membros para governar a colonia.

A revolução de 1688 enviava ao exilio o rei James II, e Penn foi victima da sua lealdade, não reconhecendo a nova dynastia de William III d'Orange. Esse facto valeu-lhe o ser preso em Inglaterra.

Entretanto o descontentamento foi lavrando na Pennsylvania, por fórma que os tres condados de Delaware —Newcastle, Kent e Sussex—julgando haver recebido menos consideração por parte do conselho do governo, retiraram-se da união em 6 de abril de 1601. Penn acceдeu aos desejos dos descontentes, e nomeou-lhes um vice-governador.

Mais tarde, em outubro de 1692, o famoso *quaker* perdia o governo da provincia da Pennsylvania para ser confiado ao governador de New York, Benjamin Fletcher, e isto com o fim de se reunir debaixo da sua auctoridade os condados de Delaware. De facto, em maio do seguinte anno, os referidos condados voltavam á antiga administração, com a differença porém, de que já não tinham por chefe o prudente e justo William Penn, mas o dissoluto e fraco governador de New York.

Em Inglaterra, Penn era rehabilitado no anno de 1694, porque das boas intenções d'aquelle homem não podiam os governos, por muito tempo, ficar ignorantes; e após tal acontecimento foram-lhe restituidos todos os seus direitos no mez de agosto do anno referido.

Antes de partir novamente para a America, o que só levou a effeito pelos fins de 1699, William Penn nomeou vice-governador o seu antigo agente William Markham, em quem depositava toda a confiança.

Na sua chegada ao novo mundo, Penn encontrou grande descontentamento nos habitantes da colonia, e uma das principaes causas era a falta de mais amplas garantias de liberdade na lei organica da provincia. Não se de-

morou em deferir aos clamores publicos, porque em novembro de 1701 outorgava novas leis baseadas em principios ainda mais liberaes.

A Pennsylvania, onde o seu nome era por todos amado, recebeu a ultima constituição com as maiores demonstrações de contentamento; mas o mesmo não aconteceu com os habitantes dos territorios de Delaware: os delegados, por intestinas desintelligencias, haviam-se retirado da assembléa na firme intenção de tornarem independente aquella pequena parte do paiz.

William Penn, longe de coagir os dissidentes, concedeu-lhes o direito de se governarem por uma independente assembléa, que teve a sua primeira reunião no condado de Newcastle em 1703.

Apesar da separação nas representações populares das duas provincias, conservaram-se ellas debaixo da auctoridade de um só governador até á epocha da independencia dos Estados Unidos em 1776.

Em dezembro de 1701, William Penn voltou a Inglaterra para nunca mais visitar a Pennsylvania. Havia elle então concebido o projecto de libertar a America do feudo dos proprietarios, mas o seu estado de saude não lhe permittiu conseguir tão liberal principio.

Falleceu no anno de 1718, deixando a seus tres filhos Thomas, John e Richard, ainda de menor idade, a magnifica propriedade que para memoria conserva o seu nome.

Os herdeiros de William Penn continuaram a administrar a colonia pelo intermedio, na maior parte das vezes, de vice-governadores até á guerra da independencia.

N'essa epocha a representação popular comprou os direitos dos proprietarios da Pennsylvania pela somma approximada de quinhentos e oitenta mil dollars, e, tomando parte activa n'aquella grande revolução, foi uma das treze colonias que formaram o pacto federal da União americana.

A historia das colonias denominadas Carolinas do norte e do sul—North Caroline e South Caroline—é commum a ambas até 1696; epocha em que o territorio d'aquella região ficou dividido em duas provincias. Politicamente só o foi em 1729.

Ha, porém, acontecimentos, que respeitam, tanto a uma como a outra provincia, e que, por essa especial circumstancia, devem preceder a narração de sua respectiva vida colonial.

Taes acontecimentos formam o assumpto do presente capitulo.

A reunião de muitas feitorias e a sua estabilidade, como consequencia natural da constante emigração, que affluia de varios pontos áquella parte da America, havia dispertado nos proprietarios o desejo de fundarem a sua autonomia colonial.

O leitor deverá recordar-se de que uma grande parte dos emigrantes compunha-se de descontentes e perseguidos por motivos politicos e de religião. Não é de admirar que as suas tendencias fossem oppostas ás dos colonos do norte do paiz, onde predominava o espirito republicano.

Projectaram. pois, o estabelecimento de um imperio, á similhança do que se praticava no velho mundo.

A primeira cousa a fazer era promulgar a constituição do estado, baseando-a em principios adaptados ao fim a que se propunham.

Em março de 1669 Asdley Cooper, mais tarde *earl* of Shaftesbury, notavel estadista, e John Locke, philosopho de grande reputação, apresentaram o trabalho de que haviam sido encarregados por parte dos principaes habitantes das Carolinas.

A «constituição fundamental» (que assim se denominava aquella lei organica) continha cento e vinte artigos, cujas disposições eram formuladas nos principios monarchicos que regiam a maior parte dos estados na Europa. Creavam-se duas ordens de nobreza; a mais alta compunha-se de *landgraves*, uma especie de *earls* ou condes; a outra de *caciques*, que corresponderiam, pouco mais ou menos, a barões *(barons)*.

O territorio era dividido em condados de oitenta mil *acres*, com um *landgrave* e dois *caciques*. Os senhores feudaes (que tambem se estabeleciam pela «constituição fundamental»), á similhança da antiga nobreza, podiam instituir tribunaes e exercer as funcções de juizes. Os possuidores de cincoenta *acres* de terras eram considerados cidadãos: os rendeiros não tinham qualificação politica, nem lhes era permittido obtel-a. Os quatro poderes ou estados do paiz, compunham-se de proprietarios, *earls* ou condes, *caciques* ou barões, e *commons*, communs ou cidadãos. Os primeiros, em numero de oito, concentravam em si o poder judicial, tendo a suprema jurisdicção em todos os tribunaes: os *earls* ou condes, e os *caciques* ou barões, superintendiam nos condados. Todos estes funccionarios compunham a assembléa legislativa, juntamente com os *commons* ou cidadãos, cujo numero era circumscripto a quatro por cada tres membros da nobreza.

Entretanto os *commons*, ou representantes do povo, não tinham poder contra a maioria aristocratica; em compensação toleravam-se todas as religiões, mas só a orthodoxia da igreja anglicana era reconhecida.

Pelo que fica exposto, se deprehende que a «constituição fundamental» não podia funccionar regularmente, a par, ou nas proximas vizinhanças de colonias regidas por principios demasiadamente liberaes, que mais se assimilhavam a uma organisação republicana.

Esta desharmonia entre o absoluto poder dos proprietarios e a restricção das garantias liberaes, a que aspiravam os colonos, produziu uma luta de vinte annos, que terminou pela victoria do povo, conquistando o direito de se administrar com um governador e um conselho composto de doze membros, sendo seis escolhidos pelos proprietarios e seis pela assembléa: havia tambem uma camara de delegados da livre escolha dos cidadãos ou possuidores de terras.

No condado de Albemarle foi onde aquella rebellião principalmente se manifestou, originada pelos excessivos impostos e pêas ao commercio da colonia. Os seus instigadores pertenciam em geral aos foragidos da Virginia, depois da revolta de Nathaniel Bacon, em 1676, da qual já tratámos quando nos occupámos da mesma provincia.

As idéas de liberdade e de independencia, trazidas por aquelles aventureiros para povoações nascentes, que começavam, por assim dizer, a despontar de um solo estranho ás tradições monarchicas, deviam correr velozes no espirito publico, sempre prompto a acceitar as mais avançadas innovações politicas.

Um anno depois do fallecimento de Bacon, o povo do condado de Albemarle estava em completa revolta. A causa d'esta insurreição provinha da execução da lei de impostos sobre um navio da Nova Inglaterra.

O chefe da provincia foi preso, assim como seis membros do seu conselho, e os fundos publicos subtrahidos pelos revoltosos, que convocaram uma outra assembléa, nomeando novos juizes e magistrado. Passou-se isto em

dezembro de 1677; e, pelo espaço de dois annos, a colonia foi administrada com os funccionarios da revolução.

John Culpepper, que era um refugiado do condado de Carteret, tinha desempenhado a principal parte no movimento revolucionario que acabâmos de referir. Pretendendo advogar a causa popular, dirigiu-se a Inglaterra, onde foi preso e processado pelo crime de traição.

Entretanto *earl of* Shaftesbury, possuido dos mais generosos principios de tolerancia politica, pôde obter o seu livramento, fazendo com que voltasse para as Carolinas. Mais tarde Culpepper foi nomeado superintendente geral da provincia, e em 1680 era um dos encarregados da edificação da cidada de Charleston.

A provincia voltou pois á vida laboriosa e pacifica, que é a primeira felicidade de todas as sociedades politicas; até que, á chegada em 1683 de Seth Sothel (um dos proprietarios), os colonos começaram de novo a sentir os effeitos da sua pessima administração; e, posto soffrerem por espaço de seis annos a concussão, enganos, o maior arbitrio na divisão dos empregos publicos, insurgiram-se outra vez em 1689, prendendo o seu oppressor, com o fim de o transportarem a Inglaterra.

Seth Sothel solicitou, e obteve o favor de ser julgado pela assembléa colonial, sendo condemnado a um anno de deportação e a não poder mais exercer o logar de governador. Retirou-se para o sul da colonia, e foi substituido por Philip Ludwell, cuja energia e respeitabilidade trouxeram de novo a ordem publica.

O povo, durante a administração de Ludwel, como a de Harvey e a de Walker, que lhe succederam, viveu tranquillo.

O mesmo aconteceu com o governo de John Archdale, que em 1695 fôra chamado a administrar a colonia.

Pertencia elle á seita dos *quakers,* e por isso as suas tendencias pacificas prepararam o espirito publico para futuras prosperidades.

Era na parte septentrional das Carolinas onde se passavam os acontecimentos que ficam referidos; o lado meridional prosperava regularmente em riqueza e população.

Ali os colonos haviam obtido uma copia incompleta da «Constituição fundamental», mas bem depressa conheceram a impossibilidade de estabelecer um governo em harmonia com as disposições de similhante lei.

Em 1672, por meio de uma convenção parlamentar, foram eleitos vinte delegados para, juntamente com o governador e respectivo conselho, assumirem ás funcções legislativas.

Faltam documentos para ajuizar dos trabalhos d'aquella corporação, mas parece fóra de duvida que não deixou grandes vestigios de suas deliberações.

O poder legislativo organisou-se dois annos depois, em 1674, compondo-se de camara alta e camara baixa. Promulgaram-se então algumas leis que foram causa de calorosas discussões, das quaes nasceram irreconciliaveis discordias.

Veiu, como inevitavel consequencia, a anarchia com todo o seu acompanhamento de roubos e de assassinios praticados pelos indigenas, que nunca perdiam similhantes ensejos para se vingarem dos invasores.

Por fim os colonos, conhecendo que no seu proprio interesse ía a destruição do inimigo commum, fraternisaram em presença do imminente perigo de serem aniquilados, e conseguiram subjugar os indios em 1680.

D'essa subjugação data a extincção dà tribu *Stono,* que nunca mais se pôde reorganisar. Muitos dos seus membros haviam ficado reduzidos á escravidão, e n'es-

sa triste condição foram vendidos para as Indias occidentaes.

Da mesma epocha, 1680, data a edificação de Charleston na Carolina do sul.

Muitas familias inglezas, vendo que os indigenas estavam vencidos, foram estabelecer-se no melhor ponto, então conhecido pelo nome de Oyster Point, e ali lançaram os primitivos fundamentos de uma povoação. As anteriores feitorias, que datavam de 1672, foram por aquella epocha abandonadas.

Os hollandezes estabeleceram-se pelo paiz, ao longo dos rios Edisto e Santee, e attrahiram, por este modo, a emigração da Europa e da Nova Inglaterra para todos os suburbios da florescente cidade de Charleston. Foram tambem os hollandezes que fundaram Jamestown, algumas milhas acima do rio Ashley.

No anno de 1682 uma outra assembléa legislativa era convocada em Charleston, já então sufficientemente fortificada. Algumas das leis que ali se approvaram tiveram proficua execução, e serviram de incitamento á emigração da Gran-Bretanha, Hollanda e da propria França, onde a perseguição aos huguenotes produzia a expatriação de muitos de seus filhos.

Luiz XIV havia revogado em 1685 o edito de Nantes, que promettia aos protestantes o livre exercicio do seu culto; e foi esta inconsiderada medida que concorreu tambem para povoar as florestas virgens da America.

Os hespanhoes que occupavam Saint Agustine, na Florida por elles descoberta, não viram indifferentemente a colonia de emigrantes que tinha ido habitar Port-royal, cujo dominio elles reclamavam; e em 1686, na ausencia de lord Cardon, chefe d'aquelles colonos, atacaram e destruiram todas as feitorias por elles edificadas.

Não pouco soffreram aquelles emigrantes, que eram escocezes, com a perseguição hespanhola, que, ao me-

nos, se explicava pela ambição da conquista: os francezes, que já então eram odiados pelos seus proverbiaes inimigos do outro lado da Mancha, pagavam por outro modo a hospitalidade de Charleston, ficando durante dez annos, isto é, até 1697, privados dos direitos civis que gosavam os europeus.

A rebellião dos colonos do sul contra a administração do proprietario, era tão latente como a que se manifestava ao norte das Carolinas, onde o povo recusava acceitar o systema de governo inventado por *earl of* Shaftesbury. Para subjugar esta desobediencia, nociva aos direitos dos proprietarios, o irmão de um d'elles, James Colleton, foi, em 1686, nomeado governador com todos os poderes para restabelecer a ordem publica.

Durante quatro annos continuou a anarchia, terminando por uma declarada rebellião, que deu em resultado a apprehensão de todos os livros publicos, a prisão do secretario da provincia, e a convocação de uma nova assembléa.

Este estado de cousas offerecia dois perigos: a sublevação dos indios, que nunca perdiam occasião para se aproveitarem das discordias dos colonos; e a invasão dos hespanhoes, que já haviam manifestado as suas disposições hostis, destruindo as feitorias em Port-royal.

Era preciso usar de medidas extremas, chamando a milicia ás armas, e declarando a provincia em estado de sitio. Assim o fez o governador, mas as suas ordens só conseguiram exacerbar ainda mais o animo do povo.

James Colleton foi accusado de haver exorbitado dos seus deveres, e a assembléa declarou-o banido da colonia no anno de 1690.

Seth Sothel, que em 1689 havia sido banido da parte septentrional, denominada mais tarde Carolina do norte, chegava por aquella occasião ao sul da colonia, onde se passavam tão serios acontecimentos. Vinha elle para

cumprir a sentença que o expulsava da outra metade da provincia.

Por tal arte se insinuou no espirito publico, tomando o partido do povo contra James Colleton e aproveitando-se das circumstancias excepcionaes, que soube illudir a confiança dos homens principaes da colonia, obtendo o supremo cargo de governador.

Durante dois annos Seth Sothel exerceu aquelle logar, abusando do poder para opprimir e locupletar-se com os rendimentos publicos. O arrependimento dos que n'elle haviam confiado não se fez esperar; era porém tarde, e foi preciso que a assembléa o accusasse e banisse da colonia em 1692.

Para estabelecer a auctoridade dos proprietarios, bem pouco identificada com as aspirações do povo, foi enviado Philip Ludwel, cujo caracter honesto era uma firme garantia de ordem e prosperidade.

O povo, porém, com receio de que a «constituição fundamental» fosse posta em vigor, não deixou de reagir contra a administração d'este governador, coagindo-o a retirar-se para a Virginia.

Os proprietarios conheceram então que era inutil arrostar por mais tempo contra a opinião geral; e que a lei organica de *earl of* Shaftesbury não podia ser adaptada ao governo das Carolinas.

Em 1693 John Archdale, *quaker,* de insuspeita reputação, foi enviado para administrar a colonia, segundo os principios puramente democraticos.

Á sua administração se deve a introducção da cultura do arroz na Carolina meridional, porque foi n'aquella epocha que ali appareceu a semente de tão util alimento, levada pelo capitão de um navio procedente da ilha de Madagascar.

Não durou muito tempo o governo de John Archdale, mas foi benefico para a colonia, pacificando-a e conse-

guindo, pelas prudentes leis que fez promulgar, que terminassem as dissensões entre os colonos inglezes e francezes.

Um anno depois de haver terminado a administração de John Archdale, em 1697, a assembléa conferia aos colonos francezes o direito de cidadãos, do qual até essa epocha tinham sido privados.

Como já se disse no principio do presente capitulo, a divisão das Carolinas, em Carolina do norte e do sul, começou pelo anno de 1696, quando finalisava o governo de Archdale.

No pequeno capitulo que se segue, trataremos da autonomia colonial da Carolina do norte, cuja historia se enlaça na ultima administração das Carolinas.

Aindaque no anno de 1668 se reuniu em Edenton a primeira assembléa popular da Carolina do norte, a sua estabilidade como colonia e a permanente prosperidade de seus habitantes, datam da epocha em que John Archdale administrava toda a região das duas Carolinas, quando os colonos, explorando o interior do paiz, se aperceberam da riqueza do seu solo, e de que os agricultores não perderiam o tempo, buscando ali os recursos que a terra offerece aos que n'ella confiam com verdadeira fé.

Não havia sido essa a primeira impressão dos primitivos exploradores, conforme se narrou na «segunda epocha»; mas os paizes incultos de hontem, são hoje, muitas vezes, ferteis mananciaes de riquezas. Assim aconteceu na Carolina do norte. O solo apresentou-se no interior differentemente do que se havia manifestado nas superficiaes explorações dos primeiros tempos.

O proprio aventureiro caçador, encontrou abundantes elementos para a sua industria, nas pelles dos castores e dos lontras, que com frequencia se achavam nas margens dos rios.

A civilisação, levada pelos emigrantes, ía avançando pelas florestas, ao passo que os indigenas recuavam para os reconditos bosques ainda virgens da exploração dos europeus.

A poderosa tribu dos *Hatteras,* que, na epocha em que a expedição de Raleigh havia desembarcado na ilha Roa-

noke, se compunha de tres mil guerreiros, achava-se reduzida apenas a quinze bésteiros. Outras tribus haviam completamente desapparecido, ou tinham vendido as suas terras aos colonos. Frequentes vezes o engano ou a fraude presidíra a essas vendas, é verdade, mas em compensação o solo tornára-se productivo, e a humanidade ía ganhando o saldo lançado á conta da civilisação, que, pelos seus proprios vicios, no excesso das bebidas alcoolicas, se tinha encarregado de decimar os indigenas n'aquellas remotas regiões.

Os rios Yadkin e Catawba estavam abertos á exploração dos europeus, como duas grandes arterias para levar a vida civilisada áquelle importante ponto do novo mundo.

A Carolina do norte tinha, por este modo, passado das faxas da colonisação para a infancia da sua autonomia, na qualidade de provincia da Gran-Bretanha.

A religião não podia tambem deixar de incutir, no animo do povo, os seus salutares principios na constituição da familia e organisação da sociedade.

Em 1705 fundou-se, no condado Chowan, a primeira igreja anglicana; e pouco tempo depois, isto é, em 1707, abundavam já os *quakers*, e vinha da Virginia uma partida de huguenotes para se estabelecer nas margens do Trent. Cerca de cem familias allemãs chegavam tambem em 1709, fugindo á perseguição no seu paiz. Foram residir no interior da Carolina do norte, debaixo da direcção do conde Graffenried, povoando as margens dos rios Neuse e Roanoke.

Mas uma terrivel calamidade ameaçava os pacificos habitantes no interior da nascente colonia. Os restos das tribus indigenas, uniam-se e conspiravam contra os brancos, para os exterminar, voltando de novo á posse do paiz que tinham perdido. Á frente da conspiração estavam os indios das tribus *Tuscaroras* e *Corees*.

Na noite de 2 de outubro de 1711 todos os selvagens, munidos de pequenos machados, caíram sobre as disseminadas feitorias dos allemães, ao longo da *Sound* de Roanoke e Pamlico, e cento e trinta pessoas foram barbaramente assassinadas. A carnificina durou por tres dias, estendendo-se tambem á *Sound* Albemarle, onde os indigenas assassinaram todos os colonos que não tiveram tempo para fugir, lançando depois fogo ás suas pequenas habitações.

A devastação foi tremenda e geral na Carolina do norte, sendo necessario que o resto de seus habitantes, que pôde escapar á furia dos indigenas, pedisse soccorro a seus irmãos da colonia do sul.

O coronel Barnwell, com uma força composta de colonos e de indios das tribus *Creeks, Catawbas, Cherokees* e *Yamassees*, alliadas e amigas dos europeus, marchou para bater os aggressores. Foram estes promptamente atacados e repellidos para a sua povoação fortificada, que existia no ponto que depois se ficou chamando condado de Craven.

Concluiu-se um tratado de paz com os indios *Tuscaroras;* mas havendo elle sido violado pela propria força do coronel Barnwell, que, na sua retirada, aggrediu de novo os indios, bem depressa fizeram elles outro tanto, rompendo as hostilidades.

Era preciso restabelecer a ordem e castigar os insurgentes; para isso, em dezembro de 1712, o coronel Moore, filho de James Moore, que doze annos antes tinha governado a Carolina do sul, marchou para a do norte no commando de alguns brancos e de um grosso corpo de indios. Os da tribu *Tuscaroras*, que não tinham deixado de incommodar os colonos, foram batidos, e repellidos para uma fortaleza que possuiam no condado Greene, onde em março do seguinte anno oitocentos caíam prisioneiros.

O resto da tribu *Tuscaroras* fugiu para o norte do paiz, e em 1714 juntou-se á tribu do lago Ontario, dando á confederação *Iroquoi* o nome de *Seis nações*. Até então havia ella sido conhecida pela denominação de *Cinco nações*.

Em 1715 os indios *Corees* assignaram um tratado de paz e amisade, e desde essa epocha nunca mais os habitantes da Carolina do norte foram aggredidos pelos indigenas.

A provincia havia gasto com a guerra mais do que possuia nos seus cofres, e preciso lhe foi recorrer ao credito, emittindo titulos pelo valor approximado de quarenta mil dollars.

Como não são de grande interesse os acontecimentos que depois occorreram na colonia, passaremos a narrar os factos mais importantes que respeitam á Carolina do sul.

Quando na «segunda epocha» nos occupámos da colonisação da Carolina do sul, vimos que os colonos, não querendo adoptar o systema de governo inventado por *earl of* Shaftesbury e John Locke, haviam preferido fazer elles proprios as suas leis, entrando assim na vida politica, mas ao mesmo tempo independentes das demais provincias, por isso que só em 1729 reconheceram a Gran-Bretanha na qualidade de metropole.

Precisâmos voltar a maio de 1702 para narrarmos alguns acontecimentos que não estão completamente separados da historia colonial da Carolina do sul, aindaque, como já se tem dito, as chronicas das duas Carolinas confundem-se no que respeita á epocha em que os seus interesses eram communs e uma só a sua autonomia.

Para conter os hespanhoes que occupavam Saint Agustine, o governador Moore da Carolina do sul, havia preparado uma expedição na referida epocha de maio de 1702. A assembléa, previamente consultada, annuiu a esta expedição, votando-lhe uns dez mil dollars.

Compunha-se ella de mil e duzentos homens, metade dos quaes era de indigenas; dividida em dois troços: o principal, debaixo das ordens immediatas do governador, seguiu por mar com o fim de bloquear o porto; o outro marchou ao longo da costa, commandado pelo coronel Daniels. Foi este ultimo que primeiro chegou, ata-

cando e saqueando immediatamente a povoação dos hespanhoes, os quaes se retiraram para dentro das muralhas da fortaleza com mantimentos para quatro mezes.

Na falta de artilheria, o coronel Daniels foi enviado a Jamaica, nas Indias occidentaes, emquanto o governador Moore empregava os navios no bloqueio da bahia. Antes, porém, que o coronel tivesse tempo de desempenhar-se da sua missão, chegavam dois navios hespanhoes obrigando o governador Moore a abandonar o bloqueio e a retirar com a maior precipitação. O proprio coronel Daniels esteve prestes a ser capturado; mas conseguiu alcançar Charleston depois de haver escapado a todos os perigos.

A colonia viu mallograr-se completamente o fim da sua expedição, e peior do que isso, o thesouro ficou exhausto de meios, sendo forçado a recorrer ao credito com a emissão de papel moeda.

Melhor successo teve uma outra expedição contra os indios *Apalachians*, pertencentes á tribu *Mobilian*, que eram alliados dos hespanhoes.

Foi o referido governador Moore que tambem a emprehendeu, em dezembro de 1703, dirigindo-se com as suas forças ás principaes povoações d'aquelles indigenas, que eram situadas entre os rios Alatamaha e Savannah. Perto de oitocentos d'estes infelizes cairam prisioneiros dos inglezes, e depois de uma completa devastação, todo o territorio ficou tributario da Inglaterra.

A Hespanha não havia permanecido indifferente ao ataque sobre Saint Agustine, e, aproveitando a opportunidade das circumstancias em que se achava a Gran-Bretanha — em guerra aberta com a França —, enviou, juntamente com a ultima nação, cinco navios conduzindo um corpo de desembarque para occupar Charleston e apossar-se da provincia, que devia ser annexada á Florida. Em maio de 1706 a esquadra entrou a barra,

e desembarcou oitocentos homens em differentes pontos.

O povo resistiu, porém, por tal fórma aos invasores, que elles foram obrigados a retirar para bordo, deixando uns duzentos mortos, feridos e prisioneiros.

Todos estes acontecimentos haviam causado uma inquietação geral na provincia, que começava apenas a tranquillisar-se, quando as discordias interiores vieram de novo sobresaltar o espirito publico.

Os proprietarios das Carolinas tinham concebido o plano de estabelecer a igreja anglicana como religião do estado. O governador Johnson, apoiado na assembléa por uma maioria de conformistas, conseguiu que o desejo dos proprietarios fosse levado a effeito, e que, como consequencia de similhante medida, os *dissenters* (não conformistas) ficassem excluidos de todos os empregos publicos.

Esta usurpação dos direitos garantidos pela constituição, offendia uma parte dos habitantes da provincia, que se viu na necessidade de recorrer á metropole pedindo justiça. O parlamento ordenou á assembléa colonial que revogasse aquella deliberação, o que teve logar em novembro de 1706, ficando a cada um o direito de dispor livremente da sua consciencia.

Estas divergencias eram de pequena importancia em presença da calamidade que, alguns annos mais tarde, affligiu a colonia.

Todas as tribus indianas, desde Cape fear (Cabo do medo) até Saint Mary, comprehendendo as montanhas, isto é, os indios *creeks, yamasees* e *apalachians* do lado do sul, confederados com os *cherokees, catawbas* e *congarees* do oeste, em força de alguns milhares de guerreiros, caíram sobre Charleston, e todos os habitantes das remotas feitorias foram sacrificados á furia dos selvagens.

Passava-se isto na primavera de 1715, quando ainda estavam na lembrança dos indigenas os acontecimentos de 1713 na Carolina do norte. Os colonos sabiam que não era sem motivo a guerra occulta e terrivel dos indios, e receiavam a cada momento uma completa exterminação. Foi debaixo d'esta horrivel impressão que o governador Craven teve a necessaria energia para adoptar as rigorosas medidas reclamadas pelas circumstancias. Um dos seus primeiros actos, e por ventura o mais importe, consistiu em impedir a fugida dos colonos, que, aterrados, pretendiam abandonar a provincia. Depois de fazer apprehender as armas e provisões de guerra que era possivel encontrar, armou todos os negros que pela sua validade podiam auxiliar os brancos, declarou a colonia em estado de guerra, suspendendo as garantias individuaes, e, á frente de mil e duzentos brancos e negros armados, marchou ao encontro dos selvagens, que avançavam providos de machados, facas e mais instrumentos de guerra que o seu instincto tinha conseguido inventar.

O primeiro encontro não foi favoravel aos europeus, mas nos seguintes, os indios soffreram frequentes derrotas, e em maio de 1715 foram compellidos a fugir para além do rio Savannah, retirando em direcção de Saint Agustine, a fim de receberem a protecção dos hespanhoes. Esta derrota, porém, comprehendia apenas os indios *creeks, yamasees* e *apalachians,* que formavam a confederação do sul.

A confederação do oeste, isto é, os *cherokees, cantawbas* e *congarees,* não chegou a combater, mas perdeu todo o animo, julgando mais prudente voltar ás suas choupanas.

Os proprietarios da colonia haviam-se tornado egoistas: ao passo que o povo trabalhava na constituição de uma provincia, os que deviam ter o maior interesse na

sua prosperidade, eram os proprios que declinavam a responsabilidade na occasião do perigo, e para o pagamento das despezas consequentes da guerra.

Foram ainda os colonos que se viram obrigados a supportar, não só o peso da divida contrahida durante a luta, mas a pagar de prompto os fóros devidos aos senhorios das terras.

N'estas circumstancias entenderam elles que mais tinham a esperar da corôa britannica, do que de simples particulares, cujo interesse se antepunha ao desenvolvimento moral da colonia e ao bem estar material de seus habitantes.

Com o fim de sobrestarem na vassallagem prestada aos senhores da colonia, os colonos reuniram-se em uma convenção, e, declarando que não queriam reconhecer a soberania dos proprietarios, nomearam, em dezembro de 1719, o coronel Moore governador da provincia.

O governo da Inglaterra acceitou, como é facil de comprehender, a decisão que lhe foi submettida, e a Carolina do sul ficou provincia real, sendo o seu primeiro governador, por nomeação regia, Francis Nicholson, que successivamente tinha governado New York, Maryland, Virginia e Nova Scotia.

Pelo seu lado, o povo da Carolina do norte tambem havia resolvido seguir os principios adoptados na do sul, e, depois de serias questões durante dez annos, os proprietarios foram compellidos a vender os seus direitos á Inglaterra. Estes acontecimentos deram em resultado a separação politica das Carolinas em 1729, como já se disse.

George Burrington e Robert Johnson eram por aquella epocha nomeados governadores das Carolinas do norte e do sul, cuja historia, exceptuando a defensa contra as aggressões dos indios e hespanhoes, pouco interesse apresenta ao leitor da Europa.

As divergencias, entre colonos e governadores, não deixaram de existir pelo facto da provincia ter passado para a posse da corôa ingleza; e até á epocha da revolução' que precedeu a independencia, as disputas e controversias foram, por assim dizer, preparando o espirito publico para aquelle importante acontecimento, que emancipou a primeira nação do novo mundo.

Da Georgia, a mais nova das treze provincias que existiam ao tempo da independencia, nos vamos occupar no presente capitulo, para depois seguirmos a narração de outros acontecimentos que fecham a «terceira epocha» d'este *Esboço historico*.

A autonomia da Georgia tinha-se estabelecido no verão de 1733, havendo os inglezes previamente obtido a soberania sobre toda a região ao longo do Atlantico, desde Savannah até Saint John, e ao occidente até Flint e Chattahoockee.

As disposições da carta que George II tinha outorgado, comprehendiam os principios constitucionaes por que se devia reger a nova colonia, governada, como talvez o leitor se recorde, pelo general Oglethorpe.

No decurso de oito annos, cerca de dois mil e quinhentos emigrantes foram enviados das prisões de Inglaterra, onde a falta de meios para satisfazer seus debitos os havia encarcerado.

A empreza de James Edward Oglethorpe não foi logo coroada de feliz exito.

Uma grande parte dos colonos era composta de vadios acostumados á ociosidade.

A agricultura, que devia ser a primeira fonte da riqueza publica, não mereceu a attenção dos emigrantes, nem os proprios allemães, escocezes e suissos, mais sobrios e activos, e que formavam uma differente classe de povo, tinham conseguido tirar do solo os recursos necessarios ao desenvolvimento da provincia.

Todas estas circumstancias obrigaram James Edward Oglethorpe a ir a Inglaterra, d'onde voltou em 1736 com perto de trezentos emigrantes, dos quaes metade se compunha de montanhezes affeitos á rude arte da guerra, e que por isso constituiram a primeira força militar da colonia.

John Wesley, o famoso fundador da seita dos methodistas, passou tambem á America, dizem uns que em companhia de Oglethorpe, e outros que dois annos depois; em qualquer dos casos não foi só, mas em companhia de alguns missionarios, com o fim de crear proselytos. A sua moral, ligada ao systema de cada hora do dia ser destinada a um serviço especial (o que, a principio, por irrisão, foi origem da denominação «methodistas»), não agradou aos colonos da Georgia pela rigidez da disciplina, e tornaram Wesley impopular e mal visto de todos.

George Whitefield, tambem da seita methodista, mas divergindo de Wesley, porque era rigido calvinista e ensinava a predestinação absoluta, havia acompanhado o ultimo; e, mais feliz do que elle, conseguiu estabelecer um asylo de orphãos perto de Savannah, que floresceu por muitos annos, e foi de grande proveito para os desgraçados.

Estes dois apostolos do evangelho, postoque separados da igreja catholica, foram strenuos campeões da boa moral; mas a sua palavra não encontrou echo n'aquellas remotas regiões, e até a propria «casa de caridade», estabelecida na Georgia por Whitefield, ficou abandonada em 1770 depois da sua morte.

Entretanto a colonia ia augmentando na população e industria; e Oglethorpe, conhecendo que os hespanhoes em Saint Agustine, não podiam ser indifferentes aos progressos da Georgia, julgou prudente edificar um forte no sitio de Augusta, e fortificar igualmente Darien, na

ilha Cumberland, e a margem septentrional do rio Saint John, que constituia a fronteira meridional reclamada pelos inglezes, ficando assim ao abrigo das invasões dos indios e dos hespanhoes. Protestaram estes ultimos contra similhantes obras, pedindo a immediata evacuação de toda a Georgia e da Carolina do sul, na parte inferior a Port-royal. Oglethorpe recusou reconhecer a legalidade de taes reclamações, e os hespanhoes ameaçaram romper as hostilidades.

Não realisaram a sua ameaça; e a falta das demonstrações bellicas, que precedem a guerra, tranquillisaram Oglethorpe por tal modo, que nos fins de 1736 pôde partir para Inglaterra, d'onde voltou em outubro do anno seguinte com a patente de brigadeiro, e á frente de um regimento de seiscentas praças escolhidas e disciplinadas para a defensa da fronteira meridional. Trazia igualmente poderes para commandar a segunda linha ou milicia da Carolina do sul.

Durante mais de dois annos não foi necessario empregar a força armada, mas, em maio de 1740, o general julgou conveniente ir atacar Saint Augustine, para o que dispoz quatrocentos homens de tropa regular, alguns voluntarios da Carolina do sul e uma força de indios da tribu *Creek*, que havia permanecido fiel aos inglezes. O exercito compunha-se, ao todo, de dois mil combatentes.

Não foi prudente ir desafiar os hespanhoes, que estavam tranquillos, mas dispostos a repellir qualquer aggressão.

De facto, o general tomou dois fortes nas proximidades da cidade, e exigiu que esta se entregasse immediatamente.

Não era para a bravura hespanhola proceder de outro modo, que não fosse com um atrevido desafio para que os sitiantes tomassem a praça se podessem.

A bahia estava bloqueada por uma pequena esquadra ingleza, e os hespanhoes tinham grande difficuldade em se proverem de comestiveis.

Quiz porém a sua boa fortuna, que um veleiro navio forçasse o bloqueio, e lhes levasse provisões para algumas semanas.

A falta de artilheria e as doenças provenientes dos ardentes calores, a que estavam expostas as forças de Oglethorpe, obrigaram este a levantar o sitio e a retirar para Savannah, por não julgar prudente esperar os mantimentos, que mais tarde deveriam chegar.

Coube depois, aos hespanhoes, a vingança do ultrage que tinham recebido. Premeditaram e decidiram atacar a Georgia no verão de 1742.

Nos portos da Havana e de Saint Augustine prepararam uma grande expedição para conduzir tres mil homens; e a 16 de julho do anno referido, fundearam proximo da povoação de Saint Simon, na ilha do mesmo nome.

Oglethorpe, não ignorando as intenções dos seus vizinhos, tinha estabelecido o quartel-general na principal fortaleza situada em Frederica.

Entendeu qne devia ir ao encontro do inimigo ao forte Saint Simon; mas não podendo dispor de mais de dois mil indios, para oppor aos invasores, foi obrigado a voltar a Frederica, depois de haver encravado as peças e destruido todas as provisões, que podiam aproveitar aos hespanhoes.

Os reforços, que Oglethorpe esperava da Carolina, não chegavam; e era preciso tomar uma prompta decisão, tanto mais que havia tido a felicidade de repellir alguns ataques parciaes de forças inimigas. enviadas de Saint Simon.

Foi assentado que o forte seria assaltado em uma noite, e combinou-se o plano que convinha adoptar.

Um canadiano que servia no exercito georgiano, desertando para os hespanhoes, fez abortar todas as combinações: o general inglez receiou que o inimigo, informado do pequeno numero dos aggressores, não se precavesse por modo a destruir todas as vantagens de uma surpreza.

Oglethorpe teve então uma idéa, que muitos condemnaram como impropria de um caracter austero e nobre, e outros applaudiram e pretenderam justificar, com o fundamento de que tudo é permittido na arte da guerra. Por um prisioneiro hespanhol enviou uma carta ao desertor canadiano, na convicção de que ella seria âberta, lida e acreditada. Assim aconteceu; e o desertor foi declarado espião, porque a carta recommendava-lhe que dissesse ao commandante hespanhol, que as forças inglezas eram insignificantes, que não estavam dispostas a atacar, e que por isso, elle desertor, devia influir no animo do chefe inimigo, a fim de o induzir a uma immediata aggressão. No caso de não ser bem succedido, ao canadiano cumpria empregar todos os meios, para que o inimigo permanecesse por mais tres dias nas mesmas posições, porque com esta demora se daria tempo á chegada de seis navios da Carolina, conduzindo dois mil homens que deviam atacar Saint Augustine. Este estratagema obteve um completo resultado.

A carta foi parar ás mãos do general, e o desertor posto a ferros.

Quando um conselho de guerra ia decidir da sua triste sorte, despontavam tres navios no horisonte, conduzindo provisões para Frederica.

Os hespanhoes, suppondo que elles faziam parte da esquadra de que fallava a carta dirigida ao desertor, determinaram atacar os georgianos, largando fogo ao forte, sem tempo para encravarem as peças, nem destruirem uma grande porção de provisões.

Na sua marcha, para soccorrer Saint Augustine, os hespanhoes deviam assaltar Frederica, que suppunham pouco guarnecida; mas foram atacados antes de lá chegar, quando atravessavam um pantano; e tal derrota soffreram, que o local ficou, desde então, conhecido pela denominação de *Bloody marsh* (pantano ensanguentado).

Os que poderam escapar á carnificina, fugiram em confusão para bordo dos navios, e fizeram-se de véla em direcção a Saint Augustine.

Na sua viagem atacaram, a 19 de julho, o forte William, na extremidade meridional da ilha Cumberland, mas foram repellidos com perda de duas galés.

D. Manuel de Monteano, que commandava os forças hespanholas, foi demittido do serviço em consequencia de todas as derrotas que soffreu; e Oglethorpe salvou a Georgia de uma invasão, que podia dar serios resultados, mesmo para a Carolina do sul.

A provincia estava em socego no anno de 1743, quando Oglethorpe foi a Inglaterra para nunca mais voltar á Georgia.

Durante dez annos havia elle trabalhado em fundar uma colonia, onde os opprimidos encontrassem seguro asylo.

No anno seguinte, 1743, o systema militar pelo qual a Georgia tinha sido governada, transformou-se em uma administração civil, composta de presidente e conselho de governo, debaixo da direcção dos depositarios da corôa *(trustees)*, que, como já fica exposto na «segunda epocha» d'este livro, eram nomeados pelo rei.

Por differentes causas a colonia não prosperava.

A insufficiencia dos colonos e a carencia de escravos, que em outras provincias eram empregados na agricultura, concorriam para que a Georgia se achasse em precarias circumstancias.

Não era menos sensivel aos georgianos a falta dos

competentes privilegios para se entregarem ao commercio maritimo e ao trafico com os indios; mas elles estavam até privados de possuir o dominio das terras que cultivavam; isto é, era-lhes negado esse direito, apesar das reclamações que diariamente se levantavam.

O descontentamento tornava-se geral, sobretudo porque as provincias limitrophes, onde a escravatura estava admittida e o commercio com os indigenas se permittia, cresciam em riqueza publica. Não é, pois, de admirar que as leis restrictivas fossem gradualmente deixando de ser observadas.

Os escravos das Carolinas, foram introduzidos na Georgia, com o fim de serem alugados por um certo espaço de tempo; mais tarde por toda a vida, ou por um tal preço que correspondia ao seu valor.

Pouco tempo depois, os navios carregados de negros saiam da costa d'Africa, e íam directamente para Savannah, onde o mercado de carne humana era completamente admittido no anno de 1750.

A Georgia havia passado por cima das leis restrictivas que, em parte, lhe havia dado uma nobre excepção; estava menos liberal, porém mais rica, por isso que, á custa do seu orgulho, tinha conquistado o direito a ser uma colonia de plantação, como então se denominavam os paizes onde a escravidão se tornava uma especie de instituição.

Quando em 1752, os administradores, ou depositarios da corôa, viram expirar o praso, marcado no titulo, pelo qual administravam a Georgia, com jubilo a entregaram ao rei, porque não era facil a tarefa que o futuro lhes reservava.

Até á epocha da revolução para a independencia, a Georgia foi sempre uma provincia real, e a sua historia não contém facto algum que mereça especial menção.

Antes de descrevermos a guerra franco-indiana, que estabeleceu a supremacia dos inglezes na America do norte, com cuja narração devemos finalisar a «terceira epocha» d'este *Esboço,* convem lançarmos um golpe de vista sobre o estado do paiz, para que o leitor, recorrendo ao auxilio da sua memoria, possa avaliar as bases moraes em que se fundaram colonias que hoje, sem lisonja, têem a denominação de Estados.

Os acontecimentos já narrados comprehendem cerca de duzentos e sessenta annos, porque se referem á descoberta de Christovão Colombo em 1492, e chegam até á epocha de 1752, que respeita á historia da Georgia, a mais nova de todas as colonias que fundaram a independencia.

Quinze foram as que, a audacia dos descobridores e industria dos emigrantes, plantaram durante aquelles duzentos e sessenta annos.

Abstrahindo o Plymouth, que se encorporou na Massachusetts, e o New Haven, que do mesmo modo foi absorvido pelo Connecticut, temos as treze colonias seguintes, que tomaram parte na grande revolução: Virginia, Massachusetts, New Hampshire, Connecticut, Rhode Island, New York, New Jersey, Delaware, Maryland, Pennsylvania, North Carolina, South Carolina e Georgia.

A Europa concorreu principalmente, se não na totalidade, para fundar na America do norte uma das primeiras nações que o velho e o novo mundo hoje admiram.

E se reflectirmos, que os povos da grande republica, procedem de varias origens, de habitos e costumes differentes, e de religiões que na Europa se têem gladiado com a palavra, com o ferro e com o fogo, tanto nos templos, como nas praças e na inquisição; e que esses mesmos povos vivem, progridem e florescem; não podemos deixar de prestar homenagem á sua indole e bom senso, elementos estes que formam a base mais solida da grande obra do novo hemispherio.

Foi a Inglaterra que forneceu maior numero de colonos, e que sempre manteve supremacia no governo colonial.

A Irlanda e a Escocia contribuiram, tambem em grande escala, para a fundação de algumas colonias; e a França, Allemanha, Hollanda, Suecia, Dinamarca, e as proprias regiões septentrionaes do Baltico, pagaram igualmente a sua quota de emigração para os fundamentos das possessões anglo-americanas.

Anglicanos e dissidentes, catholicos e israelitas, *quakers*, e outros cultos, cuja liturgia na Europa tinha sido origem de serias controversias e sanguinolentos combates, foram estabelecer-se nas mesmas povoações; e, com o decorrer dos tempos, usufruiram reciproca liberdade nas suas manifestações religiosas.

Por algumas vezes a voz da paixão levou os animos a demasias e factos condemnaveis; e nem sempre a melhor harmonia prevaleceu entre os sectarios de crenças rivaes; os indigenas, victimas da sua ignorancia, foram compellidos a ceder á civilisação florestas que lhe haviam sido berço, sendo assim expoliados dos seus naturaes direitos; a oppressão dos governantes levantou resistencias que foram origem de conflictos e de lutas fratricidas: mas qual é a nação, que na infancia da sua historia, não tenha pago maior ou menor tributo de sangue, para sellar o acto da sua autonomia? Quantas injustiças não soffreram

as classes menos protegidas pela fortuna ou pelo nascimento para satisfazer simples caprichos dos poderosos?

Dos excessos de uns e da resistencia de outros, brotou a arvore da liberdade, que necessita de muito sangue para estender vigorosas raizes no solo, que a sua benefica sombra deve proteger.

Assim, na America do norte, os elementos heterogeneos da Europa, debateram-se em lutas de reciproca ambição pelo natural instincto da humanidade, antes de se converterem á homogeneidade de principios, no interesse de cada um, para o bem estar da familia e prosperidade do paiz, que mais tarde se tornou em patria commum.

D'est'arte, a integridade da Gran-Bretanha, foi por todos defendida contra as aggressões dos francezes e dos indios (do que adiante nos occuparemos); e depois, na revolução para a independencia, quando os direitos da metropole foram alem dos deveres da colonia, houve um só grito contra a Inglaterra — a emancipação —, uma só nacionalidade — a americana.

Esqueceram-se as divergencias politicas, de religião ou de interesses: diante do perigo commum, todos foram cidadãos americanos.

Entretanto a indole do povo não era igual em todas as provincias: o seu caracter participava da sua origem, e tomava as influencias do clima e da educação.

Nas colonias do sul, como Virginia, etc., os cidadãos gosavam de uma vida menos laboriosa, alliando o prazer ao trabalho. O clima ali era menos agreste: os colonos procediam da sociedade ingleza, habituada ao bem estar da vida, com tendencias para a hospitalidade e franqueza, e por isso a sua educação social, era superior ao puritanismo dos habitantes das provincias da Nova Inglaterra. Estes ultimos procediam, em geral, da classe media, e eram, na maior parte, dotados de um excessivo

zêlo religioso; simples e restrictos em todas as tendencias moraes; rigidos nos costumes e egoistas com os estrangeiros.

As suas leis até dominavam o uso particular dos meios de cada um, por fórma a evitar despezas superfluas ou luxuosas; regulavam tambem a acção individual que podesse, ainda que venialmente, ir de encontro aos principios moraes e á excessiva austeridade, que os habitantes da colonia pretendiam manter reciprocamente.

Assim, as leis ordenavam o vestuario, conforme as posses do individuo que o trajava.

Aos tribunaes foram accusados os possuidores de fitas e de botas grandes, porque os primeiros objectos estavam no rol dos superfluos, e os ultimos se tornavam desnecessarios, desde que as calças fossem mais compridas.

Prohibiram-se os brindes nos festins, e os signaes de luto nos funeraes, assim como uma infinidade de cousas julgadas improprias, ridiculas, dispendiosas, ou das quaes o povo se podia separar, sem que a sua falta se fizesse sentir em demasia.

Em Hartford, os cidadãos eram obrigados a votar, sob pena do remisso pagar a multa de seis *pence*. O uso do tabaco, só era permittido aos individuos que tivessem completado vinte annos, a menos que não exhibissem certidão de facultativo em que elle fosse prescripto. Os que, pela idade, estavam ao abrigo da lei, só podiam usal-o uma vez por dia.

Os habitantes da referida povoação eram obrigados a levantar-se de manhã cedo, ao toque de um sino tangido por uma vigia, paga para esse fim.

Em 1646, a legislatura do Massachusetts promulgou uma lei, impondo a penalidade do açoute a todo aquelle que beijasse uma mulher em qualquer sitio publico. Esta

disposição foi observada em Boston; e conta certo auctor que o capitão de um navio de guerra inglez chegára áquelle porto em um domingo, e que, encontrando-se no caes com sua mulher, que anciosa o esperava, elle a beijára em publico. Os magistrados fizeram executar a lei; e o capitão soffreu o castigo do açoute, ao que parece sem a ignominia que em geral estava ligada a este genero de punição. Quando, algum tempo depois, devia fazer-se de véla, convidou para um jantar a bordo os mesmos juizes que o tinham condemnado e mais alguns cidadãos, e apenas finalisado o banquete, ordenou que os magistrados fossem açoutados no convez, por modo que podessem ser vistos da cidade. Assegurando depois aos convivas que a sua divida estava satisfeita, mandou-os pôr em terra e saiu do porto.

Pondo de parte o absurdo de taes leis, é preciso confessar que a intenção do legislador era pura, e que muitas vezes, estas excentricas disposições, deram em resultado o fim moral a que attingiam.

Morigerar a sociedade, fazendo que ella se compozesse de membros austeros na virtude e simples nos seus habitos, era a mira a que assestavam os homens que dirigiam os negocios publicos da Nova Inglaterra.

Os vicios da humanidade, ali como na Europa, transpunham os baluartes creados pela lei, e zombavam da parcimonia que se lhes impunha no goso dos bens mundanos.

A vida começou pela simplicidade dos costumes: os *yankees* eram frugaes e parcos nas suas despezas; e ainda por ventura o são os menos protegidos da fortuna; mas os outros, que o digam os magnificos edificios da Nova Inglaterra e o bem estar de suas sumptuosas e pittorescas habitações.

Um resto, porém, d'esses rispidos e primitivos habitos ainda póde ali ser encontrado pelo curioso investigador.

Na provincia de New York e em alguns pontos das de New Jersey e Pennsylvania, dominavam os usos e habitos dos hollandezes, ainda mesmo algumas dezenas de annos depois da conquista ingleza em 1664; na actualidade, muitos são os individuos que se ufanam em descender dos primitivos colonos saidos da Hollanda. São elles considerados de uma tendencia assás exagerada na accumulação do capital, pouco inclinados a acceitar innovações, mas dotados de bons sentimentos e aptos para fundar a verdadeira felicidade que dá o lar domestico.

D'estas circumstancias peculiares aos hollandezes, resulta que o progresso da sua industria não attingiu o grau de aperfeiçoamento que se encontra na Nova Inglaterra; mas, em compensação moral, abundam em elementos sociaes para a formação da familia e estabelecimento da sociedade politica.

Os suecos e outros scandinavos, que da Finlandia se foram estabelecer na Delaware, não differem muito dos hollandezes nos habitos e costumes.

Os *quakers* que, a final, predominavam no Jersey occidental e na Pennsylvania eram, como já se referiu, differentes dos outros povos pela sua exagerada simplicidade, uniformidade de costumes, e generosidade livre de toda a ostentação; o que lhes dava direito á estima publica, embora muitas vezes os preconceitos da sociedade se oppozessem á rigidez de seus principios.

O sentimento religioso que guiava as suas acções, longe do fanatismo que impede o progresso, fortalecia-lhes a organisação da familia contra os vicios e immoralidade que, na maior parte das vezes, são a consequencia fatal e inherente aos espiritos fortes.

Os colonos, que foram povoar as florestas do Maryland, não partilhavam a rigidez moral dos que habitavam a Nova Inglaterra, posto fossem igualmente industriosos e

amigos do trabalho. De uma apparencia superior, inclinados ao fausto, faltava-lhes comtudo a estabilidade nas idéas e a perseverança nos meios de as converter em realidade.

Entretanto, na epocha de que nos occupâmos, 1756, as peculiaridades dos habitantes das differentes provincias, tinham-se modificado pela reciproca emigração de umas para outras povoações; e sobre tudo porque a vida das florestas, creando imperiosas necessidades, havia tornado irmãos nas idéas, os que o tinham sido no trabalho e nas privações.

A propria intolerancia religiosa não podia occupar os espiritos em demasia, por isso que a industria, absorvendo o tempo de todos, não lhes dava occasião para se entregarem ás lutas espirituaes, que quasi sempre são obra do fanatismo, embora se apresentem auctorisadas com o evangelho.

D'esta tregua racional nasceu uma tacita tolerancia, e d'ahi como natural consequencia, a liberdade de cultos que existe, a contento de todos, nas antigas colonias da Gran-Bretanha.

Pelo lado politico, o resultado não havia sido peior: quando em setembro de 1774 (do que nos occuparemos), as differentes colonias se representaram no congresso geral, em beneficio de todos, e para o bem de cada um; os colonos julgaram-se irmãos, e o seu unico fim foi quebrar os grilhões da mãe patria, com o grito da independencia, que mais tarde se fez ouvir no mundo de Christovão Colombo.

A primitiva e principal industria havia sido a agricultura, aindaque durante as epochas que ficam referidas, nem o commercio nem as manufacturas foram descuradas.

A população da Nova Inglaterra sempre mostrou naturaes tendencias para a industria fabril, dedicando-se,

não só á construcção mas ao invento de muitos e variados artefactos que hoje se admiram.

As distincções sociaes não acharam elementos de vitalidade em um paiz virgem de todas as tradições monarchicas, e onde os emigrantes inocularam o germen da soberania popular, que as idéas liberaes da epocha tinham proclamado; a Hollanda debaixo do nome de «republica das sete provincias unidas» e «estados geraes», e a Inglaterra, mais tarde, com o protectorado de Cromwell.

A aristocracia da Gran-Bretanha não pôde crear raizes n'aquellas florestas, niveladas pela natureza, desde o nascimento de ambos os mundos.

Não era a riqueza e a opulencia de titulos que a Europa enviava para a America do norte: esses elementos necessarios ao prestigio de todas as côrtes, permaneciam no logar privilegiado pelas pragmaticas. Os desprovidos da fortuna, os simples cidadãos que desejavam correr os riscos de um futuro incerto, mas de esperança, os perseguidos pela politica, e sobre tudo pela intolerancia religiosa, foram os que se estabeleceram nas feitorías das differentes provincias, e serviram de alicerce á edificação do grandioso monumento democratico, que a Europa admira e ainda não tem conseguido imitar.

Apesar de tudo quanto concorria na prospera infancia da America ingleza, o seu commercio só se desenvolveu depois da epocha da independencia, em 1776. A maior parte das profissões mechanicas estava bem representada, e não era isso o que faltava ás colonias; mas a metropole inquieta do seu desenvolvimento, e sobre tudo ciosa da independencia industrial dos colonos, no que respeitava aos artefactos e á sua exportação, poz em pratica a politica de restricções commerciaes, para regular em seu proveito a iniciativa dos colonos.

O primeiro decreto, datado de 1651, dispunha que as

exportações para Inglaterra, só podessem ser feitas em navios inglezes ou pertencentes ás colonias.

Em 1660, este decreto era não só confirmado, mas ampliado com uma restrictiva disposição: as colonias não podiam exportar os seus principaes productos para outros pontos, que não fosse Gran-Bretanha ou suas dependencias.

Em 1636, um navio do Massachusetts emprehendeu uma viagem commercial ás Indias occidentaes; e dois annos depois, uma outra embarcação saiu de Salem para New Providence, voltando carregada de sal, algodão, tabaco e escravos.

Póde dizer-se que d'aquella epocha data o commercio da America septentrional; assim como a introducção de escravos na Nova Inglaterra. No paiz já elles existiam desde 1620, e foi a Virginia a primeira provincia, que emprehendeu simillante trafico.

As leis do Massachusetts auctorisavam já a escravidão em 1641; as do Connecticut e as do Rhode Island pelo anno approximadamente de 1650; as da provincia de New York em 1656; as do Maryland em 1663; e as do New Jersey em 1665.

Poucos eram os escravos na Pennsylvania, e estes residiam pela maior parte na cidade de Philadelphia desde 1690. Os habitantes da Delaware possuiram tambem alguns no anno referido.

A introducção d'essa chaga da sociedade, cuja cicatrização custou um mar de sangue e meio milhão de vidas, é coeva nas feitorias nas duas Carolinas em 1671, e na Georgia em 1750, quando os seus habitantes illudiram a lei que prohibia o trafico dos negros.

Os colonos que habitavam a parte oriental do paiz, dedicavam-se tambem á pesca, e isso formava o seu principal commercio, que foi affectado igualmente pelo decreto da Gran-Bretanha, de que ha pouco nos occupá-

mos. Tudo mostrava plenamente que a metropole receiava a concorrencia das colonias; e quando as medidas adoptadas o não provassem até á saciedade, a Casa dos communs em 1719 declarava que «o estabelecimento das fabricas nas possessões americanas enfraquecia a dependencia em que convinha que ellas se mantivessem da metropole».

A Nova Inglaterra, e com especialidade a provincia de Massachusetts, em 1732, fabricava papel, tecidos de lã e de canhamo e differentes obras de ferro. Objectos de uso pessoal, como fato e chapéus, manufacturavam-se em varias colonias, e eram permutados com outras pelos artigos de que as primeiras necessitavam. Pela mesma epocha se fizeram construcções navaes nas provincias de Massachusetts e da Pennsylvania, sendo alguns pequenos vasos enviados para as Indias occidentaes, em troca de aguardente, assucar e de outros generos.

Conforme os erroneos principios da Inglaterra, o progresso de suas colonias era nocivo aos interesses metropolitanos. De novo se soccorreu das restricções commerciaes: foi prohibida a exportação de chapéus, ainda mesmo de uma para outra colonia, e os chapelleiros não podiam ter mais de dois aprendizes.

Á importação do assucar, aguardente e melaço foram impostos enormes direitos; e os habitantes das Carolinas inhibidos de fabricar aduellas, terebinthina e alcatrão, quando taes artigos se destinassem ao commercio.

Em 1750, a Gran-Bretanha publicava uma lei, cujas disposições prohibiam a edificação de fabricas destinadas á manufactura do ferro e do aço nas possessões norte-americanas. E ainda fez peior, porque ordenou que fossem destruidas as manufacturas existentes, com o frivolo pretexto de que eram estabelecimentos incommodos para o publico.

Os proprietarios que não demolissem as suas fabri-

cas dentro do praso de um mez, a contar do dia da intimação, eram multados em mil *dollars* (approximadamente novecentos e vinte mil réis portuguezes).

O fim da metropole, era reduzir o commercio das suas colonias, a uma constante e inalteravel permutação com os artefactos inglezes, de fórma que a America não fosse buscar a outro mercado todos esses artigos necessarios á vida, que um paiz nascente tem forçosamente de comprar, nem levasse a portos estrangeiros os magnificos productos agricolas do seu fertil e vigoroso solo. Por esse modo a Gran-Bretanha não tinha concorrencia na compra, e introduzia os seus artefactos por um preço vantajoso.

Se se tiver em vista que a media das exportações da Inglaterra para as suas colonias, entre os annos de 1738 e 1748, foi de cerca de tres milhões e duzentos mil dollars annuaes, poder-se-ha fazer uma idéa do interesse que movia a metropole na sua politica de commercio restrictivo.

A instrucção primaria, desde remota epocha, mereceu particular attenção aos que dirigiam os negocios das colonias; sobre tudo a Nova Inglaterra distinguia-se pela sua dedicação no ensino do povo.

Já em 1621, existiam na Virginia, escolas publicas para os filhos dos brancos e dos indios.

Mais tarde, estabelecia-se em Williamsburg o collegio denominado «William and Mary» em honra da casa de Orange e Stuart, que então occupava o throno da Gran-Bretanha.

A igreja hollandeza reformada, tambem em 1633 havia estabelecido uma escola em Nova Amsterdam (New York); e os bem conhecidos collegios de Harvard, em Cambridge no Massachusetts, e de Yale, em New Haven, no Connecticut, foram respectivamente fundados em 1637 e 1701, posto que este ultimo tivesse sido previamente

edificado em Saybrook, d'onde foi removido em 1717 para o local que actualmente occupa.

O collegio de Harvard provém do legado do reverendo John Harvard, fallecido em 1638: tendo deixado a sua bibliotheca e uma parte da fortuna á pequena povoação de Newtown (mais tarde Cambridge), a tres milhas de Boston, teve a philanthropia de fundar um dos melhores estabelecimentos scientificos do novo mundo.

O collegio de Yale deve a sua fundação ao legado de Elihu Yale, presidente da companhia das Indias orientaes, e ao de outros bemfeitores, que para esse fim se reuniram em Saybrook, contribuindo com livros, etc.

Na educação popular, a Nova Inglaterra foi sempre na vanguarda das idéas mais liberaes. Desde os primeiros tempos que o pão da sciencia recebeu ali séria attenção e desenvolvimento.

Em 1636, a assembléa legislativa do Connecticut promulgou uma lei, para que todas as povoações, contendo cincoenta familias, fossem obrigadas a manter uma escola regular, e nas que existissem cem, a mesma escola ensinasse grammatica.

O principio religioso estava, em parte, associado á organisação do ensino; os livros eram selectos e apropriados ás intelligencias dos alumnos. Tal foi a sua extracção, e tamanho era o desejo do povo em instruir-se, que diz um historiador, e não sem fundamento, que muitos livreiros em Boston fizeram consideravel fortuna.

As leis preparavam o espirito pela restricção que antepunham aos frivolos divertimentos, e o bom senso do povo anglo-americano acolhia com enthusiasmo a educação litteraria, conhecendo que ella é a base mais solida das sociedades politicas, quer se chamem imperios, monarchias ou republicas.

Em meados do seculo passado havia na provincia de

Massachusetts uns setenta livreiros, dois em New Hampshire, igual numero no Connecticut e New York, dezesete na Pennsylvania, e um em Rhode Island. Por isto se póde avaliar, que a Nova Inglaterra excedia o resto do paiz, no que respeitava á instrucção de seus habitantes.

As publicações periodicas, quer politicas, quer litterarias, não estavam na mesma proporção, e foi a revolução para a independencia que lhes deu progresso e desenvolvimento; por isso é tambem d'aquella gloriosa epocha para a America do norte, que data a geral instrucção do povo.

O primeiro jornal que se imprimiu nas colonias anglo-americanas, foi a «Boston news Letter», que viu a luz da publicidade no anno de 1704.

Em 1719 publicava-se outro em Philadelphia; e seis annos depois um em New-York. O Maryland teve tambem o primeiro periodico em 1728; a Carolina do sul em 1731; o Rhode Island em 1732; a Virginia em 1736; o New Hampshire em 1753; o Connecticut em 1755; a Delaware em 1761; a Carolina do norte e a Georgia em 1763; e o New Jersey em 1777.

Oitenta e tres annos depois, isto é, em 1850, publicavam-se na republica dos Estados Unidos dois mil e oitocentos jornaes, com uma circulação de cinco milhões de exemplares.

Não ha estatisticas exactas da população nas colonias da Gran-Bretanha. O que a similhante respeito se encontra mais digno de fé, referindo-se apenas a 1756, é a opinião do historiador Bancroft, que avalia o numero dos brancos pela maneira seguinte: na Nova Inglaterra, isto é, nas provincias de New Hampshire, Massachusetts, Rhode Island e Connecticut, quatrocentos e vinte e cinco mil; nas colonias do centro, ou seja New-York, New-Jersey, Pennsylvania, Delaware e Maryland, quatrocen-

tos cincoenta e sete mil; e nas do sul, ou Virginia, Carolinas do norte e do sul, e Georgia, duzentos oitenta tres mil. Os escravos calculavam-se em duzentos sessenta mil, pertencendo onze mil á Nova Inglaterra, setenta e um mil ás colonias do centro, e cento setenta e oito mil ás do sul.

O doutor Franklin, diz, que da população branca de então — um milhão cento oitenta e cinco mil almas — apenas oitenta mil eram de nascimento estrangeiro, pretendendo com isso provar, que a emigração para a America havia quasi cessado na epocha a que nos referimos.

O facto é, que no principio da revolução, em 1775, a população das treze colonias que formaram o pacto federal, compunha-se de dois milhões oitocentas e tres mil almas, e os documentos do congresso da mesma data, dão em algarismos redondos, o numero de tres milhões.

Para concluirmos a «terceira epocha» d'este *Esboço*, necessitâmos descrever a guerra franco-indiana, que preparou os espiritos para a grande revolução da independencia.

Os seguintes capitulos são destinados a esse periodo, que relativamente não deixa de ter bastante interesse.

É sabido, pelo que fica já exposto, que as guerras na America do norte, conhecidas pelas denominações de «rei William», «rainha Anne» e «rei George», foram originadas pelas hostilidades, na Europa, entre os governos da França e da Inglaterra: a ultima guerra, de que vamos tratar, que estabeleceu a definitiva supremacia dos inglezes no continente norte-americano, teve a sua origem nas differentes difficuldades que se levantaram, sobre a pretensão que os governos de ambos aquelles paizes, tinham a territorios de muita importancia.

As colonias da França e da Inglaterra progrediam gradualmente, augmentando o seu valor commercial.

Os inglezes occupavam o litoral, desde Penobscot até Saint Mary, cerca de mil milhas de extensão; e os francezes possuiam as margens do rio Saint Laurent, as dos grandes lagos no Mississipi e seus tributarios, assim como as praias do golfo do Mexico.

As respectivas populações estavam na proporção de um para dez, isto é, ao passo que os inglezes tinham mais de um milhão de colonos, os da França pouco excederiam o numero de cem mil. Os primeiros haviam-se dedicado em geral á agricultura, e os ultimos ao commercio interno com os indigenas.

Apesar d'esta notavel differença numerica, as influencias locaes contrabalançavam-se, porque o trafico franco-indiano e a cruzada dos jesuitas (cujas missões dominavam uma grande parte dos indigenas, especialmente

os da nação dos *algonquins)* haviam creado para a França uma verdadeira preponderancia, sobre muitas tribus disseminadas por uma vasta extensão de territorio, na rectaguarda das feitorias da Gran-Bretanha.

A rivalidade das duas nações que, desde remotas epochas se havia manifestado em frequentes combates, actuava nos seus respectivos colonos, todas as vezes que alguma das metropoles se pretendia fortificar, contra as invasões da outra, ou allegava direitos contestaveis, por isso que se fundavam na prioridade da occupação, frequentemente confundida com a da descoberta.

A França, possuia elementos de força, e queria que elles lhe aproveitassem na manutenção e engrandecimento de suas colonias: a Gran-Bretanha antepunha-lhe o seu genio colonisador, apoiado pela politica sagaz, com que sempre tem sabido dominar as mais remotas regiões do mundo.

O dominio da França, tornava-se incompativel com o da Inglaterra.

Ambas as nações, eram bastante poderosas, para despertarem reciproco ciume. Nasceram d'elle sérias difficuldades e d'estas resultou a guerra.

Em quanto as feitorias francezas, se limitaram ás primitivas operações, de um nascente e incerto commercio, e as suas missões se conservaram pelas afastadas florestas do noroeste, alguns centos de kilometros distantes dos estabelecimentos inglezes nas fronteiras, pequena foi a attenção que a França despertou á sua antiga rival.

A captura de Louisburg, em 1745, havia feito conhecer aos francezes a necessidade de opporem vigorosos meios de resistencia ao poder da Gran-Bretanha, que tendia a estender-se em uma grande parte da America.

Para que de taes meios, podessem sortir efficazes resultados, a França ordenou, e levou a effeito, a construc-

ção de navios apropriados a uma campanha com a Inglaterra.

Foi no alto Canadá, no ponto que então se denominava Frontenac, e hoje Kingston (no lago Ontario), que elles se construiram com todo o preceito da epocha.

Concluiu tambem a França tratados de alliança e amizade com as tribus indianas de Delaware e Shawnee, reforçando o forte Niagara, e edificando um cordão de fortificações entre Montreal e Nouvelle Orleans.

Os inglezes, pelo seu lado, não esqueciam a defensão dos terrenos a que se julgavam com direito, isto é, o dominio da parte occidental até o oceano pacifico, e latitude sul das margens septentrionaes do lago Erie.

A França julgava-se na posse dos melhores titulos a todo o territorio banhado pelo rio Mississipi e seus tributarios; e para isso invocava o direito da prioridade das explorações e primeiras feitorias n'aquellas remotas regiões.

George II, tinha concedido, em 1749, seiscentos *acres* de terras, ao sueste das margens do rio Ohio, a uma companhia composta de negociantes de Londres e da Virginia, com o exclusivo privilegio do commercio com os indios.

A companhia, que se denominava «The Ohio company», enviou alguns exploradores para fazerem as demarcações nos terrenos concedidos, e assignalar os pontos onde conviria estabelecer as primeiras feitorias.

Ao mesmo tempo, varios negociantes inglezes dirigiram-se ao paiz dos *Miamies,* isto é, aos territorios situados entre o rio Maumee e o lago Erie, para traficar com os indigenas.

Passava-se isto no anno de 1753.

Os francezes, não desejando perder o direito ao commercio, de que tiravam importantes vantagens, pren-

deram alguns dos mencionados negociantes; e, no receio de novas invasões, que não só lhes alheava a confiança dos indigenas, mas interceptava a sua linha de communicações do Canadá á Louisana, julgaram opportuno começar a edificação de fortalezas entre o rio Alleghany e o lago Erie, proximo da actual fronteira occidental da Pennsylvania.

Os tres fortes, construidos pelos francezes, foram: o primeiro, na margem meridional do lago Erie, na peninsula do mesmo nome; o segundo, no sitio denominado Le Bœuf, (French creek) que hoje se chama Waterford; e o terceiro em Venango, onde se juntam o French creek (ribeiro francez) e o rio Alleghany, que presentemente se conhece pelo nome de «aldeia de Francklin».

«The Ohio company», ou a «companhia de Ohio», reclamou, perante as auctoridades da Virginia, contra as manifestações hostis dos francezes, invocando para isso a competencia das mesmas auctoridades, pelo motivo de que os terrenos em questão se achavam comprehendidos nos d'aquella provincia.

Os governadores da Virginia e da Pennsylvania, haviam sido auctorisados pela metropole, a usar da força contra os francezes, que porventura fossem encontrados nos limites das colonias.

Foi assim que Robert Dinwiddie, segundo governador da Virginia, para evitar que as cousas tomassem peior aspecto, enviou George Washington, portador de uma nota de reclamações, a Saint Pierre, commandante das forças francezas.

George Washington, mais tarde o fundador da republica dos Estados Unidos, era então um mancebo de vinte e um annos, mas já habituado á vida das florestas, occupando o logar de ajudante general em um dos quatro districtos em que se dividia a Virginia. Acostumado aos perigos, conhecedor da indole dos indigenas e de uma alta capa-

cidade, Washington era o official mais competente para ser encarregado de tal missão, que tanto podia conservar a paz, em condições vantajosas, como trazer a guerra com todas as suas incertas e terriveis consequencias.

E, na verdade, a empreza tornava-se trabalhosa e arriscada. Washington tinha que atravessar differentes tribus hostis aos inglezes, sem contar com os proprios inimigos, onde o levava a sua missão.

Partindo de Williamsburg, na Virginia, pelos fins de outubro de 1753, só em principios de dezembro, é que chegou aos postos avançados dos francezes, no sitio de Venango. Havia caminhado mais de cento e vinte cinco leguas, saindo incolume das desertas florestas, dos gelos e de mil obstaculos que elle, e mais dois companheiros que lhe serviam de escolta, tinham sabido vencer.

O futuro heroe da America foi bem recebido pelos francezes, estabelecendo-se, entre os recemchegados e os officiaes da guarnição, a mais perfeita cordialidade.

Washington, depois de haver descansado um dia, seguiu para o quartel general do commandante francez, de Saint Pierre, que se achava estabelecido em «Le Bœuf». Alli, foi do mesmo modo bem acolhido por todos, e ao fim de alguns dias obteve resposta, devidamente sellada, á reclamação de Robert Dinwiddie, segundo governador da Virginia.

Nos meiados de janeiro de 1754, George Washington comparecia de novo na presença d'aquelle magistrado, tendo vencido, como da primeira vez, todos os perigos e obstaculos da viagem, e desempenhando-se de tão honrosa missão com a intelligencia e coragem de que, vinte annos depois, deu exuberantes provas na revolução para a independencia.

O commandante francez não havia annuido á propos-

ta de retirar as suas tropas dos terrenos sobre que versavam as reclamações, dando por motivo, que obedecia ás ordens superiores, enviadas do Canadá, pelo marquez du Quesne, que ali era governador.

Como a assembléa da Virginia, já tinha votado cincoenta mil dollars para as despezas da força armada, que por ventura fosse preciso enviar contra os francezes, Robert Dinwiddre preparou immediatamente uma expedição e solicitou a cooperação das demais colonias.

A principio todas hesitaram, excepto a North Caroline, que promptamente ordenou a marcha de quatrocentos homens para Winchester, na Virginia.

As provincias de New York e de South Caroline concorreram tambem com alguns voluntarios, enviados ao local, que devia ser o theatro da futura guerra. A Virginia forneceu um regimento, que foi entregue ao commando do coronel Joshua Fry, tendo George Washington por immediato.

Reuniram-se as tropas em Alexandria, na Virginia, e d'ali, o ultimo official referido, á frente do corpo da vanguarda, marchou, em 2 de abril de 1754, na direcção de Ohio.

Em quanto isto se passava com relação ao movimento de tropas, a «companhia de Ohio» mandava construir um forte na juncção dos rios Alleghany e Monongahela, no local hoje conhecido pelo nome de Pittsburg.

Não estava elle, porém, ainda concluido e já os francezes o haviam atacado, com o melhor resultado, por isso que, não só o tomaram, mas d'elle fizeram conveniente uso, depois de o completarem e lhe darem o nome de «forte du Quesne» em homenagem ao governador do Canadá.

Não se havia derramado ainda uma gôta de sangue; mas pouco tempo tardou, que esse prologo sinistro e ine-

vitavel a todas as lutas, não se inscrevesse na primeira pagina da guerra franco-indiana.

George Washington, tendo conhecimento da perda do forte, apressou a sua marcha, na idéa de ir occupar um ponto, distante apenas umas doze leguas da fortaleza tomada pelos francezes.

Não encontrou a menor difficuldade; mas foi ao mesmo tempo informado da marcha de uma consideravel força inimiga que poderia separar a vanguarda, que elle, Washington, commandava, do exercito de invasão que se lhe seguia.

Washington, viu-se pois obrigado a voltar á rectaguarda, para se fortificar e livrar-se assim de qualquer surpreza. A sua força compunha-se de cento e cincoenta homens: com elles construiu uma palissada no local dos Grandes *Meadows*, proximo do actual caminho que conduz de Cumberland a Weeling, no condado de Fayette, Pennsylvania. A esta improvisada fortificação, deu Washington o nome de «*fort Necessity*».

Antes, porém, que a fortificação se completasse, as avançadas de Washington entravam em fogo com uma força franceza commandada por Jumonville. Surprehendidos os ultimos, em alta noite, de cincoenta homens, que compunham a avançada inimiga, só escaparam uns quinze, perecendo tambem o commandante.

Passava-se este acontecimento a 28 de maio de 1754, e dois dias depois morria o coronel Joshua Fry, ficando George Washington commandante em chefe da expedição.

Augmentou esta com alguns reforços que chegaram ao forte *Necessity*; e assim que o novo commandante viu que podia dispor de quatrocentos homens, marchou sobre o forte *du Quesne*, occupado pelos francezes.

Estes, porém, desejavam vingar a carnificina de que havia sido victima Jumonville, e, sobre tudo, um irmão

d'elle, do nome de Villiers, em quem, como era natural, actuavam ainda maiores desejos de vingança, offereceu-se para desaffrontar a honra franceza; e á frente de uma força, relativamente consideravel, na maior parte composta de indios, marchou contra os inglezes.

Washington, avisado a tempo, pôde voltar para a sua fortificação, na idéa de repellir, e por ventura derrotar o inimigo.

Não aconteceu assim. Por muitas horas durou o fogo de ambas as partes; mas á força superior que se lhe apresentava, o futuro presidente da America do norte, teve que ceder, acceitando uma honrosa capitulação no dia 4 de julho do anno referido.

Notavel coincidencia: esta data, que ficou marcando a primeira capitulação de Washington, vinte e dois annos depois, devia perpetuar-se, e ser a mais querida da nação, que fundou a sua independencia no mesmo dia 4 de julho de 1776.

O commandante francez concedeu a Washington tudo que ha de mais nobre nos annaes das capitulações. Concordou n'uma reciproca troca de todos os prisioneiros; os inglezes obrigaram-se, por um anno, a não edificar fortaleza alguma além das montanhas; e saíram da palissada, na direcção da Virginia.

Em quanto isto occorria no campo das operações militares, outros acontecimentos tinham logar com referencia á administração das colonias.

O governo inglez, usando da sua costumada e conhecida previdencia, fez saber ás suas possessões, que era urgente alliarem-se ás tribus mais fortes, e irem todas unidas ao combate, porque só assim poderia ser vencido o poder da França.

Todas as provincias foram convidadas a nomear representantes a um congresso, que devia reunir-se em Albany, no verão de 1754.

As provincias que responderam a este convite, foram New Hampshire, Massachusetts, Rhode Island, Connecticut, New York, Pennsylvania e Maryland.

A 19 de junho estava organisada uma representação de vinte e cinco delegados escolhidos, pelas colonias acima referidas, sendo eleito presidente James Delancy, de New York.

Tendo sido renovado o tratado de alliança e amizade com a tribu das «Seis nações» (*Six nations,* que se compunha dos *Tuscaroras,* que, depois de derrotados, em 1712, haviam feito juncção com a tribu das «Cinco nações», *Five nations*), a idéa de uma federação colonial, foi apresentada então pelo doutor Benjamin Franklin, que era delegado da Pennsylvania.

Muito similhante á que mais tarde formou a republica dos Estados Unidos, a idéa não era original d'aquelle eminente cidadão.

Já William Penn a havia suggerido, no anno de 1700, e Coxe, presidente da assembléa do New Jersey, tambem a tinha sustentado em 1722.

A 4 de julho do anno de que nos occupâmos (1754), e por consequencia no mesmo dia da capitulação de George Washington, a federação proposta foi adoptada, e submettida ás differentes assembléas e á junta de commercio, para receber a competente approvação.

As suas disposições eram as seguintes: deveria haver um governador geral nomeado pela metropole, e um conselho composto de quarenta e oito membros, escolhidos pelas assembléas das provincias: este corpo, assumindo as attribuições proprias das camaras altas, tinha a faculdade de declarar a guerra, contrahir emprestimos, levantar tropas, regular o commercio por leis adaptadas, acceitar propostas de paz, etc.

Só os delegados da provincia do Connecticut, é

que não annuiram ao plano de Franklin, em consequencia dos demasiados poderes conferidos ao governador.

As differentes assembléas seguiram porém a opinião dos delegados do Connecticut; julgaram a nova constituição excessivamente aristocratica, e recusaram-lhe a respectiva sancção.

A junta do commercio procedeu do mesmo modo, isto é, não a ratificou, mas por um motivo diametralmente opposto; porque o plano de Franklin era demasiadamente democratico; alem de que, já havia tido um outro systema, que consistia em organisar um governo composto de todos os governadores das provincias, e de alguns membros dos differentes conselhos, com o poder de saccar sobre o thesouro da metropole por todas as despezas necessarias á guerra.

A Gran-Bretanha, deveria ser reembolsada, pelo producto dos impostos que decretasse o parlamento britannico. Isto não podia convir aos colonos em quem germinava já a idéa da liberdade.

A federação proposta, não pôde então levar-se a effeito pelas causas que ficam referidas; mas não foi debalde, que se lançaram aquellas luminosas idéas, no vasto campo de livres intelligencias.

Uma guerra geral estava imminente.

Os colonos da França e os da Inglaterra conheciam, que a tregoa que gosavam, era precursora de futuras e serias hostilidades.

Os primeiros, empregaram todos os esforços, para chamar ao seu partido as tribus a oeste dos montes Alleghanies (ou Apalaches); e os indios, pela sua parte, não deixavam de aproveitar-se das circumstancias, para commetter toda a sorte de depredação nas fronteiras da Nova Inglaterra.

Os colonos inglezes, tambem applicavam a sua prover-

bial energia, para occorrer ás eventualidades de uma proxima campanha.

A provincia de Massachusetts, distinguia-se pela actividade de seus habitantes; a de New York, votou vinte e cinco mil dollars para o serviço militar, e a do Maryland trinta mil. O proprio governo da metropole, enviou cincoenta mil dollars para gastos das colonias, e nomeou o governador Sharpe, do Maryland, commandante em chefe de todas as forças coloniaes.

Começaram serias desintelligencias sobre categorias e distincções militares: d'ellas resultou dar George Washington a demissão do posto em que se achava; terminando assim o anno de 1754 sem que, por parte dos colonos inglezes, se tivessem adoptado uniformes e energicas medidas para a campanha contra os francezes, nos quaes residia mais uniformidade de pensamento, mas conhecida inferioridade nos meios materiaes de resistencia.

A Gran-Bretanha não estava tranquilla, sobre o futuro de suas magnificas colonias.

Longe de desejar acceder ás reclamações da França, até certo ponto justas, no que respeitava ás demarcações das fronteiras, pretendia assumir a supremacia na America septentrional, e para isso era-lhe absolutamente necessario bater os francezes, apossando-se da vasta região, conhecida pelo nome de Canadá.

A guerra não havia ainda sido declarada entre as duas metropoles, mas as suas respectivas colonias estavam a braços com um serio conflicto, que durava desde muitos mezes.

Pelos meados de fevereiro de 1755, chegou á bahia de Chesapeake, Edward Braddock, official irlandez de distincção, á frente de dois regimentos de seus compatriotas.

Tendo sido previamente nomeado commandante em chefe de todas as forças britannicas e provinciaes na America, depois do seu desembarque, começou logo por convocar os governadores das provincias para se reunirem, no mez de abril, em Alexandria, a fim de se combinar nos meios de emprehender uma vigorosa campanha.

Áquella convocação concorreram Shirley, governador do Massachusetts; Dinwiddie, da Virginia; Delancy, de New York; Sharpe, do Maryland; Morris, da Pennsylva-

nia; e Dobbs, de North Caroline: o almirante Keppel, que commandava a esquadra britannica, tambem esteve presente.

Com excepção da Pennsylvania, onde o elemento *quaker* predominava e era opposto a qualquer guerra, e da Georgia, fraca e falha de recursos, as demais assembléas legislativas votaram contingentes e meios para a luta que se esperava.

Planearam-se n'aquella conferencia tres differentes expedições: uma contra o forte du Quesne, confiada a Edward Braddock, commandante em chefe; a segunda, contra os fortes Niagara e Frontenac (Kingston), commandada por Shirley, governador do Massachusetts; e a ultima, contra Crown Point, ou lago Champlain, debaixo do commando do general William Johnson que, ao mesmo tempo residia e gosava de grande influencia na nação dos *Mohawks*, da confederação dos *Iroquois*.

Anteriormente, já uma outra expedição havia sido organisada por Shirley, e Lawrence, governador da Nova Scotia, destinada a expulsar os francezes d'aquella provincia, e de outros pontos da antiga Acadie.

A 20 de maio de 1755, saia de Boston uma outra expedição de tres mil homens, entregue ao commando do general John Winslow, que descendia em linha recta de Edward Winslow, terceiro governador de Plymouth.

Chegada que foi á bahia de Fundy, que fica entre a Nova Scotia e o Novo Brunswick, fez juncção com trezentos soldados do exercito inglez, commandados pelo coronel Monckton, que assumiu o commando geral, pela circumstancia de que, John Winslow pertencia á milicia, ou segunda linha.

Os fortes francezes foram tomados sem grande difficuldade, e o paiz declarado em estado de sitio. A isto seguiu-se um grande crime por parte dos inglezes.

Foi decidida a necessidade de destruir todas as fei-

torias francezas, com o pretexto de que os habitantes da Acadie (como então se denominava a Nova Scotia) poderiam fazer juncção com os colonos francezes do Canadá, que era preciso bater completamente.

O pacifico e innocente povo d'aquella nascente colonia, sem distincção de familia nem de principio algum politico, foi aprisionado nas suas proprias casas, nos campos e até nos templos, conduzido a bordo dos navios inglezes, para nunca mais, os maridos verem as esposas, e os filhos abraçarem seus paes.

Os inglezes, ainda levaram mais longe, a perfeição do seu systema de conquista.

Alguns colonos mais válidos fugiram para as florestas, na esperança de illudirem a vigilancia britannica, e voltarem depois a encontrar as suas abandonadas habitações; mas a astucia dos invasores tinha prevenido todas as hypotheses; e para esta ultima existia um simples meio de a tornar effectiva contra os fugitivos: destruiram-se todas as searas e arvores fructiferas, por fórma tal, que os *rebeldes* não poderiam hesitar entre a morte por falta de alimento, ou entregarem-se á discrição dos conquistadores, para serem afastados de tudo o que lhes era mais caro no mundo.

Em poucas semanas, a conquista estava completa por aquelle engenhoso meio, que consistia em substituir os cidadãos de um paiz, pelo exercito invasor que ia conquistal-o.

Edward Braddock só em meados de junho (1755), é que pôde marchar contra o forte du Quesne, em consequencia de difficuldades occorridas sobre o abastecimento de provisões e meios de as conduzir.

Melhor teria sido para este general, o não partir para uma expedição onde devia perder a vida.

Á frente de mil e duzentos homens, e a marchas forçadas, Braddock queria alcançar o forte antes dos fran-

cezes receberem reforços. Por isso, do seu exercito, que se compunha de dois mil homens de tropa e milicia, entregou ao coronel Dunbar, immediato no commando, oitocentos combatentes e o grosso das provisões, ao passo que elle general apressava as marchas com os soldados que reputava mais ligeiros e aguerridos.

George Washington ia no commando das forças de segunda linha, e, como conhecedor do paiz, pretendeu dissuadir o general a aventurar-se em uma expedição, cujos resultados poderiam ser fataes.

Os seus prudentes conselhos não foram escutados, e a consequencia pouco tardou em manifestar-se.

A 9 de julho, e em pleno dia, o tenente-coronel Gage, que commandava as avançadas, foi recebido com uma terrivel descarga de mosqueteria e de frechas, que partia de fôrças emboscadas a tres leguas perto do forte «du Quesne».

Braddock tomou o commando da acção, mas baldados foram os seus esforços para manter a boa ordem. A carnificina tornava-se cada vez maior; o chão estava coberto de cadaveres; todos os officiaes do estado maior, á excepção de Washington, haviam sido postos fóra de combate, e o proprio general tivera já alguns cavallos mortos durante o combate.

Braddock, no excessivo rigor de manter a disciplina, acutilou um miliciano que atirava de traz de uma arvore, contra as ordens que se haviam dado, porque o general inglez pretendia mostrar ao inimigo uma inutil bravura, que só o podia perder.

Foi n'esta occasião, que Thomas Fancett, irmão do miliciano acutilado, feriu mortalmente pelas costas o commandante em chefe.

A tropa debandou toda, e a milicia, debaixo da direcção de George Washington, tão bem como pôde, retirou sem ser perseguida pelas forças franco-indianas.

O coronel Dunbar reuniu os destroços da expedição, e marchou em agosto seguinte para Philadelphia; e Washington, sempre no commando da milicia, voltou outra vez para a Virginia.

Vem a proposito dizer que Washington nunca foi ferido. Achámos uma noticia que nos merece credito, e prova que a Providencia véla pelos seus escolhidos, quando os destina aos grandes feitos, e á perpetua gratidão de seus compatriotas, que é a verdadeira immortalidade dos heroes de todas as nações.

O doutor Craik, que estava com Washington na occasião do combate que fica narrado, e que tambem o tratou na sua ultima doença, diz que quinze annos depois, achando-se ambos em Ohio, um velho chefe indiano viera de muito longe para ver o coronel Washington, contra quem elle atirára quinze vezes, durante a batalha de Monongahela, quando combatia ao lado dos francezes, sem nunca o poder acertar.

A expedição contra o forte «du Quesne», teve o fim que acabâmos de ver, que todavia não compensou os prejuizos causados pelos inglezes na Acadie, ou Nova Scotia.

O governador Shirley, era o commandante da expedição contra os fortes Niagara e Frontenac. As forças de que elle dispunha subiam a dois mil e quinhentos homens; mas a demora para se organisarem em Oswego, d'onde deviam embarcar para o seu destino, os temporaes consecutivos, e a deserção de uma grande parte dos indigenas da tribu das «seis nações» e dos denominados «*Stockbridges*», tudo concorreu para que Shirley abandonasse o plano de atacar as fortificações francezas.

Depois de haver construido os fortes Ontario e Pepperell, a leste e a oeste do rio Oswego, deixando n'elles sufficiente guarnição, marchou com o resto das forças para Massachusetts.

Resta fallar da ultima expedição contra Crown Point, confiada ao commando do general William Johnson.

Crown Point é uma pequena peninsula no lago Champlain, onde os francezes tinham construido o forte «Saint Frederic».

Havia tambem na margem opposta, denominada «Vermont», uma feitoria franceza, cuja existencia datava desde 1731.

No mez de julho de 1755, cêrca de seis mil homens, saídos da Nova Inglaterra, de New York e do New Jersey, foram reunir-se em um ponto do rio Hudson, onde mais tarde se edificou a povoação do «Fort Edward», umas dezeseis leguas ao norte de Albany.

Era o general Lyman, do Connecticut, quem, na ausencia de Johnson, commandava aquellas forças. Para não permanecer na ociosidade, emquanto esperava a chegada do commandante superior, Lyman mandou construir uma fortaleza com toda a solidez usada n'aquelle tempo, e á qual se deu o nome, primeiramente de «Fort Lyman», depois mudado para «Fort Edward», em consequencia de uma certa rivalidade que existia entre os dois generaes.

O general William Johnson chegou, em fins de agosto, com artilheria e provisões, tomando immediatamente o commando geral da divisão. Á frente da sua melhor tropa, marchou em direcção ás origens do lago George, apenas cinco leguas distante do ponto em que se achava.

A França, na primavera do anno de que tratâmos, 1755, havia enviado de Brest uma magnifica esquadra conduzindo os regimentos da rainha, de Artois, de Bourgogne, de Languedoc, de Guienne e de Béarn.

A frota compunha-se das naus:

Formidable, de oitenta peças, novecentos homens de equipagem, levando a bordo M. de Macnemara, chefe de esquadra, e commandante da expedição naval;

Entreprenant, setenta e quatro peças, setecentos homens; conduzindo M. de Vaudreuil, governador do Canadá, e M. Dieskau, marechal de campo, commandante das tropas de desembarque;

Palmier, setenta e quatro peças, setecentos e cincoenta homens;

Héros, setenta e quatro peças, setecentos e cincoenta homens;

Bizarre, sessenta e quatro peças, quinhentos homens;

Alcide, sessenta e quatro peças, quinhentos homens;

Eveillé, sessenta e quatro peças, quinhentos homens;

Inflexible, sessenta e quatro peças, quinhentos homens;

Aigle, cincoenta e quatro peças.

Fragatas:

Amethiste, trinta peças, duzentos e vinte homens;

Fleur de lys, trinta peças, duzentos e vinte homens;

Sirenne, trinta peças, duzentos e vinte homens;

Heroïne, trinta peças, duzentos e vinte homens;

Comette, trinta peças, duzentos homens;

Diane, trinta peças, e *Fidèle,* de igual numero.

Fustas transportes:

Défenseur, vinte e quatro peças; conduzindo nove companhias de Artois;

Dauphin royal, vinte e quatro peças; com nove companhias de Bourgogne;

Algonquin, vinte e quatro peças; nove companhias da rainha;

Espérance, vinte e quatro peças; uma companhia de granadeiros, tres de Artois e tres de Bourgogne;

Actif, vinte e duas peças; nove companhias do Languedoc;

Illustre, vinte e duas peças: nove companhias de Guienne;

Opiniâtre, vinte e duas peças; nove companhias de Bearn:

Lis, vinte e duas peças, quatro companhias da rainha e quatro de Languedoc;

Léopard, vinte e duas peças; quatro companhias de Guienne e quatro de Béarn;

Apollon, sessenta peças; quatro companhias; destinado a servir de hospital, e *Aquillon,* trinta peças; conduzindo quatro companhias.

Total: vinte e sete navios, montando mil cento quarenta e oito bôcas de fogo.

O almirante Boscawen, que commandava a esquadra ingleza, na altura da Terra Nova, esteve quasi a capturar uma parte da expedição franceza; mas em consequencia de um denso nevoeiro, tão frequentes n'aquellas paragens, os inglezes perderam a melhor opportunidade para aniquilar os recursos do inimigo: a frota pôde a salvo entrar no rio Saint Lawrence.

A França havia erradamente contado com provisões que não existiam no Canadá, e parece que até as munições de guerra não abundavam, pretendendo homens competentes, que essa foi a principal causa das derrotas que se seguiram.

O general Dieskau não permaneceu muito tempo em inactividade, porque, emquanto Johnson tomava posições perto do lago George, aquelle marchava de Montreal com dois mil milicianos e indigenas do Canadá. O seu fim era desembarcar nas origens do lago Champlain (hoje Whitehall), e atacar os inglezes no forte «Edward».

De facto assim aconteceu, mas o general Johnson foi informado de tudo na occasião em que chegava ao lago George, 7 de setembro, e pôde preparar-se para todas as eventualidades.

Os indios, que faziam parte das forças francezas, não se prestaram ao ataque do forte «Edward» por temerem a artilheria ingleza, e o general Dieskau entendeu que

era melhor abandonar o primeiro plano e continuar a sua marcha, até encontrar o general Johnson.

Pela direcção que haviam tomado as forças francezas, este general conheceu o novo plano de Dieskau, e ordenou logo ao coronel Williams que, com mil e duzentos homens, na maior parte tropa da provincia de Massachusetts (porque apenas comprehendia uns duzentos indios *mohawks*, commandados por um valente chefe chamado Hendrick), fosse interceptar a marcha do inimigo.

Longe de assim succeder, os inglezes, a pouco mais de uma legua de distancia do lago George, caíram em uma terrivel emboscada, e foram completamente derrotados, morrendo o coronel Williams e o chefe indio Hendrick.

O resto da força voltou á rectaguarda, perseguido pelos francezes até alcançar o acampamento.

O «*William's College*» de Massachusetts, deve a sua fundação áquelle benemerito cidadão (coronel Williams), que, pouco antes de entrar em fogo, havia feito testamento, dispondo da sua fortuna a favor da instrucção do povo.

Entretanto, aos francezes devia tambem chegar o seu revez; tão contingente é a fortuna na arte da guerra. O demasiado enthusiasmo perdeu-os d'esta vez.

O general Johnson soube da derrota do coronel Williams, a tempo de poder fortificar o seu acampamento e evitar maiores desastres. Fez construir uma bateria apenas de dois canhões recebidos do forte «Edward»; e, quando os francezes picavam a retirada dos inglezes, fugidos após o terror de uma completa derrota, julgando que iam entrar em um campo indefenso, que teria de render-se, foram recebidos pela artilheria ingleza, mascarada e insuspeita para elles victoriosos.

Os indios possuiam um terror exagerado pelos canhões britannicos; e logo por fatalidade para as forças francezas, eram os indigenas os que se achavam no local

batido pela artilheria. Fugiram, assim como a milicia canadiana, ao mesmo tempo que o general Lyman apparecia com uma força expedida do fort «Edward».

Os francezes não cederam logo, nem era provavel que o fizessem: depois de terem ganhado uma victoria, seria triste perdel-a na perseguição dos fugitivos e debandados. Mas havendo decorrido algumas horas de fogo, o general Dieskau foi mortalmente ferido, e isso deu causa a uma rapida retirada para Crown Point, na qual os francezes perderam a maior parte de suas bagagens, capturada por forças do forte «Edward».

O general Dieskau, caído no campo da batalha, foi conduzido para New York, sendo depois enviado para Inglaterra como prisioneiro, onde morreu em consequencia das feridas recebidas.

No acampamento do general inglez, construiu-se um forte, que teve a denominação de «Henry William»; e durante o resto do anno de 1755 não foram continuadas as operações militares, no receio dos frios e gelos do inverno.

Os francezes trataram de se fortificar em Crown Point e Ticonderoga; e os inglezes guarneceram os fortes «Edward» e «Henry William», voltando o grosso das forças para Albany, onde parte se dispersou.

O general Lyman, que havia sido o verdadeiro heroe d'aquella campanha, não teve recompensa alguma, porque Johnson occultou sempre do governo inglez os serviços d'aquelle general.

Foi elle Johnson, em attenção ás protecções de bons amigos juntos da côrte britannica, quem obteve titulos honorificos e premios pecuniarios.

Estas injustiças pertencem a todas as epochas e a todos os paizes, e são, na maior parte das vezes, inevitaveis ao verdadeiro merito, á intelligencia que não se inculca e aos serviços que não se apregoam.

O anno de 1756 despontou mais propicio para a França.

O desastre de Dieskau, tinha mostrado á metropole a necessidade de mandar homens competentes e reforços para o theatro da guerra.

Em vista das representações de Vaudreuil, o governo francez havia determinado enviar ao Canadá Montcalm, marechal de campo; Levis, brigadeiro (mais tarde marquez de Levis, e governador da provincia de Artois); Bourlamaque, coronel; dois engenheiros; dois batalhões *de la Sarre* e do *royal Roussillon*, com abastecimento de viveres e de munições.

A Inglaterra declarára-se em aberta hostilidade contra a França no mez de maio do anno referido. A ultima nação, como se vê, havia levantado o repto, preparando-se para a luta, cujo resultado deveria firmar a preponderancia de uma das duas rivaes no novo mundo.

Às derrotas de 1755, tinham dado occasião a formar-se um partido em Inglaterra, contra a ingerencia dos colonos nas altas combinações militares.

Shirley viu-se deposto do commando em chefe, que assumira depois da morte de Braddock, e em seu logar foi nomeado o general Abercrombie, na primavera de 1756. Enviado á America, na qualidade de immediato de lord Londoun, que havia recebido a nomeação de governador da Virginia e de commandante em chefe das tropas. Aber-

crombie chegou nos principios de junho, acompanhado de alguns regimentos britannicos.

Entretanto, o plano de campanha para o anno de que tratàmos, já previamente havia sido combinado, em uma reunião dos governadores das colonias, na cidade de New York.

Segundo o mesmo plano, dez mil homens deviam atacar Crown Point, seis mil o forte Niagara, tres mil o forte «du Quesne», e dois mil tinham que atravessar o paiz, desde Kennebec até ás feitorias dos francezes, no rio Chaudière.

O general John Winslow, o mesmo que com o coronel Monckton havia destruido as feitorias francezas em Acadie (mais tarde Nova Scotia), foi encarregado da expedição contra Crown Point; e, quando o general Albercrombie chegou, na primavera de 1756, tinha elle já organisado uns sete mil homens em Albany.

Lord Londoun veiu mais tarde, e, encontrando serios conflictos de jurisdicção e de categoria militar, em vez concorrer com a sua auctoridade para os harmonisar, augmentou a irritabilidade dos descontentes pela maneira como, elle e os seus officiaes, pretenderam assumir a absoluta supremacia nos planos de campanha.

Por fim, quando as necessidades da guerra tornavam unidos os que tinham interesses communs, as operações militares não podiam ser emprehendidas, porque as vantagens obtidas pelos francezes, haviam mudado as circumstancias e destruido as combinações anteriormente feitas.

O marquez de Montcalm, commandante das tropas francezas no Canadá, querendo aproveitar-se da inactividade do inimigo, saíu de Frontenac á frente de cinco mil homens, compostos de francezes, canadianos e indios, e trinta peças de artilheria. Atravessou o lago On-

tario, desembarcando a pequena distancia de Oswego; e dois dias depois apresentou-se defronte do forte que tinha o nome do mesmo lago, e havia sido confiado ao commando do coronel Mercer.

A guarnição ainda se defendeu por algumas horas; mas a final teve que ceder, retirando para uma antiga fortificação, a oeste do rio Oswego, onde o commandante foi morto e capturados os fugitivos. Teve logar este combate entre os dias 11 a 14 de agosto.

Montcalm aprisionou cerca de mil e quatrocentos homens, grande quantidade de armas, provisões de guerra e alguns navios.

O commandante francez, para cumprimento de certos compromissos com os indios pertencentes á tribu das seis nações, fez demolir as fortificações tomadas, e voltou ao Canadá; deixando, por esta fórma, aberta ás suas operações, toda a região pertencente á mesma tribu, da qual obteve um tratado de neutralidade.

Depois d'aquella derrota, os inglezes abandonaram as outras expedições, e as tropas que marchavam em direcção ao lago Champlain, receberam ordem de lord Londoun para immediatamente voltarem á rectaguarda.

Da offensiva, os colonos inglezes viram-se obrigados a acceitar a defensiva, pondo o paiz a coberto de uma invasão.

Os fortes «William Henry» e «Edward» receberam reforços.

Washington, tendo debaixo do seu commando um corpo composto de voluntarios e de praças de segunda linha, forte de mil e quinhentos homens, foi encarregado de defender as fronteiras da Pennsylvania e da Virginia. Estabeleceram-se alguns postos militares nos limites occidentaes das duas Carolinas, para que aquellas provincias ficassem protegidas das aggressões da tribu dos *Cherokees*, os mais aguerridos montanhezes da vasta região

do sul, e da dos *Creeks*, que pertenciam á poderosa nação *mobiliana*.

Os francezes não tinham cessado de enviar emissarios a todos os indigenas que podessem estar dispostos a hostilisar os seus rivaes; n'isso consistia uma parte da sua tactica de guerra, da qual haviam obtido proficuo resultado.

Os inglezes tambem não perdiam ensejo algum em aniquilar os indios que lhe eram desaffectos, ou de que tivessem recebido offensa. N'este caso se achavam os selvagens que habitavam Kittaning, proximo do rio Alleghany, que era considerada a sua principal povoação.

Por alguns mezes os colonos soffreram as hostilidades dos indigenas, que não só roubaram as feitorias situadas nas extremidades occidentaes da Pennsylvania e da Virginia, mas raptaram e assassinaram n'aquellas paragens uns mil brancos.

No mez de setembro do anno de 1756, de que ainda nos occupâmos, o coronel John Amstrong, da Pennsylvania (que depois foi um dos generaes na guerra da independencia) acompanhado do capitão Mercer, da Virginia, que tinha debaixo de suas ordens uma columna de trezentos homens, atacaram ambos os indigenas em Kittaning, matando grande numero, inclusivè o proprio chefe.

A povoação foi destruida, e os indios, que escaparam á derrota, por tal modo se dispersaram, que não poderam mais aggredir os inglezes.

Durante o resto do anno, não houve nenhum outro acontecimento de importancia que mereça especial referencia, e o anno de 1757 continuou, como o leitor verá, a favorecer as armas da França.

Lord Londoun reuniu um conselho militar em Boston, no mez de janeiro, para ali se discutir novo plano de campanha.

Segundo a opinião do general, convinha limitar as expedições a uma só, contra Louisburg, e empregar todas as mais forças na defensa das fronteiras. Este plano era prudente, mas estava longe de corresponder ao ardor dos colonos.

Por outro lado, os indios, no mesmo mez de janeiro, haviam tido uma grande reunião no Niagara, na qual se decidíra hostilisar os inglezes a favor do grande pae francez, como elles denominavam o rei de França.

As colonias em geral, e com especialidade as da Nova Inglaterra, não ficaram satisfeitas da demasiada prudencia de lord Londoun, porque tinham a peito obrigar os francezes a saír da região do lago Champlain.

Assim o manifestaram, não se limitando a uma cega obediencia aos planos do general em chefe, antes empregando ostensivos meios para chamar ás armas a população válida, que desejava combater pela supremacia da Gran-Bretanha. Por esta fórma, no 1.º de junho seguinte, lord Londoun contava com seis mil colonos armados e promptos a entrar em campanha.

Decidiu-se marchar contra Louisburg, sem se ter em vista os elementos de que a França dispunha na sua defensa.

A expedição saíu de New York em meiados de junho, e tendo, dez dias depois, chegado a Halifax, fez ali juncção com a esquadra do almirante Holbourn, que estava perfeitamente artilhada e conduzia cinco mil homens de desembarque, que a Inglaterra enviava em reforço ao seu exercito na America.

Quando se preparavam a seguir para Cabo Breton, o general lord Londoun recebeu a triste noticia de que os francezes tinham seis mil homens na fortaleza de Louisburg, e que acabava de fundear uma esquadra vinda de França, superior á enviada pela Gran-Bretanha.

O unico partido a tomar, era não proseguir em uma

temeraria empreza, e foi o que fez lord Loudoun, voltando para New Yorh, onde chegou nos fins de agosto.

As noticias que encontrou, não foram menos desagradaveis, dô que o tinha sido o resultado da expedição.

Um mez antes, isto é, nos fins de julho, o general francez Montcalm, partíra de Ticonderoga com uma força de quatro batalhões da metropole, fortes de mil e seiscentos homens, mais oitocentos de tropa colonial, novecentos canadianos e mil e novecentos indigenas.

O cavalheiro de Levis, á frente de um grosso destacamento, composto de canadianos, indios e contingentes de primeira linha, tinha marchado por terra costeando a direita do lago George, a fim de proteger o desembarque do exercito.

Este official chegou junto do forte «William Henry» sem difficuldade alguma.

Por outro lado, o general Montcalm, havia encontrado uma força ingleza que ía á descoberta, e obrigou-a a retirar, depois de lhe matar e fazer prisioneiros cêrca de sessenta homens, dos cento e cincoenta de que ella se compunha.

A guarnição do forte «William Henry» consistia de tres mil homens commandados pelo coronel Monro, official inglez de reconhecida capacidade, que se julgava completamente protegido pelo general Webb, o qual no forte «Edward», apenas cinco leguas distante, dispunha de quatro mil homens.

Quando o general francez pediu, em 3 de agosto, a entrega do forte «William Henry», o coronel Monro respondeu com uma altiva recusa, enviando ao mesmo tempo um mensageiro ao general Webb, requisitando soccorros.

O sitio durou seis dias; e os reforços pedidos não chegaram, apesar das repetidas e diarias solicitações do commandante do forte.

Não se comprehende o precedimento do general Webb n'aquella conjunctura, porque, emquanto o general Johnson, com uma força de colonos inglezes, tentava marchar em soccorro do forte «William Henry», assim como Israel Putnam, que commandava um destacamento de irregulares, se dirigia para o mesmo ponto; Webb ordenava a estes dois commandantes que não levassem a cabo o seu designio, transmittindo ao mesmo tempo ordens terminantes ao coronel Monro para que se entregasse aos francezes.

A historia pretende fazer acreditar, que o general Montcalm havia recebido exageradas noticias sobre as forças inglezas que marchavam contra elle, e que estava disposto a levantar o cerco e voltar a Ticonderoga, quando interceptou as ordens, que Webb transmittia ao coronel Monro, para entregar o forte «William Henry».

É fóra de toda a duvida, que Monro recebeu a correspondencia de Webb, por intermedio do general francez, que d'ella se havia apoderado.

Conhecendo ser inutil continuar uma resistencia, que só augmentava o numero das victimas, o bravo coronel Monro entregou-se a 10 de agosto de 1757.

O general Montcalm, apreciando devidamente a bravura do seu adversario e das tropas que elle commandava, concedeu-lhes uma capitulação das mais honrosas.

Por ella prometteram os inglezes não combater durante dezoito mezes contra os francezes e seus alliados; e tanto o vencedor como o vencido obrigaram-se á reciproca entrega dos seus respectivos prisioneiros.

Saíram as tropas inglezas com armas e bagagens, mas escoltadas, a fim de que os indigenas as não inquietassem, até ao forte «Edward», para onde se dirigiam.

Infelizmente, os selvagens espionavam a partida dos prisioneiros, e apenas os viram afastados da escolta franceza, que os devia largar a certa distancia do forte

«William Henry», caíram com impetuosa furia sobre elles, roubando as bagagens, ferindo e matando, sem distincção, todos os que tentavam fugir. Fizeram mais de mil prisioneiros, aos quaes o general Montcalm deu immediata liberdade, depois de os haver mandado vestir, porque os indios, na sua voraz sede de roubar, tinham privado de tudo aquelles infelizes.

Os canhões do forte «Edward» ainda protegeram os fugitivos que conseguiram escapar á furia dos indigenas.

O forte «William Henry» foi destruido pelo camartello e pelo fogo. Ali foram encontrados os cadaveres de muitos soldados e mulheres *scalped* [1] pelos indios.

A Inglaterra accusou os francezes de falta de lealdade, e não quiz cumprir as condições da capitulação; mas é certo, que das offensas praticadas pelos indigenas, não póde ser responsavel o general Montcalm.

O forte «William Henry» nunca mais foi reedificado, e hoje existe ali um bom hotel para os viajantes que visitam o formoso lago George. N'elle já passou alguns agradaveis dias o que escreve estas linhas.

Todos estes acontecimentos lançaram a maior consternação no paiz, e sobretudo na provincia de New York. O general Montcalm poderia então proseguir na sua feliz campanha, e teria talvez levado a ruina a todas as colonias anglo-americanas; mas limitou-se a licenciar os selvagens mais bravos e a organisar as suas forças com os canadianos e indigenas civilisados.

A Nova Inglaterra sentiu-se humilhada no seu natural orgulho, e appellou para a protecção da metropole. Era justo, porque os governadores das provincias haviam-se, em geral, tornado ambiciosos e fracos, curando mais

[1] Tortura dos indios, que consiste em arrancar a pelle com os cabellos da cabeça.

dos seus proprios interesses, do que do bem de seus administrados.

A este egoismo dos delegados do reino unido, não era estranha a democracia dos colonos, que não podia inspirar sympathia aos representantes da realeza. Resultava que os homens e o dinheiro—unicos meios efficazes para fazer a guerra—faltavam aos generaes encarregados de organisar as tropas que deviam combater a França.

A rivalidade, entre inglezes e americanos, já era visivel, embora a supremacia da Gran-Bretanha e a dependencia de suas possessões, fossem causa efficiente para manter uma e outra nos seus respectivos limites.

A verdade é que, os colonos tinham tanto a peito combater os francezes, como expulsar os representantes da metropole; e não sentiam o menor enthusiasmo na obediencia militar que lhes era devida.

A Inglaterra conheceu o estado precario das colonias; accusou o governo que então dispunha dos seus destinos, e pediu a sua exoneração.

O desejo popular, apoiado pelo famoso estadista William Pitt, foi adoptado pela corôa, e, em junho de 1757, aquelle famoso reformador, com Fox e lord Newcastle, substituiram o ministerio, cujos actos tinham combatido.

A administração de Pitt, é ainda hoje citada como um modelo, em tudo quanto póde fazer a felicidade de qualquer paiz.

A organisação das finanças e o triumpho das armas britannicas contra a França, tanto na America como na Europa, na guerra dos «sete annos», tornaram o governo de William Pitt muito popular na Inglaterra, até á subida ao throno de George III, em 1761; e ainda mesmo, cinco annos depois, quando Pitt voltou ao poder e recebeu, em recompensa de seus grandes serviços, o ti-

tulo de conde de Chatham e uma cadeira na camara dos lords.

Pitt demittiu lord Londoun, do elevado cargo de commandante em chefe do exercito na America do norte, e nomeou o general Abercrombie para o substituir. Lord Londoun era accusado, e não sem motivo, de falta de energia, e de gastar a sua intelligencia na concepção de planos que nunca punha em execução.

O almirante Boscawen, foi collocado á frente de uma famosa esquadra, destinada ás colonias anglo-americanas. Doze mil homens do exercito britannico, receberam ordem de reunir ás forças coloniaes.

Um appello da metropole a algumas das provincias, para que levantassem e uniformisassem vinte mil homens, produziu o effeito desejado.

Pitt prometteu, em nome do parlamento, as armas e as provisões necessarias, assim como indemnisar as colonias das despezas occasionadas pelo novo exercito.

Ás promessas liberaes da Gran-Bretanha e ao systema, que o seu esclarecido ministro fez adoptar na organisação das milicias coloniaes, corresponderam a sympathia e o enthusiasmo de suas possessões.

As provincias da Nova Inglaterra, só á sua parte, forneceram quinze mil homens. O Massachusetts contribuiu com mais de um milhão de dollars, recorrendo para isso a enormes sacrificios, a que os seus habitantes se prestaram voluntariamente. A provincia de New York, levantou uns dois mil e setecentos homens; New Jersey mil; a Pennsylvania tres mil; e a Virginia mais de dois mil.

As outras colonias não ficaram atrás; e as proprias Carolinas, afastadas do theatro da guerra, organisaram alguns regimentos, que da melhor vontade marcharam para o norte.

Por tal fórma correu a organisação militar, que, em

maio de 1758, quando o general Abercrombie tomou o commando do exercito, encontrou, promptos a entrar em campanha, cincoenta mil homens.

O Canadá dispunha apenas de cinco mil homens de tropas regulares e de quinze mil de segunda linha.

O resultado era facil de prever; e a campanha de 1758 devia dar sensiveis e favoraveis resultados á Inglaterra, conforme se vae demonstrar nos seguintes capitulos.

Insignificantes foram os acontecimentos militares nos primeiros mezes de 1758. Limitaram-se a algumas escaramuças de uma e outra parte, sem resultado notavel para a campanha d'aquelle anno, que mais tarde favoreceu as armas da Gran-Bretanha.

O almirante Boscawen, chegou a Halifax nos principios de maio, com uns quarenta vasos de guerra, conduzindo doze mil homens de desembarque, debaixo do commando immediato do general lord Jeffery Amherst, que depois assumiu o commando geral do exercito em Inglaterra, durante a guerra da independencia na America.

O general James Wolfe, acompanhava o exercito, na qualidade de segundo commandante.

Os ataques contra Louisburg, Ticonderoga e forte «du Quesne», formavam a primeira parte do plano de campanha para 1758.

A 8 de junho, sem maior opposição, as tropas inglezas desembarcaram na bahia Gabarus, proximo de Louisburg, obrigando, pelo numero, a fazer retirar todos os postos avançados do inimigo para os pontos fortificados.

A resistencia dos francezes foi igual á bravura dos seus adversarios; e por muitas semanas duraram as operações militares, até que, tendo os primeiros perdido uma parte da esquadra surta na bahia, conheceram que seriam inuteis todos os esforços para se sustentar, e entregaram-se aos inglezes no dia 26 de julho.

Apoderaram-se estes da cidade, da fortaleza, da ilha do Cabo Breton e da de Saint John, que hoje se denomina «Prince Edward».

Na capitulação comprehenderam-se os despojos da guerra, como armas e munições, e cinco mil prisioneiros.

D'aquella victoria datou a preponderancia da Gran-Bretanha na America do norte, e deixou de brilhar a estrella que havia alumiado as descobertas da França. Os inglezes tornaram-se senhores da costa, quasi até á foz do rio Saint Lawrence, dominando assim toda a região do New Brunswick.

Ás victorias do almirante Boscawen e dos generaes lord Jeffery Amherst e James Wolfe, seguiram-se outras de bastante alcance para a Inglaterra.

O general francez Montcalm, occupava Ticonderoga, com menos de quatro mil homens.

O general Abercrombie e lord Howe, á frente de dezeseis mil homens, sendo nove mil de tropas regulares, e de um grosso trem de artilheria, deviam atacar o general Montcalm; designaram pois o lago George para ponto de juncção dos seus respectivos exercitos.

Em principio de julho do anno de que nos occupâmos, 1758, embarcaram as referidas forças, e a 6 do mesmo mez desembarcaram na extremidade septentrional do lago. Os caminhos que conduziam a Ticonderoga eram cobertos de florestas entresemeadas de pantanos, e o exercito inglez, na falta de guias competentes, achou-se em pouco tempo disperso e na impossibilidade de se precaver contra qualquer surpreza.

Os francezes não ignoravam as precarias condições em que se devia fazer a marcha do inimigo, e aproveitaram-se de tão bom ensejo.

Entretanto, a força ingleza era consideravelmente superior, e os francezes foram derrotados depois de uma

seria refrega. N'ella perdeu a vida lord Howe, irmão do almirante lord Howe, que, mais tarde, commandou a esquadra britannica na costa americana, em 1776 e 1777, e de sir William Howe, que, na mesma epocha, teve o commando das forças de terra.

Lord Howe caiu ferido mortalmente quando, á frente da vanguarda, animava as tropas para repellirem o inimigo.

Era um bravo official, das maiores esperanças para o seu paiz, amado até o fanatismo por todos os soldados; e a sua morte foi profundamente sentida. Contava apenas trinta e quatro annos de idade, e tal impressão causou a sua falta, que a assembléa legislativa de Massachusetts Bay, designou mil duzentos e cincoenta dollars para um monumento elevado á sua memoria.

Ticonderoga era uma fortificação levantada a uns quarenta metros acima do nivel do lago, cercada de agua e de pantanos.

Os francezes haviam estabelecido uma linha de obras de arte com baterias, na extensão de mais de um kilometro, ao noroeste da fortaleza.

Hoje apenas existem umas pittorescas ruinas, que o viajante póde visitar.

O general Abercrombie, possuia uma falsa idéa, do modo como se achava defendida a fortificação franceza; mas estava bem informado, de que o general Montcalm, devia receber reforços dentro em pouco tempo.

Julgando que era opportuno atacar de prompo Ticonderogo, deixou á rectaguarda a sua artilheria, e apressou-se a tomar a offensiva, ordenando o assalto contra os parapeitos avançados e guarnecidos pelas tropas francezas.

Abercrombie foi derrotado, como era de esperar. Por espaço de quatro horas as suas tropas debalde tentaram

investir contra as defensas de tres metros de altura, guarnecidas de estacas ponteagudas, que as bayonetas e as balas de fuzil não podiam destruir.

Depois de haver perdido perto de dois mil homens em mortos e feridos, e em extraviados pelas densas florestas, retrogradou até chegar ao lago George, d'onde seguiu para o seu primitivo acampamento.

O coronel Bradstreet, solicitou então que lhe fosse confiada uma divisão de tres mil homens para ir atacar Frontenac, e até certo ponto, indemnisar o exercito de operações, do revez que acabava de soffrer.

Bem se houve o intrepido coronel na sua arriscada expedição. A 27 de agosto capturou, sem grande resistencia, o forte, a guarnição e os navios francezes que ali estavam fundeados, elevando-se todos os despojos d'aquella brilhante acção a oitocentos prisioneiros, nove vasos de guerra, sessenta peças, dezeseis morteiros, uma grande quantidade de munições e de mantimentos, e outros artigos destinados ao commercio com os indios.

O coronel Bradstreet, foi tão feliz no arrojo do seu ataque, que apenas perdeu alguns soldados, victimas da pequena opposição das tropas francezas; mas outro inimigo mais forte — uma terrivel epidemia — invadiu o seu acampamento, fazendo-lhe grandes estragos, que se calcularam na sexta parte das suas forças, ou perto de quinhentos homens.

Por esta inesperada circumstancia, viu-se elle obrigado a retirar para o rio Mohawk, no local onde depois se edificou Roma, e ali, assistiu e coadjuvou, com as suas tropas, a construcção do forte Stanwix.

O forte George, que distava apenas um kilometro do forte «William Henry». destruido pelos francezes, havia sido occupado pelo general Abercrombie depois da derrota que soffrêra junto de Ticonderoga. Mas não se tornando necessario deixar no forte George, mais do que a compe-

tente guarnição, aquelle general retirou para Albany com o resto das forças.

A perda do forte Frontenac, havia causado uma viva e desagradavel impressão nas fileiras francezas.

As suas communicações com o Canadá estavam quasi interrompidas, e os indigenas começavam a desertar, não obstante todo o prestigio da França sobre uma grande parte das tribus norte-americanas.

O forte «du Quesne», em consequencia do que fica narrado, achava-se mal guarnecido de tropas, e exposto aos ataques do inimigo. Além de que, como já se disse, uma expedição contra aquelle reducto fazia parte do plano de campanha para 1758. Por isso, o general John Forbes, que commandava um corpo de exercito de nove mil homens, incluindo as tropas da Virginia confiadas ao coronel George Washington, devia, no mez de julho, marchar contra o forte «du Quesne».

Uma serie de fatalidades e um errado systema de campanha, opposto aos conselhos do joven coronel, que, mais tarde, occupou o primeiro logar na republica americana, por tal modo influiram n'aquella expedição, que só mezes depois é que ella pôde ser levada a cabo, debaixo de differentes circumstancias.

O general Forbes obstinou-se a fazer construir um novo caminho, para o lado do norte, atravessando as montanhas Alleghanies, em logar de aproveitar o que havia sido aberto pelo general Edward Braddock, quando, na campanha de 1755, atacára o mesmo forte «du Quesne», e ali pagára com a vida a sua temeraria bravura.

Mas a construcção da nova estrada militar, não foi levada a cabo no tempo preciso, e, quando em setembro, constava que os francezes não tinham mais de oitocentos homens a guarnecer a referida fortaleza, o general Forbes achava-se com o exercito reduzido a seis mil homens e estava ainda a leste das montanhas.

As avançadas do exercito eram commandadas por um habil official do nome de Boquet, e o corpo de vedetas havia sido confiado ao major Grant.

A 21 de setembro foi este ultimo atacado pelos francezes, completamente batido e feito prisioneiro, sem poder receber auxilio algum; tal era a distancia a que se achava do corpo de exercito e das respectivas avançadas.

Só a 8 do seguinte mez de novembro, é que Forbes pôde fazer juncção com as forças da vanguarda do commando de Boquet; e ainda assim, faltavam quinze leguas para a expedição chegar ao ponto do seu destino.

A estação do inverno invadia o exercito, com todo o seu cortejo de frios e de gelos proprios n'aquellas paragens septentrionaes.

Era preciso tomar um expediente, porque os soldados murmuravam, e o descontentamento tornava-se manifesto. Já um conselho de guerra havia decidido abandonar-se a expedição, quando, por alguns espiões, constou que o forte «du Quesne» estava fracamente guarnecido, e que a sua captura não offereceria maior difficuldade.

Preparou-se novamente o exercito a continuar a interrompida marcha, e o coronel George Washington foi immediatamente enviado, á frente de um corpo de virginianos, para desempenhar o arriscado posto de chefe da vanguarda.

A guarnição franceza, tendo tambem conhecimento da marcha do inimigo, e conhecendo que era impossivel resistir á superioridade numerica em que se apresentava, não esperou o combate, abandonando a fortaleza quando Washington se achava apenas a um dia de marcha.

Os francezes estavam reduzidos a quinhentos combatentes, e não podiam defender o forte «du Quesne» sem grave risco de caírem todos prisioneiros. Lançaram-

lhe fogo para destruir as provisões que estavam armazenadas.

Foi uma perda de muitos milhões de francos para a França, mas tornava-se necessaria no interesse de aniquilar os recursos de que os inglezes se podiam apossar.

A guarnição retirou em botes pelo rio Ohio, e Washington, com o seu corpo de virginianos, tomou posse da fortificação vinte e quatro horas depois.

O general Forbes guarneceu então o forte «du Quesne» com quatrocentos e cincoenta homens, encarregados de o repararem dos estragos do fogo, e apressou-se a retroceder para os seus quarteis de inverno.

O forte passou a chamar-se «Pitt», em homenagem ao grande estadista, de cuja energia e intelligencia haviam brotado tão beneficos resultados na campanha de 1758. N'ella caíram em poder dos inglezes as magnificas fortificações de Louisburg, Frontenac e «du Quesne». Muitas das tribus indianas, presentindo o enfraquecimento da França no novo mundo, afastaram-se da alliança que até então haviam conservado; e antes mesmo dos ultimos acontecimentos que ficam referidos, isto é, no verão de 1758, já as mesmas tribus tinham celebrado um grande conselho para decidir qual a attitude que lhes convinha adoptar.

N'esse conselho, que teve logar em Easton, proximo do rio Delaware, estiveram representadas as tribus Delaware, Shawnees, Nanticokes, Mohegans, Conoys e Monseys, as quaes juntando-se á federação das «Six nations» (seis nações), concluiram alguns tratados de amizade, com os inglezes, ou pelo menos de permanecerem em completa neutralidade até o fim da luta entre as duas nações.

Os proprios indigenas, conhecidos pela denominação «Twightwees», que habitavam o Ohio, e que mais tarde

foram os peiores inimigos da republica americana, tinham vivido na melhor harmonia com os colonos inglezes, assistindo impassiveis ás allianças de outras tribus hostis á Gran-Bretanha.

O anno de 1759 despontou ainda mais brilhante para as armas inglezas, graças ás sabias medidas de William Pitt, que soube aproveitar as vantagens obtidas durante a campanha descripta no presente capitulo.

William Pitt, fiel á sua promessa, tinha reembolsado as colonias americanas das despezas occasionadas pela guerra.

Quasi duzentas mil libras entraram nos cofres publicos; e os governos coloniaes correspondiam em confiança á lealdade do grande estadista, que na metropole tambem havia sabido conservar-lhes o indispensavel apoio do parlamento.

As vistas de Pitt, já não se limitavam a expulsar os francezes da proximidade das fronteiras, nem a conquistar-lhes algumas fortalezas, que no futuro fossem garantia de segurança para as possessões inglezas. Pitt queria estender o dominio da Gran-Bretanha na America septentrional, e para isso era absolutamente necessario conquistar o Canadá.

Entretanto, para que a França se não precavesse contra o designio da Inglaterra, o plano de campanha não foi logo conhecido de todos, e estava apenas confiado aos chefes que tinham de desempenhar um papel mais importante no terrivel drama que se devia representar.

Alguns inglezes, porém, caídos prisioneiros em poder dos adversarios, revelaram os preparativos bellicos contra o Canadá, e a patria de S. Luiz não ignorava completamente as idéas da sua antiga rival.

Na primavera de 1759, vinte mil homens de tropas coloniaes, estavam promptos a marchar, debaixo das ordens de lord Jeffery Amherst, general em chefe do exercito, e successor do general Abercrombie.

A metropole tinha reforçado a esquadra e as forças de desembarque.

A cidade de Quebec devia ser atacada por uma força de mar, debaixo do commando do general Wolfe. Esta esquadra, que tambem conduzia tropa de desembarque, subiu o rio Saint Lawrence para desempenhar a sua missão de conquista.

Ao general lord Amherst, competia expulsar os francezes do lago Champlain, apoderar-se de Montreal, e fazer juncção em Quebec com o general Wolfe.

Uma terceira expedição, commandada pelo general Prideaux, devia capturar o forte Niagara, e seguir depois pelo lago Ontario até Montreal.

Estavam as cousas assim dispostas, quando, nos fins de junho, o general Wolfe desembarcava na ilha Orleans, a pequena distancia abaixo de Quebec.

Aos almirantes Holmes e Saunder, havia sido confiado o commando da esquadra, que de Louisburg conduzia aquelle general com oito mil homens, perfeitamente equipados, para um prompto desembarque.

Quebec conserva ainda hoje os principaes pontos de defensa que então possuia. Divide-se em alta e baixa cidade: a primeira está dentro da linha de fortificações, e a ultima foi edificada sobre uma estreita peninsula, junto do rio Saint Charles.

A parte mais elevada da montanha, onde assenta a cidade alta, termina em uma planicie denominada «*plains of Abraham*», superior ao nivel das aguas uns cem metros approximadamente.

Junto da embocadura do rio Saint Charles, os francezes haviam ancorado algumas baterias fluctuantes, construidas com sufficientes parapeitos, para abrigar os canhões que as guarneciam.

A propria cidade achava-se defendida por uma forte guarnição de tropa regular; e por toda a margem norte

do Saint Lawrence, desde o rio Saint Charles até o Montmorency, estava disposta a maior parte do exercito francez, commandado pelo general Montcalm.

As tropas francezas ali compunham-se principalmente da milicia do Canadá e dos indios alliados; e estavam estabelecidas em um acampamento convenientemente fortificado.

O commandante de Ticonderoga, acabava de receber a noticia da chegada das forças inimigas a Quebec, quando o general inglez Amherst apparecia defronte d'aquelle forte, á frente de onze mil homens, no dia 22 de julho de 1759.

A força, era consideravelmente superior, para que a guarnição franceza podesse oppôr serios meios de resistencia. Quatro dias depois retirou esta ultima para Crown Point, abandonando Ticonderoga, em parte destruida.

Amherst perseguiu os francezes, mas não conseguiu aprisional-os, porque elles tinham prevenido a retirada, embarcando-se para «Isle aux noix».

Conheceu pois o general britannico que lhe era mister permanecer em Crown Point, o preciso tempo para mandar construir sufficiente numero de botes, a fim de transportar as tropas e material de guerra, e poder assim atravessar o rio Saint Lawrence na perseguição das forças francezas.

Mas os gelos e o frio, porque se estava já em meiados de outubro, compelliram o activo militar a retrogradar para Crown Point, onde se estabeleceu em quarteis de inverno.

Durante a permanencia ali do exercito inglez, foi que se construiu a famosa fortaleza, da qual hoje apenas se veem romanticas ruinas.

Um acontecimento digno de mencionar-se teve logar tambem em Crown Point por aquella occasião.

O major Rogers, á frente dos seus famosos voluntarios, aventurou-se em uma arriscada expedição contra os indios de Saint Francis, que por muito tempo haviam sido o terror das feitorias ao longo da fronteira da Nova Inglaterra. Conseguiu, não sem penoso trabalho, destruir-lhes a povoação e matar-lhes um grande numero. Mas, afinal, quando desejava proseguir na sua obra de destruição, foi invadido pelo gelo e pela fome, e uma grande parte da força pereceu nas florestas, antes de poder alcançar «Bellows falls», que era a primeira feitoria na sua marcha para a rectaguarda.

A expedição contra o forte Niagara, foi organisada em Oswego, d'onde saíu para o ponto do seu destino. Era commandada pelo general Prideaux, e compunha-se, na maior parte, de tropas coloniaes, em cujo numero se comprehendiam bastantes indios pertencentes á tribu das «*six nations*».

O general sir William Johnson, immediato no commando da expedição, tinha grande influencia sobre aquelles selvagens, a ponto de conseguir que elles menosprezassem o tratado de neutralidade com a França, combatendo do lado da Inglaterra.

A 17 de julho de 1759 desembarcaram os inglezes, sem opposição, começando immediatamente o sitio da fortaleza.

O general Prideaux, foi morto logo aos primeiros tiros, e succedido no commando pelo general Johnson.

Os francezes, ainda que rigorosamente cercados, sustentaram-se, na bem fundada expectativa de que lhes seria enviado sufficiente reforço. De facto, uma semana depois, isto é, a 24 do mesmo mez de julho, receberam elles um auxilio de tres mil homens, composto, quasi em partes iguaes, de tropas regulares e de indios pertencentes ás nações denominadas Creek e Cherokee.

Como era natural, seguiu-se logo uma sangrenta luta, da qual resultou a derrota dos francezes, e por inevitavel consequencia, a entrega da fortaleza no dia 25 de julho.

O forte Niagara, com todas as suas dependencias e setecentos homens, que compunham a guarnição, caíu em poder de sir William Johnson.

Com aquella conquista, a linha de fortificações que defendia as possessões francezas, entre o Canadá e a Louisiana, achava-se completamente interrompida, facilitando sobremaneira a aggressão da Gran-Bretanha contra a occupação franceza norte-americana.

O general Johnson devia marchar sobre Montreal, conforme o primitivo plano de campanha, mas era tal o numero de prisioneiros francezes, e tão escassos os meios de transporte fluvial de que se podia aproveitar, que se limitou a guarnecer o forte Niagara, e a dar por findas as operações confiadas á sua iniciativa.

Voltando a narrar as operações militares do general James Wolfe, que, como se disse, tinha desembarcado na ilha Orleans, a pequena distancia da cidade de Quebec, convem mencionar os acontecimentos que ali se passavam pelos fins de julho.

Point Lévis, em frente de Quebec, caíu em poder dos inglezes no dia 30 d'aquelle mez, e d'aquelle ponto, com uma bateria de balas ardentes, foi damnificada a parte baixa da cidade.

Entretanto, como as bem construidas fortificações não podiam ser alcançadas d'aquella grande distancia, o general Wolfe já, com antecipação de uns vinte dias, se havia preparado a atacar o acampamento francez. Para isso fizera elle desembarcar, abaixo do rio Montmorency, uma força consideravel, commandada pelos generaes Townshend e Murray; levantando tambem um acampamento que no ataque devia cooperar com o general Mouckton.

Este militar, atravessando de Point Lévis, desembarcou com tropas escolhidas acima do rio Montmorency: foi porém demasiado impetuoso para esperar o ataque simultaneo dos outros dois generaes, e, avançando por sua propria conta, soffreu tamanha resistencia da parte dos francezes, que se viu obrigado a procurar refugio detraz de um entrincheiramento proximo da praia.

Os generaes Townshend e Murray não tiveram tempo de cooperar com Mouckton, que perdeu uns quinhentos homens, antes de poder alcançar os botes em que se havia transportado.

O mez de agosto foi empregado em ataques e defezas entre inglezes e francezes, sem manifesta vantagem para os sitiadores, que não podiam demorar as operações militares além do outomno, para não serem surprehendidos pela estação dos grandes gelos, o que corresponderia a uma completa derrota.

Do general Amsherst, que havia tomado Ticonderoga, não constava cousa alguma.

O exercito inglez, invadido por umas febres epidemicas, achava-se cada dia em peiores condições, e o proprio commandante general Wolfe, nos principios de setembro, tinha sido atacado da enfermidade reinante.

Os sitiados não estavam tambem em circumstancias mais vantajosas.

Quebec tinha soffrido muito do fogo inimigo durante o mez de agosto, e a sua guarnição achava-se fatigada de passar todas as noites em permanente *bivouac,* para evitar as surprezas que os inglezes tentavam constantemente.

Comtudo, tornava-se preciso sair do *statu quo* — retirar ou tomar Quebec — porque o inverno não era compativel com a permanencia do exercito fóra dos muros da cidade.

Wolfe convocou um conselho de generaes, e sob pro-

posta do general Townshend, foi decidido escalar as alturas de Abraham e entrar na cidade pelo lado menos defensavel. Immediatamente se tratou de adoptar o plano do ataque, conservando-se o maior segredo possivel.

O acampamento de Montmorency foi abandonado a 8 de setembro, e a attenção do general francez, distrahida assim, para uma simulada aggressão contra as suas linhas.

O general Wolfe, apesar de fraco e de convalescente, quiz elle proprio conduzir as tropas ao assalto.

Durante a noite de 12 de setembro, as forças inglezas subiram o rio em botes-chatos, apropriados áquelle effeito, e foram desembarcar á entrada de um fosso, afastado da cidade perto de dois kilometros,

Na madrugada do dia immediato, o tenente-coronel William Howe, que mais tarde teve o commando em chefe das forças inglezas na guerra da independencia, conduziu a vanguarda, escarpando o declive e soffrendo um terrivel fogo dos francezes, que, apesar de surprehendidos, defendiam a parte superior com um forte destacamento.

O grosso do exercito, com a competente artilheria, tendo os generaes á frente, seguia a vanguarda n'aquella perigosa ascensão.

Ao romper do sol, achavam-se todas as forças inglezas formadas em batalha, sobre as planicies de Abraham, antes que o rebate podesse despertar os sitiados.

Entretanto, o general Montcalm não era homem que se entregasse, antes de fazer pagar por duro preço, o valor de tão preciosa conquista. Comprehendendo o imminente perigo em que estava a cidade, chamou immediamente todo o exercito, que occupava o acampamento alem do rio Saint Charles, e, poucas horas depois, os inglezes tinham na frente quem lhes disputasse a victoria.

Perto do meio dia, os dois exercitos envolveram-se em

uma seria batalha, por vezes, parecendo favorecer os francezes, por outras, levando-os a abandonar as suas posições.

Os ataques de bayoneta succediam-se com impetuosidade; o general Wolfe, aindaque duas vezes ferido gravemente, não abandonou o terreno, mas, pelo contrario, vendo que os combatentes mais se approximavam uns dos outros, elle proprio se collocou á frente dos granadeiros, enthusiasmando-os pela sua presença a uma carga decisiva. N'esta occasião uma bala atravessou-lhe o peito, causando-lhe uma ferida mortal. Foi necessario conduzil-o á rectaguarda.

O general Mouckton tomou o commando geral da acção, mas foi tambem ferido gravemente e substituido pelo general Townshend.

Os francezes não haviam sido mais felizes; o fogo do inimigo tinha-lhes causado sensiveis perdas; e para cumulo da sua infelicidade, o general em chefe Montcalm caíra mortalmente ferido.

Conduzido para dentro da cidade, ali expirou, proferindo as seguintes palavras: «Tanto melhor se morro; não assistirei á entrega de Quebec». Os seus restos mortaes foram honrados com um obelisco, consagrado á memoria dos dois generaes em chefe, mortos n'aquella memoravel acção. As cinzas do general Wolfe repousam em Inglaterra.

Á perda de Montcalm seguiu-se a derrota do exercito francez.

O ataque dos granadeiros e dos *highland broadswords*, deu a victoria á Gran-Bretanha. Os inglezes tinham perdido seiscentos mortos e feridos; e os francezes deixaram ficar no campo da batalha uns quinhentos cadaveres, alem dos feridos e prisioneiros, cujo numero foi calculado em mil approximadamente.

O general Wolfe morreu quando a acção estava deci-

dida a favor do exercito que elle tinha commandado, exclamando nos ultimos momentos: «Morro feliz» (I die happy). Deixou ao seu nome a immortalidade dos heroes.

A batalha estava ganha, mas a cidade conservava-se ainda em poder dos francezes; as suas formidaveis fortificações seriam um serio obstaculo para os inglezes, sem o tremendo alliado que, na maior parte das vezes, favorece o exercito sitiador. A fome não admittia delongas: cinco dias depois dos acontecimentos que ficam narrados, isto é, a 18 de setembro de 1759, o general Townshend, então commandante em chefe das forças britannicas, na falta de Wolfe e de Mouckton, tomou posse de Quebec, das suas magnificas fortificações, dos navios de guerra surtos no porto, e dos armazens militares, etc.

Cinco mil homens, commandados pelo general Murray, occuparam a cidade.

Alguns auctores insistem em affirmar, que a capitulação de Quebec foi devida á excessiva humanidade do major de Ramsey, que commandava a praça e dispunha de seiscentos homens decididos. Quando prevenido, pelo general de Lévis, de se sustentar a todo o custo, porque o exercito estava em marcha para o soccorrer, aquelle official, que pertencia a Quebec e havia já cedido ás solicitações de seus habitantes, respondeu que era tarde, pois havia dado a sua palavra para capitular.

Parece que os inglezes ficaram agradavelmente surprehendidos de similhante resposta, porque, receiando um longo sitio na estação do inverno, hesitavam entre esse expediente e o de retirar, antes que os seus transportes fossem bloqueados pelos grandes gelos.

A campanha de Quebec estava concluida, mas o Canadá ainda não pertencia á Inglaterra.

Montreal sustentava-se pela França, e consideraveis forças de mar e de terra, acima de Quebec, podiam influir nas futuras operações militares das duas nações belligerantes.

A campanha de 1760 começou nos principios de março. Os francezes deviam tomar a iniciativa para recuperar Quebec, sem o que não era facil desalojar os inglezes do Canadá.

O general Montcalm, morto na defensa d'aquella cidade, tinha sido substituido pelo general de Lévis. A este ultimo coube pois a tarefa de sitiar Quebec.

Enviado por M. de Vaudreil, governador geral do Canadá, o general de Lévis fez-se de véla pelo rio Saint Lawrence, com uma magnifica esquadra de seis fragatas, conduzindo tropas de desembarque em numero sufficiente para um rigoroso sitio.

O general inglez Murray, para evitar as funestas consequencias que podiam resultar do assedio de Quebec, saiu ao encontro do inimigo; e, no ponto denominado Sillery, distante uns quatro kilometros da praça, encontraram-se os dois exercitos no dia 28 de abril de 1760.

A batalha que se seguiu, foi uma das mais sanguinolentas em toda a guerra franco-indiana, e terminou pela derrota dos inglezes.

O general Murray perdeu toda a artilheria e perto de mil combatentes, mas pôde ainda retirar com o resto das forças para o recinto das fortificações.

M. de Lévis estabeleceu sitio a Quebec; e tudo presagiava que os sitiados se não podessem manter por muito tempo, attenta a falta de provisões; quando a 9 do mez

seguinte, despontou, navegando pelo rio Saint Lawrence, uma esquadra ingleza provida de reforços e de mantimentos.

Sitiados e sitiadores esperavam a chegada de soccorros; e houvesse a França procedido com a previdencia da Gran-Bretanha, a face da guerra ter-se-ía voltado então para o lado opposto, porque Quebec era quasi a chave de todo o Canadá.

Mas não aconteceu assim; e os francezes atacados por mar e por terra, viram-se constrangidos a levantar precipitadamente o sitio e a defender a esquadra que os tinha conduzido.

N'esta luta, perderam uma grande parte dos seus vasos de guerra, e retiraram para Montreal, onde se deviam passar os ultimos acontecimentos d'aquella guerra desastrosa para o predominio francez no novo mundo.

Facil era comprehender que a cidade de Montreal deveria tornar-se o alvo da offensiva britannica. O governador Vaudreil concentrava todas as forças n'aquelle ponto, porque da sua proficua resistencia ou capitulação, dependia para a França, a posse ou a perda de todo o Canadá.

Os mezes decorridos entre maio e agosto, haviam sido empregados pelo general inglez Amherst, em preparar um poderoso exercito, que de prompto podesse conquistar o ultimo e importante baluarte francez na America septentrional.

Nos principios de setembro tres exercitos faziam juncção defronte de Montreal.

O proprio general Amherst commandava dez mil soldados; o general Johnson mil decididos indigenas da poderosa tribu das *six nations;* o general Murray quatro mil homens saídos de Quebec; e o coronel Haviland tres mil combatentes de Crown Point. Este ultimo offi-

cial, na sua marcha, tinha-se apossado da «Isle-aux-noix».

O governador Vaudreil, conhecendo immediatamente que seria inutil qualquer resistencia, em presença de um exercito de dezoito mil homens, capitulou a 8 de setembro, entregando á Inglaterra a cidade de Montreal e os demais postos que a França ainda conservava. Os de maiór importancia eram: «Presque isle», que actualmente se denomina «Erie», Détroit e Mackinaw.

O general inglez Gage foi nomeado governador de Montreal, e Murray voltou com o seu exercito para guarnecer a cidade de Quebec.

O Canadá estava conquistado e a guerra terminada sobre o continente americano, mas a França ainda se debatia nas derradeiras convulsões do seu natural orgulho:a luta tinha passado para o oceano, onde os inglezes não eram menos para receiar, graças á sua previdencia na administração das colonias.

As ilhas das Indias occidentaes, serviram pois de theatro ás ultimas scenas do grande drama, que ficou denominado «guerra franco-indiana».

A Terra-nova soffreu repetidos ataques das forças francezas, mas sem resultado favoravel.

Só em 1763 o tratado de París, assignado entre a França, Inglaterra, Hespanha e Portugal, é que poz termo á guerra, pela cedencia á Gran-Bretanha de todas as possessões que ella reclamava na America septentrional. O referido tratado comprehendeu o terreno situado a oeste do Mississipi, e latitude norte do rio Ibervill. A Hespanha cedeu por elle á França a Nouvelle Orleans (hoje New Orleans) e toda a Louisiana.

Por aquella occasião a Hespanha, que durante um anno tambem havia estado em guerra com a Gran-Bretanha, entregou-lhe a parte oeste e leste da Florida, deixando assim os inglezes na posse tranquilla de todo o

continente septentrional, por um lado, desde as praias do golfo do Mexico até á região norte da Nova Bretanha, e pelo outro, desde o atlantico até o grande oceano, com exclusão da parte habitada pelos indigenas.

A guerra custou á Gran-Bretanha para cima de onze milhões de libras esterlinas: e se ella tinha conquistado o Canadá, que a livrava do predominio da França no novo mundo, não podia ainda embainhar a espada, porque os indios, aproveitando-se da contenda entre inglezes e francezes, manifestavam aos primeiros as suas hostilidades, por toda a qualidade de aggressão, nas feitorias limitrophes das duas Carolinas.

Os francezes não eram alheios aos ataques dos indios, e empregavam os meios de que podiam dispor para atear o facho da guerra.

Os *Cherokees* eram poderosos e amigos dos inglezes, por um tratado que a elles os ligava, mas tinham recebido algumas offensas, e estavam dispostos ao ataque, tanto mais que se tratava de combater o europeu.

A França não possuia exercito nem auctoridades constituidas, tinha porém subditos que por sua propria conta, e porventura com o apoio tacito da mãe-patria, desejavam incommodar os seus vencedores. Não era de estranhar que elles instigassem os indios; mas, é necessario dizel-o, essa instigação, apenas individual, tem sido por vezes exagerada.

É porém facto, que na primavera de 1760, e no decurso de poucas semanas, toda a fronteira das Carolinas estava entregue aos horrores das invasões dos indigenas.

Foi enviado de Charleston o coronel Montgomery com alguma tropa e milicia, e no mez de abril apoderou-se do paiz dos *Cherokees*, uma das mais bellas regiões do sul.

Os indios occupavam as montanhas, e não era facil subjugal-os sem uma aturada campanha de guerrilha.

Conheceu isto a Inglaterra, e no anno seguinte mandou o coronel Grant á frente de uma força superior á primeira, e com instrucções talvez necessarias, mas de pouca humanidade.

Grant queimou todas as povoações dos indigenas, assolou os campos de suas colheitas, matou um grande numero de combatentes, e conseguiu com taes excessos que elles pedissem a paz, o que lhes foi concedido no verão do mesmo anno de 1761.

Entretanto, se a guerra estava extincta no sul, não acontecia o mesmo ao noroeste do paiz. A confederação das tribus *Alonquin*, levou a cabo uma bem urdida e secreta conspiração, para expulsar os inglezes da parte do paiz a oeste das montanhas Alleghanies.

A confederação compunha-se das tribus dos *Ottawas, Miamies, Wyandots, Chippewas, Postawatomies, Mississaguies, Shawnees, Outagamies* (ou *Foxes), Winnebagoes* e *Senecas*.

Pontiac, chefe da primeira das tribus mencionadas, em tempo alliado dos francezes, estava á frente da conspiração; e para que o seu tenebroso projecto afastasse todas as suspeitas, havia-se feito amigo dos inglezes, concorrendo, pela sua amisade, para que a emigração dos colonos se fosse estendendo alem das montanhas.

Parece que Pontiac, como era vulgar entre os chefes indios, se julgou inspirado do Grande espirito, e viu em sonhos a destruição da sua raça pela invasão europêa. O facto é, que elle planeou com tamanha sagacidade a conspiração contra os inglezes, que os commandantes dos fortes só d'ella se aperceberam quando, em junho de 1763, Pontiac se apossava d'aquelles postos militares.

Com excepção dos fortes Niagara, Pitt e Détroit, todos os outros a oeste de Oswego, caíram em poder dos indigenas.

O forte Niagara não foi atacado: Détroit, depois de soffrer um cerco de muitos mezes, recebeu soccorros do coronel Bradstreet; e o forte Pitt foi salvo por Henry Boquet, que, enviado de Montreal pelo general Amherst com mantimentos e munições para o mesmo forte, chegou casualmente, quando a guarnição estava prestes a capitular.

A Inglaterra não teve grande difficuldade em subjugar os indigenas; e bem depressa os chefes das tribus se apresentaram pedindo treguas e paz.

Pontiac não era homem que acceitasse condições, retirou-se para o paiz dos *Illinois,* onde consta fôra assassinado em 1769, por um indio de Peoria, que para esse fim havia sido comprado por um negociante inglez. O crime praticou-se na pequena povoação de Cahokia, nas margens do rio Mississipi, abaixo de Saint Louis.

Pontiac havia sido um dos chefes mais importantes, e a sua bravura tornava-o digno de melhor sorte.

Era tão estimado dos francezes, que na occasião da sua morte, conservava ainda um uniforme francez que lhe fôra offerecido pelo general Montcalm. N'aquelle uniforme desceu á sepultura o famoso Pontiac, de cuja tribu ainda existem descendentes nas possessões britannicas do Canadá.

Com a subjugação dos indigenas, terminou a guerra franco-indiana, e achou-se a Gran-Bretanha na posse pacifica de todos os territorios que havia disputado ás potencias européas.

Por ventura as idéas de independencia existiam já n'uma grande parte dos colonos, que, na unificação da nacionalidade viam nascer o primeiro elemento da sua futura constituição; mas a diversidade de interesses — e como natural consequencia, a reciproca emulação — eram ainda uma causa contraria á homogeneidade dos principios que devia actuar na iniciativa da separação

que, alguns annos depois, foi berço á autonomia americana.

A conveniencia particular das differentes colonias, tomou por algum tempo o passo á obra para que todos deviam trabalhar em accordo commum e sem restricções locaes.

A metropole confiando n'estes elementos heterogeneos, julgou-se senhora absoluta das suas bellas possessões, adquiridas pelo direito da descoberta e da conquista, sem prever que em um futuro, mais ou menos remoto, qualquer desintelligencia estabeleceria dois campos definidos entre colonos e inglezes.

Tanto maior era a supremacia da Inglaterra no novo mundo, tanto mais parecia que longo deveria ser o periodo da sua dominação.

Mas o destino dos povos está, uma grande parte das vezes, fóra dos calculos dos estadistas os mais eminentes; e não ha barometro que regule o grau de submissão, quando se levantam interesses de ordem vital para os que se julgam com direito a entrar no numero das nações independentes.

Á infancia das colonias seguiu-se a sua virilidade, talvez um pouco precoce, em consequencia do desenvolvimento e da illustração que ellas haviam herdado da Europa e recebido no influxo da emigração.

Desconhecer ou não se precaver contra as legitimas aspirações dos seus colonos, foi o defeito da Gran-Bretanha, que a levou a uma guerra de que não pôde saír vencedora: despertar a tempo, e escolher o systema politico que mais se adaptava aos interesses e á indole do povo, foi o que deu aos Estados Unidos a sua independencia, seguida do florescente progresso com que aquella republica, durante um seculo, tem attrahido a admiração do velho mundo.

Depois da paz assignada em Paris, aos 10 de feverei-

ro de 1763, do que principalmente se occupavam os colonos da America, era de conhecer a sua verdadeira situação, e de a melhorar no que respeitava ás relações com a metropole, defendendo-se dos abusos da auctoridade britannica, e desembaraçando-se assim dos rigores do imposto que já supportavam com menos paciencia. A parte bellica que as colonias haviam tomado nas hostilidades da metropole com outras nações, tinha sido o resultado inevitavel da sua dependencia.

Esse tempo havia passado, e o futuro mostrava-lhe que ellas só deviam combater pelos interesses da sua propria causa e do territorio que occupavam.

Da liberdade de opinião de que haviam gosado, nascêra a discussão para manterem a integridade dos seus privilegios politicos e commerciaes. Tanto mais se desenvolvia o commercio colonial, tanto maior era o interesse de se subtrahirem ao rigor dos regulamentos fiscaes.

As restricções impostas tornavam-se salientes só em Boston, que era a cidade mais rica; mas a provincia de Massachusetts podia contar com o apoio de todas as outras, porque os interesses eram os mesmos; e se ella soffria maiores vexames, provinha isso da sua propria riqueza.

Ás demais colonias estava reservada igual sorte, desde que attingissem o grau da prosperidade com que o destino havia protegido a primeira povoação da Nova Inglaterra.

As colonias inglezas tinham contrahido o costume de se relacionarem entre si, para que a coadjuvação de uma podesse aproveitar a todas; e d'essa pratica estabelecida formára-se, aindaque em remoto embryão, o instincto do federalismo, que mais tarde lhes deu toda a sua força.

A Gran-Bretanha notava o progressivo augmento das colonias; e desde longa data que havia restringido

as liberdades conferidas pelas differentes provisões ou cartas constitucionaes, substituindo as garantias liberaes pela acção directa da metropole, quer ella emanasse da prerogativa real, quer fosse da attribuição do parlamento; mas, procedendo assim, a Inglaterra não havia tocado nos direitos dos cidadãos, com especialidade n'aquelles que os igualava aos subditos da metropole.

Resultava pois, que o systema representativo e o jury, formavam a base das constituições coloniaes, e que os colonos votavam nas suas assembléas os impostos, as leis e os regulamentos de administração local.

A sancção real, necessaria á maior parte d'aquelles actos, era geralmente concedida todas as vezes que elles não estivessem em antinomia com a legislação da metropole; mas sempre que havia conflicto, cada um—metropole e colonias—procurava fazer valer o seu direito.

A linha que marcava até onde chegava a auctoridade da primeira e a obediencia das ultimas, era objecto de serias desintelligencias.

Em quanto o commercio colonial se limitava á livre permutação com o da Gran-Bretanha, facil foi a execução das restricções impostas, que muitas vezes se fundavam na protecção com que, em tropas e dinheiro, a metropole acudia ás urgentes necessidades das colonias. Mas desde que estas pretenderam abrir as suas fabricas aos paizes estrangeiros, tornava-se urgente modificar a legislação; a Inglaterra annuiu, interessando-se na percepção dos impostos, e legislando sobre a quantidade d'estes, e sobre a qualidade das mercadorias que podiam ser importadas ou exportadas, etc.

Os colonos acceitaram, de má vontade, a ingerencia da metropole no que elles entendiam ser inherente ás prerogativas de suas assembléas.

Os seus homens de estado sustentavam mesmo a illegalidade de taes medidas; a Gran-Bretanha, como era

de suppor, mantinha as leis votadas: d'esta differença de opinião proveiu a primeira causa das dissenções, a animosidade dos debates, o rompimento das hostilidades; emfim, a rebellião, que foi precedida de acontecimentos, cuja gravidade mostrava claramente, que o trovão que bramia ao longe, não era precursor de simples borrasca, mas nuncio de tremendo cataclysmo, do qual havia de nascer a mais poderosa nacionalidade do mundo de Christovão Colombo.

Finalisando aqui o que podemos chamar «vida das colonias», os acontecimentos que precederam a sua transformação, pertencem já a uma parte distincta da historia, denominada «revolução», para a qual convidâmos o leitor a seguir-nos, encetando o segundo volume da presente obra.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

ERRATA

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
11	15	tentavam	tentaram
15	25	Colombo lutava desatendido	Colombo lutava: desattendido
16	23	denominaram-se	denominavam-se